



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE DOUTORADO EM EDUCAÇÃO**

ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA

**TRAMAS E HARMONIAS NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE
PROFISSIONAL DE PROFESSORES DO CURSO DE INSTRUMENTO MUSICAL
DO IFPI**

**TERESINA – PI
2026**

ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA

**TRAMAS E HARMONIAS NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE
PROFISSIONAL DE PROFESSORES DO CURSO DE INSTRUMENTO MUSICAL
DO IFPI**

Tese de Doutorado em Educação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal do Piauí como requisito parcial para obtenção do título de Doutora em Educação.

Linha de pesquisa: Formação de Professores e Práticas da Docência

Orientadora: Profa. Dra. Antonia Edna Brito

FICHA CATALOGRÁFICA
Universidade Federal do Piauí
Biblioteca Setorial do Centro de Ciências da Educação
Serviço de Representação da Informação

P436t Pereira, Elineide Soares Braga
Tramas e harmonias na constituição da identidade profissional
de professores do curso de instrumento musical do IFPI / Elineide
Soares Braga Pereira. – 2026.
187 f. : il.

Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Piauí, Centro de
Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação,
Teresina, 2026.
“Orientadora: Profa. Dra. Antonia Edna Brito.”

1. Formação de Professores. 2. Identidade Profissional Docente.
3. Educação Profissional e Tecnológica. 4. Método Autobiográfico.
I. Brito, Antonia Edna. II. Título.

CDD 370.71

ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA

**TRAMAS E HARMONIAS NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE
PROFISSIONAL DE PROFESSORES DO CURSO DE INSTRUMENTO MUSICAL
DO IFPI**

Tese de Doutorado em Educação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Educação do
Centro de Ciências da Educação da Universidade
Federal do Piauí como requisito parcial para
obtenção do título de Doutora em Educação.

Aprovada em: 26/02/2026

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado digitalmente



ANTONIA EDNA BRITO

Data: 16/04/2026 08:56:51-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Antonia Edna Brito
Orientadora/Presidente – UFPI/PPGED

Documento assinado digitalmente



ELVIRA CRISTINA MARTINS TASSONI

Data: 14/04/2026 19:55:18-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Elvira Cristina Martins Tassoni
Examinadora Externa – PUC/Campinas

Documento assinado digitalmente



CLEIDIVAN ALVES DOS SANTOS

Data: 14/04/2026 14:13:26-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Cleidivan Alves dos Santos
Examinador Externo – UFDPAr

Documento assinado digitalmente



CARMEN LUCIA DE OLIVEIRA CABRAL

Data: 14/04/2026 15:20:16-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Carmen Lúcia de Oliveira Cabral
Examinadora Interna – UFPI/PPGED

Documento assinado digitalmente



JOSANIA LIMA PORTELA CARVALHEDO

Data: 16/04/2026 15:10:02-0300

Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profa. Dra. Josânia Lima Portela Carvalhedo
Examinadora Interna – UFPI/PPGED

Dedicatória

“Porque d’Ele, por meio d’Ele e para Ele são todas as coisas”.

Rm 11: 36

GRATIDÃO

*“Porque em tudo fostes enriquecidos n’Ele,
em toda a Palavra, em todo o conhecimento.”
I Co. 1:5*

É chegado momento em que o futuro não importa, o amanhã, ainda não chegou, o ontem, sim, foi o palco dos acontecimentos vividos, o cenário no qual se desenrolaram as lembranças, os desafios e as conquistas. Sim, é a hora de contar as bênçãos, de dizer obrigada e de ver, surpresa, o quanto Deus já fez.

Este trabalho é mais que resultado de um esforço individual, é a tessitura de muitas mãos, muitas vozes e corações, que se entrelaçam na memória e permanecem vivos em cada página. Na regência da orquestração desta tese está o Senhor Jesus, autor e consumidor de minha vida, meu Senhor e Mestre, razão de todo meu conhecimento e saber. A Ele, pois minha primeira gratidão e reconhecimento, pois, “[...] sem Ele nada do que foi feito se fez” (João 1:3).

Gratidão à profa. Dra. Antonia Edna Brito, sábia orientadora. Estivemos juntas no mestrado e doutorado, fonte na qual sorvi os saberes da escrita acadêmica. “Você aprendeu a escrever” – diz ela. Antes, eu era uma pedra bruta necessitada de lapidação, um potencial em estado de espera, uma página pronta a ser revelada na escrita. Sob sua orientação, fui talhada com paciência e rigor, até que as arestas evidenciaram as possibilidades latentes da aptidão que havia em mim. Sua sabedoria está em cada página desta tese, a marca de sua orientação, um diálogo silencioso entre mim e ela. O texto é testemunho da generosidade de seus ensinamentos, que fizeram de um ideal imaginado um sonho concretizado.

Profundo reconhecimento aos professores da banca examinadora: Prof.^a Dr.^a Elvira Cristina Martins Tassoni, Prof. Dr. Cleidivan Alves dos Santos, Prof.^a Dr.^a Carmen Lúcia de Oliveira Cabral, Prof.^a Dr.^a Josânia Lima Portela Carvalhedo, pela leitura atenta, observações criteriosas e críticas e orientações pertinentes, que contribuíram de forma significativa para que este estudo alcançasse maior profundidade, clareza e relevância científica.

Agradeço muito à Prof.^a Dr.^a Elvira Cristina Martins Tassoni, profissional que tive o privilégio de ter como avaliadora na banca de mestrado e que agora continua na parceria intelectual na banca de doutorado. Entre leituras e correções nasceu uma amizade para além das formalidades acadêmicas. Mais que uma examinadora, tornou-se parte da minha história de vida, mostrando que o conhecimento também gera vínculos afetivos, que ultrapassam as barreiras do tempo.

Este trabalho foi tecido no entrelaçamento de muitas vozes que se juntaram na construção de uma tapeçaria única, traçada pela diversidade de cores e texturas constituindo as

páginas escritas. À minha querida amiga, Laura Maria Andrade de Sousa, ‘fio’ que se entrelaçou à minha trajetória, presente nas alegrias e nas dificuldades do percurso. Obrigada por tudo!

À Terezinha Vilani Vasconcelos de Lima, a Vila, doutoranda que conheci pelos corredores do PPGED. Companhia diária na sala de estudos, descobrimos algumas afinidades, como gostar de plantas (rosas), até a divisão dos lanches na hora da fome. Sua presença marcante tornou a fria Sala de Estudos um ambiente quente e acolhedor.

Aos colegas professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, colaboradores da pesquisa, pelas histórias e conhecimentos compartilhados e saberes distribuídos. As múltiplas identidades de cada um constituíram a alma deste trabalho. Profunda gratidão.

Minha querida amiga Dinalva Santos, um registro de gratidão pela amizade, pela tradução em inglês do Resumo/Abstract. Aos queridos colegas do curso de doutorado, Neide Naira e Marcos Luhan, pela amizade e trocas de saberes na construção do texto.

Finalizando, um olhar agradecido a minha querida família, meu porto seguro de todos os momentos. Gratidão pelo apoio e incentivo aos estudos, pela compreensão nas longas ausências de casa para idas à biblioteca, pelo isolamento no quarto a portas trancadas. Gratidão a você, querido filho Édnie, companheiro de convivência diária, por não reclamar pelos infinitos pedidos de ajuda na formatação do texto, pelo meu distanciamento em estar mergulhada nos livros, quando tantas vezes queria conversar. Ao Pedro, meu esposo, maior incentivador dos estudos nesses longos anos de convivência e, particularmente, na escrita deste texto, pelas infindáveis solicitações nas correções gramaticais. A realização deste sonho tem a contribuição de vocês, Pedro, Édnie e Ediane. Sem este apoio, tudo seria mais difícil.

Epígrafe

*“Sei que eu sou muitos.
Quem me ensinou isso foi o ‘sequestro’ da minha imagem...
Não adianta que hoje eu seja uma ave.
Meus rastos me dizem que ontem eu fui um macaco.”
Rubem Alves*

PEREIRA, E. S. B. **Tramas e harmonias na constituição da identidade profissional de professores do curso de instrumento musical do IFPI**. Tese (Doutorado em Educação). 187f. Programa de Pós-Graduação em Educação. Centro de Ciências da Educação, Universidade Federal do Piauí, 2026.

RESUMO

O presente estudo tem como tema a identidade profissional docente e foi desenvolvido a partir da seguinte questão-problema: Como se constitui a identidade profissional de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI? Objetiva analisar a constituição da identidade profissional de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí, tendo como objetivos específicos: identificar as identidades que professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, atribuem a si mesmos, a partir de suas trajetórias na profissão docente; compreender como a experiência e a socialização profissionais repercutem na constituição das identidades de professores desse curso; descrever as identidades profissionais que professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI projetam para si. A tese que orienta este estudo defende que a constituição da identidade profissional docente se configura processualmente, em movimentos fluidos, dinâmicos e contínuos de construção e de (re)construção do ser professor e de modos de estar na profissão. Essa constituição identitária é marcada por múltiplas determinações histórico-sociais, que emanam de espaços sociais, culturais, institucionais e históricos da atividade docente. A pesquisa vincula-se à linha de pesquisa: Formação de Professores e Práticas da Docência, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Piauí. Neste estudo, a identidade é compreendida como fenômeno histórico-social que envolve movimentos, mudanças e metamorfoses, resultantes de um processo de formação e transformação contínua dos modos de ser e estar na profissão. No desenvolvimento da pesquisa, as reflexões teóricas sobre identidade têm como referência as contribuições de Bauman (2005), Ciampa (2005), Dubar (2005), Hall (2006), Nóvoa (1991), Pimenta (1996) entre outros. Esses estudos afirmam que a constituição da identidade decorre da relação dialética entre indivíduo e sociedade. Compreendem a identidade como um processo em construção, que se metamorfoseia ao longo da trajetória de vida do sujeito, em cuja existência as diferentes personagens vivenciadas integram a expressão de sua subjetividade nos mais variados contextos. Em relação à identidade profissional docente, é compreendida como construção individual e social do professor em seu contexto de atuação, envolvendo os conhecimentos e as competências próprios do exercício da profissão docente. O desenvolvimento da pesquisa tem como base o método autobiográfico. A opção por esse método (utilizando a pesquisa autobiográfica) justifica-se por favorecer o desenvolvimento da reflexão, a revisitação das experiências e a autoformação como professor. O estudo teve como dispositivos de investigação a carta pedagógica e a roda de conversa, fontes que propiciaram acesso a um vasto *corpus* de narrativas sobre o tema da pesquisa cujo contexto empírico foi o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia/IFPI, campus Teresina/Central e contou com a participação de cinco professores do referido curso. Os resultados da pesquisa indicam que a constituição identitária dos colaboradores é demarcada por movimentos de metamorfose, pois não se fixa em um modelo profissional, ou seja, as identidades mudam, e mudam, também, os modos de ensinar. Os resultados indicam, também, que a constituição das identidades dos colaboradores da pesquisa é afetada por mudanças, decorrentes das relações sociais, do exercício docente, da socialização profissional, do diálogo com os pares, entre outros fatores.

Palavras-chave: Identidade; identidade profissional docente; Educação Profissional e Tecnológica; método autobiográfico.

PEREIRA, E. S. B. **Weavings and harmonies in the constitution of the professional identity of teachers in the musical instrument course at IFPI**. Thesis (Doctorate in Education). 187p. Graduate Program in Education. Center for Educational Sciences, Federal University of Piauí, 2026.

ABSTRACT

This study focuses on the professional identity of teachers. It was developed from the following research question: How does the professional identity of teachers in the Musical Instrument Technical Course at IFPI occur? This study aims to analyze the formation of the professional identity of teachers in the Technical Course in Musical Instruments at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Piauí/IFPI. Its specific objectives are: To identify the identities that teachers of the Technical Course in Musical Instruments at IFPI attribute to themselves, based on their trajectories in the teaching profession; to understand how professional experience and socialization impact the formation of the identities of teachers of the Technical Course in Musical Instruments at IFPI; to describe the professional identities that teachers of the Technical Course in Musical Instruments at IFPI project for themselves. The thesis guiding this study argues that the constitution of professional teaching identity is configured procedurally, in fluid, dynamic, and continuous movements of construction and (re)construction of being a teacher and of ways of being in the profession. This identity constitution is marked by multiple historical-social determinations, emanating from social, cultural, institutional, and historical spaces of teaching activity. The research is linked to the research line: Teacher Training and Teaching Practices, of the Postgraduate Program in Education, of the Federal University of Piauí. In this study, identity is understood as a historical-social phenomenon, involving movements, changes, and metamorphoses, resulting from a process of continuous formation and transformation of ways of being and existing in the profession. In the development of the research, the theoretical reflections on identity are based on the contributions of Bauman (2005), Ciampa (2005), Dubar (2005), Hall (2006), Nóvoa (1991), Pimenta (1996), among others. These studies affirm that the constitution of identity stems from the dialectical relationship between the individual and society. They understand identity as a process under construction, which metamorphoses throughout the subject's life trajectory, in whose existence the different experienced characters integrate the expression of their subjectivity in the most varied contexts. Regarding the professional identity of teachers, it is understood as an individual and social construction of the teacher in their context of action, involving the knowledge and skills specific to the exercise of the teaching profession. The research development is based on the autobiographical method. The choice of this method (using autobiographical research) is justified by favoring the development of reflection, the revisiting of experiences, and self-formation as a teacher. The study used the pedagogical letter and discussion circles as investigative tools, sources that provided access to a vast corpus of narratives on the research topic. The research took place at the Federal Institute of Education, Science and Technology/IFPI, Teresina/Central campus, and involved the participation of five teachers from the course. The research results indicate that the identity formation of the participants is marked by metamorphic movements, as it does not adhere to a single professional model; that is, identities change, and so do the ways of teaching. The results also indicate that the formation of the participants' identities is affected by changes arising from social relationships, teaching practice, professional socialization, dialogue with peers, and other factors.

Keywords: Identity; teacher professional identity; professional and Technological Education; autobiographical method.

PEREIRA, E. S. B. **Tramas y armonías en la constitución de la identidad profesional de los profesores del curso de instrumento musical IFPI**. Tesis (Doctorado en Educación). 187 f. Programa de Posgrado en Educación. Centro de Ciencias de la Educación, Universidad Federal de Piauí, 2026.

RESUMEN

El presente estudio tiene como tema la identidad profesional docente. Fue desarrollado a partir de la siguiente pregunta-problema: ¿Cómo ocurre la constitución de la identidad profesional de profesores del Curso Técnico en Instrumento Musical del IFPI? Objetiva analizar la constitución de la identidad profesional de profesores del Curso Técnico en Instrumento Musical del Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología del Piauí/ IFPI. Tiene como objetivos específicos: Identificar las identidades que profesores del Curso Técnico en Instrumento Musical del IFPI atribuyen a sí mismos, a partir de sus trayectorias en la profesión docente; comprender cómo la experiencia y la socialización profesionales repercuten en la constitución de las identidades de profesores del Curso Técnico en Instrumento Musical del IFPI; describir las identidades profesionales que profesores del Curso Técnico en Instrumento Musical del IFPI proyectan para sí. La tesis que orienta este estudio defiende que la constitución de la identidad profesional docente se configura procesualmente, en movimientos fluidos, dinámicos y continuos de construcción y de (re)construcción del ser profesor y de modos de estar en la profesión. Esta constitución identitaria está marcada por múltiples determinaciones histórico-sociales, que emanan de espacios sociales, culturales, institucionales e históricos de la actividad docente. La investigación se vincula a la línea de investigación: Formación de Profesores y Prácticas de la Docencia, del Programa de Posgrado en Educación, de la Universidad Federal del Piauí. En este estudio la identidad es comprendida como fenómeno histórico-social, implica movimientos, cambios y metamorfosis, resultantes de un proceso de formación y transformación continua de los modos de ser y estar en la profesión. En el desarrollo de la investigación, las reflexiones teóricas sobre identidad tienen como referencia las contribuciones de Bauman (2005), Ciampa (2005), Dubar (2005), Hall (2006), Pimenta (2005), Nóvoa (1991), entre otros. Estos estudios afirman que la constitución de la identidad deriva de la relación dialéctica entre individuo y sociedad. Comprenden la identidad como un proceso en construcción, que se metamorfosea a lo largo de la trayectoria de vida del sujeto, en cuya existencia los diferentes personajes vivenciados integran la expresión de su subjetividad en los más variados contextos. Con relación a la identidad profesional docente, es comprendida como construcción individual y social del profesor en su contexto de actuación, involucrando los conocimientos y las competencias propios del ejercicio de la profesión docente. El desarrollo de la investigación tiene como base el método autobiográfico. La opción por este método (utilizando la investigación autobiográfica) se justifica por favorecer el desarrollo de la reflexión, la revisitación de las experiencias y la autoformación como profesor. El estudio tuvo como dispositivos de investigación la carta pedagógica y las ruedas de conversación, fuentes que propiciaron acceso a un vasto corpus de narrativas sobre el tema de la investigación. La investigación tuvo como contexto empírico el Instituto Federal de Educación, Ciencia y Tecnología/IFPI, campus Teresina/Central y contó con la participación de cinco profesores del referido curso. Los resultados de la investigación indican que la constitución identitaria de los colaboradores está demarcada por movimientos de metamorfosis, pues no se fija en un modelo profesional, es decir, las identidades cambian y cambian, también, los modos de enseñar. Los resultados de la investigación señalan que la constitución de las identidades de los colaboradores de la investigación es afectada por cambios, derivados de las relaciones sociales, del ejercicio docente, de la socialización profesional, del diálogo con los pares, entre otros factores.

Palabras clave: Identidad. Identidad profesional docente. Educación profesional y tecnológica; Método autobiográfico.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 IDENTIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA TEMÁTICA EM MOVIMENTO	21
2.1 Identidade: um conceito multifacetado.....	21
2.2 Configurações identitárias em diferentes abordagens teóricas	36
2.2.1 Identidade: abordagem segundo a Psicologia Social.....	36
2.2.2 Identidade: abordagem segundo a Sociologia.....	41
2.2.3 Identidade: abordagem segundo a Antropologia.....	46
2.3 Identidade pessoal: o social e o pessoal interligados	52
2.4 Identidade profissional docente	65
3 TRAMAS INVESTIGATIVAS: PROCEDIMENTOS NA HARMONIZAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA	77
3.1 Método autobiográfico	77
3.2 Metodologia do estudo: pesquisa narrativa e as histórias para contar	80
3.3 Dispositivos de produção de narrativas	82
3.3.1 Cartas pedagógicas: narrando histórias pessoais e profissionais	83
3.3.2 Rodas de conversa: narrando e refletindo coletivamente.....	88
3.4 Análises de conteúdo das narrativas	94
3.5 Contexto empírico da pesquisa	97
3.6 Curso Técnico em Instrumento Musical.....	98
3.7 Colaboradores da pesquisa	99
4 TRAMAS INVESTIGATIVAS: PROCEDIMENTOS NA HARMONIZAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA	110
4.1 Identidade profissional do professor do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI	109
4.1.1 Identidade profissional no início da carreira docente	113
4.1.2 Metamorfoses identitárias: em que aspectos mudaram?.....	119
4.1.3 Aspectos que concorrem para mudanças identitárias	124
4.2 Experiência e socialização profissional na constituição identitária de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI	129
4.2.1 Socialização profissional e a repercussão na configuração identitária	130
4.2.2 Experiência e revisitação da identidade profissional docente.....	137
4.3 Projeção identitária de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI	142
4.3.1 Identidade profissional a ser consolidada no exercício da docência.....	143
4.3.2 Caminhos a trilhar na consolidação identitária	149

5 CONCLUSÃO: SINTETIZANDO A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE PROFESSORES.....	156
REFÊRENCIAS.....	163
APÊNDICE A - ROTEIRO DO DISPOSITIVO DE CONSTRUÇÃO DE DADOS...	171
APÊNDICE B – ROTEIRO DO DISPOSITIVO DE CONSTRUÇÃO DE DADOS:	
CARTA PEDAGÓGICA.....	176
ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	181
ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	181

1 INTRODUÇÃO

*A vida é o dever que nós trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando se vê, já é sexta-feira!
Quando se vê, já é natal...
Quando se vê, já terminou o ano...
Quando se vê, perdemos o amor da nossa vida.
Quando se vê, passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser reprovado...
(Mário Quintana, 2015, p. 79)*

Iniciamos esta introdução com uma epígrafe que retrata a celeridade do tempo que vivemos na contemporaneidade. Tempo que nos dá a sensação de brevidade da vida e das experiências, sem que percebamos o que vai passando e o que deixamos de viver. Vivemos o tempo do instantâneo e do solúvel, do aqui e agora; resistir a isso significa viver à margem das mudanças e dos acontecimentos, o que, muitas vezes, pode se traduzir por desinformação, desconhecimento, nos deixando fora de contextos, alheios ao que se passa ao redor. Nesse contexto oscilante e fugaz, em que nada parece ser feito para durar, temos a concepção de identidade abalada, sobre quem/como somos e em quem/como gostaríamos de ser.

Isto posto, é preciso ressaltar que, ao definir como título desta tese, tramas e harmonias na constituição da identidade profissional de professores de música, nos inspiramos na concepção de identidade como algo que não está pronta, mas que é tecida em constantes movimentos de vir a ser. Considerando a docência musical, podemos enfatizar que a constituição da identidade de professores que atuam nessa área resulta do entrelaçamento entre diferentes fatores que concorrem para consolidar o ser professor.

Os termos tramas e harmonia, portanto, foram definidos pensando na dimensão estética da música. O primeiro, tramas, tendo em vistas que a constituição identitária implica, como já referido, a tessitura do ser professor, como processo multifacetado e processual. Quanto ao termo harmonia, podemos pensar que se refere apenas à consonância, ao equilíbrio, porém o que é harmônico pode revelar unidade na diversidade, visto que harmonia não significa movimentos de notas musicais sem recuos, tensionamentos e conflitos. Além disso, tensões, conflitos, consonâncias e dissonâncias, que podem permear o tecido da harmonia, estão presentes, também, na constituição das identidades pessoais e profissionais.

Considerando esta perspectiva, os estudos sobre identidade (Ciampa, 2005; Dubar, 2005; Hall, 2006; Bauman, 2005) anunciam-na como tema complexo, instável, mutável, flutuante e provisório. Qual o poema de Quintana (2015), as identidades são constituídas na

rapidez de um tempo que é célere, não para, não estaciona, tempo instável, efêmero e inconstante, que produz identidades fluidas, sem que se possa vivenciá-las em profundidade, criando senso de pertencimento. O tempo imprevisível da sociedade atual deixa marcas em todo panorama vivenciado, não excluindo as identidades produzidas, inserindo-as na transitoriedade que marca a constituição dos tempos em que são processadas. Se hoje temos uma identidade, posteriormente poderemos ter outra, decorrente de viver cada momento no emaranhado de novas formas de socialização.

A vivência nessa realidade acelerada e passageira configura a matéria-prima da constituição de identidades voláteis e cambiantes, identidades diferentes para diferentes momentos, que mudam constantemente, resultados de contextos histórico-sociais, fluidos e líquidos, conforme o pensamento de Bauman (2005). Para o autor, vivemos em uma “modernidade líquida”, em que nada se eterniza nem permanece, com mudanças ocorrendo em um ritmo de frequência irregular e anormal, levando todos a correr na mesma velocidade sem se darem conta para aonde estão indo.

Partindo dessas reflexões, delimitamos como objeto de estudo os processos constituintes da identidade profissional de professores do Curso Técnico de Instrumento Musical do IFPI. Como processo multidimensional, a identidade profissional envolve aspectos históricos, sociais, culturais. Esses aspectos influenciam diretamente a constituição da identidade profissional docente, o que significa que o contexto singular no qual os professores do Curso Técnico de Instrumento Musical do IFPI exercem a docência caracteriza-se como um dos espaços que colaboram para a constituição da identidade profissional. Tendo em conta o objeto deste estudo, a pesquisa parte da seguinte questão-problema: Como se constitui a identidade profissional de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI?

Em conformidade com a questão de pesquisa, elencamos como objetivo geral: Analisar a constituição da identidade profissional de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI. Os objetivos específicos foram, assim, delineados: a) identificar as identidades que professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI atribuem a si mesmos, a partir das trajetórias na profissão docente; b) compreender como a experiência e a socialização profissionais repercutem na constituição das identidades de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI; c) descrever as identidades profissionais que professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI projetam para si.

A tese que orienta este estudo defende que a constituição da identidade profissional docente se configura processualmente, em movimentos fluidos, dinâmicos e contínuos de construção e de (re)construção do ser professor e de modos de estar na profissão. Essa

constituição identitária é marcada por múltiplas determinações histórico-sociais, que emanam de espaços sociais, culturais, institucionais e históricos da atividade docente.

A partir da minha experiência docente, o interesse pelo objeto de estudo, a constituição da identidade profissional dos professores desse curso, nasceu o desejo de possibilitar reflexões sobre a docência na área do ensino técnico em instrumento musical, permeada por complexidades. Neste estudo o tema é abordado sob diferentes perspectivas, da Pedagogia, Psicologia Social, Sociologia e da Antropologia, entre outras Ciências, que têm o ser humano, ou diferentes aspectos de sua natureza, como objeto de investigação, compreendendo-o como ser social, histórico e cultural, em múltiplas dimensões e determinações sociais.

Hall (2006, p. 11), ao analisar diferentes concepções de identidade, destaca que, sob a perspectiva do Iluminismo, a identidade era compreendida como uma dimensão sólida, única, estável, permanente, para toda a vida. O autor analisa essa temática, destacando três concepções identitárias ao longo do tempo: a do Iluminismo, a sociológica e a pós-moderna. A concepção de ser humano, sujeito do Iluminismo, era de um indivíduo único e estável, dotado de razão, consciência e ação, “[...] cujo centro consistia num núcleo inferior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda que permanecendo essencialmente o mesmo” (Hall, 2006, p. 10). Essa concepção reflete a visão clássica do Iluminismo, a do indivíduo unificado, estável e racional, com uma identidade fixa, imutável ao longo da vida.

Os tempos em que a identidade era considerada sólida, unificada e estável já se foram. Hoje os dias são de identificações transitórias, mutáveis e passageiras, que se movimentam em um sistema de diversidade e representações culturais oscilantes e variáveis, em que as ofertas às mudanças se pluralizam e se multiplicam a cada instante com a mesma velocidade com que são produzidas. Existir como pessoa nesses tempos acelerados implica ter identidades em constantes mutações, que se movimentam na rapidez do tempo sem, contudo, criarem raízes nem se fixarem a nada, sendo apenas um retrato social daquilo que se é naquele determinado momento, logo, porém, não o sendo mais.

Falando do sujeito sociológico, o autor o analisa como sendo um sujeito que reflete a complexidade do mundo moderno, sem a consciência de um núcleo interior autônomo e livre, “[...] mas era formado na relação com outras pessoas importantes para ele” (Hall, 2006, p. 11). A concepção desse sujeito sociológico fundamenta a concepção interativa da identidade e do eu, tornando-se concepção sociológica clássica da questão. O autor afirma que a “[...] identidade é formada na interação entre o eu e a sociedade” (Hall, 2006, p. 11), o que se conclui não ser uma formação autônoma, independente e solitária, mas uma articulação

dialética entre o social e o individual. Sobre essa perspectiva, destacamos os estudos a respeito dos processos de socialização e individuação, mencionados por Mead (2021). O autor defende a ideia de que o sujeito é uma construção que evolui no entorno social de convivência, na qual, juntamente com outros indivíduos, se desenvolvem conjuntamente no mesmo processo interativo.

O sujeito na pós-modernidade, antes visto com uma identidade unificada e estável, agora se apresenta fragmentado e dividido, constituído de várias identidades, ocasionalmente incoerentes ou não resolvidas. Vivemos o tempo em que, à proporção que os sistemas de significação e representação cultural se diversificam, somos bombardeados por uma pluralidade desconcertante e transitória de identidades com as quais poderíamos nos identificar, todas chamativas e atrativas a uma identificação provisória, temporal e momentânea (Hall, 2006). Identidades que implicam mudanças, transformações momentâneas e repentinas, fenômeno ligado às transformações culturais e sociais da modernidade tardia, também conhecida por modernidade líquida, caracterizada por uma intensificação dos processos próprios dela, como a globalização, individualização, reflexividade, incerteza, instabilidade e fluidez: nada é sólido ou duradouro, e as relações sociais, identidades e instituições se tornam frágeis e mutáveis (Bauman, 2005).

Trata-se de uma fase em que a sociedade não rompe com os fundamentos da modernidade clássica, mas os radicaliza, provocando uma reconfiguração profunda das instituições contemporâneas e das formas de vida social (Giddens, 2002; Bauman, 2005).

Nessa realidade de transformações socioculturais, as identidades vão se constituindo em contextos históricos e sociais que regulam as possibilidades ou impossibilidades de novas identidades, todas com os diversos modos e alternativas de existência, refletindo a estrutura social e, ao mesmo tempo, agindo sobre ela para preservá-la ou mudá-la. Do que se conclui que identidade, na constituição pessoal, é resultado de um processo complexo envolvendo toda a vida da pessoa, as relações com o mundo, com os outros e consigo mesmo. Como indivíduo, a pessoa interage de maneira pessoal no contexto social, o que repercute em sua história de vida, visão de mundo e formas de ver o outro, produzindo socializações próprias, com resultados específicos nas trajetórias pessoais e profissionais (Silva, 2006).

Ferreira e Silves (2011, p. 107) compreendem que “[...] uma identidade pessoal dá-se de duas formas: a primeira é perceber-se como sendo o mesmo e contínuo no tempo e no espaço; e a segunda é perceber que os outros reconhecem essa semelhança e continuidade”. Os autores apresentam a identidade pessoal como um fenômeno que envolve continuidade e reconhecimento, características que tornam o indivíduo único e distinto dos demais. Embora a

identidade esteja sempre em movimento, acompanhando os fluxos de oportunidades fugazes e passageiras que entrecruzam as trajetórias da vida, há um núcleo interior inabalável e pleno, o eu interior que caracteriza o sujeito singular, sua identidade pessoal o que, nas palavras de Ciampa (2001, p. 61), significa “[...] identidade como uma totalidade contraditória, múltipla e imutável, no entanto, una. Por mais contraditório, por mais mutável que seja, sei que sou eu que sou assim, ou seja, uma unidade de contrários, sou uno na multiplicidade e na mudança”. Identidade que se manifesta nas múltiplas representações com que nos deparamos nas trajetórias da vida, representações de diferentes personagens construídos socialmente sem, contudo, perder de vista a dimensão singular e única. Identidade que pode se manifestar em uma aparente contradição, em que, simultaneamente, podemos apresentar diferentes faces, múltiplos personagens, distintas representações de nós mesmos, sem, no entanto, perder a essência única e singular do que somos, do ponto de vista da identidade.

Em relação à identidade profissional docente, essa temática tem se consolidado no campo da pesquisa em educação desde o final dos anos 90. Nóvoa (1992), Pimenta (1996), Garcia (2009), são pesquisadores que têm focado no processo de identificar como são constituídas as identidades dos professores durante a formação inicial, bem como a respeito do que determina o processo de tornar-se professor.

Entendemos que a questão da identidade profissional envolve majoritariamente os modos de ser e estar na profissão. Conforme Garcia (2009, p. 112): “[...] através de nossa identidade nos percebemos, nos vemos e queremos que nos vejam”. Significando que a identidade profissional é refletida na atuação, na prática, no engajamento pessoal, em uma construção que não paralisa nem estaciona, mas evolui e se desenvolve ao longo da carreira docente. Identidade alicerçada na atuação cotidiana, na disposição para aprender a ensinar, para construir e edificar o eu profissional, não sendo algo que se possua, mas que se adquire ao longo da atuação docente.

No propósito contínuo da constituição da identidade, processo sempre em movimento, cabe ao professor buscar formar-se continuamente, segundo Nóvoa (2019, p. 9), “[...] a formação nunca está pronta e acabada, é um processo que continua ao longo da vida”. Formação como uma ação processual e colaborativa, em que a aprendizagem é construída coletivamente, porque, como afirma o autor, “[...] ninguém se integra numa profissão sozinho, isoladamente. Ninguém constrói novas práticas pedagógicas sem se apoiar numa reflexão com os colegas. Ninguém, sozinho, domina completamente a profissão, [...]” (Nóvoa, 2019, p. 14). Essa afirmação indica que a identidade docente se constitui não de forma isolada, mas no

entrelaçamento de diferentes experiências, convivências e influências marcantes ao longo do tempo.

A escolha pela profissão docente raramente é fruto de uma decisão solitária; emerge do diálogo com trajetórias familiares, com os exemplos que nos inspiram e com os espaços formativos que nos desafiam a repensar quem somos e o que queremos construir no mundo da educação. Compreender esse processo identitário é reconhecer que nos tornamos professores na relação com os outros, sejam eles mestres, colegas ou alunos, e que, por meio desses vínculos, vamos moldando o modo singular de ensinar, aprender e existir como professores.

Para ampliar a justificativa do interesse pelo tema desta pesquisa, passo, a partir de agora, a redigir o texto na primeira pessoa do singular, uma vez que apresento cenas de minha história de vida pessoal que se entrelaçam com a trajetória profissional.

Sou proveniente de uma família de professores e sempre estive imersa em um ambiente permeado de paixão pelo conhecimento e pelo compromisso com a formação humana. Cresci ouvindo histórias sobre salas de aula, desafios pedagógicos e conquistas silenciosas que só quem ensina conhece. Esses relatos, ainda que espontâneos, foram sedimentando em mim o desejo de também trilhar o caminho da profissão docente. Mais do que uma escolha profissional, ser professora foi, para mim, um movimento natural de continuidade e reinvenção de um legado familiar guiado pela presença dos outros que, com palavras e exemplos, ajudaram-me a me tornar quem sou.

Durante o processo formativo inicial no Curso Normal, passei a ter uma identificação afetiva com a docência, com os conhecimentos profissionais, reconhecendo que o envolvimento com pessoas, a relação de saber com o outro, a mediação do conhecimento e a construção de mútuas aprendizagens seriam o centro de interesse profissional. Foi nesse período que a identidade docente começou a se consolidar de forma mais consciente. A formação inicial é um terreno fértil em que se cultivam não apenas os fundamentos pedagógicos, mas também os sentidos pessoais e sociais da profissão. A identidade docente, nesse contexto, tem sua fase preliminar, como um processo dinâmico e relacional, resultante de permanente negociação entre os valores herdados, as experiências vividas, os conhecimentos produzidos e as expectativas projetadas.

Tornar-se professor, portanto, não se resume em adquirir uma formação profissional; constitui um movimento de produção subjetiva, por meio do qual cada pessoa pode se reconhecer e ser reconhecida como professor. Essa ação é mediada por práticas pedagógicas, interações afetivas e desafios que convocam a refletir sobre um lugar no mundo e na profissão.

Feitas essas reflexões, após conclusão do Curso Normal, dei continuidade a uma licenciatura com interesse direcionado para a música e para as oportunidades de desenvolver estudos na área. A identificação com a música me empolgou, revelando horizontes diferentes e a imersão em um novo campo do conhecimento artístico e estético, permitindo o desenvolvimento de outras áreas cognitivas. Como característica própria e inerente ao viver, novas identidades vão sendo produzidas, afetando caminhos, permitindo “[...] transformações que vão se concretizando nas e pelas novas relações sociais em que está se enredando” (Ciampa, 2005, p. 109).

A música abriu espaços não só cognitivos, mas para uma nova identificação, decorrente de uma realidade transcendental, que envolveu conhecimentos espirituais e provocou mudanças profundas e transformadoras em minha identidade, não como ficção, nem abstração, mas como um realismo concreto e produtor, visto que, naquele momento da vida, tinha uma nova identificação: ser uma professora que poderia usar a música sacra como instrumento de evangelização.

Essa nova constituição identitária me conduziu a diferentes lugares, me fazendo chegar a Recife/PE, para cursar o Bacharelado em Educação Religiosa, com habilitação em Música Sacra. O curso teve a duração de cinco anos e, dentre tantas experiências, me deparei com oportunidades para exercer a docência e o ensino de música, fazendo vir à tona a antiga identidade afetiva com a docência que, de certa forma, estava adormecida. Esse reencontro identitário suscitou oportunidades para o desenvolvimento da formação profissional, encaminhando-me à graduação em Educação Artística com habilitação em Música, à Especialização em Educação Musical, ao Mestrado e atualmente ao Doutorado em Educação.

Minha história de vida é marcada por diferentes momentos, contextos, experiências e espiritualidade, aspectos que compõem quem sou como pessoa e como profissional, portanto, nenhum dos aspectos que a materializam pode ser esquecido, considerando que fortaleceram a compreensão da identidade como metamorfose, resultante de movimentos transformadores na vida, no contexto histórico, social e pessoal. Reconheço que as identidades (pessoal e profissional docente) são engendradas em diferentes entornos sociais propícios à sua constituição. Reconheço, também, que o processo de constituição identitária evoluiu significativamente, o que comprova que, embora a identidade seja de constituição efêmera e passageira, uma identificação profissional pode manter-se viva, subsistindo à passagem do tempo e dos anos, o que tem me motivado a ir à busca do que sempre almejei ser.

Hoje, como professora do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, avanço pelos caminhos da docência fortalecendo minha identidade profissional na construção de uma prática

fundamentada na amorosidade, respeito, cuidado, no compromisso e dedicação aos estudantes e ao desenvolvimento de aprendizagens, alvo de interesse maior. Para tanto, tenho me empenhado para tornar a prática docente espaço profícuo de relação com o conhecimento, mediada por interações, colaboração e compartilhamento com os outros, aprendizes que me ensinam enquanto aprendem, pois concordo com Freire (2002, p. 14) quando afirma que “Inexiste validade no ensino de que não resulta um aprendizado em que o aprendiz não se tornou capaz de recriar ou de refazer o ensinado, em que o ensinado que não foi apreendido não pode ser realmente aprendido pelo aprendiz”. Na escola da vida, seja na dimensão pessoal, seja no horizonte profissional, todos temos sempre algo a aprender e a ensinar.

Rememorando minha história de vida, entendo que o encontro com a música despertou a identidade musical que me atribuo fruto do entrelaçamento entre passado, presente e futuro, que favoreceram experiências essenciais para a identidade musical que tenho constituído no movimento e no ritmo veloz das oportunidades fluidas e passageiras que atravessam o meu caminho, produzindo novos personagens de mim mesma. Essa identidade musical se ancora em características firmes e imutáveis de minha essência interior, que me faz única e, ao mesmo tempo, diferenciada dos outros pelas marcas das interações vividas.

Conforme Ciampa (2005, p. 172), “[...] participo de uma substância humana que se realiza como histórica e como sociedade, nunca como indivíduo isolado, sempre como humanidade”. “[...] embora não toda ela, eu contenho uma infinidade de humanidade (o que me faz uma totalidade)”. É na historicidade que me torno única e singular, mas repleta de identificações nas multiformes maneiras de ser, que podem suscitar mudanças contraditórias, em face de conflitos e transformações mais ou menos duráveis, que me aproximam e me distanciam de mim mesma, sem perder de vista o que sou em essência pessoal e singular.

Pesquisar sobre a constituição identitária me faz lembrar que a profissão docente é constituída por singularidades, principalmente pelo fato de ser uma profissão voltada para a formação humana, o que a caracteriza por complexidades de múltiplos aspectos. Formar, educar, construir é atributos multidimensionais dessa profissão que, em essência, lida com pessoas no intuito de formá-las e prepará-las para a vida. Dada a grande relevância social dessa profissão, o envolvimento e o compromisso pessoal com a formação e o trabalho são requisitos imprescindíveis para o desenvolvimento de uma prática educativa competente. A literatura em educação tem mostrado que a constituição identitária favorece a permanência na profissão e a compreensão da docência como uma prática (trans)formadora de si e de outrem, promovendo mudanças na realidade social.

A docência no contexto dos cursos técnicos em Instrumento Musical, de modo específico, representa um campo fértil para investigações sobre os modos de ser, agir e sentir do professor que transita entre o universo artístico e o pedagógico. Entender as múltiplas identidades que compõem esses profissionais é fundamental para compreender como se constroem, atualizam e (re)significam suas práticas em ambientes educacionais marcados tanto por demandas técnicas quanto por expressões subjetivas da arte musical.

Apesar da crescente valorização do ensino técnico e da música como área formativa, ainda são escassas as pesquisas que aprofundam o processo identitário dos docentes, muitas vezes oriundos de trajetórias artísticas e que, por isso mesmo, vivenciam tensões e desafios no exercício de sua profissão. Reconhecer a identidade como um processo dinâmico, relacional e multifacetado, conforme discutido por autores, como Nóvoa (2019), Tardif, (2014), Dubar (2005), permite lançar luz sobre os saberes, afetos, experiências e sentidos que atravessam a constituição das identidades desse profissional.

Nesta perspectiva, a relevância acadêmica desta pesquisa está em contribuir para o debate teórico e prático sobre a constituição da identidade docente em espaço educacional pluricurricular, complexo que, simultaneamente, nos insere em diversos níveis da educação profissional e na educação básica, nos quais a formação técnica se entrelaça com o fazer artístico e o compromisso pedagógico. Ao investigar as identidades dos professores do Curso Técnico em Instrumento Musical, esta pesquisa amplia o olhar sobre a formação de professores em áreas específicas, promove o reconhecimento da complexidade do trabalho docente e fomenta reflexões que podem subsidiar políticas públicas, práticas formativas e currículos mais sensíveis à diversidade de experiências desses profissionais.

A relevância da pesquisa se efetiva, também, por contribuir para que os professores produzam uma compreensão de si mesmos, a respeito de suas relações pedagógicas, do ser e estar na profissão e das diversas posturas que poderão assumir em sala de aula, reconhecendo que, como professores, suas identidades nunca serão estáticas e fixas, mas se movimentam em respostas a cada momento vivido, assumindo a configuração de um processo em constante evolução na construção e reconstrução de si mesmos, possibilitando autoformação, autoconhecimento para formação humana de si e de outros seres humanos.

Como professora do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, enfatizo as contribuições da pesquisa por realçar as significações sociais de ser professor que, assim como a constituição da identidade, são marcadas pela transitoriedade e por mudanças, moldadas progressivamente no fluxo das interações sociais, no compartilhamento de experiências profissionais e pessoais, na construção de novas aprendizagens e na formação humana.

Esta tese está estruturada em cinco seções, incluindo a introdução e as considerações finais. Na introdução, apresenta-se a justificativa da pesquisa, delimitando a problemática e os objetivos que a orientam, bem como a relevância do estudo e a organização do texto. A seção 2, com o título, “Identidade: considerações sobre uma temática em movimento”, trata da base teórica da pesquisa, apresentando a identidade como construção social em movimento. Discorre sobre diferentes perspectivas teóricas que abordam o tema e explicita a concepção de identidade profissional que subsidia a pesquisa. A seção 3, intitulado “Tramas investigativas: procedimentos na harmonização dos dados da pesquisa”, informa sobre o método de investigação, sobre o tipo de pesquisa, descreve os dispositivos utilizados, a análise de narrativas, o contexto empírico e apresenta o perfil profissional dos colaboradores.

A seção 4, nomeada da seguinte forma: “Uma parte de mim é permanente, outra parte se sabe de repente: identidades docentes em movimento”, apresenta a análise de conteúdo das narrativas. O processo interpretativo-analítico foi organizado a partir de unidades de análise temática, conforme os objetivos da investigação. Nas conclusões finais, é revista a questão central da pesquisa, trazendo à tona discussões consideradas relevantes com base nos achados do estudo, além de apresentar reflexões acerca da constituição da identidade profissional dos professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI.

2 IDENTIDADE: CONSIDERAÇÕES SOBRE UMA TEMÁTICA EM MOVIMENTO

*Eu vou desdizer aquilo tudo que eu lhe disse antes
Eu prefiro ser essa metamorfose ambulante
Do que ter aquela velha opinião formada sobre tudo
Raul Seixas (1973)*

A identidade profissional docente é uma temática de grande relevância, uma vez que diz respeito às características singulares dos professores como pessoas e profissionais e, igualmente, por ter a ver com os modos de ser e de estar na profissão. É importante realçar que a identidade se refere à singularidade do indivíduo (como pessoa e profissional). É igualmente importante destacar que a identidade é constituída socialmente, em uma relação dialética com o contexto social e com o grupo de pertencimento.

No âmbito deste estudo, tomamos como referência para análise do tema, as contribuições de Bauman (2005), Ciampa (2005), Dubar (2005), Hall (2006), Garcia (2009), Pimenta (2005), Silva (2014), entre outros. Em Ciampa (2005), a identidade humana é vista como relação dialética entre indivíduo e sociedade. Em sua teoria, a identidade é marcada pela processualidade; sua constituição é afetada por determinações histórico-sociais, pelas interações sociais com os outros, metamorfoseando-se ao longo da trajetória de vida dos sujeitos, em um movimento de (re)construção do eu na pluralidade de experiências vivenciadas, como expressão de identidades nos mais variados contextos: histórico, pessoal, cultural e social.

A seção trata sobre as questões teóricas do estudo. Inicialmente, discute a identidade como um conceito multifacetado, abrangendo diferentes perspectivas conceituais sobre o assunto. Em seguida, apresenta a identidade na dualidade pessoal e social, em uma relação formada dialeticamente entre indivíduo e sociedade. Na sequência, fala sobre a identidade docente, dimensão construída ao longo da trajetória do professor, envolvendo não apenas conhecimento técnico e pedagógico, mas também valores, crenças e práticas que definem o professor em sala de aula. Finaliza, apresentando a identidade nas diferentes áreas do conhecimento, sob o olhar da Psicologia Social, da Sociologia e da Antropologia, compreendendo-a como um processo social em contínua construção.

2.1 Identidade: um conceito multifacetado

A investigação sobre a identidade exige domínio da estrutura epistemológica que a fundamenta, dado tratar-se de um conceito complexo, multifacetado e sujeito a múltiplas interpretações, em face da pluralidade de perspectivas teóricas que analisam a temática. A

identidade, portanto, configura-se como um conceito de variadas significações, cuja complexidade epistemológica se expressa por meio de diversos subdomínios que a constituem, entre eles, o autoconceito, a representação social, a formação identitária, identidade cultural, subjetividade, bem como outras dimensões correlatas que compõem o campo da identidade (Silva, 2006).

Compreender a identidade demanda uma abordagem interdisciplinar capaz de captar dimensões simbólicas, sociais e individuais relativas ao tema. Uma questão, porém, unifica esses conceitos: identidade é, enquanto traço distintivo de alguém, constituída de dois elementos: uma identidade pessoal e uma identidade coletiva, sendo esta dualidade inseparável, uma vez que ambas se confirmam e se unificam entre si. Como processo constituído socialmente, não é estático, nem imutável, mas complexo e dinâmico, fluindo em constante movimentação, de acordo com as mudanças dos grupos sociais de referência e com pertencimento no qual o indivíduo está incluso.

Rodrigues e Mogarro (2020) destacam que a temática tem sido objeto de estudo nos vários domínios científicos, como a Educação, a Psicologia Social, a Sociologia e a Antropologia, não havendo, em nenhum dos âmbitos, uma definição consensual. Esse fato mostra que a identidade, por ser objeto de estudo de diferentes áreas, marcada pela ausência de uma definição consensual, apresenta um desafio epistemológico importante: cada campo interpreta o tema a partir de seus próprios referenciais teóricos, metodológicos e históricos, apresentando uma pluralidade de concepções que pode enriquecer o debate, como também pode gerar tensões conceituais e dificuldades na construção de um entendimento comum.

Essa realidade aponta para a necessidade de diálogo entre as diferentes áreas de conhecimento, no sentido de valorizar abordagens interdisciplinares que permitam integrar as várias perspectivas, sem rechaçar suas especificidades. Em contextos acadêmicos e profissionais, o reconhecimento da diversidade teórica pode ser a chave para análises mais abrangentes e consolidadas sobre a identidade.

Nas diferentes áreas de estudos, a discussão a respeito da identidade constitui uma das questões mais instigantes, visto que diferentes correntes interpretativas abordam a amplitude do termo, com acepções teóricas que a associam a diferentes temas, aproximando-a, por exemplo, do conceito de personalidade, em outras, distanciando-a. A identidade pode ser entendida como uma representação coletiva (a exemplo de identidade de um determinado time de futebol, identidade de um grupo, de uma nação), relacionando-a ao sentimento de pertencimento a um grupo, em que os membros compartilham características, valores e experiências comuns (Dantas, 2013).

A identidade diz respeito a uma estrutura psíquica subjetiva e a uma característica singular do indivíduo, inserida em um processo de constituição de relações recíprocas universais. Identidade se traduz em movimento, no vai e vem de construção e reconstrução do eu que, unidas a outras categorias, como atividade, consciência e afetividade, somam-se ao propósito de decifrar o enigma de quem somos ou quem desejamos ser (Carvalho, 2011).

Ampliando a discussão, a autora afirma que identidade, como categoria teórica, é conceito-chave que, quando questionado sob o ponto de vista da teoria crítica, sobrepuja algumas abordagens que tentam simplificá-lo, naturalizá-lo, cristalizá-lo, o que torna esse conceito fundamental para o entendimento de outros temas importantes, como educação, profissão docente, dentre outros. Hall (2000), discutindo sobre quem precisa de identidade, chama atenção para a dificuldade enfrentada por essa categoria, alertando que, nas Ciências Sociais, identidade é um estudo sem definição e sua conceituação está sujeita a críticas, porém imprescindível para ser compreendida na atualidade. Isso é justificado, quando esclarece que “[...] a identidade é um desses conceitos que operam ‘sob-rasura’, no intervalo entre a inversão e a emergência: uma ideia que não pode ser pensada de forma antiga, mas sem a qual certas questões-chave não podem ser sequer pensadas” (Hall 2000, p. 104). O que se conclui ser a identidade moldada por fatores históricos e sociais, não deixando de evoluir, nem podendo ser um conceito completamente descartado.

No campo da Educação Profissional e Tecnológica (EPT), a identidade docente apresenta características próprias que a diferenciam de outros níveis de ensino, justamente pela natureza híbrida dessa modalidade, que articula experiência, conhecimentos acadêmicos e técnicos, vinculados ao mundo do trabalho. Pasqualli, Viella e Vieira (2023) destacam que a experiência acumulada e a parceria com os pares são dimensões centrais na constituição identitária. Isso significa que o professor aprende e se constitui não apenas pela prática individual, mas pela troca, pelo diálogo e pela colaboração em comunidades de trabalho. A identidade, nesse sentido, é fruto de uma tessitura coletiva, em que cada docente se reconhece e se fortalece na relação com os outros. Nóvoa (2019) amplia essa compreensão, esclarecendo que o processo de se tornar professor exige não apenas olhar para a própria trajetória individual, mas também considerar os aspectos coletivos que envolvem a profissão docente.

Diante de uma categoria teórica de grande relevância e, ao mesmo tempo, marcada por divergências conceituais, adotamos uma abordagem heurística que enfatiza a capacidade explicativa frente a questões enigmáticas e ainda não plenamente elucidadas, especialmente aquelas relacionadas ao ser humano em determinações de existência, envolvendo aspectos de individualidade, coletividade e experiências grupais. Torna-se imprescindível aprofundar a

investigação dessa categoria em sua multiplicidade de abordagens, a fim de ampliar o acesso a um campo de conhecimento que permanece complexo e desafiador.

Pensar conceitualmente a identidade implica considerar que somos seres humanos complexos, caracterizados por múltiplas facetas, perspectivas paradoxais que nos tornam inescrutáveis, incompreensíveis, imprevisíveis, difíceis de entendimento e de relacionamentos. Diante dessa realidade, destacamos o estudo da identidade como um construto conceitual de ampla relevância. Trata-se de uma noção complexa que atravessa diferentes campos do saber, revelando-se como eixo interpretativo fundamental para a compreensão das dinâmicas que constituem o sujeito em suas relações sociais, culturais e históricas envolvendo dimensões de individualidade, coletividade e experiências grupais.

Como mencionado, a temática está centralizada em uma multiplicidade de conceitos, o que torna o termo identidade, de difícil operacionalização. A esse respeito, Brandão (2015, p. 8) afirma que “[...] os fenômenos identitários localizam-se numa zona de fronteira, o que explica o interesse de diferentes disciplinas pelo seu estudo, mas também dificulta a articulação de concepções distintas”. No entanto, essa localização também dificulta a articulação entre distintas concepções teóricas, pois cada área do conhecimento pode interpretar a identidade de maneira diferente.

Dentro de diferentes perspectivas, identidade revela em si os valores velados ou explícitos que configuram seu entendimento. Segundo Castells (2018 p. 54), “[...] entende-se por identidade a fonte de significados e experiências de um povo”. A identidade reflete experiências, valores dos indivíduos, que fluem em constante movimentação na vida diária, no fluxo histórico e social. As identidades não são determinadas no isolamento social, mas na construção interativa da vida em coletividade em que os outros exercem influências no estabelecimento das igualdades e diferenças, formando parâmetros construtivos que nortearão o autoconhecimento ou, melhor dizendo, o conhecimento de si pela validação dos outros.

Alargando a discussão sobre esse tópico, Castells (2018, p. 54) pontua a respeito da identidade como significação cultural, ou seja, “[...] entendendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, os quais prevalecem sobre outras fontes de significados”. É a vida em sociedade, na diversidade cultural, constituída de múltiplos estímulos, exercendo influências identitárias nas crenças, valores, condutas e comportamentos, que impacta as significações desses atores sociais ou individuais nas interações desenvolvidas consigo mesmo e com os outros.

Na construção desses significados, sujeitos sociais e individuais elaboram sentidos a partir das próprias experiências subjetivas, diferenciando-se e diversificando-se em múltiplas direções. Esse processo possibilita a emergência de identidades únicas e singulares, forjadas em contextos existenciais exclusivos que caracterizam cada trajetória pessoal. Tal configuração encontra-se inserida na vida e nos contextos sociais de cada um, disponível a quem as percebe e se apropria, marcando, sensibilizando, provocando interesses, implementando novas ações, posicionamentos e atitudes, levando o ator social/individual a assumir múltiplas identidades, passageiras.

Conforme Castells (2018, p. 54), as “[...] identidades constituem fontes de significação para os próprios atores, por eles originadas, e construídas por meio de um processo de individuação”. O sujeito constrói as identidades pelas vias da compreensão e do entendimento, todas interpretadas significativamente envolvendo crenças e valores pessoais traduzidos na nova maneira de ser e estar no mundo.

As reflexões sobre o tema evidenciam que a identidade não é inata, como também não é dada, nem recebida, é construída, é ação, é verbo, é movimento, é interação social. Em uma sociedade composta por múltiplos grupos sociais, de diferentes gêneros, etnias, religiões, partidos políticos, entre outros, somos levados a assumir identidades diversas, conforme os papéis sociais vivenciados, na velocidade de um tempo imensurável. Esse movimento é impulsionado pelo desejo de pertencimento e pela necessidade fundamental de vínculos sociais, como afirma Bauman (2005).

Ser integrante de um grupo reforça a identidade almejada, auxiliando na imagem que queremos transmitir e nos ajudando a compreender quem somos pelas escolhas que nos levaram à identificação com eles. Sendo seres sociáveis, históricos e culturais, estamos capacitados a viver identidades diversificadas, expressando o *eu*, ao mesmo tempo sendo representados por ele no entorno social inserido. Ferreira (2011, p. 51) sintetiza essa ideia, afirmando que a “[...] essência interior modifica-se continuamente nas inter-relações entre o eu e o mundo, mantendo-se, no entanto, unificada e estável, à constatação de que o processo tem se modificado.”.

Concordamos com essa ideia, haja vista que tudo neste mundo é sujeito a modificações. O cosmo é movimento, é matéria que se desloca em um ir e vir interminável, transformando e sendo transformado, em um ciclo infinito de repetições. As identidades também sofrem mudanças, é só fazermos um retrocesso histórico de umas poucas centenas de décadas, quando poderíamos encontrar a ideia de identidades estáveis, fixas, em um contexto em que se vivia a vida de um jeito e se terminava da mesma forma. Na contemporaneidade, as identidades se apresentam de formas múltiplas, efêmeras, variáveis, fluidas, tornando-se ainda mais

complexas. Diante desse cenário, impõe-se a necessidade de uma abordagem analítica mais rigorosa, conforme já mencionado, dada a natureza intrinsecamente complexa e enigmática do fenômeno.

Para pensarmos mais sobre o conceito de identidade, recorremos a Carvalho (2011, p. 60) que a define “[...] como a síntese que cada indivíduo elabora de si mesmo e pode ser expressa pelos traços, atributos, imagens e sentimentos que cada um interioriza e reconhece como fazendo parte de si mesmo e que usa como referência para se mostrar aos outros”. Cada indivíduo projeta uma imagem de si, apresenta uma síntese por meio da qual identifica seus atributos, valores e significações. Estamos falando do produto a ser conhecido, do aspecto representacional da identidade, de informações que foram produzidas e cristalizadas em determinado momento histórico, passíveis de observação, investigação e de reconhecimento como representação social.

Embora constituída como representação legítima e comprovável, a síntese identitária e sua expressão mental ou simbólica revelam apenas traços estáticos e uma imagem idealizada do indivíduo, não abrangendo integralmente os múltiplos elementos que compõem a identidade em sua totalidade, a qual transcende tais informações. Torna-se necessário compreender a dinâmica e a dialética que sustentam esse conceito, apreender a essência que o conforma e explorar as entrelinhas de sua constituição. Trata-se de um processo complexo, multideterminado, permeado por nuances ocultas e veladas, que demandam esclarecimento e aprofundamento interpretativo.

Diante da diversidade de abordagens sobre identidade, Gomes (2018) afirma que o termo, etimologicamente, vem do latim, identidade expressa a qualidade daquilo que é idêntico. É também conjunto dos caracteres próprios de uma pessoa, que é identificada pelo nome, profissão, sexo, impressões digitais, defeitos físicos, sendo considerados exclusivos dela, ao precisar ser reconhecida. Ciampa (2005) afirma que o processo identitário tem início com o nome que a pessoa recebe ao nascer, abarca diferentes características dos indivíduos, evidenciando marcas de sua subjetividade.

Mas, segundo Fortes (2011), o nome ainda não é a identidade em si da pessoa, mas uma representação dela. Cada indivíduo com seu nome completo torna-se uma pessoa individualizada, representada pelo nome (singular) e sobrenome (geral). Mesmo sendo uma parte estática, o nome mostra uma das características principais da identidade: articulação entre igualdade e diferença. O nome próprio singulariza e diferencia o indivíduo, ao passo que o sobrenome o iguala ao restante da família, questão que nos leva às origens de variadas determinações da pessoa na totalidade de que faz parte. Nesse jogo articulado entre igualdade

e diferença, fato que se inicia com o nome próprio do indivíduo, novas predicções acrescentadas completam o quadro de entendimento da constituição identitária.

Resumir a identidade de alguém a questões como nome completo leva a uma compreensão limitada do tema, uma vez que se trata de aspectos apenas representacionais da identidade, enquanto produto, ocultando suas formas constitutivas de produção, ou seja, o modo como essas produções são constituídas e exteriorizadas (Ciampa, 2005). Essas questões necessitam de maior elucidação ao se constatar que, por trás da simples representação de um nome, uma série de outras representações envolvem a identificação de uma pessoa, uma vez que o nome próprio é só uma representação da identidade, uma identificação fixa e estável, que não varia.

Essa representação demanda um conjunto mais amplo de informações, como origem geográfica, inserção familiar, ocupação profissional, pertencimento a grupos sociais, étnico-raciais, intelectuais, de gênero, sexo, sexualidade e religiosos. Essa multiplicidade de elementos contribui para a conformação de um campo de análise intrincado, marcado por posicionamentos divergentes e, por vezes, contraditórios. Somos mais que um dado ou uma prática representativa, somos resultados de múltiplas e distintas determinações construídas ao longo de vivências históricas, sociais e culturais.

Tais determinações vão resultar na configuração concreta da identidade do indivíduo, manifestada na pluralidade e na diversidade das experiências, vivências e multiformes maneiras de ser, “[...] realidade em constante formação e transformação, ou seja, identidade entendida como permanente metamorfose, que resulta tanto do processo de socialização como do processo de individualização [...]” (Fortes, 2011, p. 180). A constituição da identidade se configura em processos sociais múltiplos e diferentes, estabelecidos na alteridade das relações, que somam, multiplicam experiências e vivências na história do indivíduo, desde o nascimento até a morte. Identidade sempre em movimentação contínua de ser e estar em permanente alteração, modificando-se e sendo modificada, sem estagnação, fixação ou rigidez, mas desprendida, aberta e acessível a novas variações.

Nessa perspectiva, Ciampa (2005) entende identidade como metamorfose, ou seja, um movimento em constante evolução, como o resultado provisório da intersecção entre a história da pessoa, o contexto histórico e social e projetos de vida. Identidade é mudança, é transformação, é ação em movimento porque não é estática nem fixa. Identidade, cujo mover tem caráter dinâmico, pressupõe uma personagem; para o autor, implica vivência pessoal de um papel previamente padronizado pela cultura, fundamental na construção identitária, ou seja, representa-se a identidade de alguém pela objetivação dela em uma personagem que, por fim,

acaba sendo independente da atividade. As diferentes maneiras de se estruturarem as personagens resultam em diferentes modos de produção identitária. Em síntese, identidade é a articulação entre igualdade e diferença, o que se torna uma noção básica.

No movimentar das interrelações que vamos construindo e vivenciando nas sociedades nas quais estamos inseridos, diferentes situações nos igualam e nos diferenciam, tornando o contexto cultural heterogêneo e diversificado. Silva (2014, p. 12), discutindo sobre identidade e diferença, explica que “[...] identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir”. “[...] Como vimos, dizer ‘o que somos’ significa também dizer ‘o que não somos’”. Na construção da identidade coletiva e individual, interações uns com os outros são fundamentais, uma vez que compartilhamos elementos comuns que nos aproximam, mas também vivenciamos diferenças que tornam o cenário cultural dinâmico e diverso.

Silva (2014) argumenta sobre a rapidez e facilidade com que se pode definir o termo identidade, afirmando que identidade é o que somos: sou brasileiro, sou índio, sou homem, sou mulher, sou jovem, sou homossexual. Nesse pensamento, identidade se resume ao seu contexto próprio como um fato consumado, independente, que se basta a si mesmo. No conceito de diferença, o autor afirma que esta pode ser também entendida como uma organização autônoma, em oposição à identidade, diferenciando o outro daquilo que ele não é: não sou brasileiro, não sou homossexual, não sou jovem, não sou mulher. Tal como a identidade, a diferença simplesmente existe, ela é.

O que se pode constatar, diz Silva (2014), é que por trás do “sou brasileiro” existe uma lista interminável de negações a esse fato, diferenciando essa afirmação. Quando digo, “sou brasileiro”, simultaneamente também estou dizendo: “não sou argentino, não sou português, não sou italiano, não sou alemão”. Para impedir a necessidade de tantas negações, a gramática nos possibilita uma afirmação de sentido completo, ‘sou brasileiro’, entendendo-se que não tenho outra nacionalidade.

Silva (2014) sintetiza dizendo que identidade e diferença resultam de uma construção simbólica e discursiva, estando longe de se constituir em um processo harmonioso e regular. São produtos de relações sociais, oriundas das hierarquias de poder, em uma vivência desarmoniosa e sem controle, decorrente de um campo de luta e concorrência. Definir o que seja identidade e delimitar sua diferença faz parte de uma estrutura de poder mais amplo, em que fazer a diferença tem a disputa como regra de manutenção de poder, longe de ser, portanto, resultado de relações sociais inocentes.

Esses e outros são alguns dos mais variados exemplos de como podemos encaixar identidade e diferença como um processo constitutivo das relações sociais de poder que determinam a diferenciação daquilo que é daquilo que não é, do que pode e do que não pode, do que existe e do que não existe, ao delimitar, marcar, definir, nomear, incluir e excluir as representações identitárias sociais como politicamente aceitas ou não.

Na representação de mim mesmo, em minha identidade momentânea, reside o cerne daquilo que estou representando, podendo ser uma representação igual ou diferente em momentos posteriores. Sendo a identidade e a diferença uma construção que se dá nas esferas de minha existência, sigo construindo e (re)construindo novas identidades e diferenças em conexão com o outro que é diferente de mim, porém participa dessa construção como coadjuvante do processo. Expressar uma representação identitária diferente daquilo que os outros esperam, em um contexto social no qual as relações de poder incluem ou excluem o diferente, pode ser limitante e desestabilizador, embora a ação de manter-se firme na objetividade do que se está representando possibilite um agir autônomo diante das determinações sociais.

Os sistemas de significações nas representações sociais estabelecem estreita ligação entre identidade e diferença. Ter uma identidade é manifestar uma significação cultural socialmente conferida pelo meio social no qual se está inserido, segundo Silva (2014). Na ótica do autor, identidade e diferença estão estreitamente associadas a sistemas de representação, segundo a teoria cultural contemporânea. Nessa linha de pensamento, Silva (2014, p. 91) assegura que a representação não se trata de uma forma transparente de expressão de alguma referência, “[...] é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. [...] é um sistema linguístico e cultural: arbitrário, indeterminado e estreitamente ligado a relações de poder”. Identidade e diferença são estreitamente dependentes da representação, dando sentido e existência a ela. Representar significa, neste caso, dizer o que é e o que não é a identidade, o que representa poder. A representação define e determina a identidade.

Na contemporaneidade, a representação é o núcleo central da teoria da identidade, como ratifica Silva (2014). Compreendemos a representação social como um processo cultural desenvolvido em sociedade, na vida em comunidade. Um processo regulado e submetido às leis e regras sociais que, assimiladas e aceitas pelo grupo, vão permitir ao sujeito/indivíduo/ator social manifestar ideias, conhecimentos, comportamentos, significações culturais, simbólicas, experienciais, concepções, valores, crenças, hábitos e costumes. Na representação social, o *eu* individual ou coletivo é identificado, conhecido e reconhecido. É

pelas identidades que o indivíduo/sujeito/ator social é representado e validado. É a forma como se conhece e se faz conhecido aos outros, na luta pela emancipação de sua identidade autônoma.

Nesse entendimento, Ciampa (2005) também trata da articulação igualdade e diferença, ao dar destaque à importância das relações sociais, explicitando que é na dialética, igualdade e diferença, que está o segredo de constituição do eu ou grupo. Argumenta que é na vida em coletividade que essa constituição se concretiza, quando o indivíduo/grupo vai articulando diferenças e igualdades em relação a si mesmo e aos outros. O indivíduo, inserido em um grupo social, familiar, encontra-se diante de uma gama de informações que vão sendo processadas, tais como, internalização do nome próprio recebido, papéis sociais padronizados a serem desempenhados, personagens a serem vivenciados, como resultado da igualdade e diferença que vão se sucedendo continuamente, à medida que o indivíduo se inclui nos grupos sociais.

Ciampa (2001, p. 64) pontua que “[...] o conhecimento de si é dado pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social que existe objetivamente, com sua história [...]”. Igualar e diferenciar, esta é a base da conscientização pessoal que nos permite reconhecer quem somos, como somos e porque somos: interagindo com os outros, constatamos as semelhanças, mas, igualmente, as diferenças, em uma dualidade multifacetada, cujo resultado solidifica a identidade única, múltipla e singular. Um reconhecimento que não procede de autoatribuição ou mera especulação interior, mas resulta da relação individual e social com o outro, em que este torna-se o espelho para onde olhamos para nos reconhecer (igualar) e desconhecer (diferenciar).

Gonçalves Neto (2015, p. 77), ao se voltar para os estudos sobre identidade, faz as seguintes indagações: “[...] por que Ciampa não abandona o termo ‘identidade’ e fica apenas com o termo ‘metamorfose’? O que justifica falar em ‘identidade-metamorfose’ e não simplesmente em ‘metamorfose’? Por que as pesquisas são sobre ‘identidade’ e não sobre ‘metamorfose’? O raciocínio do autor é que a afirmação de Ciampa (2005) estabelece o padrão de uso do termo “[...] não no sentido de ‘ser’, mas no sentido de ‘devir’; identidade deve ser entendida, não como uma substância una e estática, mas um conjunto de atividades que estão sempre em movimento”. O que nos leva a concluir que a realidade se estabelece como um fluxo contínuo, no qual o movimento e a transformação são as únicas constantes. Fluir é parte da vida, inclusive, da identidade, dos pensamentos e do entorno.

É fato inquestionável dizermos que somos sujeitos de variadas determinações e atitudes. Mudamos rapidamente de comportamentos, gostos, interesses, atitudes, agindo e reagindo a

eles quase imperceptivelmente. Assumimos novas posturas que se nos apresentam a cada instante, nas linhas e entrelinhas da vida, em um abrir e fechar de olhos. A nova identidade se fixa por um tempo, permanecendo assim por um período que não se pode mensurar, mas obedecendo ao fluxo dinâmico e veloz das mudanças e oportunidades; modifica-se, transforma-se em novas e infinitas identidades, justificando o fenômeno identidade-metamorfose.

Identidade-metamorfose é inerente à existência. A identidade se movimenta imersa em uma realidade não estática, em uma dinâmica de alteração que se modifica a cada momento em novas formas de expressão. O fenômeno provoca mudanças contínuas nos modos de ser e estar como indivíduos, em um mover que interfere na essência pessoal e social, nos desafiando constantemente a assumirmos posturas que nos expõem e nos definem, sem, contudo, sermos plenamente conhecidos, uma vez que, nessas mudanças contínuas, o quem sou recebe novas roupagens, novos personagens para assumirem novas realidades vividas e contextualizadas nas condições sociais e históricas.

Identidade é materialidade concreta que está sempre mudando e transformando na própria materialidade “[...] como sendo parte de toda realidade material que está em constante transformação. Identidade é vida, é movimento de concretização de si, é o ser-para-si” (Fortes, 2011, p. 185). Em confronto com a realidade, a identidade se constrói nas inúmeras experiências vivenciadas, podendo acontecer ruptura, superação, continuidade e suspense, configurando um processo de movimentação acontecido a todo instante. Identidade metamorfose que pode ser emancipada.

Os indivíduos podem constituir diferentes personagens, até mesmo com certo grau de autonomia e originalidade, atuando relativamente a sua raça, status social, comunidade religiosa (Fortes, 2011). Entendemos que uma identidade-metamorfose-emancipada atravessa obstáculos, trava lutas que exigem múltiplas determinações, convicção, foco, auxiliadas pelo convívio social que o indivíduo desenvolve com os outros e com o sistema social. Uma identidade cujas etapas levam a mudanças e transformações, movida por uma identidade política que não se sujeita ao que lhe é imposto pelo “sistema”; tem projeto de vida, sabe o que quer, tem um propósito; caminho facilitado para a emancipação.

Ao discutir identidade, Dubar (2005) questiona sobre o uso recorrente nos dias de hoje, tanto nas Ciências Sociais como na linguagem cotidiana, afirma: fala-se de uma “crise das identidades” embora não se saiba, ao certo, o que isto envolve: seriam dificuldades no campo profissional para jovens; ou as exclusões sociais estão mais evidentes? Desconforto diante das transformações? Ou seria desorientação das categorias que servem para definir a si e aos outros? Após uma grande crise econômica, conclui, surgem os períodos de incerteza, dominando as

perspectivas de reconstrução de novos padrões sociais para um futuro promissor, desestabilizando os de ontem e trazendo incertezas para os de amanhã. Complementa, dizendo que “[...] a identidade de uma pessoa é o que ela tem de mais valioso: a perda de identidade é sinônimo de alienação, sofrimento, angústia e morte” (Dubar, 2005, p. 25).

Isso significa o quão importante é o terreno psicológico, emocional, estrutural em que uma pessoa desenvolve sua identidade. É na inserção em grupos sociais que são favorecidas as trocas interativas, fortalecendo um processo permanente de formação e, talvez, de transformação diante do mundo, resultado das vivências de condições históricas, sociais e materiais, o que repercutirá diretamente no estabelecimento de identidades construídas e (re)construídas de maneira crítica, saudável e emancipada (Damiani, 2008).

Com o estudo no campo da Sociologia, Dubar (2005, p. 25) contribui com a abordagem sobre identidade, enfatizando: “Ora, a identidade humana não é dada, de uma vez por todas, no nascimento: ela é construída na infância e, a partir de então, deve ser reconstruída no decorrer da vida”. Na análise do autor, a identidade como processo tem um crescimento gradativo, acompanhando as trajetórias do indivíduo, os caminhos cruzados e entrecruzados das relações vividas nos grupos sociais, nas experiências significativas, movendo e promovendo novas identidades, tantas quantas forem necessárias.

Como aludido anteriormente, as primeiras manifestações identitárias começam na infância, etapa inicial da vida, período de crescimento em todos os aspectos, etapa reconhecida por afetar profundamente o desenvolvimento físico e mental, social e emocional dos indivíduos. Iniciada tão cedo, essa construção vai se solidificando em novas e oportunas identidades que se apresentam ao longo da vida, moldando e estruturando o caráter da pessoa, nunca como predeterminação da vontade isolada desse indivíduo, mas, reconhecidamente, como produto da sociedade, das vivências e convivências sociais, a que esse indivíduo está exposto.

Nunca é demais repetir o quanto a socialização é necessária para o desenvolvimento humano e da sociedade. Dubar (2005, p. 25) ratifica isso, quando diz que “[...] o indivíduo jamais a constrói sozinho: ele depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e autodefinições. A identidade é produto de sucessivas socializações”. Somos estruturados para funcionar junto a outros, em coletividade, nas relações sociais em grupos, aprendendo e ensinando práticas, atitudes, comportamentos que servirão de exemplo de equilíbrio tanto para nós quanto para os outros.

Dubar (2005) é enfático ao afirmar o quanto o outro é importante na consolidação da identidade social, não separa a identidade individual da identidade coletiva, realçando a identidade social em uma articulação entre as duas transações: “[...] uma transação interna ao

indivíduo e uma transação externa ao indivíduo e as instituições com as quais interage” (Dubar, 2005, p. 133). Uma reafirmação de quanto o social, o coletivo, o grupo, a vida em sociedade interferem na constituição da identidade. Sem o outro não conseguiríamos sobreviver. Fomos projetados para a vida em comunidade, a exemplo da família como primeira instituição social, célula mater da sociedade. Somos produto de relações sociais desde a mais tenra infância, não nos fazemos sozinho, somos resultado de construções coletivas, em que nos vemos e vemos o outro nessa construção.

Como sujeitos únicos, singulares, ao vivermos as relações sociais nos meios de convivência, recebemos as influências do outro na construção do eu, o que vão constituir-se nos fundamentos da identidade, como interesses, significados, representações, diferenças e igualdades, de cujas bases esse outro participa ativamente (Rausch; Schlindwein, 2001). É pelo olhar do outro que o eu subjetivo vai se constituindo, ancorado nas intersubjetividades das relações com ele, tornando o que somos em uma relação unificada e inseparável. Isso valoriza a importância das trocas sociais nas relações entre sujeitos, por reconhecer-se que esse processo não se dá na vivência sozinha e isolada das relações, mas acontece como resultado das trajetórias pessoais e sociais dos sujeitos no contexto histórico e social.

Os estudos culturais também discutem extensamente a questão da identidade. Nesta área, Hall (2006) elucida o tema ao dizer que as antigas identidades estão em decadência, abalando os quadros de referência que traziam estabilidade no mundo social. As transformações sociais, resultado de mudanças estruturais no final do século XX afetaram as identidades pessoais, antes vistas como sólidas e inabaláveis, levando o sujeito a descentralizar-se, ocasionando a perda de “um sentido de si”, aliado ao deslocamento dos indivíduos no mundo social, causando a fragmentação das pessoas. O autor afirma que “[...] as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado”. Assim, a chamada crise de identidade vem a ser resultado de um longo processo de transformações contextuais que “[...] estão deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas, desestabilizando e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social” (Hall, 2006, p. 7).

Caminhando linearmente ou não, a história avança no tempo, trazendo mudanças, incluindo aí a sociedade na cultura, conhecimentos, experiências, atitudes, hábitos, costumes, valores e tradições. É nesse contexto histórico-social que florescem as identidades, produção social das mudanças ocorridas em um tempo que não para, influenciando e trazendo novas mudanças. Interessante observar o quanto somos maleáveis, flexíveis a essas mudanças. Basta

observarmos os retratos do tempo, mostrando as transformações históricas influenciadas nas identidades, antes estáveis e sólidas, hoje instáveis e efêmeras.

O autor complementa que a identidade resulta de formações ao longo do tempo, em processos inconscientes, não sendo algo trazido do nascimento. Ela permanece em nós sempre inacabada, complementada, preenchida pelo eu externo nas vivências e trocas sociais pelas quais os outros nos veem e socializam (Hall, 2006). Nesse contexto, o indivíduo se vê diante de mil e uma oportunidades de assumir-se em diferentes identidades, possibilitando experiências que irão interferir em seu autoconceito e dos outros, como é o entendimento da ideia de identidade no final do século XX. Nesse período, as mudanças sociais ocorridas abalavam a visão de identidade, antes reconhecida como eixo estável e duradouro, em que o sujeito tinha uma apresentação de si sempre igual e perene por toda a vida.

Em um caminhar a passos largos, posteriormente esse panorama identitário modificou-se e o homem passou a apresentar-se com identidades fragmentadas, fruto de mudanças sociais na estrutura da sociedade pós-moderna, em que hoje este homem é alguém, amanhã já não o é; hoje se tem uma identidade, amanhã já não se tem, em uma experimentação infundável ao sabor do tempo, vivendo cada momento no ciclo de representações de que sou, identidade sempre temporária, nunca conclusa nem acabada. O processo desenvolve-se em uma apropriação infinita daquilo que fui, sou e serei, em uma busca incessante de complementação para transformação de mim mesmo e do contexto social vivido.

Uma característica da contemporaneidade são as mudanças estruturais na sociedade, transformações oriundas do contexto global, permitindo a superação das fronteiras econômicas e aproximação de contatos entre os povos e culturas. Por meio das transformações tecnológicas, da mobilidade humana e da circulação instantânea de informações, tornou-se possível um contato mais direto entre os povos, favorecendo trocas culturais e acesso a diferentes perspectivas. Na visão de Hall (2006), esse fato modificou todo um mecanismo que opera dentro de um conjunto de práticas e tradições de um sistema cultural, propiciando o surgimento do sujeito pós-moderno, sem identidade fixa, essencial ou permanente, uma vez que é produto das formações e transformações contínuas processadas nesse sistema, restrito à fluidez e à complexidade das identidades na contemporaneidade.

Esse sujeito pós-moderno é determinação de um contexto sócio-histórico e não mais biológico, uma vez que assumem identidades diferentes em situações diversas, todas influenciadas pelas vivências em um contexto socializado e globalizado pela mídia (Hall, 2006). A pós-modernidade, com todas as suas influências históricas e culturais contribui para novas formas de identidades, moldadas pelas experiências sociais da atualidade em que a globalização e mídias constituem fatores cruciais.

Identidade é metamorfose, é vida (Ciampa, 2001). É vida que se movimenta, identidade manifesta, vida e não morte. Como característica intrínseca ao ser humano, a identidade, no contexto sócio-histórico, tem sido expressa de diferentes formas, em diferentes concepções, como as do sujeito do Iluminismo, do sujeito sociológico e na pós-modernidade, a do sujeito pós-moderno, como afirma Hall (2006). O que chama atenção é que, no movimentar da história, com as mudanças estruturais no contexto social e global, as identidades sofreram transformações acentuadas, passando a ter as mesmas configurações dos tempos da pós-modernidade.

Essa condição sócio-histórica-cultural favorece a instabilidade das identidades, influenciando também as relações sociais, familiares e culturais, contribuindo para dias acelerados e efêmeros, sem consistência e durabilidade, em que o fixo e estável ficam para trás, como uma sombra do passado, tornando o seguro e o concreto sem consistência e solidez. Essa realidade da sociedade pós-moderna, temporal e fragmentada atinge a constituição identitária, tornando-a fluida e líquida.

Bauman (2005, p. 18) aborda a identidade afirmando que a sociedade pós-moderna se liquidificou, que “[...] em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados”. O que antes era estável, seguro e sólido diluiu-se na correnteza líquida da pós-modernidade, atingindo as identidades nas estruturas, tornando-as transitórias e sujeitas a constantes modificações. Assim é a realidade atual, era em que as identidades se tornaram alteráveis e descartáveis a qualquer instante. De acordo com Bauman (2005, p. 91), a questão resume-se ao tempo de permanência de assunção de algumas delas, uma vez que “[...] a construção da identidade assumiu a forma de uma experimentação infundável. [...] Você assume uma identidade num momento, mas muitas outras [...] estão na esquina esperando que você escolha”.

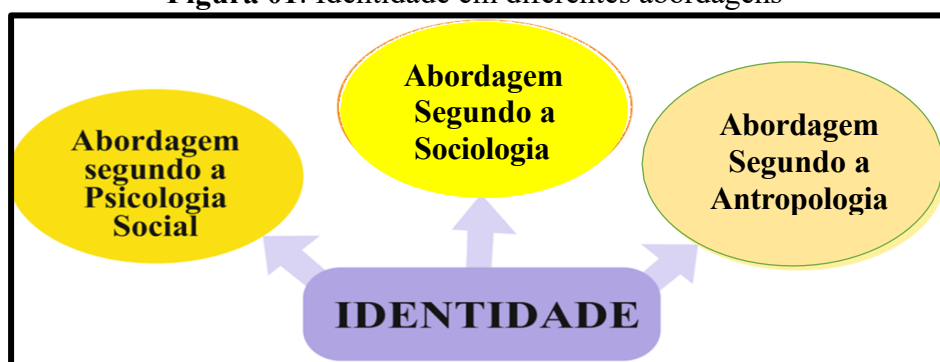
Nesse contexto, o mundo mudou de rotação, girando em uma velocidade desenfreada e desgobernada, atropelando todos que estão parados à beira do caminho. Salve-se quem puder, é o grito da sociedade tresloucada em que o automático assumiu as rédeas de controle da direção da vida. O homem não precisa parar, pensar, refletir para assumir uma nova identidade, ela está à disposição na primeira esquina que dobrar, pronta para ser usada e descartada. A quantidade não é problema, surgem aos montes, inventadas a todo o momento para lhe trazer prazer e satisfação. É a era da identidade provisória, optativa; você pode ser o que quiser e alterar o que quiser... Até quando? Este é o problema; diante de tantas opções de mudanças provisórias, ser e aparecer torna-se um alvo viciante de querer trocar-se rapidamente para começar tudo de novo.

Em continuidade, Bauman (2005, p. 37) escreve que “[...] uma identidade coesa, firmemente fixada seria [...] uma limitação da liberdade, uma vez que os tempos favorecem as identidades a serem [...] como um manto leve, pronto a ser despido a qualquer momento”. Em outras palavras, identidades descartáveis, flutuantes, líquidas, construídas e trocadas em tempo recorde, cuja dificuldade única consiste em qual delas assumir diante da roda-viva da modernidade líquida. Ser diferente, no movimento oscilatório do momento, torna-se o alvo principal, focado na busca obcecada por um destaque temporário, levado pela correnteza das oportunidades fugazes, em que se vestir de uma nova identidade vira um cabide de trocas momentâneas, prontas para o descarte ao menor sinal de uma nova à vista, desinteressado pelo antes e anterior, no vaivém de um hoje incerto e inseguro.

2.2 Configurações identitárias em diferentes abordagens teóricas

O homem, como ser histórico e social, tem, em sua constituição, a capacidade de construir e reconstruir-se em diferentes configurações identitárias, como resultado de sua vivência pessoal e social, realidade que tem sido alvo de estudos em diferentes áreas do conhecimento, na busca de entendimento de suas múltiplas maneiras de ser e estar no mundo. Os estudos sobre identidade nos permitem caminhar por diferentes significações discutidas em diversas abordagens dentro das Ciências Sociais e Humanas. Nesta parte do estudo, conforme a Figura 01, apresentamos três abordagens que tratam sobre identidade, para informar em qual nos fundamentamos na pesquisa desenvolvida.

Figura 01: Identidade em diferentes abordagens



Fonte: Produzida pela autora (2024).

2.2.1 Identidade: abordagem segundo a Psicologia Social

O estudo da identidade ocupa um espaço privilegiado na Psicologia Social uma vez que essa abordagem permite uma compreensão integrada e contextualizada do ser humano em sua totalidade, superando visões dicotômicas e fragmentadas. O indivíduo é estudado na concepção

de um ser uno, em sua subjetividade, singularidades, diferenças, constituído como sujeito material, histórico e social; enquanto em movimento com a realidade, constrói e reconstrói sua consciência social que lhe permite reconhecer-se e ser reconhecido, podendo promover mudanças na conjuntura de vida.

A Psicologia Social aborda, entre outras coisas, o estudo sobre identidade, utilizando elementos teóricos que resultam na compreensão das diferentes vertentes desse fenômeno social, cuja característica mutável, aberta e múltipla encaminha o sujeito ao autoconhecimento, resultando em movimentos transformadores da realidade e do outro. A realidade social, como campo de atuação dos sujeitos nas relações com os outros, é o objeto de estudo da Psicologia Social, que busca compreender os problemas dessa realidade, bem como os processos mentais que atuam no comportamento do sujeito, entendendo as reações às influências recebidas nessas relações.

Aronson e Aronson (2023, p. 21) descreve a Psicologia Social “[...] como um campo que oferece a compreensão científica sobre a vida social humana e, mais importante ainda, maneiras de aprimorá-la.” O autor, em reflexão sobre a realidade social, enfatiza como a Psicologia Social oferece uma compreensão científica da vida humana e meios de aperfeiçoá-la, tornando-a melhor. Ainda complementa, referindo-se à Psicologia Social: “[...] é o estudo científico da influência da presença real, imaginada ou implícita de outras pessoas em nossos pensamentos, emoções, crenças e comportamentos – e da maneira como influenciemos os outros” (Aronson; Aronson, 2023, p. 26). Continuando na reflexão, o autor enfatiza como a Psicologia Social destaca a influência do outro para moldar decisões e atitudes, o que reforça a importância das relações intersubjetivas na constituição da identidade social.

O homem, como ser social, não sobrevive sozinho (Lane, 2006), necessitando, ao nascer, de outras pessoas para assistência e cuidados ou, pelo menos, mais de uma pessoa, o que já se configura parte de um grupo ou de um grupo de dois. Para se tornar plenamente humana, a criança precisa se apropriar dessa humanidade exterior, da cultura, linguagem, conhecimento, modos de viver, processo que só acontece por meio das relações sociais. Charlot (2000) reforça a questão, destacando que o ser humano é um projeto coletivo: ninguém se constrói sozinho, precisa do outro para se apropriar da vida social, mas também precisa de espaço para reinterpretar e reinventar essa herança.

Nessa perspectiva, a Psicologia Social configura-se em Ciência que tem como foco o estudo do comportamento humano nas caracterizações e especificidades e nas influências que recebe na vida em sociedade. Isto acontece a partir do nascimento desse ser humano ou até mesmo antes disso, em que todo seu contexto de condições históricas e sociais familiares já

influencia na maneira de encarar e cuidar da gravidez deste ser e nos valores significativos que acarretam a vinda. Ciência que tem “[...] por objetivo conhecer o indivíduo no conjunto de suas relações sociais, tanto naquilo que lhe é específico como naquilo em que ele é manifestação grupal e social” (Lane, 2006, p. 19). Complementamos o pensamento, afirmando que o homem é indivíduo e, em decorrência dessa condição, carrega em si características próprias da singularidade. Igualmente, é também, um ser plural, necessitado das relações sociais para completar a essência própria e única. Um paralelo de dualidade complexa, em que o individual e o social funcionam entre si em uma relação de interdependência, tendo, como objetivo final, a constituição do ser uno/social.

Ou seja, uma Psicologia Social firmada na visão de homem como agente e produtor da história, construído e (re)construído nas/pelas interações com o meio social, resultado da atividade desenvolvida pelo trabalho e pela comunicação da linguagem na interpretação de símbolos, signos e sentidos. Ciência que cresce na vertente de reivindicar e mostrar os aspectos políticos de ações científicas, ao (des)construir e (des)articular concepções que moldam ideias, crenças e valores vigentes (Sousa Filho; Santos, 2017).

No contexto da Psicologia Social, essa discussão é de grande relevância, visto que, a partir dos conhecimentos do indivíduo no contexto social, de trajetórias e histórias de vida, é possível delimitar medidas que o auxiliem na superação de limitações, conduzindo-o a processos emancipatórios. A Psicologia Social é uma ciência que compreende a constituição da identidade como processo em construção, em que o homem, articulado na relação dialética com o entorno social inserido, vai incorporando diferentes identidades surgidas em razão dos diversos personagens assumidos, resultado das significações atribuídas a eles pelas experiências vivenciadas (Souza Filho; Santos, 2017).

A constituição identitária é um processo dialético, ou seja, uma construção contínua envolvendo as interações entre o sujeito e o contexto histórico-social. Cada papel social (filho, aluno, trabalhador, amigo) nos oferece novas lentes para ver a nós mesmos, e a soma dessas vivências contribui para a complexidade da identidade. A pesquisa de Ciampa (2005) foi um marco teórico para a Psicologia Social no Brasil, dando um novo enfoque às questões voltadas para a identidade do sujeito, nos movimentos de luta por emancipação e não mais aos problemas antigos voltados às questões grupais, como eram tratadas as investigações anteriores àquela época. A identidade é síntese das vivências e experiências históricas do sujeito individual/coletivo, por isso, (re)afirmamos a importância dessas relações, constituindo-se base para o desenvolvimento das múltiplas identidades, todas reais e concretas, porém fluidas e passageiras, qual movimento instável dos sentidos e significados a elas concedidos.

Cabe ressaltar que o estudo de Ciampa (2005) inova ao fazer conhecida a importância das relações sociais na vida do indivíduo, como uma força propulsora de lutas de sobrevivência frente aos desafios da vida. As dificuldades vêm para todos, propiciando aos sujeitos reações variáveis frente a elas, movendo-os a agirem em relação aos outros em busca de auxílio na sobrevivência. As trocas sociais em meio às dificuldades permitem ao sujeito a manifestação da identidade, representada como expressão de subjetividade naquele determinado momento, fortalecendo o que ele é e o que poderá vir a ser, numa representação contínua de si mesmo.

Ciampa (2005) discute identidade a partir do indivíduo no mundo social como vivendo em processos metamorfoicos, analisados pela constituição de uma identidade representada no indivíduo que o possibilite alçar novos rumos, resultados do engendramento de suas relações individuais dentro do contexto social, político, econômico e histórico. O autor enfatiza que não é possível estudar a identidade dissociada dos estudos sobre vida do indivíduo em sociedade e as relações em grupos. Identidades se projetam, ajustam-se ao meio inserido, como respostas às diferentes configurações da ordem social. Ciampa (2001, p. 72) assegura que “[...] é do contexto histórico e social em que o homem vive que decorrem suas determinações e, conseqüentemente, emergem as possibilidades ou impossibilidades, os modos e as alternativas de identidade”. Identidade como movimento dinâmico, em que a construção é moldada pelas possibilidades e alternativas do ambiente social inserido, em um processo influenciado pelas condições históricas, sociais e culturais.

As condições de vida em sociedade, como capitalismo, dificuldades da vida pós-moderna são impedimentos para o indivíduo configurar-se em verdadeiramente sujeito. No capitalismo, a tendência geral é “coisificar” o homem, tornando-o trabalhador-mercadoria, o que seria o oposto do trabalhador autônomo. Ciampa (2005, p. 232) argumenta: “[...] ora, todos nós sabemos que o movimento do capitalismo é no sentido de uma proletarização de todos que vivem da sua força de trabalho”. O argumento do autor é que o sistema tende a gerar uma proletarização generalizada, transformando todos que dependem da força de trabalho em uma classe trabalhadora ampla e homogênea. Essa visão é contrária à ideia de mobilidade social, apontando para a permanência de desigualdades estruturais. Continuando o pensamento, Ciampa (2001, p. 72) conclui que “[...] o indivíduo ‘torna-se capitalista-propriedade do capital e não proprietário das coisas’”. Isto implica que o indivíduo acaba sendo dominado pelo capital, tornando-se mais uma peça dentro da lógica econômica.

Ciampa (2001, p. 72) constata, recorrendo a uma metáfora, “que o homem deixa de ser verbo para ser substantivo”, o que não é algo próprio nem inerente ao ser humano. Somos mais que substantivos, somos mais que a designação de nomes; somos aquilo que fazemos, aquilo

que produzimos, aquilo que concretizamos. Somos nossas ações, nossas atitudes, nossas atividades; somos verbos.

Continuando nas argumentações, Ciampa (2001) esclarece que, ao criticar o capitalismo (e, como está, continuaremos criticando), não significa afirmar que fora do capitalismo o problema esteja resolvido. Talvez as respostas possam vir de pesquisas interculturais sobre o problema da identidade no mundo capitalista e não-capitalista, neutralizando o viés partidário, mostrando outros caminhos a trilhar.

Como seres humanos essencialmente sociais, somos afetados pelos outros nas trocas e reciprocidades da vida, influenciando e sendo influenciados, formando e sendo formados pelos contextos das vivências e convivências socialmente construídas. Nesse confronto, as identidades também são afetadas, sofrendo mudanças pela presença dos outros nas trajetórias pessoais e profissionais. Os outros, em interações conosco, sempre estarão no centro das influências significativas da vida; sempre serão a causa responsável pelas modificações e emancipações a que as identidades estão sujeitas, uma vez que somos o produto de realidades construídas coletivamente, em que os outros, direta ou indiretamente, estão no centro dessas mudanças para aprimorá-las ou prejudicá-las (Freire, 2002).

O indivíduo, na vivência de contextos históricos e sociais, retrata as múltiplas realidades sociais a que está sujeito, podendo isso acontecer em ambientes dos mais elementares aos mais abastados. As lutas e os desafios das dificuldades vividas, associadas aos diferentes contextos sociais, longe de serem só limitantes e opressoras, podem constituir desafios que levem o indivíduo a uma vida emancipada, resultado de sua identidade que se metamorfoseia sempre na busca de novas possibilidades de bem viver.

Concluindo as reflexões sobre a relação do indivíduo e sociedade, Ciampa (2001, p. 74) sugere a realização de um projeto político, ao afirmar que “[...] A questão da identidade nos remete necessariamente a um projeto político”. Indivíduo e sociedade envolvem uma relação de direitos, deveres e estruturas sociais que moldam a vida em coletividade, sendo necessária, então, uma identidade política. Vivendo em sociedade, ter uma identidade política influencia, molda a forma como o indivíduo participa dela e se posiciona diante das questões sociais e econômicas.

Continuando na argumentação, o autor afirma que a identidade política pode ser tanto um instrumento de emancipação quanto de controle de outros, dependendo de como é construída e vivida pelo indivíduo, o que torna necessário um engajamento em um projeto político realizado coletivamente, democraticamente, “[...] Uma questão prática, [...] enfrentada conscientemente, por nós, todos nós” (Ciampa, 2001, p. 74). É preciso desenvolver um projeto

de vida autônomo, com uma identidade política que possa contribuir para emancipação, permitindo maior participação e transformação social de todos na sociedade.

Ciampa (2001, p. 73) finaliza o pensamento, comentando que essa é uma questão que pediria um amplo estudo de pesquisa empírica que, com certeza, traria à tona o verdadeiro problema da identidade do homem nessa pós-modernidade: “[...] a cisão entre indivíduo e sociedade, que faz com que cada indivíduo não reconheça o outro como ser humano e, conseqüentemente, não se reconheça a si próprio como ser humano”. Desunião que o esfacela, desintegra-o de si mesmo, não reconhecendo nem a si nem ao outro como humano, em um individualismo que o impede de se identificar com o outro, estancando o fluxo natural da relação social. Uma identidade metamorfose no movimento para si e para o outro, construída e reconstruída continuamente.

2.2.2 Identidade: abordagem segundo a Sociologia

O que é identidade? A pergunta instigante vai a outros campos do conhecimento com o propósito de acréscimo às informações já estudadas, ampliando o conhecimento dos conceitos até aqui discutidos. A Sociologia, como ciência que estuda o indivíduo em sociedade, as relações familiares, grupais, institucionais, sociais, culturais, ou seja, interações interligadas às vivências grupais, torna-se um estudo essencial para a compreensão das trocas interativas entre pessoas nas sociedades e nas culturas estabelecidas entre os povos.

O termo identidade constitui um conceito amplamente empregado nas diversas áreas das Ciências Sociais, o que lhe confere um elevado grau de complexidade teórica e metodológica no que tange à definição. No glossário da obra *Sociologia*, de Giddens (2002, p. 694), o termo identidade é definido como uma “característica distinta do caráter de uma pessoa ou [...] de um grupo que se relaciona com o que eles são e com o que tem sentido para eles”. Já a identidade social refere-se às características atribuídas ao indivíduo pelos outros. Nesse contexto, viver em sociedade implica um processo contínuo de identificação, no qual indivíduos e grupos são reconhecidos e se reconhecem por meio de atributos, valores e normas que lhes são próprios ou que lhes são socialmente atribuídos. Essas formas de identificação são construídas e negociadas na convivência coletiva, atravessadas por múltiplas culturas, experiências e interações que moldam o modo como o sujeito se posiciona e é posicionado no mundo social.

Identidade, palavra que engloba diferentes sentidos, recebe atenção e destaque nos estudos da pós-modernidade, ocupando espaço significativo nas pesquisas sociais pela importância sociopolítica em representações sociais dos sujeitos na sociedade (Dubar, 2005; Hall, 2006; Berger; Luckmann, 2004). Sentidos de incertezas, hesitações, instabilidades, fluidez

relacionam-se aos contextos dos sistemas complexos da sociedade atual, o que justifica todo o interesse da contemporaneidade no estudo do tema. Analisada sob diferentes perspectivas, a identidade é entendida como a noção que o indivíduo tem de si mesmo, um sentimento subjetivo e uma forma de representação pessoal, especialmente quando considerada pelas lentes da identidade social e pessoal, conforme discutido por Berger e Luckmann (2004).

A identidade se manifesta no processo de socialização, por meio do qual o indivíduo internaliza os significados, normas e valores de seu grupo social. Identidade que é construída e reconstruída nas vivências do dia a dia, movimentando-se dialeticamente entre o mundo objetivo formado pelas instituições e estruturas sociais e o mundo subjetivo, dimensão central na construção da realidade social. Berger e Luckmann (2004) destacam que o indivíduo se torna quem é por intermédio da incorporação de papéis sociais, que são legitimados por outros e sustentados por discursos e práticas cotidianas. Assim, a identidade é simultaneamente pessoal e social, sendo moldada pelas relações interpessoais, pelas expectativas institucionais e pela maneira como o sujeito se reconhece e é reconhecido pelos outros.

Kaufmann (2005) realça que, em termos históricos, o conceito de identidade é relativamente recente, embora seja uma temática discutida pela Filosofia desde a antiguidade, não sendo uma temática desconhecida para essa Ciência. No passado distante, o conceito não era investigado como na atualidade, estando mais ligado às vivências em coletividade, em que as pessoas eram vistas não em sua individualidade, mas como partes de grupos, como família, comunidades religiosas, territoriais, políticas, inserções que davam sentido às suas existências.

No entendimento de Kaufmann (2005, p. 15), “[...] não se trata exatamente da identidade tal como é maioritariamente entendida hoje nas ciências humanas: a interrogação do ponto de vista do indivíduo (ou do grupo), sobre sua própria definição”. O autor argumenta que o estudo era voltado para uma falsa evidência de *mesmidade*, focando o caráter do que é idêntico. Nessa premissa, o sujeito era apenas um exemplo entre outros, embora Kaufmann (2005) admita que os estudos filosóficos tenham trazido esclarecimento ao entendimento dessas questões.

Na Sociologia, o estudo conceitual de identidade pertence a uma abordagem subjetiva, não deixando de ser, com isso, um estudo importante para discussões com bases sociológicas. Berger e Luckmann (2004) evidenciam elementos da realidade subjetiva situada em uma relação dialética com a realidade social. Os autores concluem a discussão, resumindo: “[...] a identidade é formada por processos sociais. Uma vez cristalizada, é mantida, modificada ou mesmo remodelada pelas relações sociais” (Berger; Luckmann, 2004, p. 228). A argumentação dos autores é que identidade não é um atributo fixo, mas sim um produto resultado de relações sociais. Uma vez consolidada, pode ser mantida, transformada ou até remodelada conforme as

relações sociais vão se modificando. Identidade é um processo dinâmico, que atua como um elo entre o indivíduo e o sistema social, reflexo das interações que moldam a experiência humana.

Nesse aspecto, Dubar (2005, p. 21) discute a temática afirmando que “[...] identidades são denominações relativas a uma época histórica e a um tipo de contexto social. [...] Todas as identidades, coletivas e pessoais, são assim consideradas em processos históricos e contextos simbólicos”. O pensamento do autor se alia à ideia de que identidades são construções sociais e históricas, moldadas pelo contexto em que estão inseridas. Tanto as identidades individuais quanto as coletivas resultam de um processo dinâmico e são continuamente redefinidas por processos históricos e simbólicos, o que reforça a ideia de identidade como fenômeno relacional sempre em construção e reconstrução.

Em síntese, (re)afirmamos ser a identidade produto de vivências e experiências grupais, expressando significações, preferências, escolhas, em uma definição do que estamos vivendo em um determinado momento. A construção é móvel, inconstante, variável, sujeita a mudanças e imprevisibilidades do tempo e da hora que a constituíram. Nessas mudanças, a individualidade vai se metamorfoseando, igualando e sendo diferenciada, formando e sendo formada à semelhança do sistema social que a originou, sem, contudo, perder a diferenciação social que a distingue como ser único e inigualável.

Brandão (2015) argumenta que o estudo da identidade não é de entendimento fácil, devido ao fato de os fenômenos identitários localizarem-se em regiões de fronteiras, o que justifica ser tema de interesse de variadas abordagens, embora o fato também dificulte a conexão com outros ramos de conhecimentos. Somando-se a isso, os estudos identitários podem ser entendidos como base de lutas sociais, ideológicas e políticas, envolvendo também as que se encontram no próprio campo científico, o que leva a autora a advertir: “[...] a discussão em torno dos fenômenos identitários tem, por isso, muitas vezes, implícita tanto a questão da relação entre sociedade e indivíduo, como os interesses particulares de cada disciplina” (Brandão, 2015, p. 8). Lutas sociais, ideológicas e políticas remetem à ideia de disputas sobre pertencimento, reconhecimento e poder. A discussão sobre a temática da identidade não ocorre isoladamente, mas está essencialmente ligada à relação entre sociedade e indivíduo, o que sugere não ser apenas um conceito teórico, mas um espaço de interesses de diferentes abordagens e disciplinas na busca de definir os fenômenos identitários.

Nesse entendimento, afirmamos que o estudo identitário não se trata da abordagem de duas realidades antagônicas entre si, a especificamente social e a outra especificamente individual. São realidades que criam e se (re)criam entre si, em articulações mútuas. Devido a suas variadas e múltiplas maneiras de abordagens, o conceito pode significar: igualdade e

diferença, representações, movimentações do eu, personagens, metamorfose, autoconceito, subjetividade, *self*, o que mostra a complexidade da temática que a constitui. Brandão (2015, p. 8) conclui, dizendo “[...] tratar-se, na verdade, de um conceito que parece sempre escapar a uma definição linear ou estática”.

O que resumimos, afirmando que, embora se trate de um estudo sem linearidade ou imobilidade, identidade, como fenômeno, tem bases sólidas, ao dizer-se que “[...] identidade é movimento; é desenvolvimento do concreto; identidade é metamorfose; é sermos Um e um Outro, para chegarmos a ser Um, numa infundável transformação” (Ciampa, 2001, p. 74). Essa é a ideia sempre reforçada de identidade como um processo dinâmico e em constante metamorfose, movimento contínuo de transformação; identidade construída na tensão entre o indivíduo e o coletivo, sendo simultaneamente Um e Outro, até alcançar uma nova síntese em um ciclo interminável.

Carregamos, na existência, as marcas das trajetórias e histórias de vida que ficam impressas em nós, dando ao caráter múltiplas identidades que se manifestam, ora individualmente, ora coletivamente, em resposta às situações vividas em diferentes momentos. Vivemos uma pluralidade de situações que nos levam a acompanhar o ritmo da vida que se movimenta na realidade da existência, realidade sempre mutável, nunca fixa nem estática.

Refletir sobre identidade é refletir sobre um fenômeno relacional. Como processo em construção, tem-se como base a interação com o outro, semelhante a mim, porém distinto em subjetividade e maneira de ser. Caracterizada como singularidade, é, ao mesmo tempo, pessoal, ímpar e social, o que permite ser partilhada com outros. Pensando no contexto da prática docente, os professores, por meio de conversas regulares com colegas, reflexões conjuntas e análise do trabalho dos alunos, são beneficiados, tanto para a eficácia da escola como para reduzir a percepção de dificuldade no trabalho docente. No entendimento de Lima e Fialho (2015), a colaboração entre professores se evidencia quando eles mantêm diálogos frequentes com seus colegas, refletindo em conjunto sobre os objetivos da escola e analisando coletivamente o trabalho desenvolvido pelos alunos. A ideia central é que as relações entre pares fortalecem tanto o desenvolvimento profissional quanto o ambiente escolar.

A identidade reflete o que sou, nas experiências de vida ímpar e singular como também as características próprias da época, da sociedade e da cultura de onde vivo. “[...] Saber quem somos implica saber quem são os outros, e é esse conhecimento que permite o fluxo da vida – saber o que esperar está intimamente ligado ao saber como agir”, sintetiza Brandão (2015, p. 153-154). O sentido é reconhecer que a identidade é inseparável da alteridade: somos porque convivemos e é nesse diálogo que aprendemos a agir, a esperar e a dar sentido à vida em comum.

Nesse entendimento, as bases fixas da identidade apoiam-se em elementos duradouros que conferem coerência à trajetória pessoal e social do sujeito. Embora de movimentação instável, temporal e passageira, as relações sociais a constituem. Por meio delas, o eu se desestabiliza e se estabiliza, se encontra e se desencontra, rumo à singularidade individual e à similaridade com os outros. Na identidade, há um encontro do *eu* e do outro, em uma junção tornada possível, graças à interação contínua entre ambos, fruto da tensão criativa entre o que somos e o que aprendemos a ser nas relações coletivas. Pensamento que dialoga com Freire (2002) e Tassoni e Leite (2013), quando refletem sobre educação como prática afetiva e social. Não basta transmitir conteúdos, é preciso criar espaços de diálogo e participação, tornando a sala de aula espaço de escuta e troca, favorecendo a construção de autonomia e do pensar crítico diante da realidade junto a outros. Tassoni e Leite (2013) reforçam que o professor é um sujeito relacional, cuja prática pedagógica só se realiza plenamente quando considera a dimensão humana, afetiva e social da aprendizagem, construindo vínculos humanos que dão sentido ao saber.

Voltando o pensamento para teóricos discutidos na abordagem sociológica da identidade, Dubar (2005) e Berger e Luckmann (2004), reconhecemos que as ideias se harmonizam em identidade como construção social. Nas discussões, eles dialogam sobre o processo dinâmico da identidade, produto de interações do sujeito no contexto histórico, social e cultural. Dubar (2005) enfatiza que a identidade é resultado da socialização, sendo constantemente reconstruída ao longo da vida, em ligação com o contexto social, cultural e com as trajetórias subjetivas do indivíduo, como resultado de sucessivas socializações.

Dubar (2005) afirma ainda que identidade é construção social, resultado das inter-relações nos grupos em que o sujeito se insere, sendo a participação do outro fundamental nessa construção, viabilizada pelas trocas, impressões e contribuições próprias desses contatos relacionais. O autor esclarece que “[...] a identidade nunca é dada, é sempre construída e a (re)construir em uma incerteza maior ou menor e mais ou menos durável” (Dubar, 2005, p. 104). É na vivência das relações sociais que as identidades, tanto de si quanto do outro se configuram, uma vez que ambas estão interligadas e não se separam; a identidade para si é estabelecida pelo olhar do outro e vice-versa.

Nesse entendimento, Dubar (2005) e Berger e Luckmann (2004) abordam a identidade dentro da teoria da construção social da realidade, destacando que os indivíduos internalizam normas e valores por meio da socialização primária e secundária. Eles afirmam que a identidade é um produto das interações sociais, sendo continuamente negociada e redefinida, significando dizer que a construção social é o esteio recorrente dos estudos sobre identidade.

Dubar (2005) e Berger e Luckmann (2004) asseguram que não se trata de uma dimensão inata, essencialista, gerada antes do nascimento, mas é parte de um processo histórico construído socialmente ao longo da vida. A pessoa a (re)constrói em suas relações com o mundo de pertencimento, resultado de várias vozes ecoadas em suas múltiplas experiências individuais e coletivas, caracterizando diferentes identidades, diferentes formas de ser, diferentes representações. Uma construção interminável, inacabada, fluida e temporal do que somos e do que seremos, no movimento dialético das nossas superações e transformações.

2.2.3 Identidade: abordagem segundo a Antropologia

O homem sempre foi um observador de si mesmo e dos outros, refletindo sobre comportamentos e múltiplas maneiras de vivência em sociedade. Essas observações diversificadas de modos de vida social têm acompanhado pessoas em todas as culturas e épocas, o que se conclui que são comportamentos tão antigos quanto a humanidade, nas vivências e experiências de conhecimentos elaborados a esse respeito.

A Antropologia, enquanto disciplina nascida na Europa, inicialmente, teve seu foco de investigação nas chamadas ‘sociedades primitivas’, consideradas como incomuns e distantes da civilização ocidental. Com o avanço das relações interculturais e o desaparecimento desses grupos sociais, a Antropologia enfrentou uma crise de identidade no início do século XX, o que levou a reorganizar seus estudos, se afastando do objeto empírico e estático das sociedades primitivas, para outras correntes epistemológicas com diferentes visões da natureza do conhecimento. Essa mudança ampliou o olhar da Antropologia, que passou a estudar o ser humano em sua totalidade, na compreensão de suas variadas maneiras de organização social, econômica, política, jurídica, religiosa e simbólica (Valpassos; Cunha, 2011).

Nesse contexto de transformação epistemológica, o estudo da identidade recebeu novo conceito, ganhando centralidade na análise antropológica, compreendida como um fenômeno relacional, construída tanto pela autoatribuição quanto pela atribuição feita pelos outros, contida em duas dimensões, a pessoal (individual) e a social (coletiva), segundo Oliveira (1976). Essa noção de identidade tem instigado os antropólogos a estudarem o assunto, procurando mostrar como o pessoal e o social estão interconectados, permitindo tomá-los como dimensões de um mesmo e inconclusivo fenômeno, situado entre diferentes níveis de realização.

Continuando, Oliveira (1976) afirma que o homem, vivendo em coletividade, tem pensamentos resultantes de categorias formadas pela vida social, o que leva Berger e Luckmann (2004) a reforçarem esse pensamento, afirmando que o fenômeno identidade é constituído da relação dialética entre o indivíduo e a sociedade e, uma vez concretizada e mantida, todo

processo identitário vem a ser resultado dessas relações sociais, sendo este o modo de tornar-se membro participante de uma sociedade.

Ou seja, não se trata de uma essência fixa, mas de um processo dinâmico de reconhecimento e diferenciação que se dá nas interações sociais. A identidade passa a ser compreendida não apenas como uma expressão individual, mas como um processo coletivo e dinâmico. Ao tornar-se membro participante de uma sociedade, o indivíduo internaliza normas, valores e significados que o ajudam a se reconhecer e a ser reconhecido. Assim, a identidade é tanto uma construção pessoal quanto uma atribuição social e é nesse entrelaçamento que se revela sua complexidade. Nessa perspectiva, a Antropologia investiga os indivíduos a partir de suas construções e significações a respeito de si mesmos e dos outros, o que revela a complexidade das vivências culturais e sociais que formam as identidades humanas (Valpassos; Cunha, 2011).

Em razão disso, as Ciências Humanas reconhecem cada vez mais a importância do estudo antropológico, favorecendo a compreensão do homem nas relações com o outro. Na perspectiva de Barreiro e Antônio (2016, p. 7), “[...] o conhecimento antropológico cada dia ganha mais espaço e importância no campo das ciências humanas, justamente por oferecer uma perspectiva sobre o ser humano e suas relações com o outro”. Esse entendimento decorre dos saberes construídos entre os sujeitos historicamente estudados, entre observador e observado, revelando um conhecimento que se constitui a partir do próprio objeto de investigação, ou melhor, pelos próprios sujeitos pesquisados, a partir da relação que se estabelece no momento da pesquisa.

Isso permite à Antropologia construir um saber *com* humanos e não mais constituir-se em ciência *do* humano, aprofundando e ampliando os conhecimentos do indivíduo em variadas maneiras de viver em sociedade. A diversidade humana é o principal objeto de reflexão da Antropologia, visão que favorece não só o conhecimento do outro como também de si mesmo (Barreiro; Antônio, 2016). Isso acontece por serem as sociedades e culturas universais povoadas no universo das singularidades humanas, no diferencial de indivíduos que se compõem sujeitos sociais pelas relações de reciprocidade estabelecidas entre eles, imersas na distinção e semelhança de cada um.

Refletir sobre a natureza distinta do outro, sobre a individualidade que o constitui diferente e único, proporciona a experiência de alteridade, “[...] uma das principais ferramentas do pensamento antropológico, e o principal legado que esta disciplina imprime às Ciências Sociais” (Barreiro; Antônio, 2016, p. 9). A experiência de alteridade é a base do pensamento antropológico por permitir compreender e analisar as diferenças culturais e sociais, não as

minimizando a meras comparações ou semelhanças. Os autores referidos a consideram uma das principais ferramentas da Antropologia (Barreiro; Antônio, 2016). Entendemos por alteridade a capacidade de reconhecer e interpretar o outro dentro de seu próprio contexto sem impor valores externos. Esse conceito é central para os estudos culturais, pois possibilita uma abordagem mais profunda e respeitosa das diversas formas de organização social (Hall, 2006).

Dessa forma, a Antropologia como Ciência Social estuda o ser humano em sua totalidade, origens, tempo e lugar de existência, investiga a diversidade cultural do homem em todas as multiplicidades, como cultura, costumes, valores morais, religião, crenças, ritos, relações familiares e tantos outros componentes que dizem respeito à caracterização identitária humana. Ocupa-se em desvendar os fenômenos sociais relativos ao homem, representados na identidade social e cultural, consolidando-se como um saber dinâmico, que acompanha as mudanças da/na humanidade. É a compreensão do processo de constituição do que somos e do que nos tornamos dentro das relações indivíduo e sociedade, identidade e cultura.

A abordagem antropológica constitui um estudo amplo e diversificado de como são diversas as identidades culturais e sociais provenientes das histórias dos povos nas variadas construções identitárias (Feldens; Fusaro; Carvalho, 2018). Trata-se de uma abordagem abrangente e esclarecedora, favorecendo conhecimentos que ampliam o entendimento do que seja o ser humano em todas as especificidades culturais, etnográficas e representações sociais.

Os estudos antropológicos exploram conceitos de sociedade, cultura e indivíduo como pilares fundamentais para compreender a construção da identidade cultural, temática que tem sido objeto de estudo contínuo por parte de cientistas sociais (Feldens; Fusaro; Carvalho, 2018). Desde o início da história, o homem vem desenvolvendo-se a partir das vivências em grupos, comunidades, estabelecendo vínculos no meio inserido, ensinando e aprendendo, sendo conhecido e fazendo-se conhecido por meio de reciprocidades das relações partilhadas. A vida em sociedade favoreceu as trocas mútuas, colocando as relações uns com os outros como fonte de conhecimento recíproco, estabelecendo tradições e culturas entre os povos (Valpassos; Cunha, 2011). Para compreender melhor as questões referentes à cultura e aos processos identitários, é preciso trazer uma breve noção do que é cultura dentro do estudo da Antropologia e o que é a Antropologia dentro do estudo das Ciências Sociais.

O que é cultura? O termo apresenta variadas significações. Podemos falar de cultura como sinônimo de educação, de civilidade, de cultura popular, como antítese à cultura erudita, cultura de grupos sociais, como a cultura pop, cultura punk, cultura da classe trabalhadora, cultura religiosa, cultura de mulheres e, ainda, nos referir à cultura de determinados povos ou nações, como a cultura inglesa, cultura brasileira, incluindo aí a cultura regional, como a cultura

nordestina, em um sentido mais abrangente, bem como ainda nos referir à cultura de uma civilização, como a cultura Oriental ou Ocidental (Gonçalves, 2010). Como visto, cultura é uma palavra de significação polissêmica que pode ter variados entendimentos, mas, neste estudo, nos deteremos sobre cultura na visão antropológica.

A definição dessa abordagem é afirmada por Mintz (2009, p. 223), ao dizer que “[...] cultura antropológica seria uma propriedade humana ímpar, [...] uma forma simbólica [...] de comunicação, vida social, e a qualidade cumulativa de interação humana no interior dos grupos humanos”. O que seria inteiramente concebível ao homem na vivência em sociedade, dada a capacidade de se apropriar de informações desenvolvidas ao longo dos tempos, perpetuando hábitos, crenças, valores e conhecimentos dos povos transmitidos pelas tradições orais, na observação de si mesmo e dos outros.

Ademais, identidade, segundo a abordagem da Antropologia, é uma temática reforçada por Feldens, Fusaro, Carvalho (2018) ao afirmarem que, para termos uma noção lúcida das questões identitárias dentro de uma sociedade, grupo ou indivíduo, não há uma metodologia científica única ou regras padrões. Uma diversidade de lentes pode refletir esta realidade, incluindo a cultura, como parte significativa dos elementos identitários formadores. Oliveira (2023) comenta que identidade é um termo de natureza abrangente que permite uma variedade de conceitos, sendo uma construção discursiva situada e que só pode ser compreendida plenamente quando reconhecemos os diferentes jogos de linguagem que a moldam.

Esse entendimento favorece a compreensão da identidade como um conceito de múltiplas significações, cuja definição varia conforme as perspectivas teóricas adotadas, sendo relacional e contextual: ela se define na interação entre sujeitos e grupos, e no modo como diferentes discursos a nomeiam e interpretam. Trata-se de uma construção social que permite situar o indivíduo ou o grupo dentro de um contexto cultural específico, revelando os sentidos atribuídos às suas formas de pertencimento e diferenciação. Situando esse ponto na contemporaneidade, Gusmão (2008) afirma que o momento atual nos permite vivenciar intensas mudanças globais.

Gusmão (2008, p. 48) ratifica que “[...] a Antropologia, como ciência da modernidade, coloca seu aparato teórico construído no passado, com possibilidade de, no presente, explicar e compreender os intensos movimentos provocados pela globalização”. Embora com isso os avanços sejam notórios, reconhecemos que nem tudo está em ordem no planeta; em muitos lugares, povos de diferentes culturas pedem um espaço próprio e singular, o que torna esses tempos estranhos e desorganizados. É possível notar-se uma aproximação entre os povos, mas ela não é homogênea nem universal, podendo perceber-se desigualdades econômicas, políticas

e culturais. Os avanços tecnológicos permitidos pela globalização tornaram o ‘mundo pequeno’, mas as sociedades convivem com efeitos de tanto agregar quanto excluir, o que torna as sociedades mais complexas e desiguais (Gusmão, 2008).

Continuando, Gusmão (2008) afirma que, para explicar e compreender essa aparente desorganização da contemporaneidade provocada pela globalização, a Antropologia, como ciência da modernidade, usa suas ferramentas e conhecimentos construídos no passado, em uma tentativa de pôr ordem nessa aparente esquizofrenia. A Antropologia se preocupa com as relações entre os homens e o mundo social criado por eles, sua realidade social intrincada, permeada por contrastes entre inclusão e exclusão, buscando formas de intervenção sobre esses contextos vividos na contemporaneidade, facilitando o enfrentamento de desafios diante da globalização e os impactos desencadeados pelo aumento da interconexão mundial.

Outras perspectivas teóricas têm emergido em decorrência dos desafios da atualidade, questionamentos que afetaram as ciências humanas ainda na metade do século XX, os chamados estudos culturais, com sua definição no interior das correntes ditas pós-modernas. Analisar os estudos culturais pelas relações existentes entre eles e a Antropologia vem a ser um grande desafio teórico, reitera Gusmão (2008). Os estudos culturais surgiram como uma abordagem crítica visando ao entendimento das práticas culturais vivenciadas coletivamente pelos indivíduos nos grupos sociais e refletem as relações de poder no interior desses grupos, interferindo na constituição de identidades.

Segundo Hall (2006), identidade na abordagem da Antropologia é tratada com foco na identidade cultural, decorrente de um processo de identificação do indivíduo ao inserir-se nas definições fornecidas pelos discursos culturais. Nesse contexto, a identidade cultural resulta de uma transformação que acompanha a movimentação das oportunidades de experiências que se estimulam a partir do que somos guiadas pelo fluxo de um vir a ser constante e ininterrupto; identidade cultural em constante mudança, interligada com o passado e o futuro, sem existência prévia, mas buscando um alvo a ser.

As identidades culturais, diz Hall (2006), têm histórias que sofrem mudanças conforme a variação histórica. O passado não é imutável, tudo é movimentação que se sujeita ao desenrolar dos acontecimentos, “[...] longe de se fundarem numa mera recuperação do passado [...] (que) uma vez encontrado, assegurará para todo sempre a estabilidade do nosso sentido de nós próprios” (Hall, 2006, p. 24). Isso significa que a identidade cultural não é simplesmente uma recuperação do passado, mas um processo contínuo de construção e transformação. Em vez de ser algo fixo e imutável, a identidade cultural está sempre em movimento, influenciada por fatores históricos, sociais, culturais e políticos.

Em continuidade, Hall (2006) conclui: “[...] as identidades são os nomes que damos às diferentes formas como somos posicionados pelas narrativas do passado e como nos posicionamos dentro delas”. Identidade cultural não é apenas algo herdado, mas também algo que reinterpretamos e renegociamos constantemente. Sob essa perspectiva, sintetizamos ser um estudo de diferentes faces e interfaces em que somos moldados no mover da história, faces maleáveis, fluidas, sem essencialismo nem rigidez, antes, flexíveis e temporais.

Hall (2006, p. 12) destaca que “[...] o fato de que projetamos a nós próprios nessas identidades culturais, [...] contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos como os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural”. A identidade cultural é formada por discursos, experiências e relações sociais que moldam como nos vemos e nos situamos no mundo, não sendo apenas um reflexo do mundo externo, mas um processo que alinha sentimentos subjetivos com as posições que ocupamos na sociedade. Nessa acepção, a identidade funde o indivíduo à estrutura, trazendo estabilidade tanto para o sujeito, quanto aos mundos culturais que habita, o que faz com que ambos se tornem reciprocamente mais unificados e compreensíveis.

Isso comprova ser a identidade cultural e social uma representação visível do que nos acontece, moldando e nos identificando ao universo cultural. Identidade constituída por diversas representações integradas a diferentes perspectivas, formando um mosaico complexo de elementos que refletem as experiências, tradições e valores de um grupo ou indivíduo. Identidade como reflexo de atitudes interiorizadas, unindo ações objetivas em significações subjetivas assumidas como próprias de nós mesmos, sem rasuras nem linhas de separação, mas uma representação idêntica ao que sou naquele momento/lugar. Uma identidade não fixa nem imutável, mas um processo contínuo de construção e transformação, influenciado por mudanças sociais e históricas.

Reconhecemos que as abordagens discutidas sobre identidade segundo a Psicologia Social, a Sociologia e a Antropologia convergem entre si em sentidos que se aproximam, uma vez que são unânimes em reconhecê-la como algo não fixa ou essencialista, mas um processo contínuo de construção e reconstrução do indivíduo nos contextos sociais, históricos e culturais.

Tais perspectivas também se completam quando abordam as múltiplas determinações de uma realidade concreta e contraditória, resultado da diversidade de fatores que a constituem, o que dá à temática um caráter real e unificado, na constituição das identidades. Nesta visão, é possível compreender que as abordagens da Psicologia Social, da Sociologia e da Antropologia situam a identidade profissional docente como processo complexo e relacional, em contextos sociais experienciados pelos professores nas realidades vividas e constantemente permeadas

por múltiplas dimensões simbólicas, afetivas e culturais que formam o modo como esses docentes se percebem e se posicionam no exercício da profissão musical.

As três áreas do conhecimento sobre as quais refletimos, nesta parte do estudo, servirão como fundamentos centrais para nossas análises sobre a complexidade da constituição identitária do professor do Curso Técnico em Instrumento Musical, do IFPI, tendo em vista que compreendem que a identidade do professor não pode ser reduzida a um conjunto de competências técnicas ou a uma função institucional, mas configura-se como construção relacional e dialética, fortalecida pelos conhecimentos e competências da prática, envolvendo vínculos sociais e afetivos que sustentam o sentido da profissão.

2.3 Identidade pessoal: o social e o pessoal interligados

A identidade, enquanto fenômeno inerente à existência tem, em sua expressão, a marca distinta da individualidade e da coletividade, uma dicotomia que nos diferencia dos demais em sua constituição singular e plural. Como sujeito, o indivíduo tem um *Eu* de características únicas e singulares, que carrega em si uma autoimagem geral na personalidade, imagem única e inconfundível que responde à questão “quem sou eu”, confirmada e estabelecida no meio social inserido, cuja expressão identitária se diferencia dos demais, enquanto aproximada pelo reconhecimento e validação dos outros.

A Psicologia Social, a Antropologia e a Sociologia favorecem o entendimento da complexidade da constituição identitária. Particularmente, nos estudos de Ciampa (2005), a identidade é vista como um processo em andamento, desenvolvida nos percursos de vida de cada sujeito, por meio de suas construções individuais e sociais. Cada indivíduo, segundo o autor, vive interações sociais que configuram sua identidade pessoal e social como processo sempre aberto e inacabado. Esse processo é afetado pelas inter-relações, tem marcas das sociedades em que está inserido, como resultado de ações sociais e de políticas públicas, advindas de uma estrutura social mais ampla, que irá possibilitar novos padrões e modelos de identidades sociais (Ciampa, 2005).

Com o avanço das tecnologias digitais, as distâncias se encurtaram, os povos se aproximaram e as visões se ampliaram, trazendo benefícios ao aprofundamento das relações econômicas, sociais, culturais, estruturais, permitindo maior rapidez na troca de informações e conhecimentos entre si. Segundo Castells (1999, p. 40), esse fenômeno “[...] tanto está promovendo a integração global da produção e distribuição de palavras, sons e imagens de nossa cultura como personalizando-os ao gosto das identidades”. O que se conclui é que, na era

da sociedade em rede, como Castells (1999) denomina, a identidade torna-se um campo de disputa, em que diferentes discursos competem por um espaço de legitimidade e pertencimento.

A conectividade virtual assume um papel fundamental na circulação de informações, transformando profundamente os modos de pensar e de se comunicar. Ao promoverem essas mudanças, as tecnologias da informação criaram um ambiente virtual caracterizado pela diversidade e pela interligação de saberes (Camargo, 2007). A tela do computador, do celular ou da televisão deixa de ser apenas um meio de comunicação e passa a ser um espaço de construção simbólica por meio do qual o indivíduo negocia sua autoimagem diante da multiplicidade de narrativas que circulam globalmente. Castells (1999, p. 40-41) afirma que “[...] as mudanças sociais são tão drásticas quanto os processos de transformação tecnológica; [...] nossas sociedades estão cada vez mais estruturadas em uma oposição bipolar entre a Rede e o ser”.

Isso revela identidades como sujeitas às oscilações contextuais da realidade contemporânea, uma prova de que, atingidas nas estruturas básicas de manifestações e expressões, movimentam-se em uma fragilidade de múltiplas dimensões, descartáveis, efêmeras, fluidas e sem estabilidades, o que evidencia, como ressalta Bauman (2005, p. 18), as influências da realidade sócio histórica nas identidades, uma vez que “Em nossa época líquido-moderna, o mundo em nossa volta está repartido em fragmentos mal coordenados, enquanto as nossas existências individuais são fatiadas numa sucessão de episódios fragilmente conectados”.

A conectividade em rede assumiu um papel fundamental na circulação de informações, transformando profundamente os modos de ser, de pensar e de se comunicar. As tecnologias da informação, ao promoverem essa mudança, criaram um ambiente virtual caracterizado pela diversidade e pela interligação de saberes, o que vem ressignificando os espaços de ensino e de interação social (Camargo, 2007).

Esse cenário alimenta a condição eternamente temporária da identidade, constituída em contextos marcados pela instabilidade e fluidez das relações, impactando diretamente sua constituição social. A identidade social torna-se um processo contínuo de negociação entre o que o indivíduo é, como se percebe e como é percebido pelos outros. Dessa forma, é possível compreender que a identidade social, longe de ser uma estrutura fixa, constitui um processo dinâmico e relacional, profundamente influenciado pelas experiências vividas e pelos contextos sociais em constante transformação.

Abrantes (2011, p. 122) confirma isso ao afirmar que “[...] todas as experiências do indivíduo, ao longo da vida, contribuem para o processo de socialização, ou seja, para a

construção de disposições internas que permitem (e orientam) a participação na vida social”. O autor explicita que as experiências individuais são apenas partículas de um todo, um somatório que se juntará a outras infinitas partículas desse todo social, o que vai depender da percepção e disposição do indivíduo em interpretar a vida social (Abrantes, 2011). Cada experiência, seja no ambiente familiar, escolar, profissional ou comunitário, contribui para moldar as disposições internas que orientam o comportamento social. Isso evidencia que a participação na vida coletiva está diretamente relacionada ao repertório de interações acumuladas ao longo da trajetória pessoal, tornando a socialização um fenômeno dinâmico e profundamente enraizado na história de cada sujeito.

Reafirmando a premissa de seres sociais, vivências refletirão essa índole, ou seja, essa disposição para a proximidade junto ao outro, identidade na vida social, em comunidades ou grupos, em uma inclinação que resultará em atitudes, experiências, ações e comportamentos característicos de um viver no meio social; viver inteiramente adequado à compleição, em composição psicológica e moral de existência.

“É necessário, portanto, refletir sobre este processo de construção do ser humano, sobre a relação entre indivíduo e sociedade, entre identidade e cultura, temas que nos empurram para uma discussão em que estamos existencialmente inseridos” (Ewald; Soares, 2007, p. 24). Na afirmação dos autores, equivale dizer que estamos em construção a todo instante, um processo iniciado no começo da vida, mas sem data de conclusão. Uma dinâmica envolvendo toda a existência do indivíduo, em que nenhuma peça é excluída, todas fazem parte do quebra-cabeça da realidade individual.

Berger e Luckman (2004) também discutem a construção da realidade social como um processo sempre aberto e em andamento na configuração do mundo em que se vive. Os autores afirmam que essa construção se dá por meio dos modelos relacionais de convivência nos espaços construídos pelos indivíduos em formações identitárias, alcançando uma condição de mudança social nas inter-relações, mudança inerente à transformação do sujeito, comprovando, assim, que a identidade é fator de construção social.

Berger e Luckman (2004) concluem que é pela socialização que o indivíduo firma e reafirma a identidade nas trajetórias, ao se apropriar dos valores, normas, costumes, papéis sociais, atitudes, produzindo sentidos sobre eles. Além de Berger e Luckman, (2004), outros autores, como Dubar (2005) e Hall (2006), comungam da ideia de que as atividades sociais, em sentidos e significados é que “[...] irão constituir a consciência e, por que não, a identidade social”. Equivale dizer que a atividade significada, aliada ao desenvolvimento da consciência,

tem muito a ver com o entendimento da identidade do indivíduo ou grupo social em sua aprendizagem dos significados e sentidos em relação ao mundo inserido em sua prática social.

Significa entender que somos, em essência, indivíduos dotados de consciência que nos permite perceber a realidade contextual, produto da realidade inserida, que nos configura à vida individual e coletivamente, singular e plural, promovendo constante movimentação no processo de socialização. Esse processo está sempre aberto e incompleto; sua completude é preenchida na relação com os outros, uma vez que somos dotados de um senso de inacabamento que nos impulsiona e direciona as relações de convivências sociais.

Com base nessa exposição, destacamos que a identidade social é resultado de construções significativas, em realidades que nos configuram a vida social, na vertente individual e coletiva, singular e plural, promovendo constantes movimentações na complementação de nós mesmos pelas relações com os outros. Trata-se de um processo de conhecimento do *eu*, cuja essência reside na constituição de si mesmo em relação aos outros. Essa dinâmica relacional, marcada pela reciprocidade, configura-se como um movimento dialético de alteridade, no qual o *eu* se constitui na interação e se transforma pela presença dos outros.

Desde a infância, somos afetados pelo entorno social onde vivemos, família, escola, igreja e circunvizinhanças, impactados pelas relações desenvolvidas com os outros. Isso se constituirá nos fundamentos da identidade pessoal e social, resultado das representações identitárias vivenciadas no contexto social e cultural, em que organizações políticas e sociais da sociedade possibilitam padrões e modelos de identidades já estabelecidas culturalmente (Formosinho, 2009).

Entendemos que a realidade social vive em constante movimentação, uma vez que é composta por indivíduos que experimentam mudanças frequentes, alterando o que são e como são, a maneira como vivem e como são vistos. Tomando por referência o nosso nome, questão já discutida neste estudo, ao dizermos que somos o nome, nos tornamos nosso nome. Ciampa (2005) destaca a estranheza que seria sermos identificado por um nome diferente. Contudo, o nome é apenas uma representação que nos identifica, pois, ao nos referirmos a Maria José, por exemplo, estamos fazendo ligação à figura de alguém, cujo nome é apenas a representação dessa pessoa. Isso acontece como resultado de inserção em uma sociedade em constante movimentação, permitindo experimentarmos mudanças frequentes, alterando o que somos e como somos, a maneira como nos vemos e como somos vistos (Dantas, 2013).

Reconhecemos a complexidade de entendimento sobre identidade, tema de compreensão dúbia, imprecisa, indefinível, exemplificada em representações sociais como

tentativa de nos tornarmos conhecidos e aceitos em diferenciais, ao assumirmos diferentes papéis sociais. Embora seja uma forma de diferenciação da identificação, a representação social é questão convencionada pela sociedade para a compreensão de determinado assunto, trazendo significação às práticas e simbologias, permitindo aos sujeitos se posicionarem. “Por meio dos significados produzidos pelas representações, é que damos sentido à nossa experiência e aquilo que somos” (Silva, 2014, p. 17-18). As representações sociais compreendem um processo cultural em que é possível responder às questões – “quem sou eu?” “quem eu quero ser?” Por trás das representações sociais, existe o espaço para o sujeito se identificar no que é e no que almeja ser.

Continuando, o autor explica que o termo engloba várias perspectivas, mas destacaremos a perspectiva pós-estruturalista, em que a representação inclui todos os sentidos de indeterminação, ambiguidade e instabilidade atribuídos à linguagem. “[...] A representação é, como qualquer sistema de significação, uma forma de atribuição de sentido. [...] como tal, é um sistema linguístico e cultural, indeterminado, arbitrário, estreitamente ligado a relações de poder” (Silva, 2014, p. 93). O que evidencia o comportamento fluido e efêmero da identidade, posição associada aos significados dados às nossas posturas, sejam elas quais forem, estranhas, idiossincráticas, normais ou anormais, todas peculiares a nós mesmos e representam nossos significados incorporados às nossas identidades assumidas na sociedade.

Essas representações sociais fazem parte do contexto social e cultural no qual estamos inseridos. Tratando sobre essa questão, Hall (2006, p. 50) afirma que “[...] as culturas nacionais são compostas não apenas de instituições culturais, mas também de símbolos e representações”. Nos estudos identitários, a representação envolve a construção de significados e de identidades dentro de um sistema simbólico, sendo uma marca visível exterior. Continuando, o autor argumenta que “[...] uma cultura nacional é um discurso, um modo de construir sentidos que influencia e organiza nossas ações quanto à concepção que temos de nós mesmos” (Hall, 2006, p. 50). A cultura nacional expressa um discurso às vezes não visível, mas simbolicamente atuante, com o poder de moldar as identidades, influenciando ações. Discurso que constrói significados sobre pertencimento, inclusão e exclusão, organizando a forma como as pessoas percebem a si mesmas dentro de uma sociedade.

Em seu poder influenciador, as culturas nacionais produzem sentidos sobre o povo, o que determina escolhas identitárias, identidades que representam a vivência cultural explícita naquele povo ou nação. Cada cultura tem sua cara, modos e maneiras de ser das pessoas que compõem aquela comunidade, indicando que as identidades daquele povo são fundamentadas nos princípios e valores coletivos aceitos por aquela nação/povo/comunidade.

Isso evidencia uma maior necessidade de convivência entre as pessoas, para que se reconheçam nas representações assumidas, ocorrendo pela maneira como se apresentam em seu entorno, o jeito como são reconhecidas e chamadas, o que reforça a ideia de identidade como processo humano construído socialmente nas relações entre nós e o outro. Carvalho (2011) salienta que o homem vai se tornando humano em suas relações, isto é, constituindo a identidade humana na inserção do contexto social, configurando um processo dialético com a natureza, a estrutura social, a cultura e principalmente consigo e demais entorno social, histórico e cultural, meios que favorecem a manifestação, as (im)possibilidades e alternativas de novas identidades.

Como seres sociais, a vida se configura em uma construção social, em que alguns aspectos caracterizam esse processamento, incluindo a mistura homogênea de como somos vistos, reconhecidos e apresentados diante dos outros, o que vai configurar a humanização, resultado das relações com outros humanos, amalgamados na dialética do entorno social inserido no campo estrutural para o surgimento de novas identidades, outras que, em semelhança às outras semelhantes, irão compor novas realidades, novas comunidades, novos grupos.

O que nos leva a reiterar que somos seres humanos, não só por nascermos com características humanas, mas pela convivência em uma dimensão cultural conjunta, de comunidades e horizontes de destinos significativos. Inseridos nesse processo, nos tornamos também diferentes e nos diferenciamos continuamente, nos modos e maneiras de ser mediados por culturas que nos unem e ao mesmo tempo nos separam, mas que não podem ser desligadas, convivendo sempre irremediavelmente juntas (Ewald; Soares, 2007).

Deduzimos que, embora essencialmente diferentes, constituídos por uma individualidade que nos distingue e destaca uns dos outros, isso ainda não é suficiente; a vivência na coletividade tem mostrado que passamos a usar essas diferenças como ferramenta de delimitação de espaços sociais e individuais, o que favorece um isolamento ainda mais crescente uns dos outros. No entanto, os horizontes e destinos culturais se interligam em uma convivência incondicionalmente conjunta, em que a identidade vai se estabelecendo na maneira de ser e estar das diferenças, o que acentua mais ainda a condição de indivíduos.

Ewald e Soares (2007), questionando a respeito de individualidade, se somos todos iguais ou diferentes, afirmam que somos diferentes por inúmeros fatores, como deuses diferentes, estilos diferentes, gostos diferentes, gastronomias diferentes, sendo portadores, portanto, de pertencas culturais diferentes. Os autores comentam que a consciência desse diferencial pode levar à necessidade de demarcação da diferença, ocasionando o direito à diversidade, o direito de sermos pessoal e coletivamente diferentes uns dos outros.

Entendemos que a diferença nos caracteriza, mas a igualdade também. Igualdade e diferença são a base estrutural das identidades, dualidade necessária para constituição de outras identidades compostas no universo da distinção, sem espaço para “[...] um abismo cada vez maior nas relações sociais e de cordialidade” (Ewald; Soares, 2007, p. 27). Esse abismo seria explicado pela necessidade excessiva da busca por demarcar diferenças, o que provocaria novos problemas de diferenças coletivas e individuais gerando separações e rupturas nas relações sociais e de cordialidade.

Ciampa (2001) trata da identidade, articulada entre a igualdade e diferença. Afirmar que “Diferença e igualdade, é uma primeira noção de identidade” (Ciampa, 2001, p. 63). O autor sugere que a identidade nasce da tensão e articulação entre o que nos aproxima e o que nos distingue dos outros. Como fenômeno social, a identidade se movimenta em conformação com uma sociedade evolutiva, que está sempre em andamento, diferenciando, igualando, mudando, construindo identidades e reconstruindo seus membros, permitindo que estes se apresentem e representem suas identidades como são constituídas.

Nessa perspectiva, identidades são caracterizadas pela constante movimentação e mudança. O outro participa dessa movimentação identitária, sendo elemento constituinte dessa base, uma vez que identidades não se formam isoladamente, são construídas na relação de reciprocidade com o outro, em um senso de pertencimento grupal, em que o outro torna-se nosso espelho de validação pessoal. Esse comportamento ocorre porque indivíduos constroem as autoimagens a partir das interações e reconhecimentos dentro de círculo de relações grupais.

Ciampa (2001) reforça a ideia da identidade alicerçada nas relações sociais, coletivas, plurais, nunca produto de atitudes isoladas e individualistas; identidades que se movimentam em um diferencial natural, espontâneo, sem necessidades de demarcações monopolizadas, exclusivistas e particulares; construídas no senso de pertencimento grupal, em que o outro é o nosso espelho de validação pessoal, uma confirmação sobre quem somos, nos ajudando a reconhecer o melhor de nós mesmos. Diante do exposto, emerge a questão de identidades produzidas em contextos sociais sem considerar os mecanismos sociais impostos pelas fronteiras das relações de grupos, o que pode limitar o fluir natural dos movimentos singulares dessas identidades. Em uma estrutura social cada vez mais susceptível a mudanças, as identidades, ainda que construídas no senso de pertencimento grupal, não escapam das hierarquias sociais e dos estigmas que moldam quem pode ou não ser validado socialmente. Ainda mais, a busca da aceitação de si pela validação do outro pode condicionar a valorização pessoal, a aceitação do outro, podendo fragilizar a autonomia identitária (Ciampa, 2001).

Entretanto, essa visão identitária estabelecida no reconhecimento do outro é passível de ser discutida em literatura de referência, como é ressaltado no pensamento de Dubar (2005, p. 135) ao dizer que “[...] a identidade de uma pessoa não é feita à sua revelia, no entanto, não podemos prescindir dos outros para forjar nossa própria identidade.” Acepção confirmada pela premissa de que identidades são construções sociais, constituídas nas interações com o entorno social inserido, constantemente impactadas pelo olhar dos outros e pelas normas da sociedade, o que pode definir como nos vemos e como queremos ser vistos.

O que nos leva a pensar sobre identidade no aspecto pessoal, que Gonçalves Neto (2015, p. 48) define “[...] como o senso que um indivíduo tem de si próprio a partir do que percebe e do que os outros percebem dele”. Trata-se de um entendimento equilibrado entre a percepção interna e a influência externa; construção iniciada no estágio inicial da vida, em um processo lento de autopercepção, autodiscernimento, autoconsciência e autoconceito de si e dos outros, em uma construção identitária tanto física quanto psicológica nas vivências e experiências cotidianas de cada um. É o ser e estar sendo frente aos outros em seu diferencial, em um paralelo formativo distinto de mim, porém necessário para que eu venha a ser quem sou. Esse processo construtivo do ser uno e singular vai se constituindo nas relações dialéticas que se entrecruzam na realidade, nas interações com os outros e nas demais relações sociais que delas participam.

Sobre esse aspecto, é importante retomar o pensamento de Dubar (2005) ao atribuir a inclusão de outros indivíduos na constituição de identidades, concepção que põe por terra todo o individualismo, desfazendo a ideia de indivíduos capazes de perfazerem a si mesmos, pela autossuficiência de se bastarem. É no isolamento social, afastados de outros que são constituídas as personalidades antissociais, configuradas em transtornos mentais. A convivência com os outros constitui uma necessidade essencial para o equilíbrio emocional e social do indivíduo. Questão reforçada pela declaração de que a interação com os outros possibilita o desenvolvimento físico e social, com reflexos no pensar e no sentir. Esse desenvolvimento é dinâmico, sofre mudanças e variações e se expressa de diferentes maneiras, provocando emoções e sentimentos mais complexos. Reforça, igualmente, que a constituição do sujeito se dá na relação com o outro e essa relação é marcada por diferentes modos de afetar (Pereira, 2020).

Além do exposto, Dubar (2005, p. 25) afirma que a identidade “[...] depende tanto do julgamento dos outros como das suas próprias orientações e autodefinições. A identidade é produto de sucessivas socializações”. Ao longo da vida, passamos por diversas socializações que influenciam a percepção de nós mesmos e a forma como os outros nos veem. Nesse

convívio social, na vivência frente aos outros, vamos nos tornando pessoas, crescendo na dimensão humana. Essa compreensão mostra que necessitamos do semelhante, não por dependência emocional, mas por não prosseguirmos sem o seu referencial humano. É por meio da socialização com o mundo e com os outros que desenvolvemos potencialidades singulares, que fazem de nós seres únicos, cujo desenvolvimento envolve, entre outras, as dimensões cognitiva, político-social, ética e humana (Pereira, 2020).

Fatores circunstanciais poderão influenciar a formação da identidade pessoal, que tem bases instituídas desde a infância, na aquisição de rotinas e hábitos diários. Giddens (2002, p. 42, grifos do autor) afirma que “[...] a criança pequena não é um ser, mas um ‘ser sendo’, que deve ser ‘chamado à existência’ pelo ambiente educativo criado por quem cuida dela”. O autor destaca a importância do ambiente educativo na formação da identidade da criança. Reforça que a infância não é um estado fixo, mas um processo contínuo de construção, no qual a criança é moldada pelas interações e pelo contexto em que está inserida. Com isso, a identidade pessoal vai se espelhando nos modelos circunstanciais das relações que vão sendo construídas junto aos outros, relações intermediadas pelas experiências coletivas de formação e conformação à realidade vivida.

Conforme Ewald e Soares (2007, p. 24), “A identidade pessoal, é, ao mesmo tempo, produto da sociedade e produto da ação do próprio indivíduo”. O indivíduo é constituído de diferentes faces e interfaces em subjetividade que, conectadas a outros, vão trazer à tona as alteridades existentes nele, provocando aproximações e afastamentos, semelhanças e diferenças, realçando as marcas inconfundíveis da identidade pessoal, inigualável e única, características dele mesmo frente ao diferencial do outro.

Santos (2005) afirma que a identidade pessoal é um processo cuja constituição envolve a dinâmica de interação entre as características individuais, consciência e os construtos organizados do sujeito, incluindo as estruturas físicas e sociais de seu contexto social. Esse contexto é determinante nessa constituição, pois é resultado das influências psíquico e sociocultural, que recebe e organiza as diversas mensagens transmitidas que o constituem. As características individuais, consciência e os construtos organizados do sujeito, incluindo as estruturas físicas e sociais, embasam esse processo de identidade, que é dinâmico e interativo. Com isso, a construção da identidade pessoal vem a ser um *locus* de influência psíquico e social “[...] que recebe e organiza as diversas mensagens transmitidas pelos diversos contextos e suas sobreposições” (Santos, 2005, p. 125). Identidade pessoal como um processo dinâmico, no qual o indivíduo recebe e organiza influências externas vindas de diferentes contextos sociais,

construída e reconstruída ao longo da vida, conforme novas experiências e interações que vão sendo acrescidas e elaboradas nesse processo.

Em síntese, o processo de construção da identidade pessoal representa uma cadeia de fios entrelaçados e entrecruzados em múltiplas determinações, múltiplos fatores, múltiplas significações construídas na realidade social que, tecidas e emaranhadas umas às outras, produzem a estampa representativa do que sou e estou sendo naquele dia, momento e hora da existência pessoal. Um processo que não acontece no vazio do eu solitário, mas em resposta à dinâmica interativa do contexto sócio-histórico-cultural vivenciado e experimentado ao longo da vida. Somos constituídos reciprocamente junto ao outro, nunca podendo dispensar essa contribuição; o outro nos iguala, enquanto nos diferenciamos pela nossa individualidade, o que vai sempre nos singularizando.

Gonçalves Neto (2015, p. 26) ressalta “[...] que um dos principais fatores que constituem a identidade pessoal é o uso da linguagem em primeira pessoa, o uso dos pronomes pessoais e derivados (eu, meu, mim)”. Isso enfatiza como a autorreferência contribui para a percepção de nós mesmos, esclarecendo que a identidade pessoal, além de reflexo das interações no entorno vivido é também um processo ativo de autoexpressão e reconhecimento. O autor continua o pensamento, declarando que “[...] a identidade de alguém e sua autoconsciência se formam desde a infância em contextos de interação que exigem do indivíduo a capacidade de autorreferência” (Gonçalves Neto, 2015, p. 26).

Daí se conclui que a identidade e a autoconsciência não surgem isoladamente, mas são construídas desde a infância em meio ao ambiente social formativo. A autorreferência, o uso da linguagem para se reconhecer como um eu distinto, é essencial para essa formação. Inicialmente, a criança aprende a se identificar e a se posicionar no mundo com base nas relações que estabelece e nas mensagens que recebe do ambiente. Essa capacidade se insere nas trocas sociais primárias e secundárias assimiladas ao longo da vida e que dizem respeito a valores e crenças incorporados na construção da personalidade e subjetividade, o que se constituirá no diferencial em relação à identidade pessoal dos outros.

A identidade vai se formando pela alteridade, constituída nas socializações que formam o indivíduo durante toda sua vida. Chama-se interiorização o processo que resulta de constituição da identidade e apropriação do mundo social; aspectos diferentes, porém mediatizados pelos mesmos significados. A interiorização, segundo Fortes (2011, p. 182), significa socialização “[...] definida como a ampla e consistente introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de um setor dela. Sem estabelecer um limite temporal rígido, esse processo se dá em duas fases: a socialização primária e a socialização secundária”.

A socialização primária é compreendida como processo social iniciado no interior das vivências familiares da primeira infância. Caracteriza-se como espaço íntimo de suma importância para incorporação da afetividade positiva em valores, crenças, hábitos e costumes do indivíduo e se constituirá na subjetividade e individualidade do caráter. Uma vez assimilado, esse processo formará a etapa inicial da identidade pessoal, estendendo-se depois para socializações secundárias, em objetividades de múltiplas facetas das vivências sociais e coletivas. A socialização secundária é um processo subsequente à socialização primária, inserindo o indivíduo já socializado nos mais variados setores objetivos da sociedade. É extensivo a toda existência pessoal e coletiva, movimentando-se no contexto inserido, determinando a variedade e multiplicidade das identidades sociais experimentadas e representadas por ele (Berger; Luckmann, 2004).

Ao comentar sobre as bases da identidade pessoal, Gonçalves Neto (2015), refere-se ao livro de Mead (1934), no original, *Mind, Self and Society: from a standpoint of a social behaviorist*, em que o autor usa o termo “*Self*”, e não o termo “*identity*” para se referir à identidade pessoal ou ao senso que um indivíduo tem de si mesmo. Segundo Gonçalves Neto (2015), equivale dizer que um indivíduo tem consciência de si mesmo, ao perceber como os outros reagem às ações dele.

Na mesma direção, Mead (1934) afirma que sujeito não se percebe isoladamente, mas a partir das respostas que os outros oferecem às suas ações. Nesse movimento, ele internaliza o olhar alheio e passa a tratar a si mesmo conforme é tratado socialmente. Mead (1934) descreve esse conjunto de ações por meio da articulação entre o “eu” dimensão espontânea, criativa e imprevisível da ação — e o “mim”, dimensão socializada, formada pelas expectativas e normas internalizadas a partir da alteridade. Trata-se de um processo simultâneo da reciprocidade, impulso que nos leva a agir e reagirmos socialmente da forma como somos tratados ao longo do percurso da vida. Acontecendo no início da infância, vai-se configurando na identidade pessoal, na autoimagem, estabilizando (ou não) o senso que temos de nós mesmos pelos retornos recebidos.

Mead (2021, p. 139) argumenta, ainda, que o homem “[...] surge no processo da experiência e das atividades sociais”. Em outras palavras, “o ser humano se desenvolve como resultado de suas relações com esse processo como um todo e com os outros indivíduos que se encontram dentro do mesmo processo” (Mead, 2021, p. 135). O ponto fundamental dessa premissa é a de que a constituição do ser humano, conforme Mead (2021, p. 186), se dá por meio do “[...] sentido de pertencimento a uma comunidade”. Ewald e Soares, (2007, p. 26), reiteram essa compreensão afirmando que “[...] o ser humano, como pessoa autoconsciente, só

é possível assentado sobre a sociedade à qual pertence”. Os autores realçam a importância dos relacionamentos intersubjetivos, uma vez que por meio deles nos tornamos sujeitos, porque nossa identidade não emerge de forma isolada, mas a partir das relações sociais e culturais.

Reafirmamos que, embora sejamos sujeitos completos, dotados de razão, raciocínio, consciência, cognição e autonomia, precisamos dos outros para o desenvolvimento básico, pleno e total, o que acontece somente nas interações e atividades sociais do entorno inserido. É na e pela relação com outros que o indivíduo se encontra consigo mesmo, reconhecendo-se como sujeito histórico-social, capaz de relacionar-se consigo e com outros.

Compreendemos que Mead (2021) entende a construção da identidade pessoal como um processo social em desenvolvimento, iniciado pela percepção subjetiva do mundo social, histórico e cultural, conectado em relações intersubjetivas dos participantes nelas inseridos, favorecendo sua conservação e estabilização e, ao mesmo tempo, movimentando-as em transformações ao longo da vida pelas variações identitárias acrescidas, aspectos reiterados nos diversos estudos aqui explanados. Sempre é no contexto social que isso acontece, como efeito das influências recebidas nas trocas intersubjetivas de ambientes sociais. O outro sempre é a fonte principal dessas mudanças, o olhar que favorece uma melhor percepção do eu, conduzindo à descoberta de novas identidades, novas percepções de nós mesmos.

Moita (2007, p. 115) corrobora essa ideia, argumentando que “[...] identidade pessoal e social é um sistema que reúne múltiplas identidades e encontra a sua riqueza na organização dinâmica dessa diversidade”. Isso confirma que a identidade pessoal vai sendo construída e formada na dinâmica desse processo em interação com o meio social, agregando inúmeras facetas identitárias nas diferentes posturas assumidas, transformando-se em identidades múltiplas, variadas, diferentes e diversificadas, embora no âmago permaneçamos unos, inalterados em unidade individual. Como diz Ciampa (2005, p. 61): “Por mais contraditório, por mais mutável que seja, sei que sou eu que sou assim, ou seja, sou uma unidade de contrários, sou uno na multiplicidade e na mudança”.

Isso enriquece a vida pelas chances de viver o hoje e o amanhã de forma variada e diferente, sempre com oportunidades de mudanças ao assumir novas identidades, não mais em uma realidade repetida e igual, na mesmice de sempre, mas na versão do novo transformado; um dia a dia construído na expectativa e perspectiva de novas maneiras de ser e estar no mundo.

A socialização e a individualização repercutem na constituição da identidade social, que vem a ser a chave esclarecedora para o entendimento do que seja o homem. Essas questões são explicadas por Berger e Luckman (2004) ao elucidarem que o homem se apropria do mundo social, no percurso da socialização primária e secundária. Ratificamos, portanto, que identidade

é construção social resultante da dialética entre o social e o individual, parâmetros básicos para explicação desse fenômeno identitário.

Os dois processos, individualização e socialização, embora diferentes entre si, caminham juntos na constituição da identidade; nem só o individual, tampouco só o social, mas a junção de ambos, em uma combinação que explica e justifica a complexidade identitária. O indivíduo, na constituição psicossocial, é estruturado para desenvolver relações sociais que fomentarão identidades variadas, resultado do viver individual e social; o individual, caracterizado pela identidade para si, representa subjetividade única, que o distingue entre os demais na singularidade do modo de ser e estar no mundo; o social, caracterizado pela identidade para os outros, reflexo das impressões e influências recebidas do meio social. Nessa dualidade, é sintetizada a unidade de contrários.

Isso se confirma no pressuposto de que o homem, como um ser histórico, social e cultural, é resultado de variadas determinantes que, articuladas entre si, constroem, socialmente a identidade, articulada entre a subjetividade e a objetividade. Marx e Engels (2011, p. 101) afirmam: “[...] a essência do homem não é uma abstração inerente ao indivíduo isolado. [...] ela é um conjunto das relações sociais”. A construção do eu pessoal e coletivo é resultante do processo em que a subjetividade, articulada à objetividade, resulta em identidade individual (identidade pessoal) ou grupal (coletiva) na construção social de determinada pessoa ou comunidade.

Na vivência em coletividade, ocorre também o que Ciampa (2005) denomina de ‘identidade pressuposta’, resultado do olhar do grupo em atribuição às identidades dos outros, pressuposta por eles. Ciampa (2005, p. 153) explica que “[...] sempre há a pressuposição de uma identidade; sempre uma identidade é pressuposta. Podemos até desconhecer-la; mas, pressupomos sua existência”. Identidade como algo sempre presente, que identifica o indivíduo, mesmo que essa identidade seja desconhecida, trata-se de uma identidade atribuída ao indivíduo pelas outras pessoas, por isso é pressuposta.

Nessa vertente, a identidade, partindo das circunstâncias do próprio indivíduo, nos aspectos materiais e históricos, constitui um processo de permanente transformação do sujeito (Ciampa, 2005). Uma transformação decorrente da estrutura psicossocial, singular e única que lhe permite, no desenvolver de vivências e experiências no contexto histórico e cultural, condições de autotransformar-se pelas interações com outros, nas trocas intensas e constantes que o meio social favorece. Um fenômeno psicossocial complexo, cuja essência já foi discutida neste estudo.

Em resumo, torna-se evidente que a constituição do sujeito não se dá de maneira isolada, mas por meio de um entrelaçamento contínuo de experiências compartilhadas. Em vista disso, ratificamos a importância das interações sociais centradas na concepção de um indivíduo uno e ao mesmo tempo coletivo, que dialeticamente é constituído na formação de si mesmo como resultado dos variados contextos experienciados ao longo da vida, incluindo as vivências individuais, grupais e as interações sociais. Essas interações reforçam o conhecimento de que, como seres sociais, não nos fazemos sozinhos em nossa incompletude, somos o resultado das muitas vozes que se reverberam em nós.

2.4 Identidade profissional docente

Na tessitura desta tese, temos afirmado que a identidade é processual. De modo similar, compreendemos a identidade docente como um devir, pois está sempre em movimento em decorrência das mudanças socioculturais e históricas. A ideia de devir tem respaldo no pensamento nietzschiano (Nietzsche, 2021), que o compreende como um processo contínuo de transformação e mudança, um vir-a-ser que emerge a partir de um conflito. Significa reconhecer que a identidade docente não é fixa, estática, imutável, vai se constituindo e reconstituindo atendendo ao ideal de homem e aos conhecimentos e valores que a sociedade considera úteis e necessários ao pleno desenvolvimento humano e social.

Analizando o que pensam os estudiosos da temática (Nóvoa, 1991), Pimenta (1996), Tardif (2014) entre outros, percebemos que são unânimes em afirmar que se trata de um processo social construído pelo sujeito em suas trajetórias profissionais envolvendo suas interações com os outros. Essa construção é mediada pelas interações interpessoais e pelas experiências vivenciadas nos percursos da existência revelando-se como fenômeno contínuo, dinâmico e singular, intrinsecamente vinculado às transformações individuais e contextuais que permeiam a prática educativa.

As indagações: quem somos? Quem é você? Revelam que estamos tentando compreender quem nos tornamos, por que somos, por vivermos em uma sociedade em contínua movimentação e mudanças. Esses questionamentos nos desafiam a refletir sobre quem nos tornamos como pessoas e profissionais, com maneiras próprias de ser, sujeitos de um mundo em constante transformação.

O estudo da identidade, em um mundo globalizado e conectado em rede, constitui tema desafiante, complexo e problemático, realidade encontrada e instalada nesta era digital de

sociedade informatizada. Isso porque compreendemos como as identidades são vulneráveis e sujeitas às oscilações contextuais, sociais, culturais do desenvolver da história. A identidade tem seu curso de formação como resultado de sucessivas socializações, ou seja, a identidade de um indivíduo vai sendo formada ao longo da vida, com suporte nas interações que atravessam a vida desse indivíduo, como também dos julgamentos dos outros e das impressões subjetivas e definições a respeito de si mesmo (Castells, 1999).

Considerando a dimensão social da constituição identitária, é importante refletir sobre esse tema lembrando que vivemos em uma sociedade informacional, marcada pela vertiginosa produção de informações e conhecimentos e por transições cada vez mais fluidas, que imprimem profundas marcas na constituição das identidades pessoais e profissionais docentes. Entre as marcas dessa sociedade, destaca-se a fragilidade na densidade das novas experiências e nos ritmos que estruturam essa identidade, comprometendo a estabilidade subjetiva do professor (Castells, 1999). Esse cenário pode contribuir para o desmoronamento psicofísico do sujeito, diante de demandas que não emergem da lógica relacional com o mundo, mas de uma racionalidade instrumental que enfraquece o exercício reflexivo sobre o que pensamos e como agimos. Trata-se, portanto, de um contexto que tensiona a prática docente, exigindo uma constante ressignificação do ser e do fazer educativo (Nóvoa, 1992).

Consequentemente, a produção da identidade profissional docente precisa ser reconhecida como um lugar de resistência, escolha, embate, diálogo, de olhar mais devagar, de estranhar as verdades impostas e de descobrir ao longo da jornada, onde, imersos na cultura escolar, podemos (re)significar modos de ser e de pensar a profissão docente. Para tanto, é preciso resistir à homogeneização dos modos de ser docente, frequentemente impostos pelos modelos performáticos que hegemonizam a prática educativa.

Estudar identidade docente significa buscar conhecer mais sobre as maneiras peculiares e singulares como os professores constroem suas histórias e trajetórias profissionais, resultado das subjetividades e intersubjetividades de indivíduos ou grupos de indivíduos. A identidade docente, como fenômeno social, se movimenta por meio das experiências, das relações e inter-relações sociais. Autores, como Ciampa (2005), Hall (2006), Bauman (2005), entre outros, tratam a constituição identitária sob diferentes abordagens, mas suas posições se aproximam por ressaltarem a identidade como um processo dinâmico de construção social, em que modos de ser professor e suas identidades emergem como processos dinâmicos, afetados por constantes mudanças e pelos contextos históricos, culturais e sociais.

É importante lembrar que a identidade refere-se ao estudo do eu, da subjetividade humana, de conceitos e autoconceitos pessoais, que requerem um estudo acurado sobre o que é

identidade e como se constitui. Na busca por um conceito de identidade, segundo Flores (2015), é perceptível que as conceituações transitam em atribuições de semelhança e diferenças, unidade e diversidade, pluralidade e singularidade, interior e exterior da pessoa, em um entrecruzamento de si e do distinto de si, o outro. Identidade se manifesta na “[...] nossa capacidade de falar e de agir, diferenciando-nos dos outros e permanecendo nós mesmos” (Melucci, 2004, p. 45). A constituição da identidade docente, portanto, decorre de um processo relacional, emerge da interação entre o eu e o outro, entre a singularidade do indivíduo e o reconhecimento social.

Reforçamos, portanto, que a constituição da identidade docente é atravessada pelos movimentos das interações sociais, tem uma dimensão peculiar e singular, permeada por movimentos de construção, desconstrução e reconstrução. Esses movimentos vêm acompanhados de crises de identidade diante de acontecimentos que ocorrem na trajetória pessoal, acadêmica e no exercício da docência. A complexidade da constituição da identidade docente acompanha e avança conforme as mudanças no modo de ser docente. Os diferentes aspectos mencionados mostram que a identidade docente se fortalece quando o profissional percebe que o exercício da profissão não se esgota no presente, mas se projeta no futuro, considerando que a prática docente é, simultaneamente, um ato de formação do outro, de si e de perpetuação da humanidade (Alves, 2004).

Reconhecer-se como profissional é fundamental para a construção da identidade docente, à medida que esse reconhecimento tem implicações importantes para a constituição do ser professor, como a autonomia, o respeito social e dos estudantes, a valorização da carreira, a oferta de políticas de formação continuada e de desenvolvimento profissional e pessoal e, sobretudo, a afirmação de ser possuidor de um conhecimento e saber especializados. O saber especializado marca a identidade da profissão professor, que se diferencia de outras profissões.

Essa identidade se reconhece no exercício profissional, movendo-se por meio das relações sociais que se constroem no exercício docente, em socialização profissional com os pares (Antunes; Plaszewski, 2018). O reconhecimento não deve se limitar à dimensão individual, mas precisa ser estendido à dimensão social para fortalecimento da prática profissional e da identidade docente, conforme destacam Berger e Luckmann (2004), Dubar (2005), Goffman (1985), ao compreenderem a identidade como produto da socialização e da institucionalização dos papéis sociais.

Tudo isso reverbera na assunção do professor como sujeito e impacta na prática pedagógica, pois o professor (re)afirma sua competência e seu valor na construção e transformação de uma sociedade justa e democrática, o que, segundo Ciampa (2005), retrata os

movimentos de metamorfose identitária, em que o professor não se fixa a um modelo profissional passivo e acomodado, mas se emancipa no exercício de uma prática docente autônoma e livre, com a competência de se reconhecer senhor da própria história. Ser profissional do ensino, assumir a identidade docente, implica comprometer-se com a própria formação e desenvolvimento profissional, questionando o que sabe e precisa saber, o que faz e o que precisa fazer, o como faz e o como fazer, estabelecendo essa conexão entre o passado, o presente e o futuro, reinventando-se continuamente.

Frequentemente, o professor é chamado a assumir novas responsabilidades e novos papéis que afetam sua identidade, visto que ora é identificado como mediador do conhecimento, ora como facilitador da aprendizagem e, mais recentemente, como profissional voltado para a promoção da transformação social por meio da educação. A formação e a prática docente têm papel essencial nas mudanças na identidade docente, por isso é recomendável incorporar aspectos, como a reflexão crítica da inovação pedagógica e da inclusão social nos processos formativos, refletindo um ideal de educação mais humanista e democrática.

A identidade docente continua a evoluir, enfrentando desafios da diversidade cultural e étnica, como a necessidade de inclusão, o que demanda adaptação contínua às novas realidades e exigências do mundo contemporâneo. Frente a esse cenário de constituição da docência, um questionamento feito por Roldão (2005) para se refletir sobre a constituição da identidade docente parece pertinente. A autora indaga: o que é um professor? As múltiplas possibilidades de respostas indicam a complexidade da questão identitária docente; mais ainda, reforçam a impossibilidade de contorná-la desvinculada do contexto social, histórico, cultural e educacional no qual os professores estão inseridos. Uma identidade constituída em um processo histórico, social e relacional, por meio do qual o professor se constitui profissionalmente ao longo do tempo, fundamentado em ações reflexivas, conscientes (ou não) e intencionais, realçadas no comprometimento da profissão, formação continuada, incluindo escolhas, decisões, posicionamentos, práticas pedagógicas e valores que, como professor, assume em sua carreira (Nóvoa, 1999).

Isso nos leva a pensar no desenrolar histórico das lutas da categoria, por políticas educacionais, pois, quando o Estado implanta essas políticas, não leva em consideração a identidade docente. O professor é pensado como uma peça de tabuleiro que se manipula de um lado para outro no jogo, o que vai incorrer na execução das políticas, tendo consequência na fragilidade da identidade docente, pois as exigências para executar as ações públicas vão ter sintomas preocupantes, como a desvalorização profissional, social e econômica em cumprimento a dar resultados, bater metas e ser performático para atender uma demanda que

não é de formação, mas de resultados técnicos, o que vai alterar sua afirmação identitária. De acordo com Nóvoa (1992), uma política para a educação voltada para a constituição docente parece violenta, quando o Estado anula a participação do professor.

A constituição da identidade docente, mediada pelas experiências vividas dentro e fora da sala de aula, nas relações com os pares, com alunos, com a instituição, pelas representações sociais da profissão, permitindo condições de trabalho precárias, perda do prestígio social, remuneração insuficiente/baixa remuneração, perda da autonomia, destitui o professor de sua função e fragiliza sua identidade, em decorrência de condições estruturais que favorecem vivenciar relações adversas, hostis, negligentes ou desrespeitosas na profissão (Gatti, 1996).

A partir dos estudos de Nóvoa (1992), pleiteamos a identidade profissional como espaço de lutas e conflitos, de equilíbrios e desequilíbrios, de encontros e desencontros, de tensões e harmonias, o que torna essa identidade um espaço de configuração do modo de ser e estar na profissão, do exercício de crenças e valores, em uma apropriação constante das experiências que constituem a história de vida e dão estabilidade ao que somos e queremos ser como profissionais, tentativa sempre crescente de tentar o equilíbrio nessa multiplicidade de facetas.

Reafirmamos, portanto, que identidade se refere ao homem, interferindo em seu modo de ser e viver como um todo e, falando especificamente de professores, influenciando as atitudes e maneiras de ser na atuação profissional. Embora sejam profissionais que se destaquem em peculiaridades de atuação, professores muitas vezes são ignorados e excluídos pelas políticas públicas de intervenção, que os trata como seres abstratos, desconhecendo suas necessidades pessoais e reivindicações. Pelo eixo das identidades, professores estão sempre mobilizados, motivados na construção de valores, crenças, saberes, interesses e atitudes, em uma ação multideterminada de representação própria do ser professor (Gatti, 1996).

Garcia (2009) argumenta que é por meio da constituição da identidade que nos percebemos, nos vemos e desejamos ser vistos. No caso dos professores, a maneira como definem a si mesmos e aos outros se dá pela identidade profissional que assumem. Essa identidade se desenvolve no terreno intersubjetivo e caracteriza-se como “[...] um processo evolutivo: uma interpretação de si mesmo enquanto indivíduo inserido em determinado contexto (Garcia, 2009, p. 11).

Ponto central da afirmação de que professor constitui sua identidade profissional no exercício da prática, em que os saberes profissionais fluem como resultado da prática reflexiva, das condições de realização dessa prática, inclui normas ligadas ao estatuto da profissão como também o reconhecimento social do ofício docente. O engajamento com a profissão envolve profissionalização (processo sócio-histórico de transformação de uma ocupação em profissão

socialmente reconhecida), profissionalidade (saberes, saber-fazer e atitudes requeridas pelo exercício profissional) e profissionalismo (conduta ética na profissão) (Flores, 2015).

Retomando as ideias de Nóvoa (1992), reforçamos que a identidade profissional não tem sentido fixo nem estável, como um produto concreto e acabado, porém “[...] é um lugar de lutas e conflitos, “[...] um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão” (Nóvoa, 1992, p. 16). Significa que o professor é resultado de vivências nas relações sociais construídas ao longo das experiências profissionais de formação, que o constituíram no que foi, no que é e no que será como indivíduo e profissional. A profissão docente é espaço aberto ao desenvolvimento de múltiplas identidades que se conformam ao eu profissional, sem perder, contudo, a essência invariável e única da profissão.

Isso significa que, quando nos reportamos à profissão docente, socialmente reconhecida, é preciso problematizar que esse reconhecimento passa pela alta expectativa depositada no professor para fazer o aluno aprender, o que no tempo presente vem ocorrendo com a interferência de vários fatores que comprometem a qualidade da educação. A imagem do professor para a sociedade é mensurada pela aprovação dos estudantes, sem considerar as desigualdades e os diferentes fatores que intervêm no processo educativo. E, para isso, a profissionalidade no exercício laboral, como forma de viver a docência concretamente vem do entendimento de como esse modelo de sociedade molda subjetividades com que precisamos lidar no ato de ensinar. É preciso entender que o tempo do exercício docente precisa ser amadurecido para até mesmo entender o tempo que se exige para que a aprendizagem aconteça. Significa que há um tempo de escuta, de observação, de tentativa e erro. E, dentro disso tudo, nasce o respeito pelo tempo da aprendizagem, que nem sempre corresponde às pressões institucionais ou aos calendários rígidos (Nóvoa, 2019).

É no cotidiano profissional, envolvendo a realidade social e educativa, que o professor vivencia inúmeras oportunidades de formação no crescimento identitário, quando produz, a partir do contexto pedagógico de trabalho, trocas interativas, sociais e culturais que fortalecem tanto o desenvolvimento de experiências formativas e reflexivas quanto a compreensão de si mesmos, uma vez que, como sujeito, essa constituição se dá por meio de relações interpessoais sempre em construção (Richit; Ponte, 2020). Isso resulta em práticas de saberes e habilidades que repercutirão na constituição de identidades complexas, porém sujeitas ao novo, ao diferente, ao modificável, ao transitório, como também ao perene.

Recebemos influência dos espaços vividos ao longo da vida, dos valores recebidos na cultura familiar, na educação religiosa e nas relações sociais, valores que se agregam à subjetividade e influenciam na identidade profissional, estabelecendo relações de múltiplos

aspectos. Moita (1992, pp. 138-139), falando a respeito do tema, afirma que “[...] em relação à pessoa de cada uma, a profissão pode ser um projeto que integra um projeto mais vasto”. Concordamos com a autora, tendo em vista que nem todos os professores se inserem na profissão a partir de um projeto de vida, muitas vezes, são as circunstâncias de vida que encaminham para a profissão. A autora afirma também que, na identidade pessoal e profissional, “[...] uma grande variedade de relações se estabelece. [...] uma atividade de autocriação e de transformação vividas entre tensão e a harmonia, [...] a integração e a desintegração”. Nesta acepção, a constituição da identidade docente emerge como movimento que entrelaça interações, tensões, autocriação, revelando as dimensões individual e social da constituição dessa identidade.

Garcia, Hypolito e Vieira (2005, p. 46) comentam a realidade da profissão docente como um campo em que professores são, a todo o momento, constrangidos por discursos afirmando como devem ser e agir de modo a serem mais autênticos e coerentes em sua profissão. Esses discursos objetivam forjar identidades docentes, haja vista que a identidade profissional pode ser resultado “[...] das posições de sujeito que são atribuídas, por diferentes discursos e agentes sociais, aos professores e às professoras no exercício de suas funções em contextos laborais concretos”. Os autores complementam que professores devem estar atentos a esses discursos expressos por representantes de instituições acadêmicas ou por pessoas na gestão do Estado que colocam em circulação discursos de posicionamentos acerca dos professores e professoras no exercício das práticas, como política de representação do que seria essa identidade profissional (Garcia; Hypolito; Vieira, 2006).

Trata-se de determinações constantemente impostas por órgãos e instituições aos profissionais, orientando como devem ser e agir para alcançar um *status* mais completo e integral na profissão. É preciso estar atento a esse tipo de comunicação, frequentemente transmitida por representantes acadêmicos ou gestores estaduais que, por meio de discursos, buscam controlar as identidades profissionais, acrescentando objetivos e metas do ensino. Essa influência acaba levando os profissionais a desenvolver uma relação ética consigo mesmos no exercício da profissão, o que resulta na construção de uma identidade profissional conformada aos ditames dessas instituições (Garcia; Hipólito; Vieira, 2005).

Guimarães (2004) comenta que, diante de intensas transformações sociais, provocadas pelos sistemas e tecnologias vigentes, muitos empreendimentos humanos têm passado por mudanças, modificações que se repercutem em novas configurações nos setores da economia e política relativas ao conhecimento, aos relacionamentos pessoais, às comunicações, entre outras coisas, causando dificuldades diretamente para a educação escolar. Realçamos que as

transformações mencionadas atingem, também, a formação de professores, suas práticas e suas identidades.

Sintetizando, Guimarães (2004) ressalta que a crise de identidade das profissões e de profissionais caracteriza uma realidade visivelmente concreta nos dias de hoje. Com isto, é importante que sejam realizados cursos de formação de professores que abordem sobre a construção da identidade docente, especialmente aqui no Brasil, país em que essa profissão é tão pouco mobilizada. A identidade profissional engloba os requisitos profissionais do ser professor em todas as formas de ser e estar na profissão; envolve todo crescimento profissional, incluindo os conhecimentos e todas as condições necessárias ao exercício da profissão. Esses requisitos são “[...] estruturados em toda existência do indivíduo, predominantemente na formação e na atuação profissionais [...] estruturando maneiras como o professor assume e representa a profissão” (Guimarães, 2004, pp. 93-94).

Continuando, o autor argumenta que, em se tratando de formação de professores, identidade profissional e profissionalidade são termos a que a literatura pedagógica atribui praticamente o mesmo sentido, referindo-se, no geral, ao que a sociedade espera do profissional, em seus conhecimentos, desempenho e comportamento de professor. A visão do autor é que o conceito de profissionalidade está imbricado nos elementos profissionais da profissão docente, aspecto mais relacionado à “[...] identidade para os outros, das maneiras mais externas e ‘objetivas’ como a profissão é representada, distanciando-se um pouco da ‘identidade para si’, da identificação com a profissão, da adesão profissional” (Guimarães, 2004, pp. 28-29, grifos do autor).

Aspectos relativos à profissão nos levam ao pensamento de Libâneo (2018), que apresenta reflexões sobre essa temática, afirmando que, pela formação inicial, o professor pode apropriar-se de habilidades e conhecimentos que o habilitarão ao exercício da docência e que contribuirão com sua identidade. É por esse conjunto de requisitos profissionais chamados de profissionalidade que o sujeito se constitui professor, podendo adquirir também profissionalização no desenvolvimento da prática, integrando conhecimento, ética e compromisso com a educação, em um processo contínuo de reflexão na formação, o que vai repercutir em uma atuação profissional fortalecida pelo profissionalismo.

Nesse entendimento, o autor reforça que a qualificação necessária para a profissionalização decorre de condições favoráveis ao exercício da profissão asseguradas por meio da formação inicial e continuada onde são desenvolvidas múltiplas competências e postura profissional, condizentes com uma remuneração compatível e ambiente de trabalho favorável. O profissionalismo, segundo Libâneo (2018), diz respeito ao comprometimento na profissão,

aliado ao comportamento ético e político relacionados ao exercício profissional. Tanto a profissionalização quanto o profissionalismo são noções que se complementam e estão ligadas entre si. Uma fraca profissionalização pode ser corrigida por uma maior intensificação nos estudos, formação continuada e busca por melhores remunerações, como resposta desse profissional à natureza da ação educativa (Libâneo, 2018).

Considerando a análise dos autores mencionados neste estudo, concluímos que identidade é socialmente constituída, considerando, como afirma Dubar (2005, p. 21), que “[...] identidades são inseparáveis das relações sociais que são também formas de alteridade. Não existe identidade sem alteridade”. Essa perspectiva é endossada por Silva (2014, p. 17) que anuncia que “Só podemos ser alguma coisa em relação ao que não somos”. Isto é, a identidade só existe em relação à diferença, pois é relacional, não substancial.

Nessa mesma linha de pensamento, Ciampa (2005) ratifica a identidade como constituição social, firmando-a como histórica, contextual e relacional. Na vivência, o indivíduo está sempre em processo de reconstrução, influenciado pelos contextos das relações sociais e pelos discursos que circulam na cultura. A cultura, para Goffman (1985), é o palco de representação do eu na vida cotidiana. Para o autor, a identidade é uma performance social, em que o indivíduo se apropria de papéis conforme o contexto, o que mostra a flexibilidade da identidade como negociável e adaptável.

Na identidade profissional docente, o processo de constituição é semelhante, acontece gradualmente como resposta às compreensões vivenciadas ao longo da profissão, quer sejam compreensão boa quer sejam ruins. As compreensões negativas que interferem na significação da profissão podem ser (re)construídas e seus sentidos (re)significados, trazendo novas concepções de valorização identitária e profissional aos professores.

Discutindo o tema, Tardif (2014) e Tardif e Lessard (2012) afirmam ser impossível compreender a questão da identidade docente sem associá-la às histórias e relatos de vida dos professores, bem como ações, projetos e desenvolvimento profissional. Em análise, Tardif (2014, p. 107) afirma que a socialização e a carreira dos professores vão além de uma sequência de fatos acontecidos concretamente, uma vez que “[...] sua trajetória social e profissional, ocasiona-lhes custos existenciais (formação profissional, inserção na profissão, choque com a realidade, aprendizagem na prática, descoberta de seus limites, negociações com os outros, etc.)”. Vivenciar essas experiências nas trajetórias social e profissional é fator determinante para a composição da identidade pessoal e profissional, capacitando-os a se constituírem professores na visão de si mesmos.

É um processo construído nas vivências, trajetórias, histórias e relatos de vida como base de sustentação de experiências que se entrecruzam, constituindo-se em um eixo formador de uma identidade profissional sempre inovadora e crescente, compreendida como um fenômeno em construção pelas multiformes variações que a constituem. Uma construção que se ergue e se solidifica nas muitas histórias acontecidas no cotidiano da vida, experiências que irão permitir uma reflexão que apoie e sustente seus modos de ser e estar na profissão.

A identidade do professor, como processo em constituição, integra toda a experiência do fazer profissional, pois é instituída por meio das experiências vividas, respaldadas em sua memória pessoal e social. Essas memórias são repositórios de lembranças que identificam o que foi e o que está sendo a prática docente. É nessa significação social que identidade profissional se constitui, tendo em conta que a identidade profissional docente é alicerçada em uma história, em um legado de significação social e cultural conferida no conhecimento e reconhecimento de valores, crenças, costumes e memórias sociais da atividade docente.

Garcia (2009) embasa as reflexões sobre a temática, comentando que a identidade profissional é a forma como os professores se definem a si mesmos e aos outros; é uma constituição do eu profissional, que evolui ao longo da carreira docente e que pode ser influenciada pela escola, pelas reformas e contextos políticos, que integra o compromisso pessoal, a disponibilidade para aprender a ensinar, as crenças, os valores, o conhecimento sobre as matérias que ensinam e como as ensinam, as experiências passadas, assim como a própria vulnerabilidade profissional.

Ideia que ratificamos, entendendo que muitos aspectos envolvem uma identificação profissional, que não acontece no vazio da existência, mas resulta de um processo de autoconhecimento desenvolvido nas trajetórias da vida pessoal, incluindo a formação inicial e continuada. Processo crescente e contínuo em que cada experiência vai contribuindo na construção e (re)construção do eu profissional, sedimentado pela abertura às aprendizagens relativas ao ensino e ao ser professor.

Essa identificação profissional não é algo obtido, atesta Gatti (1996, p. 86), ao discutir o assunto, certificando que identidade não é “[...] somente constructo de origem idiossincrática, mas fruto das interações sociais complexas nas sociedades contemporâneas e expressão sociopsicológica que interage nas aprendizagens [...]”. Os processos identitários envolvem a vida da pessoa, tanto em individualidade e subjetividade, quanto em relações sociais grupais, coletivas, pois os outros ocupam posição muito importante nessa constituição. É pelo reconhecimento do outro que nos reconhecemos e nos constituímos como pessoa e profissional. As identidades são construídas nessa relação de ambivalência, nunca dispensando nenhuma das

partes para sua formação, sendo resultado de expressões sociopsicológicas na totalidade do ser humano.

Nessa perspectiva, compreendemos que a identidade do professor está situada no tempo e lugar, como resultado de relações vivenciadas. O professor é uma pessoa com sentimentos, emoções e atitudes e não um ser abstrato, um protótipo imaginado, como muitas vezes é reconhecido em estudos e pesquisas. Isso quer dizer que o professor “[...] revela o ser humano em todas as suas construções e ações, configurando seus saberes” (Santos; Antunes; Bernardi, 2008, p. 47).

O professor revela o ser humano em sua potência de ser, de saber e transformar e, portanto, precisa ser compreendido e respeitado na constituição de identidade pessoal e social, pois são essas identidades que o representam. “[...] Assim como o indivíduo só é nas suas relações sociais, compreender os professores implica vê-los nas suas relações sociais, constitutivas do seu ser” (Gatti, 1996, p. 88). A autora enfatiza que a identidade docente não pode ser compreendida como uma atividade isolada, mas dentro das relações sociais que a constituem. A docência é um campo profundamente interligado às interações humanas, e a formação do professor ocorre em meio a trocas, influências e construções coletivas.

Um fator importante na construção identitária do professor é a questão do desenvolvimento profissional. Garcia (2009, p. 10) define o desenvolvimento profissional docente como “[...] um processo [...] que se deve contextualizar no local de trabalho do docente, [...] e que contribui para o desenvolvimento das suas competências profissionais através de experiências de diferentes índoles, tanto formais como informais”. Esse desenvolvimento não se limita apenas à aquisição de conhecimento técnico em um processo contínuo de aprendizagem e aperfeiçoamento na profissão, mas também envolve a constituição de uma identidade profissional.

Flores (2015, p. 139) contribui esclarecendo que identidade docente “[...] constitui um processo negociado, aberto e em mutação que é mediado pela [...] experiência nas escolas e fora delas e pelas suas [...] crenças e valores sobre o que significa ser professor [...]”. É pelo comprometimento profissional, envolvendo questões como o sentido de pertencimento à profissão que a identidade docente é estabelecida em conformação com experiências dentro e fora da sala de aula, nos desafios enfrentados ao longo da trajetória. Identidade profissional instituída na dedicação, empatia e constante evolução, tal qual a educação e a sociedade em constantes transformações.

Professores necessitam de identidade profissional por se constituir o âmago da profissão, proporcionando um padrão de referências para criarem as próprias ideias normativas

sobre ‘o ser’ professor, como agir e como compreender a profissão (Gatti; Barreto, 2009). Profissão que institui e concretiza o homem em seu fazer cotidiano, permitindo que, ao fazê-lo, reflita sobre ele em um movimento constante de ação e reflexão na ação, estabelecendo com isso um processo contínuo de construção e reconstrução de si mesmo por suas atividades, o que torna esse trabalho um produto de autocriação, resultado de conhecimentos, produções e reflexões. Postas as considerações teóricas sobre o objeto de estudo, a seguir discorreremos sobre a metodologia da pesquisa.

3 TRAMAS INVESTIGATIVAS: PROCEDIMENTOS NA HARMONIZAÇÃO DOS DADOS DA PESQUISA

*Pesquisa para conhecer o que ainda não conheço e
para comunicar ou anunciar a novidade.
(Freire, 2002, p. 14)*

Neste capítulo, descrevemos o desenvolvimento metodológico do estudo, com o propósito de informar a respeito da metodologia da pesquisa, dos dispositivos de produção e das análises das narrativas, bem como explicitar o contexto empírico e os colaboradores da investigação.

Os caminhos metodológicos de uma investigação científica demandam rigorosidade científica, postura ética, o que exige do pesquisador determinação, concentração e foco nas questões que envolvem o objeto da pesquisa. Qual o pensamento de Freire (2002) na epígrafe inicial, pesquisamos para conhecer, para comunicar ou anunciar a novidade, o que nos convida a compreendermos a pesquisa como um ato de abertura ao mundo e de diálogo. Não se trata apenas de acumular informações, mas de mergulhar no desconhecido com curiosidade e compromisso, reconhecendo que o saber é sempre inacabado. O conhecimento, nesse sentido, não é propriedade privada, mas experiência compartilhada: ao descobrir, o sujeito se transforma e, ao anunciar, contribui para a transformação coletiva.

Escolhemos, para desenvolvimento deste estudo, o método autobiográfico por acharmos indicado à natureza do fenômeno investigado, por reconhecer que se trata de uma abordagem favorecedora de reflexão, do conhecimento sobre o vivido e do autoconhecimento, aspectos propícios à valorização das experiências cotidianas vivenciadas na construção da identidade profissional docente.

3.1 Método autobiográfico

O conhecimento, como resultado da capacidade humana de apropriação e compreensão crítica da realidade, é algo que fascina e instiga. Estamos nos referindo ao conhecimento rigoroso e sistemático da realidade, aquele que clarifica e solidifica hipóteses e conjecturas, que responde às inquietações epistemológicas, um conhecimento não apenas conceitual, descritivo, mas que pode ser fruto da análise crítica sobre determinado fenômeno.

Lakatos e Marconi (1991, p. 1) comentam a respeito de um conhecimento diferenciado, destacando que se trata de “[...] um conhecimento obtido de modo racional, conduzido por meio de procedimentos científicos”. É sistemático, capaz de ser submetido à verificação, conforme

as autoras (1991, p. 83), ao se concretizar por meio de um “[...] conjunto das atividades sistemáticas e racionais que [...], permite alcançar o objetivo – conhecimentos válidos e verdadeiros – traçando o caminho a ser seguido [...]”. No entendimento das autoras, no decorrer das atividades de pesquisa, o investigador vai percebendo o que dá certo e o que precisa ser ajustado para alcançar seus objetivos. Esse é o conhecimento científico, aquele que desvenda os fenômenos ocorridos, evidenciando, de maneira clara, os fatos a eles relacionados.

Oliveira (2000), ao abordar o tema, enfatiza a importância do método científico para investigação de um fenômeno, que possibilita compreender que o problema a ser investigado necessita de um planejamento racional e sistemático, ou seja, defende o método científico como o melhor instrumento de conhecimento e de compreensão da realidade social. Aronson e Aronson (2023, p. 377) argumentam: “[...] usamos o método científico na tentativa de descobrir relações legítimas entre as coisas, quer sejam substâncias químicas, quer sejam planetas ou os antecedentes do preconceito ou do amor humano”. Portanto, por meio dos caminhos criteriosamente organizados, cumprindo as etapas necessárias, chegamos à produção do novo conhecimento, válido e verificável.

No âmbito dos estudos voltados à compreensão do indivíduo em toda integralidade e subjetividade, destacamos o método autobiográfico como fonte de produção de conhecimento, especialmente para as Ciências Humanas e Sociais. Trata-se de um método que permite aos envolvidos elaborar significações e ressignificações sobre experiências pessoais na construção de suas histórias de vida, a partir de trajetórias narradas, proporcionando uma compreensão mais profunda dos significados atribuídos às vivências pessoais e profissionais. Neste estudo, optamos pelo método autobiográfico como caminho de pesquisa para a compreensão do objeto focalizado, em suas diferentes facetas.

O método autobiográfico como perspectiva de pesquisa é relativamente recente, no Brasil, no contexto das pesquisas desenvolvidas nas Ciências Humanas e Sociais. Segundo Nóvoa e Finger (2010), esse método surgiu no final do século XIX, na Alemanha, como uma alternativa sociológica de resistência ao positivismo. Os sociólogos americanos da Escola de Chicago utilizaram pela primeira vez em 1920. É oportuno mencionar que, ao longo de sua história, o método autobiográfico tem provocado polêmicas em relação à epistemologia e metodologia, o que tem fortalecido as lutas pelo reconhecimento de suas contribuições no contexto da pesquisa científica.

Essa luta tem sido constante nos dias atuais, especialmente no campo da Sociologia, na busca de um estatuto científico para o método autobiográfico. Atualmente, em face da ampliação e do fortalecimento das pesquisas ancoradas na narratividade, o método

autobiográfico alcançou o reconhecimento de seu estatuto científico. Ferraroti (2010), nesta perspectiva, considera necessária uma renovação metodológica desencadeada pela crise generalizada dos instrumentos heurísticos utilizados na Sociologia, considerados ineficazes para compreensão do indivíduo em interação com o meio social. O autor realça o valor do método autobiográfico como opção na mediação entre as ações e as estruturas, ou seja, entre a história individual e a história social dos narradores. Em outras palavras, afirma: “[...] podemos conhecer o social a partir da especificidade irreduzível de uma práxis individual” (Ferraroti, 2010, p. 23). Essa compreensão reforça que a análise das histórias de vida de cada narrador precisa ter como referência, também, as dimensões históricas e sociais de sua existência.

Ferraroti (2010) entende que o método autobiográfico tem especificidades, características peculiares (envolve pesquisa, reflexão e formação) e, ademais, as histórias de vida podem ser registradas por meio de diferentes fontes: materiais biográficos primários e materiais biográficos secundários. A respeito das fontes primárias, o autor destaca “[...] as narrativas autobiográficas recolhidas diretamente por um investigador, no quadro de uma interação primária (face to face)” (Ferraroti, 2010, p. 40). Em relação aos materiais biográficos secundários, inclui diferentes tipos de documentos: correspondências, diários, narrativas diversas, documentos oficiais, fotografias.

Na acepção de Ferrarotti (2010, p. 43), “[...] devemos voltar a trazer para o coração do método autobiográfico os materiais primários e a sua subjetividade explosiva”. O autor, além de reconhecer que as fontes primárias podem possibilitar a emergência da subjetividade do narrador, ressalta a objetividade das narrativas oriundas das fontes primárias (cartas, memoriais, entrevistas narrativas, entre outras). Isso direciona a atenção para refletirmos sobre subjetividade, dimensão interna e pessoal que marca a forma como o narrador interpreta e ressignifica as experiências que narra, as quais têm como suporte seus conhecimentos, experiências, emoções e valores, vindo a ser uma qualidade única e inerente a cada narrador.

Com o advento do método autobiográfico, a pessoa do professor se torna alvo de estudos e pesquisas, envolvendo, especialmente, a questão da subjetividade. Ou seja, de acordo com os trabalhos de Nóvoa (1992, p. 15), a emergência dos estudos autobiográficos colaborou para “[...] que a literatura pedagógica fosse invadida por obras e estudos sobre a vida dos professores, as carreiras e os percursos profissionais, as biografias e autobiografias docentes ou o desenvolvimento pessoal dos professores”. Essa afirmação tem sido confirmada no contexto do desenvolvimento atual das pesquisas educacionais, que revelam a presença e a importância cada vez mais crescente dos estudos sobre histórias, percursos e trajetórias de vida de professores, a partir de seus relatos autobiográficos.

Ampliando o debate, Dominicé (2010, p. 40), em uma de suas reflexões sobre o uso do método autobiográfico, afirma que “[...] a história de vida é outra maneira de considerar a educação. Já não se trata de aproximar a educação da vida, [...], mas de considerar a vida como o espaço de formação”. É possível inferir, considerando as ideias do autor, que as experiências podem ser formadoras, pois os professores, nas vivências diárias da profissão, têm uma jornada marcada por aprendizados contínuos.

Bueno (2002, p. 22), ao se reportar aos estudos sobre as histórias de vida, destaca: “[...] a abordagem biográfica prioriza o papel do sujeito na sua formação, o que quer dizer que a própria pessoa se forma mediante a apropriação de seu percurso de vida, ou do percurso de sua vida escolar”. Nesta concepção, percebemos a valorização das histórias de vidas pessoais e profissionais, assim como entendemos o potencial dessa abordagem no desenvolvimento da reflexividade, do autoconhecimento identitário oriundos da narratividade sobre a própria experiência.

O método autobiográfico apresenta um caráter formativo, possibilitando que o indivíduo, ao narrar sobre seu passado, presente e futuro, reflita sobre os percursos de vida, conscientizando-se de si mesmo tanto no plano individual, como no coletivo (Bueno, 2002). O método autobiográfico possibilita não apenas registrar experiências, mas atuar como fonte de um processo reflexivo e formativo, que faz ecoar múltiplas vozes dos narradores a respeito de suas vivências e experiências.

Os professores têm muitas histórias para contar, vivem experiências únicas e peculiares que, a partir do olhar crítico e analítico e da autorreflexão, podem aprender sobre a profissão, podem mudar e transformar suas histórias em experiências formativas e em fontes de desenvolvimento pessoal e profissional. Considerando o exposto, entendemos a pertinência do método autobiográfico em estudos sobre a constituição identitária de professores, seja por contribuir para que repensem suas práticas, seja por favorecer a consciência sobre os modos de ser e de estar na profissão. A partir dessa incursão teórica a respeito do método decidimos, conforme explicitado na seção a seguir, desenvolver uma pesquisa narrativa.

3.2 Metodologia do estudo: pesquisa narrativa e as histórias para contar

A pesquisa narrativa, como proposta metodológica nas investigações em educação, adentrou o campo no final dos anos 90. Ainda que enfrentando desafios epistemológicos, sua presença se estabeleceu como instrumento de representação na produção de conhecimento educacional, ganhando visibilidade e reconhecimento crescente ao longo dos anos 2000. Um

dos motivos que a justifica é o valor atribuído à subjetividade como um conhecimento qualitativo, valendo-se, portanto, da experiência relatada para compreensão do fenômeno educativo (Ferraroti, 2010).

A pesquisa narrativa nos oferece um caminho metodológico pertinente para desvelar a constituição da identidade de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, ao privilegiar os relatos sobre as experiências e os percursos desses profissionais. Ao narrar-se e narrar a própria vida, a pessoa reconstrói e ressignifica as experiências vividas, reinventando-se (Passeggi, 2011). As narrativas emergem como fontes de histórias singulares e plurais, quando cada narrador produz histórias de vida que são, ao mesmo tempo, particulares e coletivas, o que é importante para compreendermos as identidades individuais e no coletivo da profissão.

Ao optarmos pela pesquisa narrativa, lembramos que contar histórias faz parte das práticas sociais humanas. A narrativa propicia uma reconstrução de experiências pessoais e profissionais, posto que não se trate da experiência em si, mas de representação tecida pelo narrador sobre o ocorrido em sua vida. Narrando eventos do passado, o narrador organiza as experiências, direciona o pensamento ao que vive e viveu, por meio da reflexividade e, assim, tornam dizível e compreensível as experiências. O narrador expressa fatos históricos de sua vida que, em sua análise, representam a realidade de sua existência (Cunha; Breton, 2021).

Como proposta metodológica, a pesquisa narrativa tem sido amplamente utilizada no contexto das pesquisas em educação, projetando-se como um tipo de pesquisa-formação, favorecendo o autoconhecimento e a apreciação das experiências vividas, o que permite ao narrador refletir sobre sua história ao rememorar as experiências narradas. Especificamente sobre as narrativas, precisamos realçar que constituem “[...] tanto um fenômeno quanto uma abordagem de investigação-formação, porque partem das experiências e dos fenômenos humanos advindos das mesmas” (Sousa, 2006, p. 135).

As narrativas autobiográficas firmam-se como metodologia de investigação ao dar visibilidade às historicidades das pessoas, sejam crianças, adolescentes ou adultos, reconhecendo que, enquanto pessoas que pensam, com linguagem, possuem capacidades de narrar suas histórias e refletir sobre elas enquanto narram. Clandinin e Connelly (2011, p. 27) reconhecem a importância das narrativas, quando afirmam que “[...] as pessoas vivem histórias e, no contar, reafirmam [...] suas histórias vividas e contadas, educando a si mesmos e aos outros”. Isso permite ao narrador, no relato de sua experiência, refletir sobre a trajetória de vida, oportunizando modificações que achar necessárias para melhor compreensão do ouvinte. Contar experiências permite ao narrador compreender melhor as próprias histórias, o que se reveste de significado e importância na vivência dessa prática.

As histórias e os relatos de vida constituem a base da pesquisa narrativa, o que pode se concretizar por meio de diferentes fontes (relatos orais, cartas, entrevistas, entre outras). Neste âmbito, enfatizamos que os narradores são pessoas comuns que possuem histórias para relatar, experiências individuais e coletivas a serem contadas e transformadas em conhecimentos. Segundo Benjamin (1987), o ato de contar histórias é uma prática que precisa ser cultivada no intuito de perpetuá-las para que não sejam esquecidas, sendo esta uma forma de conservá-las vivas na memória dos povos uma vez que, faltando narradores, a tendência é serem perdidas no esquecimento.

Segundo o autor, embora tão comum e natural, o hábito de narrar histórias tem se tornado arte em extinção. Contar histórias sempre teve como princípio básico a arte de recontá-las e, quando este princípio não é preservado, as histórias caem no esquecimento e se perdem (Benjamin, 1987, p. 197-198). Para reforçar a ideia de que o ato de narrar parece em extinção, o autor argumenta: “[...] quando se pede num grupo que alguém narre alguma coisa, o embaraço se generaliza. É como se estivéssemos privados de uma faculdade que nos parecia segura e inalienável: a faculdade de intercambiar experiências”. Compartilhar experiências, refletindo sobre elas, traz diferentes contribuições, entre as quais destacamos: preservar culturas, tradições orais e escritas e resgatar histórias de vida pessoal e profissional, fontes ricas de significados subjetivos que podem favorecer o entendimento de realidades sociais.

O reconhecimento das singularidades da pesquisa narrativa ratifica a escolha por essa metodologia de investigação, uma vez que possibilita ao narrador “[...] um processo dinâmico de viver e contar histórias; reviver e contá-las novamente, não somente aquelas cujos participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 18). Trata-se de viver uma rica e dinâmica experiência de narrar a própria vida e a de outros sujeitos sociais, que se unem no mesmo propósito: refletir sobre si, narrando e escutando histórias de vida singulares. No contexto da pesquisa narrativa, delineamos, consoante o apresentado na seção a seguir, as fontes de produção das narrativas.

3.3 Dispositivos de produção de narrativas

Uma pesquisa precisa de um bom planejamento para que sejam traçados os caminhos a percorrer na produção e análise dos dados. Para isso, é preciso considerar a natureza do objeto de estudo a fim de que as considerações do investigador estejam coesas e alinhadas aos objetivos a alcançar. Nesta investigação, optamos pela utilização de dois dispositivos de produções de dados: a carta pedagógica e a roda de conversa. Os dois dispositivos foram

articulados a fim de fornecer a produção de narrativas e informações necessárias à compreensão da questão central da investigação.

3.3.1 Cartas pedagógicas: narrando histórias pessoais e profissionais

Ao realizar pesquisa utilizando narrativas de vida, precisamos considerar que as histórias a serem narradas podem intercambiar experiências pessoais e profissionais, como afirma Nóvoa (2007), o professor é uma pessoa, e uma porção significativa da pessoa é o professor. Por essa razão, os dispositivos utilizados neste estudo apresentam narrativas que intercambiam histórias de vida pessoais e profissionais dos colaboradores da pesquisa. Nesta seção, apresentamos as cartas pedagógicas, dispositivo que possibilitou um aprofundamento sobre aspectos específicos referentes à constituição identitária de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI.

A carta pedagógica se reveste de um teor educativo, constitui um tipo de escrita que visa à abertura de diálogo pedagógico com outrem, tem propósitos claros, de trocas mútuas de informações entre os correspondentes. As cartas, durante muito tempo, constituíram um meio eficaz para receber e passar informações, configurando-se como uma forma de comunicação, não somente eficaz como elo entre as pessoas, mas como fonte de afetos e de compartilhamento de experiências afetivas.

As cartas, além de facilitarem a comunicação entre pessoas, constituem um gênero literário muito conhecido, cuja origem data do século XVIII. Ao longo dos tempos, foram utilizadas como meio de comunicação, o que as tornou uma prática muito consagrada, principalmente quando pessoas, impossibilitadas da liberdade de expressão, imposta por regimes autoritários, utilizavam-nas para dar voz às ideias ou discursos (Romão, 2000). Isto é, as cartas se configuraram como instrumento de comunicação e de diálogo, como fontes de registros de memórias afetivas e de experiências.

Neste estudo, como já explicitado, utilizamos as cartas pedagógicas. Essas cartas precisam de uma intencionalidade pedagógica, isto é, têm o diferencial de abordar questões a respeito de formação humana, humanizadora, ou então, no caso, quando houver falta delas (Camini, 2012). A autora afirma que uma carta, para ter cunho pedagógico, precisa de um conteúdo que interaja com o ser humano, na transmissão das sensibilidades humanas entre si, em uma comunicação que promova um diálogo pedagógico.

Paulo (2023, p. 74) destaca como essencial, na utilização das cartas pedagógicas, partir dos seguintes questionamentos: “Ao escrevermos cartas pedagógicas, devemos nos perguntar:

para quem escrevo? Para que e por que escrevo sobre essa experiência ou prática educativa? O que escreverei e sobre quais aspectos de minha experiência ou prática educativa abordarei?”. Essas e outras questões estão relacionadas à escrita deste documento, nos levando a refletir sobre qual objetivo estamos querendo alcançar, o que queremos alcançar e o que pretendemos realizar com os resultados obtidos. As cartas pedagógicas, nesta perspectiva, são instrumento de conexão entre pessoas, assim como podem impactar suas vidas, uma vez que o recebimento, dependendo de seu teor, pode desencadear reações variadas, desde alegria, prazer, entusiasmo, até descontentamento, tristeza e aborrecimento, o que nos sugere necessidade de atenção e cuidado ao destiná-las a alguém.

A utilização das cartas pedagógicas na pesquisa científica precisa ser eticamente sistematizada, partindo de “[...] um compromisso ético-político do pesquisador no movimento educativo de pesquisas participativas como ruptura dos processos de colonização do saber, subordinados à educação a serviço do sistema capitalista” (Paulo, 2023, p. 9). O uso das cartas não se configura apenas como uma ferramenta para descrever experiências, percursos e vivências narradas, mas constitui a utilização de um gênero do discurso com potencial para viabilização da construção conjunta do conhecimento, de atitudes reflexivas, de ações mútuas e de questionamentos acerca do que, onde, quando, com quem, como, por que e para quê organizado num conjunto de ideias, atitudes e saberes.

A escrita de cartas pedagógicas, portanto, institui o uso de um dispositivo de diálogo e reflexividade, em que os registros elucidados nos diálogos escritos entre pessoas, proporcionam ação reflexiva de revisitação dos fatos vivenciados. Nesta pesquisa, utilizamos a carta pedagógica com os seguintes objetivos: identificar as identidades que professores de música do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI atribuem a si mesmos, a partir de suas trajetórias na profissão docente; compreender como a experiência e a socialização profissionais repercutem na constituição das identidades de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI e descrever as identidades profissionais que professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI projetam para si.

Com os objetivos traçados, as cartas pedagógicas foram planejadas e encaminhadas aos colaboradores da pesquisa, via e-mail, procedendo da seguinte forma: primeiro, obtivemos o endereço de e-mail dos possíveis colaboradores da pesquisa para emissão das cartas. Em seguida, enviamos uma carta-convite, esclarecendo o motivo e significado da carta pedagógica e o uso como ferramenta de pesquisa na produção de narrativas de pesquisa do referido estudo. Após resposta afirmativa ao convite, iniciamos os diálogos por meio do encaminhamento de três cartas pedagógicas. Cada carta era norteada por questões temáticas, decorrentes dos

objetivos da pesquisa. No Quadro 01 apresentamos a carta-convite encaminhada aos colaboradores.

Quadro 01 – Carta-convite aos colaboradores

Teresina-PI, janeiro de 2024.

Prezado colaborador,

Estou cursando doutorado, na Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Antônia Edna Brito. Desenvolvo uma pesquisa sobre Identidade Profissional Docente. Compreendemos que identidade é metamorfos e constitui-se num processo "[...] permanente de formação e transformação do indivíduo, que ocorre com base em condições históricas, sociais e materiais, as quais podem levar ou não à emancipação humana". Essa concepção de identidade permite entender sobre o ser humano, seu psiquismo e da sua maior forma de expressão: a subjetividade (Carvalho, 2011). Com isso, estudar sobre identidade reveste-se de singular importância pelas contribuições ao conhecimento de que identidade profissional é um processo móvel em construção contínua e inacabada, cujo movimento se dá pelo reconhecimento dos outros em nossas relações interpessoais, validando-nos e conscientizando-nos do que somos em nossa constituição pessoal e singular. A pesquisa intitula-se: "Múltiplas identidades do professor de música do IFPI". Tem como objetivo analisar a constituição da identidade profissional de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, o que me motiva a entrar em contato com você, por reconhecer que suas experiências e vivências como professor fornecerão subsídios importantes para minha pesquisa, contribuindo para evidenciar os processos constitutivos das identidades profissionais docentes. Por esse motivo, quero convidá-la a participar de minha pesquisa para compartilhar sobre sua constituição identitária como professor no ensino da música. A pesquisa será desenvolvida por meio de cartas pedagógicas e rodas de conversas. Em outra carta, darei mais informações a respeito da investigação. Gostaria de saber se posso contar com sua colaboração. Fico aguardando sua resposta.

Atenciosamente,
Elineide Pereira

Fonte: Arquivo da Pesquisadora.

A carta-convite foi encaminhada aos colaboradores via e-mail, no mês de março/2024, conforme acordado. A devolutiva, respostas às cartas recebidas, ocorreu também por e-mail. Alguns colaboradores não demoraram a responder, outros demoraram, embora estivéssemos sempre em contato em busca de retorno sobre as cartas. Em virtude dessa ocorrência, foi necessário entrar em contato por meio de *WhatsApp* com dois colaboradores, para sensibilizá-los a nos responder. Após o recebimento das respostas às cartas enviadas, firmando o convite para participação na pesquisa, encaminhamos a segunda carta que teve como objetivo identificar as identidades que professores de música do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI atribuem a si mesmos, a partir de suas trajetórias na profissão docente.

Solicitamos na segunda carta, Quadro 02, que escrevessem sobre formações profissionais (inicial e continuada), tempo de atuação no IFPI, tempo de serviço anterior ao ingresso no IFPI, informação sobre os componentes curriculares que ministravam no Curso Técnico em Instrumento Musical, bem como que refletissem sobre o processo de constituição de suas identidades profissionais, narrando que professores eram quando iniciaram na docência no Instituto Federal. A carta enviada aos colaboradores teve o seguinte teor:

Quadro 02 – Segunda carta pedagógica aos colaboradores

Teresina, PI, março de 2024.

Prezado colaborador,

Considerando sua disponibilidade para participar da pesquisa de doutoramento que desenvolvo, escrevo esta carta com o objetivo de compreender como está sendo construída a identidade pessoal e profissional de professores de música do IFPI. Para conhecer seu perfil profissional, ao responder esta carta, escreva sobre sua formação profissional (inicial, continuada), tempo de atuação no IFPI e tempo de serviço anterior ao ingresso no IFPI, bem como informe sobre os componentes curriculares que ministra no Curso Técnico em Instrumento Musical. Gostaria que você rememorasse o processo de constituição de sua identidade profissional. Para tanto, narre sobre que professor era quando de sua iniciação como professor de música do IFPI (quem era você como professor? O que mudou no seu jeito de ser professor? Que aspectos colaboraram para essa mudança?). É importante, para a pesquisa, conhecer que professor você é hoje (o que mudou em sua prática e em seu modo de ver a profissão e o ensino de música, que mostra o desejo de conhecer os “muitos eus” constituintes de sua identidade profissional). Espero que os aspectos mencionados sejam motivadores para sua escrita em resposta a esta carta e para estreitar o diálogo a respeito da identidade de professores de música. Agradeço por sua disponibilidade em participar desta investigação, pela confiança em partilhar sua história de vida, formação e identidade profissional.

Atenciosamente,
Elineide Pereira

Fonte: Arquivo da Pesquisadora.

Após o envio da segunda carta, aguardamos algum tempo até receber as respostas. Um colaborador respondeu a carta prontamente (no mesmo dia) ficando as demais para serem recebidas após quinze dias. Respondemos a segunda carta e enviando a terceira carta, para continuarmos o diálogo a respeito de aspectos referentes à constituição identitária dos colaboradores da pesquisa, professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI. Essa carta foi escrita com o seguinte conteúdo:

Quadro 03 – Terceira carta pedagógica aos colaboradores

Teresina, abril/2024.

Prezado colaborador,

Espero que esteja tudo bem com você. Na carta anterior, solicitei informações sobre seu perfil profissional, pedindo-lhe que escrevesse sobre sua formação profissional (inicial, continuada), tempo de atuação no IFPI e tempo de serviço anterior ao ingresso no IFPI, bem como informasse sobre os componentes curriculares que ministra no Curso Técnico em Instrumento Musical. Solicitei, também, que narrasse a respeito do professor que foi quando de sua iniciação na docência no curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI (quem era você como professor? O que mudou no seu jeito de ser professor? Que aspectos colaboraram para essa mudança?). Recebi sua carta em resposta às questões levantadas; ressalto que as informações repassadas são muito importantes para a pesquisa que desenvolvo, acerca da identidade de professor de música do IFPI, objeto desta pesquisa. Nesta segunda carta, preciso que comente a respeito de aspectos que colaboraram com a constituição de sua identidade como professor do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI. A esse respeito, explique como suas experiências profissionais contribuem com a revisitação de sua identidade profissional e, ainda, relate a respeito de como a socialização profissional (interação com os pares, com os estudantes e com outros atores sociais, a participação em eventos formativos, entre outros), repercute na constituição de sua identidade como professor de música do IFPI. Mais uma vez, agradeço sua colaboração.

Atenciosamente,
Elineide

Fonte: Arquivo da Pesquisadora.

O objetivo da terceira carta foi compreender como a experiência e a socialização profissionais repercutem na constituição das identidades de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI. Solicitamos que explicassem como as experiências profissionais contribuíram com a revisitação de suas identidades profissionais e que relatassem a respeito de como a socialização profissional – interação com os pares, com os estudantes e com outros atores sociais, a participação em eventos formativos, entre outros – tem repercutido na constituição de identidades.

A terceira carta pedagógica, semelhante ao que ocorreu com a segunda, foi enviada via e-mail aos colaboradores. Como das outras vezes, foi necessário cobrar as respostas, pois havia um colaborador que demorava a responder, em face de demandas cotidianas. Na quarta e última carta, Quadro 04, solicitamos que relatassem a respeito da identidade profissional que almejavam para si, considerando o vivenciado no percurso profissional, visto que entendemos identidade como movimento e mudança. Finalizamos a carta, destacando a importância das respostas para a produção da tese. A carta enviada aos colaboradores foi a seguinte:

Quadro 04 – Quarta carta pedagógica aos colaboradores

Teresina, setembro de 2024.

Prezado colaborador,

Cá estou eu novamente para conversarmos! Tudo bem com você? Espero que sim! Retornando as nossas conversas, esta é a quarta carta que trocamos falando sobre identidade profissional docente. Quantas experiências enriquecedoras as cartas me têm possibilitado conhecer. Tem sido muito importante para a pesquisa conhecer suas experiências e socializações profissionais e como tem constituído sua identidade profissional em sua trajetória no Curso Técnico em Instrumento Musical, no IFPI. Para continuidade de nosso diálogo, entendendo identidade como movimento e mudança, gostaria que falasse a respeito da identidade que almeja ter em seu percurso profissional. Que identidade deseja consolidar como professor no Curso Técnico em Instrumento Musical, no IFPI? O que você acha que é preciso fazer para se tornar o professor que pretende ser? Oportuno destacar a importância de sua resposta para a produção de minha tese. Mais uma vez, agradeço sua colaboração na pesquisa.

Abraços fraternos,
Elineide Pereira

Fonte: Arquivo da Pesquisadora.

Dando sequência ao ciclo de comunicações, apresentamos a quarta carta aos colaboradores, com respostas devolutivas chegando em um prazo de quinze dias. Registramos a importância das cartas pedagógicas como dispositivo metodológico da pesquisa. Elas constituíram ferramentas pedagógicas de importante contribuição para os achados da investigação, promovendo uma escrita reflexiva e formativa. É salutar informar que as cartas subsidiaram o diálogo nas rodas de conversa, ou seja, foram o ponto de partida para os diálogos e reflexões coletivas envolvendo os colaboradores da pesquisa. Na sequência, discorreremos sobre as rodas de conversa, descrevendo como ocorreram na pesquisa.

3.3.2 Rodas de conversa: narrando e refletindo coletivamente

A conversa é uma prática muito comum entre seres humanos. Pessoas conversam para expor pensamentos, para se posicionar sobre determinado assunto, para discutir opiniões e refletir sobre temas diversos. Como sujeitos sociais, apreciamos trocar ideias, dialogar, nos comunicar e interagir com outros. Em uma roda de conversa, mesmo sem sistematização, podem fluir muitos diálogos, interações narrativas de vida pessoal e profissional. Na pesquisa, a roda de conversa deve ser sistematizada por meio de um planejamento cuidadoso, em concordância com os objetivos da investigação, configurando-se em uma excelente

oportunidade para questões serem esclarecidas, conhecidas e elucidadas, contribuindo para a resolução de problemas e clareza de ideias.

Warschauer (2001, p. 179) destaca a importância das rodas de conversa, afirmando que “[...] conversar não só desenvolve a capacidade de argumentação, [...] implica as capacidades relacionais, as emoções, o respeito, saber ouvir e falar, aguardar a vez, [...] enfrentar as diferenças, o esforço de colocar-se no ponto de vista do outro”. As rodas de conversa são muito mais do que espaços para a troca de palavras, são favoráveis ao diálogo, à reflexão e ao compartilhamento de ideias e conhecimentos. A conversa em grupo favorece o crescimento pessoal e profissional, seja pela individualidade compartilhada, seja pelos retornos recebidos das experiências similares, pois permite perceber o que nos assemelha e diferencia como sujeitos coletivos.

No contexto da pesquisa narrativa, a roda de conversa constitui uma fonte de produção de narrativas, espaço em que o pesquisador atua como mediador biográfico na investigação, envolvendo-se diretamente nas trocas dialógicas e, simultaneamente, coletando informações relevantes para análise. As rodas de conversa favoreceram a participação coletiva dos colaboradores, bem como o compartilhamento de experiências e conhecimentos produzidos nos diferentes percursos de suas vidas.

Dos espaços descontraídos às pesquisas educacionais, a roda de conversa deixou os terraços e alpendres e “[...] chegou à escola como estratégia de ensino, e como caminho natural, alcançou as pesquisas educacionais” (Moura; Lima, 2014, p. 101). Essa forma ancestral de diálogo foi ressignificada na pesquisa em educação, ganhando espaço não apenas como estratégia de ensino, mas também como dispositivo potente nas pesquisas educacionais. Esse dispositivo busca compreender a influência que o grupo social possui na reinterpretação do vivido. No espaço das rodas, o pesquisador se inclui como sujeito da pesquisa, ao participar da conversa e, simultaneamente, produzir informações para discussão (Moura; Lima, 2014).

As autoras descrevem as rodas de conversa como “[...] um instrumento que permite a partilha de experiências e o desenvolvimento de reflexões, [...] em um processo mediado pela interação com os pares, por meio de diálogos internos e no silêncio observador e reflexivo” (Moura; Lima, 2014, p. 99). Participar de uma roda de conversa em clima de cordialidade e confiança permite interações positivas, com aberturas propícias ao desvelamento de si e do outro, na construção de saberes e troca de experiências. Como dispositivo, as rodas de conversa “[...] podem ter como ponto de partida, narrativas produzidas pelos coparticipantes sobre o objeto de estudo, que são socializadas conforme agenda de pesquisa” (Brito; Santana, 2014, p. 118). Essas narrativas podem ser produções resultantes de cartas pedagógicas, diários,

memoriais, portfólios, cujo objetivo é, por meio da divulgação dos conteúdos, favorecer um ambiente propício à reflexão e análise das experiências vivenciadas pelos participantes.

A roda de conversa precisa de planejamento prévio, o roteiro e a agenda necessitam ser cuidadosamente produzidos, requerendo objetividade na elaboração do conteúdo a ser desenvolvido no encontro. Trata-se de um dispositivo de pesquisa que demanda reflexão em sua execução uma vez que acentua situações de ensino/aprendizagem nos processos formativos, proporcionando uma dinâmica de ação coletiva e participativa. Para cada roda, é necessário focar nos objetivos específicos da investigação, é preciso definir uma agenda, que poderá ser revista, se necessário (Brito; Santana, 2014). Os autores realçam a importância da organização das rodas de conversa, recomendam que cada roda de conversa tenha a própria agenda, com possibilidade de revisão, para o cuidado em articular a espontaneidade do diálogo com os objetivos específicos da pesquisa.

Moura e Lima (2014) orientam que o planejamento das rodas deve ser conduzido por uma questão-temática, objetivando provocar a participação de todos nos diálogos, nas trocas de ideias e experiências. Rodas de conversa na pesquisa possuem a intencionalidade de promover diálogos espontâneos e livres; devem ser guiadas por uma questão-temática significativa, a fim de mobilizar memórias, despertar reflexões e instigar o compartilhamento de experiências entre os participantes.

Warschauer (2002, p. 47) confirma, ao dizer que a roda de conversa “[...] é uma construção própria de cada grupo, [...] constitui-se em um momento de diálogo, por excelência, em que ocorre a interação entre os participantes do grupo sob organização do coordenador [...]”. Reafirmamos a singularidade de uma roda de conversa, uma vez que é composta por pessoas ímpares e incomuns, de trajetórias e histórias de vidas diferentes, em que nada os iguala e unifica, exceto em suas identidades, quando todos se tornam autores e atores, protagonistas de si mesmos.

Na pesquisa com professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, foram realizadas três rodas de conversas em que os colaboradores da pesquisa compartilharam conhecimentos, experiências e informações, partindo das narrativas produzidas nas cartas pedagógicas. As rodas de conversa foram planejadas a partir de eixos temáticos, organizados em questões norteadoras, da seguinte forma: na primeira roda de conversa, realizada com o objetivo de expor as identidades que os professores de música do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI atribuíam a si mesmos, a partir de suas trajetórias na profissão docente, partindo das seguintes questões: *Quem era você como professor no início da profissão? O que mudou no seu jeito de ser professor? Que aspectos colaboraram para a*

mudança em sua identidade profissional? A roda foi realizada dia 24/04/2024, na sala de reuniões da Diretoria-Geral do *Campus* Teresina Central, com a participação de 05 professores. Na Figura 02, destacamos o encontro com os participantes da pesquisa na primeira roda de conversa.

Figura 02: Foto ilustrativa da primeira roda de conversa



Fonte: Acervo da pesquisadora (2024).

Para participação na primeira roda de conversa, os colaboradores da pesquisa receberam um convite via *WhatsApp*, informando dia, local e hora do encontro, bem como destaque para a importância da presença e participação de todos. O local do encontro foi marcado para uma sala de reuniões do IFPI, cuidadosamente preparada para recepcioná-los. A atmosfera da roda de conversa foi bastante amistosa, uma vez que os colaboradores se sentiram em um ambiente acolhedor, propício ao relato de suas experiências, histórias e trajetórias de vida. Para isso, organizamos um ambiente receptivo e confortável, oportuno à estabilidade emocional dos participantes.

No dia marcado para a primeira roda de conversa, 24/04/2024, chegamos ao local com antecedência para receber cada colaborador que, ao entrar no recinto, se acomodava em cadeiras organizadas em círculo. Por serem colegas do mesmo setor de trabalho, todos se conheciam, não havendo necessidade da apresentação formal de cada um. A sala logo foi tomada por uma atmosfera alegre e descontraída, com risos e trocas de comentários gentis, motivados pela satisfação de um encontro com colegas, não para trabalho, mas para conversar, compartilhar experiências, reviver o passado, pensar o presente e o futuro em uma perspectiva reflexiva e formativa. Conforme sugerem Brito e Santana (2014, p. 118), “[...] os conteúdos das narrativas ao serem socializados abrem espaços para reflexão e para análise de experiências vivenciadas pelos diferentes atores sociais”. A conversa, o diálogo franco e cordial permitiu a produção de um ambiente aberto, imaginativo, criativo, propício à reflexão e análise detalhadas das

experiências compartilhadas entre os colaboradores do estudo, fortalecendo a conexão e confiança mútua.

Após a recepção dos colaboradores, iniciamos as atividades formais planejadas para a roda de conversa, que teve quatro momentos. No primeiro momento, abertura e boas-vindas, agradecemos a participação, solicitamos a permissão para gravar a reunião e realizamos a leitura da agenda, na qual constavam as seguintes atividades: momento reflexivo (que aconteceu com a declamação da poesia Retrato, de Cecília Meireles); apresentação da proposta de pesquisa (título, objeto de estudo, objetivos e metodologia). No segundo momento, a roda de conversa foi direcionada para um dos eixos temáticos planejados, de acordo com o objetivo de identificar as identidades que professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI atribuem a si mesmos, a partir de suas trajetórias na profissão docente. Para provocar reflexões sobre esse eixo, partimos das seguintes questões: *quem era você como professor no início da profissão no IFPI? O que mudou no seu jeito de ser professor?* As questões apresentadas permitiram aos colaboradores voltarem ao passado, identificando as mudanças ocorridas em suas identidades, por meio dos movimentos experienciais de suas histórias de vida pessoal e profissional.

Dialogar sobre quem eram no início da carreira docente no IFPI e as mudanças ocorridas em suas identidades fez os colaboradores refletirem sobre o processo identitário, avaliando o quanto haviam mudado; “não somos mais os mesmos” foi a conclusão geral, confirmando o pensamento de Ciampa (2005) que entende a identidade não como uma constância, mas como transmutação, metamorfose. Após reflexões sobre a temática central da roda de conversa, finalizamos os trabalhos com a apresentação da música Metamorfose Ambulante (Raul Seixas, 1973), cantada por uma professora da instituição. Com a apresentação musical, reiteramos o movimento dinâmico e complexo de constituição identitária.

A segunda roda de conversa aconteceu em 24/06/2024, após recebimento de resposta à segunda carta pedagógica que encaminhamos aos colaboradores. A segunda roda de conversa aconteceu com o objetivo de compreender como a experiência e a socialização profissionais repercutem na constituição das identidades de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI. Para suscitar reflexões acerca desse objetivo, apresentamos um questionamento: *Como sua identidade profissional tem sido e é afetada pelas experiências de socialização profissional?* Esse questionamento foi um convite à reflexão sobre a participação do outro na construção identitária, assim como para que refletissem a respeito de como a identidade é afetada pelas experiências de socialização no ambiente de trabalho.

Em relação à agenda da segunda roda de conversa, inicialmente realizamos a dinâmica da teia, um procedimento que utiliza um rolo de barbante para envolver todos em um

emaranhado de fios, aproximando o grupo no convívio de suas relações interpessoais. Após esse primeiro momento, os diálogos convergiram para relatos de experiências sobre as socializações profissionais experienciadas, ocasião em que destacaram as trocas compartilhadas nos diferentes momentos vivenciados na profissão, envolvendo alegrias, dificuldades, aprendizagens, vitórias, fracassos e como a socialização das experiências entre eles foi a saída encontrada para o fortalecimento das relações, o crescimento profissional e para a consolidação de suas identidades docentes.

Como nos encontros anteriores, a terceira roda de conversa foi agendada após recebimento de resposta da terceira carta pedagógica. Nessa roda de conversa, todos os colaboradores estiveram presentes, demonstrando a alegria do reencontro com os pares para o diálogo e para as trocas de ideias, de conhecimentos e de experiências profissionais. Com a realização da terceira roda de conversa, pudemos confirmar o pensamento de Warschauer (2002, p. 47), quando afirma que esse dispositivo “[...] é uma construção própria de cada grupo. [...] Constitui-se num momento de diálogo, por excelência, em que ocorre a interação entre os participantes do grupo, sob a organização do coordenador [...]”. Concordamos com a autora, levando em conta que, na pesquisa, as dinâmicas das rodas de conversa foram tecidas pelos colaboradores como momentos de encontro entre os pares de profissão, de fluência de diálogos, de acesso às lembranças guardadas na memória e de evocação de experiências sobre a constituição de suas identidades.

A agenda da terceira roda de conversa foi organizada com a seguinte proposta: realização do acolhimento dos colaboradores da pesquisa, que aconteceu com a leitura do poema Traduzir-se (Gullar, 1980), que foi lido e analisado, para refletirmos sobre a constituição identitária. O momento de leitura do poema envolveu a escuta atenta dos colaboradores do estudo. Em seguida, foi lida a agenda programada para o encontro e, posteriormente, realizamos uma atividade mobilizadora, ou seja, uma dinâmica interativa para produção de uma linha do tempo, destacando o que os colaboradores revelaram em suas narrativas sobre a constituição de suas identidades – início da profissão e sobre como se viam no momento daquela roda de conversa.

Nessa terceira roda de conversa, solicitamos que os colaboradores narrassem sobre as identidades profissionais que desejavam produzir no percurso da profissão, partindo das seguintes indagações: *Que identidade deseja consolidar como professor no Curso Técnico em Instrumento Musical, no IFPI? O que você acha que é preciso fazer para se tornar o(a) professor(a) que pretende ser?* Nossa pretensão foi fazer fluírem as narrativas dos colaboradores a respeito de seus ideais identitários, descrevendo que identidades profissionais

projetavam para si como professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI. O ambiente foi propício à discussão e interação, provocando uma reação natural e espontânea de conversas mútuas, socializações de experiências e compartilhamento de conhecimentos profissionais. Na seção subsequente, descrevemos os procedimentos de análise das narrativas nesta pesquisa.

3.4 Análises de conteúdo das narrativas

Pesquisar sobre a identidade profissional docente implica compreender que sua constituição é processual, marcada por mudanças e movimentação contínua. Ao adotar o método autobiográfico como referência, torna-se necessário instituir uma modalidade de análise que permita um exame crítico e cuidadoso do corpus produzido durante o desenvolvimento da investigação. Com esse propósito, optamos pela análise de conteúdo de narrativas, tendo em vista que propicia um processo analítico que abrange integralmente as múltiplas dimensões inerentes às histórias produzidas pelo narrador (dimensões pessoais, profissionais, sociais, políticas, culturais, entre outras).

Diante do exposto, para descrição, interpretação e análise do material recolhido na pesquisa, adotamos a análise de conteúdo de narrativas fundamentada nos referenciais teóricos de Poirier, Valladon e Raybaut (1995, p. 107). A análise de conteúdo de narrativas, na acepção desses autores, objetiva “[...] fornecer informações práticas para efetuar uma série de operações destinadas à interpretação de um trabalho abundante, [...] recheado de informações, dando sentido ao conjunto de fatos sem reduzir as riquezas de significações”. Os autores apresentam orientações sobre como analisar a abundância de informações produzidas em uma pesquisa autobiográfica, de forma a examiná-las em suas multiplicidades de sentidos e significados (Poirier; Valladon; Raybaut, 1995).

Segundo os autores, não se trata de reflexão teórica ou metodológica de análise, mas de um processo que requer uma série de operações de interpretações sobre a grande quantidade de material de pesquisa oriundo da empiria, por meio de narrativas. Destacam que, diante das respostas dos narradores, é possível se fazer uma análise aberta, pondo em evidência as histórias de vida que subjazem aos relatos dos colaboradores (Poirier; Valladon; Raybaut, 1995).

Na perspectiva dessa análise, as narrativas necessitam de uma sistematização por meio de unidades temáticas (núcleo temático, delimitado a partir dos objetivos da pesquisa; possibilita o agrupamento das narrativas em torno de um tema). Para conduzir a análise das narrativas, tanto orais quanto escritas, levamos em consideração os contextos de vivências

profissionais dos colaboradores e os sentidos particulares que atribuem à constituição de suas identidades profissionais na docência, no Curso Técnico em Instrumento Musical no IFPI.

No processo interpretativo das narrativas, seguimos as diferentes fases que, segundo Poirier, Valladon e Raybaut (1995), constituem as diferentes etapas do trabalho interpretativo-analítico. A fase preliminar foi dedicada à transcrição e leitura cuidadosa das narrativas, com o objetivo de identificar e compreender as temáticas centrais presentes nelas. Os autores orientam uma leitura atenta, cuidadosa dos dados para classificá-los de acordo com suas especificidades, partindo dos sentidos e significados atribuídos a eles. Diante da abundância de dados, os autores orientam sobre a clarificação de perfis biográficos constituídos pelo desenho da história de vida, permitindo a localização de temas e o seu reagrupamento de forma ordenada. “São categorias descritivas que remetem para variáveis do texto que [...] fazendo-o, recortam e organizam o corpus (Poirier; Valladon; Raybaut, 1995, p. 112).

O tempo pessoal (biográfico) se entrelaça com o tempo coletivo (histórico), e compreender essa relação é essencial para construir perfis biográficos, entender identidades e analisar transformações sociais. Nessa fase de organização do corpus, os autores sugerem técnicas de análises de conteúdo, afinando o que chamam de “grelhas de leitura” que “[...] vão permitir substituir por uma ordem lógica o fluxo espontâneo e repetitivo das histórias de vida lidas em série” (Poirier; Valladon; Raybaut, 1995, p. 117). Os autores reforçam que essa categorização em grelhas objetiva fornecer, por condensação, um resumo dos dados em bruto, uma análise horizontal. Segundo os autores, “[...] é um exame do tipo classificatório, onde a dificuldade está em saber como classificar sem deformar a narrativa, sem deixar de fora da grelha, elementos significantes” (Poirier; Valladon; Raybaut, 1995, p. 117).

Esse processo não é simples, pois há o risco de reduzir ou distorcer a riqueza da narrativa ao tentar encaixá-la em categorias pré-definidas (a “grelha” mencionada). Os elementos significantes referem-se às partes essenciais da narrativa, detalhes, experiências, nuances, que podem ser perdidos se o exame for excessivamente rígido ou técnico. Os autores dizem que “[...] é preciso, pois, estabelecer categorias descritivas que remetam para variáveis do texto que sejam exclusivas umas das outras, que recortem e organizem o discurso” (Poirier; Valladon; Raybaut, 1995, p. 117).

Em nossa organização dos materiais produzidos, os perfis biográficos foram organizados em unidades temáticas, ou grelhas, seguindo indicadores dos objetivos da pesquisa, direcionados a cada relato dos colaboradores nas vivências em suas histórias únicas, “mas ocorridas em um tempo maior, o tempo histórico, que é marcado por eventos sociais, culturais, políticos e econômicos” (Poirier; Valladon; Raybaut, 1995, p. 118). Referem-se a diferentes

tipos de grelhas, o importante, segundo os autores, “[...] é dispor de um instrumento que [...] permita ventilar eficazmente as respostas [...] só elas permitem dar-lhe conta do sentido” (Poirier; Valladon; Raybaut, 1995, p. 118-19). No Quadro 05, apresentamos as etapas, seguidas neste estudo, para desenvolver a análise das narrativas, conforme apresentado no Quadro.

Quadro 05 – Etapas da análise de conteúdo de narrativas

Etapas	Características	Ações desenvolvidas
Pré-análise	Classificação das fontes de narrativas. Leitura atenta do <i>corpus</i> .	Organização das fontes e realização de leituras para selecionar as narrativas, de acordo com objetivos da pesquisa.
Clarificação do corpus	Redução do <i>corpus</i> , conforme os objetivos da pesquisa. Início da identificação do <i>léxico-thesaurus</i> (vocabulário comum ao grupo).	Classificação das narrativas, organizando os excertos consoantes aos objetivos específicos da pesquisa.
Compreensão do corpus	Elaboração do <i>léxico-thesaurus</i> : releitura das narrativas para identificar termos carregados de sentido e pessoalizados.	Delimitação do vocabulário comum ao grupo, associando à classificação das narrativas.
Organização do corpus	Definição das unidades temáticas de análise	Proposição de unidades de análise temática.
Organização categorial	Classificação, em cada categoria, de excertos das narrativas, detectando os núcleos de sentido.	Leituras e releituras das narrativas para identificação dos significados atribuídos pelos colaboradores ao objeto de estudo. Envolve descrição, interpretação e análise.
Socialização dos resultados	Divulgação dos resultados	Elaboração do relatório de pesquisa. Posteriormente, os resultados serão socializados por meio de artigos.

Fonte: Poirier, Valladon e Raybaut (1995, p. 107-128).

A análise de conteúdo de narrativas sugere um movimento analítico que vai do geral para o particular, transcende a simples leitura das narrativas, implicando interpretações que consideram tanto os discursos explícitos, quanto os elementos subentendidos. O processo de análise desenvolvido exigiu, portanto, observar os significados que os colaboradores atribuíam às narrativas sobre constituição da identidade profissional, nas cartas pedagógicas e nas rodas de conversas.

3.5 Contexto empírico da pesquisa

A pesquisa foi desenvolvida no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí/IFPI, *Campus* Teresina Central. Esse *campus* ainda hoje é reconhecido pelos nomes de configurações históricas anteriores, como Escola Técnica e CEFET. No contexto do Piauí, o *campus* é o mais antigo e o maior em quantitativo de servidores, estudantes e cursos ofertados (IFPI, 2020). Sua origem data de 1909, quando ocorreu a criação das Escolas de Aprendizes Artífices nas capitais dos estados brasileiros, a partir do Decreto n. 7. 566, de 23 de setembro

de 1909, que instituiu a implantação das Escolas de Aprendizes Artífices, com o objetivo de oferecer formação técnica e intelectual aos “desfavorecidos da sorte” (termo empregado no documento que consultamos) (Brasil, 1909).

A partir desse período, as escolas de artífices, pertencentes ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, passaram a integrar o recém-criado Ministério da Educação e Saúde Pública. Ao longo do contexto histórico, a instituição recebeu outras nomenclaturas, como Escola Técnica Federal do Piauí/ETEFPI (em 1967) e Centro Federal de Educação Tecnológica do Piauí/CEFET (em 1999), denominação que vigorou até 2008. Os CEFETs passaram a ser denominados de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, em 2008. Nesse período, começaram também as ações de ensino a distância, com atuação do IFPI em seis polos de apoio presencial (IFPI, 2020). A Figura 03 apresenta a fachada atual do IFPI, *Campus Teresina Central*, ainda com a denominação Escola Técnica Federal do Piauí.

Figura 03 – Prédio da Escola Técnica Federal do Piauí, *Campus Teresina Central*



Fonte: Imagem coletada no Google (2022)¹.

Os Institutos Federais, de acordo com o art. 2º da Lei 11.892/2008, são instituições de educação superior, básica e profissional, pluricurriculares e multicampi, especializadas na oferta de educação profissional e tecnológica nas diferentes modalidades de ensino, com base na conjugação de conhecimentos técnicos e tecnológicos com as suas práticas pedagógicas (Brasil, 2008a).

O IFPI destaca-se como instituição de referência nacional na formação de cidadãos críticos e éticos, dotados de sólida base científica e humanística e comprometidos com intervenções transformadoras na sociedade e com responsabilidade econômica e social, incluindo, a partir de 2015, a responsabilidade ambiental em suas estratégias. A instituição possui, atualmente, uma reitoria e vinte *campi*. A distribuição desses *campi* pelo território

¹ Disponível em: <https://www.ifpi.edu.br/teresinacentral/noticias/teresina-central-realizara-acolhimento-para-ingressantes-do-sisu-2022> Acesso em: set. 2025.

piauiense se dá da seguinte forma: na capital, Teresina, encontram-se três *campi*, dentre eles o *Campus Teresina Central*, o mais antigo de todos (IFPI, 2020). Esse *campus* é estruturado em três blocos: prédio A, prédio B (no qual o curso de Instrumento Musical se desenvolve) e Prédio C. Em relação aos cursos ministrados no IFPI, o *Campus Teresina Central* oferece os seguintes cursos/modalidades/níveis/formas (Quadro 06):

Quadro 06 – Cursos Ofertados pelo *Campus Teresina-Central*

MODALIDADES/ NÍVEIS		CURSOS/QUANTIDADES			
Educação Profissional	Formação Inicial e Continuada-FIC (02)	Técnico Integrado ao Médio (12)	PROEJA (04)	Técnico concomitante/subsequente ao médio (13)	Cursos Superiores de Tecnologia (Graduação) (07)
Educação Superior	Aperfeiçoamento (1)	Licenciatura (05)	Especialização (5)	Bacharelado (1)	Mestrados (2)
TOTAL					52

Fonte: Fala.BR (2024)².

3.6 Curso Técnico em Instrumento Musical

O Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI funciona no *Campus Teresina Central*, localizado à Rua Álvaro Mendes, 1597, Centro, em Teresina-Piauí. Foi criado em 2008, nas modalidades apresentadas no Catálogo Nacional dos Cursos Técnicos, considerando o eixo tecnológico Produção Cultural e Design. O curso visa formar profissionais para suprir a carência do mercado na área musical, bem como para atender às demandas da Lei 11.769, de 18 de agosto de 2008, que altera a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (Lei 9394/96), para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino de música na educação básica (Brasil, 2008b).

A Lei 11.769/2008 prevê a qualificação adequada do músico para o exercício consciente da profissão sobre bases mais sólidas de conhecimentos teóricos e práticos, para melhor desempenho das atividades musicais (Brasil, 2008b). A modalidade de oferta do curso é presencial, nos turnos manhã e tarde, com a duração mínima de três semestres e máximo de seis semestres, com uma carga horária de 1.200 horas. O curso tem, como objetivo geral, formar profissionais técnicos de nível médio na área de música, observando os aspectos políticos, éticos, sociais e culturais, considerando uma das seguintes habilitações: violão, piano/teclado, contrabaixo elétrico, saxofone, clarinete, flauta doce, trompete e tuba. Em 2024, o Curso Técnico em Instrumento Musical funcionou com 03 turmas, com 81 alunos matriculados no

² Disponível em: <https://falabr.cgu.gov.br/web/manifestacao/detalhar/7990851>. Acesso em: 25 nov. 2025.

primeiro semestre letivo e 67 alunos matriculados no segundo. O corpo docente é formado por onze professores efetivos, conforme informação da Diretoria de Ensino do *campus*.

Na estrutura do curso, funcionam os seguintes laboratórios: a) Laboratório da Banda de Música: espaço dedicado às disciplinas de prática de conjunto e ensaios dos grupos musicais do curso e de atividades extensionistas desenvolvidas pelos professores das áreas de instrumentos de sopro; b) Laboratório Coral/Teclado: espaço dedicado às disciplinas de canto coral de teclas (piano e teclado). Nesse laboratório acontecem aulas de disciplinas práticas, percepção musical e ensaios do coral, além de outros grupos musicais de câmara e atividades extensionistas desenvolvidas pelos professores das áreas de instrumentos de teclado, coral e violão; e, c) Laboratório de Informática e Música: espaço dedicado às disciplinas que utilizam suporte tecnológico para criação e edição musical. As atividades musicais que envolvem recursos tecnológicos estão cada vez mais presentes e o laboratório visa oferecer esse contato com a tecnologia junto aos alunos.

O início do curso ocorreu no ano de 2008, com a vinda de uma equipe do MEC para sua implementação. Em 2014, o catálogo nacional dos cursos técnicos mudou a nomenclatura do curso para Técnico em Instrumento Musical (não mais Técnico em Música, como na origem). O curso passou por três reformulações curriculares, para adequação às necessidades do mercado e à realidade local, em consonância com as demandas e estratégias de ensino mais contemporâneas, contidas no Projeto Político Pedagógico do Curso Técnico de Nível Médio em Instrumento Musical na Forma Concomitante e Subsequente (IFPI, 2023)

3.7 Colaboradores da pesquisa

O IFPI conta com expressivo número de professores distribuídos na Educação Profissional e Tecnológica, nos diferentes níveis de ensino e modalidades. Inicialmente, convidamos sete professores para participar da pesquisa, porém um recusou o convite e outro chegou a aceitar, mas desistiu logo no início da investigação. Diante dessa realidade, selecionamos cinco professores do Curso Técnico em Instrumento Musical para participação na pesquisa. Os colaboradores foram selecionados à luz dos seguintes critérios: ser professor efetivo da instituição, estar atuando no Curso Técnico em Instrumento Musical, ser experiente com dez anos ou mais de atuação na prática docente no Curso Técnico em Instrumento Musical.

Os critérios de seleção dos colaboradores mostram a intenção de contar com a ajuda de professores experientes, (com estabilidade na profissão e que tenham vivenciado fases distintas da carreira docente). É válido destacar a importância da estabilidade na profissão que, segundo Huberman (1992), representa integrar-se plenamente a uma comunidade profissional,

conquistando autonomia e reconhecimento diante dos colegas mais experientes e, especialmente, perante as instâncias superiores, mostrando uma realidade em que o indivíduo não apenas domina os aspectos técnicos de sua função, mas também se integra plenamente à comunidade de prática à qual pertence.

O primeiro contato com os colaboradores aconteceu via *WhatsApp*, para sondarmos a respeito da possibilidade de participação na investigação. Na ocasião, esclarecemos sobre o teor e metodologia de pesquisa, bem como solicitamos *e-mails* para envio de uma carta-convite de adesão à pesquisa. Neste estudo, no intuito de resguardar as identidades dos colaboradores, utilizaremos nomes fictícios para identificá-los (Luiz, Pedro, Daniel, José e Ediane). A escolha dos nomes ocorreu de forma aleatória, com o objetivo de preservar o anonimato dos colaboradores, assegurando sua privacidade ao longo das etapas de análise e interpretação das narrativas. Para análise do perfil profissional dos colaboradores da pesquisa, apresentamos, na sequência, narrativas a respeito dos aspectos que compõem suas caracterizações na profissão. Em relação ao desenho de seu perfil profissional o colaborador Luiz narra:

[...] minha formação profissional inclui o curso de Licenciatura em Ed. Artística/Música na UFPI, [...] Mestrado em Música (*performance*) na UFG e [...] os créditos de doutorado em Ed. Musical na *Université Laval em Québec-CA*. [...] Participei de diversos cursos de curta duração em música (composição, violão, percepção musical, práticas instrumentais em grupo, harmonia e improvisação, além de práticas sobre métodos de educação musical). [...] Minha experiência prévia como professor antes do IFPI: [...] trabalhei por dez anos na escola de Música de Teresina (1998-2008), atual escola Possidônio Queiroz, além de algumas escolas particulares (Texto e Música e Casa Dom Barreto), projetos sociais (Projeto Violão na Escola e projeto “A cara Alegre do Piauí”, este último em Guaribas-PI) [...] além de um ano como professor substituto na UFPI (2002), ministrando disciplinas teóricas, Organologia e História da Música. [...] Minhas experiências de pós-graduação, que me fizeram repensar bastante minha condição de professor de música e meu compromisso com os alunos (Colaborador Luiz/ carta pedagógica/ março de 2024).

O relato do colaborador Luiz revela dados significativos sobre seu perfil profissional, descreve a formação inicial e investimentos na formação continuada, indicando foco na área específica da Música. O colaborador possui o credenciamento exigido para atuar na profissão docente, uma vez que sua formação inicial é na área da atividade que exerce. Sobre a formação continuada, a participação em diversos cursos mostra os investimentos no exercício profissional, pois, além da participação em curso *stricto sensu*, relata experiências diversificadas em cursos de curta duração na busca de aprendizagens contínuas. A esse respeito Freire (2002) destaca que professor que não leva a sério formação contínua, que se abstém de estudar e se atualizar e que não se empenha em estar plenamente preparado para os desafios de

sua função, fragiliza não apenas a prática pedagógica, mas também a autoridade moral diante dos estudantes.

A respeito da atuação profissional, sua narrativa revela as diferentes experiências na profissão docente, inclusive pré-profissionais (ministrando aulas particulares e atuando na escola de música). Sobre a formação e as experiências, relata que o fizeram repensar bastante a condição de ser professor de Música e o compromisso que deveria assumir com os estudantes. Essa postura é mencionada por Freire (2002, p. 43) quando afirma que “[...] Ensinar exige reflexão crítica sobre a prática. O professor que não reflete sobre o que faz, corre o risco de repetir mecanicamente ações sem sentido”. O que confirmamos, ratificando que a reflexão no ensino permite que o professor analise a prática, identificando condições para melhor atender às necessidades dos estudantes, contribuindo, assim, para um ensino mais crítico, consciente e participativo.

A narrativa do colaborador apresenta informações sobre seu tempo de serviço, revelando-o como professor experiente, com vinte e seis anos de exercício na profissão docente, no momento de produção das informações da pesquisa. Sua atuação no Curso Técnico em Instrumento Musical, no IFPI, contabiliza dezesseis anos, o que indica vivências de diferentes experiências profissionais.

A respeito do perfil profissional, o colaborador José relata sobre os contextos de construção desse perfil, destaca os caminhos percorridos na formação profissional docente, que o conduziram, inicialmente, ao Curso Técnico em Eletrônica no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET). Em seus registros narrativos, relata:

[...]. No que diz respeito à minha formação, considero importante destacar o Curso Técnico em Eletrônica, que cursei no Centro Federal de Educação Tecnológica (CEFET), atual Instituto Federal do Piauí (IFPI). [...] Na minha perspectiva, a relevância do curso mencionado fica evidente nas disciplinas que abordam a produção musical e as interações entre música e tecnologia. [...] No ano de 1999, iniciei minha jornada acadêmica na Universidade Federal do Piauí (UFPI), onde me matriculei no Curso de Licenciatura Plena em Educação Artística com Habilitação em Música. Meu objetivo era aprimorar minhas habilidades a ponto de me tornar um violonista e cantor profissional. [...]. Paralelamente aos estudos, ganhava a vida cantando, gravando, produzindo faixas para CD, tocando, acompanhando a mim mesmo e outros(as) cantores(as) – e dando aulas particulares. Cheguei a dar aula em colégios do Estado, como o Instituto Ana Cordeiro, entre os anos de 2000 e 2002. Após isso, trabalhei como instrutor de canto para grupos de igrejas Adventistas, Batistas, Assembleias de Deus e como professor de violão. [...] Terminei o curso na UFPI no final do ano de 2003 (José, carta pedagógica/ março 2024).

O colaborador José menciona o Curso Técnico em Eletrônica, em face das articulações entre Música e Tecnologia. Lembra sua jornada acadêmica na Universidade Federal do Piauí

(UFPI), no Curso de Licenciatura em Educação Artística, com habilitação em Música, como formação docente. A narrativa do colaborador destaca as diversas experiências profissionais, paralelas aos estudos acadêmicos, informando que buscou sobreviver por meio da música, cantando, tocando e ministrando aulas particulares. Atuou como professor por dois anos em escola do estado e foi instrutor de canto em igrejas. A narrativa do colaborador vai ao encontro das ideias de Tardif (2014) quando afirma que o processo de se tornar professor pode anteceder à formação acadêmica formal; começa nas vivências pessoais, nas experiências escolares iniciais e nas relações afetivas que moldam o desejo de ensinar. Essa concepção é realçada, também, por Antunes e Plaszewski (2018, p. 31) ao afirmarem que “[...] toda a caminhada profissional docente começa a se estabelecer muito antes dos referenciais acadêmicos apreendidos na formação inicial”. O desejo de ser professor pode emergir nas relações familiares, afetivas e nas experiências escolares iniciais ou em outras situações. A formação acadêmica é apenas uma etapa de um processo muito mais amplo e contínuo.

Outras metas vão sendo alcançadas na trajetória profissional do colaborador José, quando, aprovado em concurso público, tornou-se professor de Arte nas escolas do estado, conciliando o trabalho de produtor, músico e, agora, professor. O colaborador José faz referência aos novos cursos:

[...]. Em 2006, passei para um concurso e me tornei professor de Arte de escolas do Estado do Piauí. Conciliava assim o trabalho de professor, produtor e músico. [...] Entre 2009 e 2011, fui professor substituto do IFPI. [...] Nesta época, senti a necessidade e fiz uma especialização em Docência Superior pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). [...] Em 2012, após ter tentado por duas vezes, passei em um concurso para professor efetivo de música no IFPI, Campus Piripiri, e pedi exoneração do Estado. [...] Tenho 13 anos de experiência profissional no IFPI. [...] Na época, também havia conseguido êxito na seleção para o Mestrado Acadêmico em Letras pela UESPI. [...] Em 2014, consegui remoção para o IFPI, Campus Teresina Central e, neste mesmo ano, terminei o mestrado. [...] Em 2019, candidatei-me ao processo seletivo para o Curso de Doutorado no Programa de Pós-Graduação da Escola de Música da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e consegui ser aprovado. [...] Terminei o doutorado em julho de 2023 e voltei a lecionar no Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, campus Teresina Central (Colaborador José/carta pedagógica, março/2024).

Os relatos do colaborador José apresentam registros a respeito de como suas trajetórias de formação e de inserção profissionais foram sendo encaminhadas rumo à docência. Conforme sua narrativa, atuou como professor de Arte na rede estadual de ensino, foi professor substituto no IFPI, onde atualmente é professor efetivo, totalizando treze anos de experiência como professor da instituição. Os relatos mostram seus investimentos na carreira docente, por meio da formação continuada. O colaborador possui especialização em Docência Superior pela

Universidade Estadual do Piauí, mestrado em Letras pela mesma instituição e doutorado pelo Programa de Pós-Graduação da Escola de Música, da Universidade Federal de Minas Gerais.

A narrativa revela uma trajetória de formação profissional com ênfase na atuação docente, marcada por uma história de investimentos formativos contínuos. Partindo desses investimentos, o colaborador José foi firmando sua identidade profissional docente, pois, como entende Garcia (2010, p. 13), a “[...] identidade profissional se inicia durante o período de estudante nas escolas, mas se consolida logo na formação inicial e se prolonga durante todo o seu exercício profissional”. O autor entende, ainda, que a identidade não é mecânica, que precisa ser constituída, produzida no movimento das histórias de vida pessoal e profissional. Continuando a análise dos perfis dos colaboradores da pesquisa, apresentamos a narrativa do professor Daniel:

[...]. Minha formação se iniciou como aluno de violão clássico da Escola de Música de Teresina (atualmente a Escola de Música Possidônio Queiroz). [...] Estudei durante 3 anos e logo após ingressei no curso de Educação Artística - habilitação em música, da Universidade Federal do Piauí (UFPI). [...] Nesse meio tempo, atuei como violonista, tocando em bares e restaurantes da cidade de Teresina, fato que me proporcionou um aprimoramento na performance musical. [...] Vale dizer que o conhecimento musical que eu adquiri nesse período de formação eu atribuo não só a Universidade Federal do Piauí, mas aos vários cursos livres que fiz em outros estados durante minha graduação. [...] O principal deles foi o Curso Internacional de Verão da Escola de Música de Brasília (CIVEBRA), do qual participei de várias edições. [...] Trata-se de cursos livres variados oferecidos pela Escola de Música de Brasília durante o período de férias escolares. [...] Nesses cursos, estudei música para cinema, violão clássico, harmonia e prática de conjunto de orquestra de violões. [...] Outros cursos que contribuíram para minha formação foram: [...] Festival Internacional de Música de Londrina-PR e Festival Eleazar de Carvalho (Fortaleza-CE) (Daniel/ carta pedagógica, abril/2024).

[...] Como professor, tenho 24 anos de experiência, já tendo ministrado aula em diversas modalidades do ensino: [...] educação básica, ensino superior, educação a distância, cursos técnicos e cursos livres. [...] Ingressei no Instituto Federal do Piauí em agosto de 2012, portanto completarei neste ano 12 anos de experiência na referida instituição. [...] No IFPI atuei como professor de Arte dos cursos médio-integrados-integrados e ministrei também disciplinas de extensão, como violão popular e teoria musical. [...] No caso da minha colaboração técnica com IFPI Teresina Central, ministrei as disciplinas História e Apreciação Musical I e História e Apreciação Musical II. [...] Atualmente sou professor do IFPI Teresina Central e continuo ministrando essas disciplinas citadas, além de instrumento I e II (violão) (Daniel/ carta pedagógica, abril/2024).

Relacionando a narrativa do colaborador Daniel com as analisadas anteriormente, percebemos a complexidade do trabalho autobiográfico, visto que alguns narradores podem ser sucintos e outros eloquentes, em razão da liberdade que têm para narrar a vida, selecionar o que contar ou silenciar. No caso do colaborador Daniel, percebemos o desejo de narrar sua

história de vida profissional de forma pormenorizada. Analisando sua narrativa, inferimos a existência de diferentes marcas experienciais e formativas na constituição de seu perfil profissional.

O colaborador Daniel possui graduação em Educação Artística, com habilitação em Música, tem doutorado em Música, pela UFMG e mestrado em Letras pela Universidade Estadual do Piauí. Ao narrar sobre a formação inicial, deixa transparecer sua afeição pelo instrumento violão e a busca pelo aprimoramento na performance musical. Enfatiza experiências de formação continuada e atividades profissionais desenvolvidas na área da música, ressaltando: “Atuei como violonista tocando em bares e restaurantes da cidade”. Deduzimos, com a análise de sua narrativa, que a música teve e tem impacto marcante em sua trajetória, acompanhando-o como desafio da profissão docente e de sua vida pessoal, considerando que ela promove a expressão de subjetividades, afetos e ressignificação de sentidos.

O colaborador realça, de modo especial, sua experiência na Escola Estadual de Música Possidônio Queiroz, considerada um dos principais polos de formação musical de Teresina. Essa escola oferece cursos gratuitos e acessíveis para pessoas de todas as idades. Foi fundada com o objetivo de democratizar o acesso ao ensino musical de Teresina, atendendo crianças a partir de 6 anos, até pessoas da terceira idade, promovendo inclusão social e cultural. Seu propósito é formar músicos e amantes da arte, estimulando talentos e fortalecendo a cena artística local. Escola que não é apenas um espaço de aprendizado, mas também um símbolo da valorização da música como ferramenta de transformação social e cultural em Teresina.

Em continuidade, percebemos que a escola foi uma referência na formação do colaborador, tanto pelos aprendizados que produziu, quanto pelas oportunidades de trabalho com a música. A respeito de seus aprendizados, o colaborador destaca: “[...] Vale dizer que o conhecimento musical que eu adquiri nesse período de formação eu atribuo não só à Universidade Federal do Piauí, mas aos vários cursos livres que fiz [...] durante minha graduação”. Concluimos que o colaborador investiu na formação profissional na área de atuação e, com esse objetivo, aprofundou os estudos, fato confirmado pelos investimentos no mestrado e no doutorado na área musical. Segundo Nóvoa (2019, p. 9), “[...] a formação nunca está pronta e acabada, é um processo que continua ao longo da vida”. Podemos dizer, portanto, que, como resalta o colaborador, a formação profissional não dá conta de todas as demandas da profissão, por isso é um percurso permanente, que se prolonga por toda a trajetória do indivíduo.

Sobre o tempo de serviço, o colaborador Daniel totaliza vinte e quatro anos de experiência, incluindo educação básica e ensino superior e, no contexto do IFPI, atua há doze anos. Em sua narrativa, realça a identificação com a profissão professor, ministrando as disciplinas no Curso Técnico em Instrumento Musical, IFPI, *Campus Teresina Central*. O colaborador Pedro, conforme testifica sua narrativa, descreve seu perfil profissional com informações sobre formação profissional, tempo de serviço:

A minha formação profissional iniciou antes mesmo de ingressar no curso de Licenciatura em Educação Artística com habilitação em música, no ano 2000: [...] meus estudos musicais iniciaram em 1994, através do órgão eletrônico, na Escola de Música de Teresina, professor Paulo Edson. [...]. Em 1999 ingressei na primeira turma do Projeto Música Para Todos, no curso de piano, [...]. Em 2002, iniciei trabalho como professor de Teoria e Percepção Musical no Projeto Música Para Todos, atuando na função por 1 ano, ininterruptamente, sendo a primeira experiência com ensino de música. [...] Concluída a graduação, prestei concurso para professor substituto (20 h) de matérias teóricas na UFPI e, entre os anos 2006 a 2008, atuei como docente no ensino superior [...]. No ano de 2009, morando ainda em João Pessoa-PB, prestei concurso para o CEFET-RN, sendo aprovado para atuar na cidade de Apodi-RN, oeste Potiguar, atuando especificamente com o ensino básico (educação musical) e com projetos de extensão: canto coral e construção de instrumentos alternativos. [...]. Em 2010, concluí o mestrado em Musicologia e fui redistribuído para o IFPI, Campus Floriano, continuando a ação com ensino básico e música e os projetos de extensão. [...] No ano de 2012, fui removido para o Campus Teresina-Central, para atuar no Curso Técnico em Música. [...] Em 2013, afastei-me do campus para cursar o doutorado em música na UFPB, retornando no 2º semestre de 2017 (Pedro, carta pedagógica/abril/2024).

A narrativa do colaborador Pedro evidencia seu encontro com a música ainda na adolescência, o que o fez ingressar na Escola de Música de Teresina, atraído pelo desejo de estudar órgão eletrônico. Participou da primeira turma do Projeto Música para Todos, no curso de piano. O conteúdo da narrativa do colaborador mostra o interesse em aprender sobre a área em que atua. Além dos cursos livres, aos quais fez referência, investiu na formação profissional, ingressando no curso de Licenciatura em Educação Artística, com habilitação em Música, da Universidade Federal do Piauí. A esse respeito, declara que, embora tenha escolhido a licenciatura, o interesse principal era a performance musical, e não o ensino.

O interesse pela performance musical o impulsionou a investir na formação continuada, participando de uma diversidade de cursos, o que tornou a trajetória profissional marcada por intensas vivências musicais, experiências que lhe permitiram palmilhar variados caminhos, levando-o a muitas formações profissionais na área de Música. Sobre formação profissional, Freire (2002) acentua a importância da formação de professores, destacando que ela não é neutra, deve estar comprometida com a transformação da realidade e com a emancipação dos sujeitos, a partir da intencionalidade social e ética.

Acerca da atuação profissional, destaca experiências como professor substituto, na UFPI, assim como informa sobre experiências profissionais como professor do Centro Federal de Educação Tecnológica-RN e no IFPI, *locus* atual de sua atividade docente. Sobre essas experiências enfatiza que, como professor iniciante, tinha insegurança, mas que o encontro com a sala de aula constituiu, também, espaço de aprender a ensinar. A propósito, Freire (2002, p. 25) afirma que “[...] quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. O ato de ensinar é também um ato de aprender, o professor aprende com as experiências, saberes e vivências compartilhadas na profissão. Essa troca é o que torna a educação um processo verdadeiramente transformador.

Entre outros investimentos na formação profissional, o colaborador informa a conclusão do mestrado, na área de Musicologia e a conclusão de doutorado, na área de Música. Em face de suas experiências na produção musical, na execução de instrumentos musicais, na regência de coral, entre outras, os investimentos na formação continuada têm sido voltados para a formação técnica como músico, em detrimento da formação pedagógica. A colaboradora Ediane, como os demais participantes da pesquisa narrou sobre seu perfil profissional, destacando:

[...] A minha experiência docente começa no ensino fundamental, [...] como professora substituta, de 2008 a 2009, na rede pública estadual do Piauí com alunos de quinta a oitava série, hoje do sexto ao nono ano. [...] No ano seguinte, 2010, me tornei professora efetiva da mesma rede, atuando nas mesmas séries. [...] Nesse contexto, embora formada em Educação Artística com habilitação em Música, não priorizei o ensino de música. [...] Entre os motivos, estavam questões estruturais, como a falta de uma sala adequada e ausência de instrumentos musicais; [...] a falta de confiança, pois nunca tinha entrado em uma sala de aula na condição de professora de música e não me sentia segura para trabalhar com esse público. [...] Diante de tal cenário, me senti na obrigação de ministrar aulas de artes visuais, porque, além de ser uma linguagem mais acessível, demandava poucos recursos. [...] [...]. Em 2010, fui convidada para ministrar aula de musicalização infantil numa escola particular de Teresina, [...], para crianças de 03 a 05 anos de idade e de flauta doce para crianças a partir dos 06 anos. [...] Para me preparar para aulas de educação musical fui me apropriando da leitura de artigos e livros na área da educação musical. [...] Meu ingresso no Ensino Técnico e Tecnológico aconteceu em agosto de 2013, quando tomei posse no concurso público para trabalhar no Instituto Federal do Piauí, na cidade de Oeiras, situada a 280 quilômetros da capital do estado do Piauí, Teresina, totalizando atualmente, 11 anos de experiência como professora no IFPI. [...] Assim como muitos Institutos Federais - IFs no estado, o de Oeiras estava em fase de implantação. [...] Assim, de novembro de 2013 a junho de 2014, realizamos o primeiro curso de extensão do Campus Oeiras, intitulado: *Curso de Canto Coral e Teoria*. (Ediane /carta pedagógica /abril / 2024).

O ensino fundamenal foi o primeiro campo de trabalho da colaboradora Ediane, como professora substituta na rede pública estadual do Piauí. Depois se tornou professora efetiva na

mesma rede e, mesmo formada em Educação Artística com habilitação em Música, a colaboradora não se dedicou ao ensino de Música. Diante das condições objetivas de trabalho, abraçou a oportunidade de ensinar Artes Visuais, pela aproximação com sua formação.

Analisando o relato da colaboradora Ediane, percebemos como é importante a socialização de vivências com colegas mais experientes, principalmente se essas vivências são palmilhadas no início da carreira docente, momento caracterizado pela insegurança e incerteza, o que é muito comum e natural devido à falta de experiências práticas. Refletindo sobre o saber docente, Tardif (2014, p. 12) afirma que “[...] esse saber é social porque é partilhado por todo um grupo de agentes – os professores, que possuem uma formação comum, [...] trabalham numa mesma organização e estão sujeitos a [...] programas, matérias a serem ensinadas”. O que mostra que a socialização profissional ocorre por meio da vivência, da interação com outros profissionais e da adaptação às exigências da prática escolar, ou seja, é um processo contínuo que repercute na constituição da identidade docente.

A colaboradora Ediane, no que se refere à formação, possui Mestrado Profissional em Artes, é especialista em Arte Educação, graduada em Educação Artística, com habilitação em Música. Podemos inferir que tem realizado investimentos na formação profissional, voltados para sua área de atuação. Relativamente às experiências na profissão, a colaboradora reconhece ser uma conquista por trabalhar na própria área de formação (Música). Rememora a iniciação profissional, com destaque para atuação na Educação Infantil para trabalhar Musicologia, o que a fez investir na autoformação para corresponder às demandas do trabalho docente. Sobre a atividade profissional no IFPI, informa ter onze anos de atuação, marcada por envolvimento na extensão universitária.

A análise da narrativa da colaboradora realça experiências profissionais anteriores ao ingresso no IFPI, que foram importantes para que pudesse perceber que ser professora requer a busca por conhecimentos. Essa narrativa afirma, também, seu prazer em atuar na área da formação inicial. Day (2004) aborda a importância de os professores terem paixão pelo que fazem; destaca que é preciso gostar de ensinar, ou seja, se apaixonar pelo ensino, pois as relações entre docentes e estudantes ultrapassam o compromisso intelectual com os outros, constituem, também, um compromisso intelectual e emocional com o eu social. No Quadro 03, apresentamos, para efeito de síntese, o perfil profissional dos colaboradores.

Quadro 07 - Perfil Profissional dos Colaboradores

Colaboradores	Formação profissional	Tempo de serviço	Tempo de atuação no IFPI	Experiências na área de Música
Luiz	Mestre em Música pela Universidade Federal de Goiás. Graduado em Educação Artística, área de Música/UFPI.	26	14	Violão, Flauta doce, Harmonia, Percepção Musical e Canto Coral.
Pedro	Doutor em Música pela UFPB. Mestre em Musicologia. Especialista em Musicologia. Graduado em Música/UFPI.	24	15	Musicologia, Improvisação, Teclado (piano) e Harmonia.
Ediane	Mestrado Profissional em Artes. Especialista em Arte Educação. Graduada em Educação Artística, Música.	16	11	Flauta, Técnica Vocal e Canto Coral.
José	Doutor em Música. Mestre em Letras. Especialista em Docência do Ensino Superior. Graduado em Educação Artística, Música.	12	12	Violão, Técnica Vocal, Regência Coral, Compositor e Produtor Musical.
Daniel	Doutor em Música, pela UFMG. Mestre em Letras/UESPI. Graduação em Educação Artística, habilitação em Música.	22	12	Violão

Fonte: Cartas pedagógicas (2024).

A partir da análise do Quadro 03, referente aos perfis profissionais dos colaboradores da pesquisa, identificamos aspectos comuns em seus percursos. Um dos aspectos diz respeito às trajetórias e experiências formativas que sinalizam a interconexão entre o interesse por investimentos formativos na área da Música e a atividade na docência, apesar de observarmos o predomínio de formação técnica, em oposição à pedagógica. Esse fato pode se refletir nas identidades profissionais que assumem. Outro aspecto convergente nos percursos dos colaboradores tem a ver com suas experiências profissionais: todos viveram experiências docentes antes da inserção no IFPI, que foram significativas em suas aprendizagens como docentes, dado que os professores aprendem e se tornam profissionais, tanto por meio da formação quanto ao vivenciarem situações reais de ensino, tomando decisões e refletindo sobre sua atuação. Na seção a seguir, apresentamos a análise das narrativas produzidas na pesquisa.

4 UMA PARTE DE MIM É PERMANENTE, OUTRA PARTE SE SABE DE REPENTE: IDENTIDADES DOCENTES EM MOVIMENTO

*Uma parte de mim é multidão;
outra parte estranheza e solidão.
(Gullar, 1980).*

O que é identidade? Como se dá a constituição identitária? Segundo Nóvoa (1992), a identidade se relaciona aos modos de ser e de viver a profissão. A respeito da constituição da identidade, diversos fatores atuam impulsionando-a a configurar-se e reconfigurar-se em um contínuo processo de metamorfose, pois não é estática, implica mudanças e transformações, em resposta às influências históricas, sociais e culturais, às expectativas de outrem, aos projetos de vida, bem como pode ser ressignificada nas interações com os outros, na atuação profissional, entre outros.

A identidade-metamorfose, concepção de Ciampa (2001, 2005), é compreendida como processual e dinâmica, implica ideia de movimento, mudança, transformação e emancipação. É um verdadeiro processo de morte e vida constante, em que uma nova identidade é constituída a partir de uma identidade anterior, de modo subjetivo e socialmente produzido durante toda a vida do indivíduo.

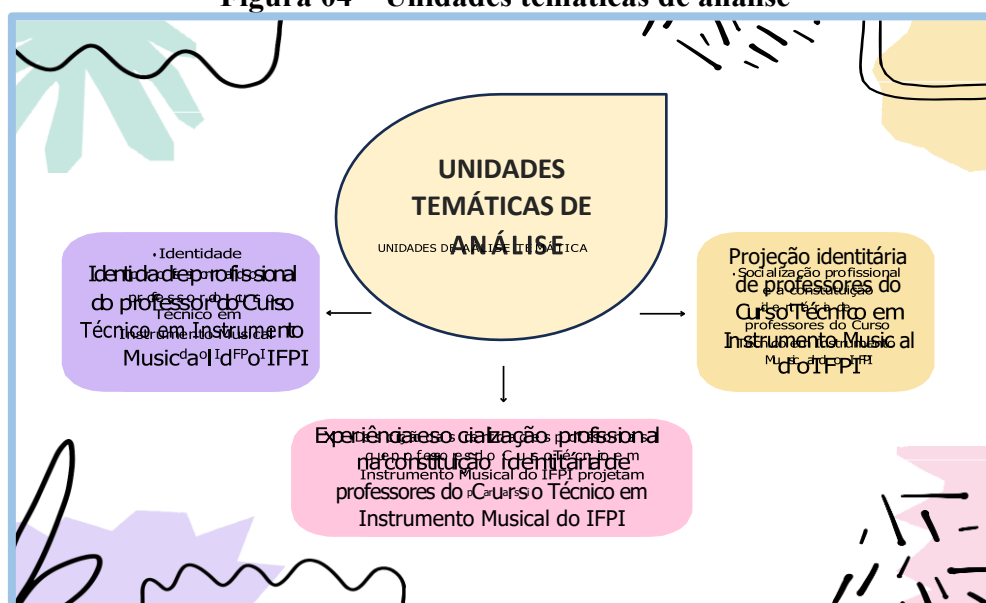
O movimento de mudança identitária repercute nos modos de ser e estar no mundo e na profissão, nas interações com outros e nas produções de ações realizadas, contribuindo para que o sujeito assuma novos personagens sociais que darão significações a sua existência. É nas/pelas interações com outros personagens que o indivíduo estabelece identificações e diferenciações, ao se distinguir e/ou se igualar a outrem. Múltiplas e distintas identidades vão sendo produzidas em circunstâncias históricas, sociais e materiais inerentes à realidade do indivíduo (Ciampa, 2001, 2005).

O mesmo processo de metamorfose acontece na constituição da identidade profissional docente, haja vista que o professor, a partir de suas trajetórias pessoais e profissionais, vai constituindo sua identidade, semeando histórias e colhendo experiências que contribuem com sua identificação como pessoa e profissional. A constituição da identidade docente é forjada a partir de significações sociais da profissão, inclui conhecimentos profissionais, relação com os valores e saberes da experiência, o que permite compreender a identidade profissional docente como um processo dinâmico, contínuo e inacabado de abertura para o novo, para o ser e o fazer docente, pensamento ratificado por Dubar (2005), quando destaca que a identidade docente envolve movimento fluido e constante, significado e ressignificado na ação de se reconhecer e viver a profissão. Refere-se a uma identidade que não se fixa, nem se paralisa, mas que se

transforma e se reinventa na tessitura cotidiana do fazer docente e dos percursos de vida pessoal e profissional, revelando o entrelaçamento entre essas dimensões na atividade dos professores.

Partindo dessas reflexões, a presente seção tem como objetivo a análise de conteúdo das narrativas, que se efetivou orientada por unidades temáticas, considerando a questão central da pesquisa e as narrativas oriundas da empiria. As informações foram produzidas por meio de cartas pedagógicas e de rodas de conversas, permitindo compreender o percurso identitário dos colaboradores, a configuração de suas identidades docentes, o caráter intersubjetivo, pessoal e profissional das experiências vividas na profissão. A organização da análise das narrativas foi sistematizada de acordo com o exposto (FIG. 04).

Figura 04 – Unidades temáticas de análise



Fonte: Produção da pesquisadora (2025).

A Figura 04 apresenta as unidades de análise temática decorrentes dos objetivos da pesquisa, para produção do processo analítico das narrativas. As unidades de análise temáticas se desdobram em unidades de registro, objetos de análise nesta parte do estudo.

As três unidades de análise se articulam em um movimento circular: a identidade profissional é o objeto em construção; as descrições projetadas revelam como os docentes se percebem e se narram; e a socialização profissional explica os processos que sustentam e transformam essas identidades. Juntas, permitem compreender que a identidade docente no Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI resulta de um processo contínuo de formação, interação e projeção, configurado pelas particularidades inerentes ao campo profissional do ensino musical e pelas condições concretas de inserção e atuação desses docentes no contexto institucional.

4.1 Identidade profissional do professor do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI

Para conhecermos o movimento de constituição da identidade docente dos colaboradores do estudo, utilizamos, conforme apresentado no capítulo que trata da metodologia da pesquisa, o método autobiográfico, dado que a escrita de si constitui dispositivo essencial para que possamos conhecer as histórias de vida de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI e, principalmente, para compreendermos o processo de constituição de suas identidades. Apoiamos nosso pensamento nos estudos de Fortes (2011, p. 193) por afirmar que “[...] as narrações desses professores são suas histórias que cada um está induzido a contar-se a si mesmo e, às vezes, contar a outros. Por isso consideramos a dimensão biográfica um componente essencial da identidade do professor”. No caso deste estudo, os colaboradores se dispuseram a narrar as histórias que marcaram/marcam a constituição de suas identidades, participando/biografando essas histórias de modo individual (por meio de cartas pedagógicas) e de forma coletiva, compartilhando conhecimentos e experiências em rodas de conversa.

Fortes (2011, p. 193) reconhece o potencial das narrativas, destacando que os “[...] relatos de vida não são somente materiais para o pesquisador, mas também uma oportunidade rara de produção dos sujeitos que se constroem, dizendo-se”. Escrever sobre si como exigência de participação em uma investigação científica serve aos interesses do pesquisador, mas quem lida com as autobiografias reconhece que o narrador, ao relatar sua vida, tem oportunidade de refletir sobre ela e de produzir uma nova versão de si, narrando-se. Ao narrarem sua própria história, os professores revisitam experiências marcantes que influenciaram a opção pela docência, o processo de identificação profissional e suas relações com a profissão, ou seja, narrar a própria vida (pessoal e profissional) oportuniza reflexões sobre quem somos e sobre quem projetamos ser.

Nesta parte do estudo, focalizamos as identidades de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, a partir de suas trajetórias no início da carreira docente. Os professores têm histórias para contar sobre suas identidades, histórias que dão sentido às suas vidas, revelam experiências significativas em seus percursos de vida pessoal e profissional. Partindo das histórias narradas, analisamos inicialmente a unidade temática identidade profissional do professor do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, a partir das seguintes unidades de registro: identidade profissional no início da carreira docente, metamorfoses identitárias: em que aspectos mudaram? e aspectos que concorrem para

mudanças identitárias. Na seção a seguir, os colaboradores da pesquisa relatam a respeito de suas identidades no início da carreira docente.

4.1.1 Identidade profissional no início da carreira docente

O início da carreira docente é bastante desafiador; caracteriza-se pela inexperiência, insegurança dos professores, pelo medo e, muitas vezes, pelo desconhecimento da realidade da profissão docente. A colaboradora Ediane rememora seu percurso na profissão e relata sobre sua identidade profissional quando da iniciação na docência, enfatizando:

Quando cheguei ao IFPI já tinha um *habitus* docente desenvolvido (penso que isso é constante). No entanto, era outra clientela, agora seriam adolescentes. Um ambiente novo, desafiador, e em outra cidade (Ediane/carta pedagógica/ fevereiro/2024).

No início de minha profissão docente no IFPI era insegura, eu tinha medo, não me sentia capaz de dar aulas no IFPI, não me sentia segura e preparada para trabalhar nessa instituição. Penso que era mais insegura por se tratar de um ambiente novo e um público novo (Ediane/roda de conversa/maio, 2024).

A constituição das identidades, tanto pessoais quanto profissionais, ocorre processualmente em circunstâncias históricas e sociais nas quais os indivíduos e suas práticas estão inseridos. Cada fato, cada acontecimento ocorrido nessas circunstâncias concretiza experiências que colaboram para tecer suas identidades. A identidade, seguindo um movimento dinâmico, vai sendo constituída em resposta às múltiplas determinações histórico-sociais que podem operar mudanças e transformação nos modos de ser dos professores.

A colaboradora Ediane narrou sobre a constituição de sua identidade profissional no início da carreira docente no IFPI, destacando que, apesar de ter atuado como professora em outro nível de ensino sentiu-se insegura diante da nova realidade em que atuaria no IFPI. Essa nova realidade e o novo perfil de seus alunos fizeram com que se sentisse insegura e com receio diante das demandas da prática docente no IFPI. Por esse motivo, ao se reportar a sua identidade no início da carreira docente em um curso técnico, atribuiu-se a identidade de uma profissional insegura, que não se sentia preparada para as demandas da prática docente no ensino técnico e tecnológico, no IFPI. Segundo Garcia (2010), os primeiros anos da carreira docente são repletos de desafios e intensas aprendizagens, vivenciados em contextos muitas vezes desconhecidos.

O autor reconhece que mudança de contexto, como o exercício da profissão em uma nova escola, faz o professor voltar à condição de iniciante, situação que foi narrada pela colaboradora Ediane. Além disso, conforme Garcia (2010), atuar em ambiente novo exige, não

apenas desenvolver os saberes profissionais, mas conhecer e se adaptar à cultura organizacional, bem como buscar o equilíbrio emocional necessário para enfrentar as exigências da prática educativa para um público específico.

Concordamos que o medo e a insegurança podem marcar a iniciação à docência e, de certo modo, comprometer o equilíbrio emocional de professores, considerando que “[...] o professor iniciante é um estranho que muitas vezes não está familiarizado com as normas e símbolos aceitos na escola ou com os códigos internos que existem entre professores e alunos” (Garcia, 2010, p. 30). É compreensível, portanto, que a colaboradora Ediane tenha se identificado como uma profissional insegura e sem a preparação necessária para atuar em um ambiente novo e com um público novo. Diante da narrativa da colaboradora, destacamos que o que foi vivido por Ediane não é regra geral, outros professores podem ter vivenciado experiências diferentes.

Tardif (2014), de modo similar a Garcia (2009), entende que o início da carreira representa uma fase crítica em razão dos (re)ajustes a serem feitos em função das realidades do trabalho, assim como é uma fase em que ocorre o choque com a realidade. Podemos inferir, a partir da análise das narrativas da colaboradora Ediane, que a professora, ao se preocupar com demandas do ensino no IFPI e com as características e necessidades dos estudantes, ponderava sobre as próprias necessidades no que se refere aos conhecimentos exigidos para o exercício profissional na instituição educativa onde estava se inserindo. A insegurança, dentre outras particularidades, é, também, um aspecto ressaltado pelo colaborador José ao refletir sobre sua identidade na fase inicial de sua atividade docente no IFPI, consoante podemos perceber no seguinte relato:

[...] O início de minha carreira docente foi marcado pela falta de dinheiro, dívidas, dificuldades de vários tipos [...]. Muita coisa de ordem pessoal aconteceu junto. [...] Pra você ter ideia, minha autoestima não me permitia acreditar que poderia ser professor do IFPI ou da UFPI [...]. Vim acreditar nisso quando fui substituto, entre 2009 e 2011 [...]. Iniciei minha profissão no IFPI um pouco inseguro. [...]. Eu amarguei um pouco nessa insegurança, porque por mais que você tenha uma certa afinidade, um certo conhecimento do conteúdo a ministrar, você fica um pouco receoso. [...] Recordo-me de sentir insegurança e de adotar uma postura bastante rigorosa com os alunos no começo da minha carreira como educador no IFPI, o que não foi bom. ((José/roda de conversa/ maio/ 2024)

No relato do colaborador José, percebemos o cruzamento entre seus percursos de vida pessoal e profissional, haja vista que as adversidades de sua vida pessoal afetaram sua autoestima relativamente ao seu potencial para o exercício profissional docente. Formosinho (2009), ao discutir os contextos centrais para a constituição da identidade do professor (da

família, dos amigos, dos colegas de profissão, das instituições de formação e dos espaços educativos), ressalta que as vivências acumuladas ao longo do tempo, bem como os valores que são ressignificados nesses diferentes contextos, compõem uma trajetória coerente e contínua que dá sentido à identidade profissional do professor. Os contextos supracitados não apenas influenciam, mas possibilitam a revisitação de valores, crenças e modos de ser que o professor incorpora em sua prática. A identidade profissional, portanto, emerge como uma síntese dinâmica entre o que foi vivido e o que é constantemente ressignificado.

O colaborador José, em virtude da baixa autoestima, relata sobre a descrença no próprio potencial para ser professor do IFPI. Descreve-se, inicialmente, como um professor inseguro e com receio da prática docente. Reconhece que esse fato contribuiu para que assumisse a identidade de professor autoritário, rigoroso. Santos, Antunes e Bernardi (2008) ressaltam que as interfaces sociais da realidade na qual o professor está inserido contribuem para forjar identidades, tendo em vista que as relações interpessoais e sociais não são neutras, elas moldam, desafiam e transformam o modo como o professor se vê, atua e constitui a sua identidade profissional. Deduzimos que a postura rígida com os alunos, adotada pelo professor no início de sua docência, pode ser compreendida como uma blindagem para não deixar transparecer a insegurança e a falta de confiança em seu potencial como professor.

O início da profissão, como já mencionado, pode ser uma fase de vivência de grande tensão e insegurança, resultante de fatores, tais como: inexperiência, desconhecimento das dinâmicas da prática e sobrecarga de atividades (Garcia, 2010). Essa realidade comprova que a prática docente demanda preparo, acolhimento e tempo para amadurecimento. Evidencia, também, a necessidade de pensar o acolhimento dos professores e a prática docente como um dos *locus* em que o professor vai construindo sua identidade profissional, aprendendo a lidar com os imprevistos, a gerir o tempo e a se posicionar diante dos desafios. A respeito da constituição da identidade profissional na iniciação à docência, a narrativa do Pedro registra:

[...] No ano de 2009, [...] prestei concurso para o CEFET-RN, sendo aprovado para atuar na cidade de Apodi-RN, oeste Potiguar, atuando especificamente com o ensino básico (educação musical) e com projetos de extensão: canto coral e construção de instrumentos alternativos. [...] Iniciei um projeto de extensão em canto coral sem ter nenhuma experiência nesta área, sem nunca ter regido um coral. [...] Nesse projeto de extensão em Canto Coral, era um professor inseguro. [...] para resolver as dificuldades da inexperiência, de não saber fazer o trabalho, recorria aos alunos para aprender regência e escolha de repertório com eles, que sabiam até mais que eu. [...] Era um professor acessível, nunca autoritário, que se sensibilizava muito com a situação dos alunos, que viviam em um local de grande pobreza (Pedro/carta pedagógica / março 2024).

O relato do colaborador Pedro ressalta a inexperiência como docente e a necessidade de parceria com os estudantes para superar a insegurança que sentia no início da profissão docente. O contexto da prática docente pode provocar medo de errar e sensação de não pertencimento, mas, paradoxalmente, pode proporcionar abertura para aprender, errar e reconstruir-se, o que parece ter acontecido com o colaborador Pedro, ao reconhecer que seus conhecimentos profissionais precisavam ser ampliados.

A análise da narrativa do colaborador Pedro ratifica o que Pimenta (1996) pensa sobre a prática docente. Na visão da autora, essa prática constitui espaço de produção de saberes e não apenas de aplicação de conhecimentos teóricos; é um campo fértil para a revisão e reconstrução dos saberes e dos conhecimentos, diante das situações desafiadoras. A prática docente, espaço de interações, constitui, também, *locus* que colabora com a constituição das identidades docentes que, conforme Ciampa (2005), é ampliada pelas múltiplas determinações a que o indivíduo está submetido.

O colaborador Pedro, ao refletir sobre suas experiências no início da carreira docente, identifica-se como um professor acessível, sensível, porém destaca a insegurança como marca da iniciação à docência, bem como considera que esse fato contribuiu para que reconhecesse os conhecimentos prévios dos estudantes. O relato do colaborador se conecta com o pensamento de Garcia (2010, p. 29), ao argumentar que “Os primeiros anos de docência não só representam um momento de aprendizagem do ofício do ensino, especialmente em contato com os alunos nas classes. Significam também um momento de socialização profissional [...]”.

Pimenta (1996) realça esse aspecto ao afirmar que a formação docente não se limita à teoria aprendida na universidade, mas se constrói, também, na prática reflexiva, que é muito importante porque permite ao professor pensar sobre o que é e o que faz, além de aprender com a experiência, reconhecendo erros, acertos e possibilidades de melhoria. À luz dos estudos de Dubar (1997, 2005), sobre identidade docente, a experiência tem potencial formativo, quando desafia os professores a buscar conhecimentos para fundamentar a atividade profissional, contribuindo para que se transformem e transformem suas identidades ao se reconhecerem como sujeitos em construção.

Diferentemente dos colaboradores José, Ediane e Pedro, o colaborador Daniel afirma que a inserção em um novo contexto de trabalho, no IFPI, não lhe trouxe insegurança, mas motivou melhorias na forma de ser e de exercer a profissão. Os percursos profissionais ilustrados em suas narrativas revelam suas experiências docentes de início de carreira no IFPI:

[...] Em relação ao tipo de professor que eu era antes do IFPI, posso dizer que já tinha uma boa experiência, mas melhorei bastante enquanto profissional. [...] Essa

instituição ensinou-me a ser um professor mais técnico e mais rigoroso com o meu trabalho docente. [...]. Não era um professor exigente, nem autoritário e nem inseguro. [...] quando entrei para o IFPI já era professor há 12 anos. [...]. No início do meu trabalho no IFPI, o que mais me definia foi o fato de eu ter sido um professor muito aberto e amigável, talvez por conta da imensa felicidade que tive ao entrar no serviço público federal. [...]. Era um professor muito amoroso e compreensível com os alunos. Não que eu tenha deixado de ser, mas mudou um pouco. [...]. Antes de ingressar como professor de música do IFPI, meu desempenho como professor era bom, mas precisava trabalhar muito em outras escolas para melhorar o sustento, não sobrava tempo para estudar e planejar melhor as aulas e atividades curriculares. [...]. Não refletia no ensino dado, apenas transmitia o conhecimento, uma educação bancária, mesmo [...]. (Daniel/carta pedagógica/ abril de 2024).

A narrativa do colaborador Daniel contém uma reflexão sobre sua trajetória docente, evidenciando marcas de transformações, à medida que se reconhece como bom professor, aberto a mudanças. Com o ingresso no IFPI, assegura que se tornou um professor mais técnico e rigoroso com o trabalho docente. Podemos inferir, considerando a narrativa do colaborador, que ser um professor técnico significa ser aberto e sensível às demandas dos estudantes, o que difere do entendimento de Garcia (2010), segundo o qual, um professor tecnicista tem como foco central a instrução e os meios para desenvolvê-la. O relato do colaborador Daniel informa uma experiência docente de doze anos, antes de ingressar no IFPI, o que revela sua condição de professor habilitado.

O colaborador Daniel descreve a constituição de sua identidade profissional decorrente no ingresso no IFPI em que a luta pela sobrevivência o compelia a atuar em diferentes instituições, tendo como consequência a falta de tempo para organização do trabalho docente, para estudo e para refletir sobre a prática. Com a iniciação docente no IFPI, segundo relata, teve oportunidade de revisitar sua identidade docente, ampliando a qualidade do trabalho docente e passando a refletir a respeito da prática desenvolvida, para seu planejamento consciente.

Santos, Antunes e Bernardi (2008) afirmam que ser professor demanda assumir uma identidade múltipla, sensível, crítica e em constante reconstrução. A docência, particularmente no que se refere ao ensino, tem sido questionada para que não se restrinja à transmissão de conhecimentos, na perspectiva de uma atuação que articule saberes técnicos, relacionais, éticos e políticos. Os modos como os professores são e atuam na profissão docente influenciam a constituição da identidade profissional docente, segundo Santos, Antunes e Bernardi (2008). Prosseguindo a análise, o colaborador Luiz apresentou a seguinte narrativa a respeito de sua identidade no início da carreira docente:

[...] Eu sempre gostei bastante de música, e o meu início profissional foi ministrando aulas. [...]. No início eu tive uma certa frustração pois eu gostava de tocar e queria manter um tempo maior com isso, mas as aulas consumiam uma boa parte da minha

disponibilidade. [...]. Em alguns momentos eu percebia ter interesse por um tipo de repertório, enquanto meu aluno estava interessado em outras músicas, às vezes, bem diferentes daquelas as quais eu queria tocar / cantar. [...] Por outro lado, eu gostava, e gosto muito até hoje, de lecionar, da relação com os alunos, então minhas eventuais frustrações musicais se diluíam ou mesmo se extinguíam conforme eu tinha mais espaço ensinando. [...]. Com o tempo, fui gostando cada vez mais de lecionar. [...] Portanto, me via como uma pessoa que estava aprendendo bastante ao lecionar e convivendo mais intensamente com algo que sempre gostei: a música (Luiz, carta pedagógica, março/2024). [...].

Entrei no IFPI recém-saído do mestrado, estava com um interesse em um repertório bem específico do violão e com ideias bem específicas sobre música. [...]. O meu interior enquanto professor era de um acadêmico pós-graduado e recém-formado, ainda com um grande interesse na parte acadêmica da música. [...]. Isso certamente orientou minha maneira de lecionar e persistiu por um bom tempo ainda, ao longo do meu trabalho como professor no IFPI. [...]. Eu resumiria que minha identidade ao início seria: uma pessoa que gostava de ensinar e convivia com a inexperiência inicial e o interesse contido de querer dedicar-me integralmente à música enquanto *performer* (Luiz, carta pedagógica, março/2024).

A narrativa do colaborador Luiz revela os caminhos percorridos na construção de sua identidade docente no início da carreira. Em seu relato, observamos a valorização da formação técnica musical, consequência de sua paixão pela música, aspectos que parecem indicar maior inclinação para assumir uma identidade voltada especialmente para a *performance* musical. Mas, apesar de assumir uma frustração em virtude de a docência consumir seu tempo, deixando-o sem condições para dedicar-se à música e ao canto, se reconhece como professor. Ou seja, o colaborador Luiz, no início da docência, viveu um conflito por ter que decidir entre o desejo de tocar, de cantar e as exigências da profissão docente, que demanda tempo e dedicação às aulas.

O relato do colaborador Luiz mostra que sua identificação com a profissão docente foi acontecendo paulatinamente, na medida em que se envolvia com o ensino, percebendo que ensinando também se aprende. Tudo isso tem contribuído para que reconheça que sua identificação como professor vai sendo urdida na vivência da profissão, pois, como sugere Castells (2018), as identidades se constituem de forma interativa, em coletividade em que os outros exercem influências no estabelecimento das igualdades e diferenças, formando-se por meio do autoconhecimento, validado pelos outros.

A análise das narrativas revela que, para a maioria dos colaboradores, a identidade profissional, no início de carreira, significou construir-se como educador em meio às experiências, desafios e aprendizagens iniciais de começo de profissão, um processo dinâmico, movimentado na construção entre o ideal e a realidade de cada um, articulado às experiências pessoais, à formação acadêmica e às práticas pedagógicas desenvolvidas em caminhos de constante reelaboração.

4.1.2 Metamorfoses identitárias: em que aspectos mudaram?

Os colaboradores da pesquisa, ao se reportarem aos anos iniciais na profissão, narram sobre as reiteradas mudanças ocorridas em seus modos de ser professor e de ensinar, revelando metamorfoses identitárias na forma como se percebem, atuam e se relacionam com o ensino ao longo da carreira docente. Comentam sobre mudanças que resultaram em aprimoramento do jeito de ser professor, na ampliação de conhecimentos e em atitudes mais seguras na trajetória profissional docente.

As metamorfoses identitárias não ocorrem de forma linear, são influenciadas por experiências pessoais, contextos institucionais, políticas educacionais e processos formativos, entre outros. Como destaca Nóvoa (1992), a identidade docente está sempre em construção, marcada por rupturas, reinvenções e aprendizados contínuos. Para o autor, a ideia de metamorfose expressa a necessidade de mudanças profundas, que não são apenas adaptações superficiais, mas transformações estruturais nas formas de ser e agir profissionalmente. Em relação a esse tema, a colaboradora Ediane declara:

[...] Então, hoje eu me considero uma pessoa madura e capacitada nessa missão de ensinar. [...] Acho que conquistamos os alunos com aulas dinâmicas, produtivas. [...]. Tento considerar o ponto de vista deles. [...]. Não costumo impor as coisas. [...] Claro que a gente vai aprendendo cada dia mais, né? [...] A gente vai se analisando, pelo menos eu me analiso, toda vez que eu termino de dar uma aula faço uma autorreflexão: ‘será se eu fui bem? [...] Como eu posso melhorar? [...]. Eu nunca vou parar de me autoavaliar e refletir na minha prática. [...]. Então, assim, eu vou continuar sempre estudando, sempre aprendendo, sendo sempre professora. [...] Para você ser professor, você deve estudar, então esse foi o primeiro impulso, de querer ser professora para sempre ensinar e estar sempre aprendendo e, assim, eu me tornei no que sou hoje, professora. [...] posso afirmar que sou uma educadora musical que vem sendo formada desde os tempos da graduação, tempo de docência na rede privada e pública e no IFPI. [...] Ao longo desses 11 anos, minha identidade profissional tem sido consolidada (Ediane/roda de conversa/ maio/ 2024).

Ao refletir sobre como a escola, os alunos e a prática educativa nortearam seus valores, ações e práticas docentes, a colaboradora percebe-se uma pessoa mais madura e uma professora certa da profissão que escolheu. Suas reflexões corroboram o pensamento de Garcia (2009, p. 11) quando diz que professores se definem a si mesmos e aos outros por meio de sua identidade profissional, desenvolvida nas relações intersubjetivas e que essa identidade se caracteriza “[...] como sendo um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo enquanto indivíduo enquadrado em determinado contexto”. As palavras do autor confirmam que se tornar professor é uma construção diária, envolve reflexão sobre suas necessidades frente às

necessidades dos alunos, o que colabora para construção de mudanças na identidade profissional, como resultado das diversas experiências e desafios ao longo da trajetória docente.

O registro narrativo da colaboradora Ediane revela elementos centrais de seu percurso rumo à mudança em sua identidade profissional, que parece ser fruto da vivência da prática docente, da formação e da autoavaliação constantes. Ao afirmar que, como professora no momento atual, se considera com mais maturidade e mais preparada para ensinar, a colaboradora Ediane demonstra uma mudança significativa em sua autopercepção, resultado de anos de atuação e de aprendizados. A maturidade é fruto das experiências acumuladas ao longo da profissão e de um processo contínuo de constituição identitária.

Perceber a metamorfose identitária passa pela reflexão acerca da prática docente, pela análise das posturas assumidas e pelo autoconhecimento. Em relação à dinâmica e processualidade da constituição identitária, no sentido de observar as mudanças necessárias, é essencial favorecer um contexto em que os docentes assumam papel ativo na própria formação, reconhecendo-se como sujeitos que constroem e vivenciam sua trajetória profissional, em uma carreira que se transforma continuamente (Nóvoa, 2019). Respeitar o protagonismo dos professores, tanto na formação quanto na prática docente, assim como possibilitar que reflitam sobre os modos como a profissão docente se reinventa socialmente, pode explicitar a natureza dinâmica das identidades docentes. A prática reflexiva é essencial para o desenvolvimento e para a constituição do profissional docente, pois favorece a revisão constante das práticas, do ser professor e de suas identidades. A narrativa do colaborador José destaca o processo complexo e multifatorial que permeia a constituição da identidade, realçando:

A meu ver, a construção da identidade é um processo bastante complexo, intrincado, diversificado, multifacetado e subjetivo, influenciado por uma série de fatores que seria imprudente especular aqui nesta carta. [...]. No entanto, posso afirmar sem sombra de dúvidas que o professor que começou a lecionar no IFPI em 2009 não é o mesmo dos dias atuais (José/carta pedagógica, março 2024).

A reflexão do colaborador José, explícita em sua narrativa, ao se reportar à metamorfose de sua identidade docente, afirma mudanças nessa identidade, embora não se refira aos aspectos que mudaram e rememora sua narrativa apresentada na seção em que se refere à identidade no início da carreira. É possível inferir que sua travessia, superando a insegurança que marcou sua inserção no IFPI, repercutiu em sua identidade docente, vivida com mais segurança e conhecimentos. Essa inferência encontra respaldo na seguinte afirmação de Ferreira (2011, p. 47), ao mencionar que os professores não permanecem os mesmos, tendo em vista que “[...] a

identidade é constituída na interação com o entorno no qual o sujeito se encontra inserido, cuja essência interior modifica-se continuamente nas inter-relações entre o eu e o mundo”.

O registro do colaborador revela uma compreensão sobre a fluidez e a complexidade da identidade, ao reconhecer que não é o mesmo professor do início da carreira docente, o que sinaliza sua trajetória e sua identidade docente como marcadas por mudanças contínuas, influenciadas por experiências, desafios, aprendizados e interações ao longo do tempo. Essa mudança não apenas reafirma a natureza dinâmica da identidade, como também valoriza o processo de crescimento e ressignificação que ocorre dentro e fora da sala na pessoa e no profissional.

A narrativa do colaborador Pedro, nesse entorno, sugere que as vivências oportunizadas pela prática educativa e a reflexão sobre as situações de ensino-aprendizagem provocaram mudanças em sua identidade:

O que eu percebo nessa trajetória como docente é que a possibilidade de interagir em diferentes níveis de ensino, em diferentes instituições e convivendo com diferentes particularidades de cada clientela atendida por mim nas diversas situações de ensino-aprendizagem, [...] me fez acumular vivências que me permitem hoje organizar de forma sistematizada a minha ação pedagógica segundo os objetivos os quais são direcionados à formação de músicos, [...] minha atual clientela no IFPI. [...]. Ao comparar a minha maneira de atuar hoje com o início das minhas vivências, percebo que a experiência como pesquisador da área de música me permite atuar de forma engajada e reflexiva a partir dos conteúdos programáticos e da maneira "passiva" com a qual fui educado musicalmente (Pedro/roda de conversa/ maio/2024).

A narrativa do colaborador Pedro revela uma consciência sobre o papel das vivências nas mudanças na constituição de sua identidade docente. Ao destacar a diversidade de contextos educacionais pelos quais passou em diferentes níveis de ensino, instituições e perfis de alunos, reconhece que essas vivências foram fundamentais para ter desenvoltura como professor e segurança no desenvolvimento de uma prática docente mais sistematizada e intencional.

A trajetória vivida não apenas enriqueceu sua compreensão sobre os processos de ensino-aprendizagem, como também proporcionou ferramentas para alinhar sua atuação aos objetivos específicos da formação de músicos, seu público no IFPI. O relato expressa uma valorização das vivências como elemento estruturante da prática docente, que se molda e se refina à medida que o professor vive as demandas e singularidades de cada contexto educativo.

O colaborador Pedro assume que atualmente (no momento desta pesquisa) é um professor diferente daquele que era na iniciação à docência, considerando que as diferentes experiências que ocorreram em seu percurso profissional colaboraram para que se identifique

como professor engajado e reflexivo, que rechaça o ensino passivo, baseado na mera transmissão de conhecimentos. Segundo Antunes e Plaszewski (2018, p. 33), “[...] o professor, em qualquer ambiente educativo ou instituição de ensino formal, é ser humano único em identidade, inter-relações e construções de saberes”. Isso repercute na personalidade e na identidade dos professores, afetando seus jeitos de ensinar e de viver a profissão.

As narrativas do colaborador Daniel corroboram o entendimento de que o contexto é um elemento basilar na constituição da identidade docente, à medida que a organização da instituição educativa, os princípios e valores da educação pública de qualidade repercutem como orientadores na mudança da sua identidade profissional. Afirma ele:

Essa instituição ensinou-me a ser um professor construtivista, mais técnico e mais rigoroso com o meu trabalho docente. [...]. Creio que a organização da instituição e a exigência de uma educação pública de qualidade e excelência contribuíram para que eu melhorasse o meu desempenho enquanto professor de música. [...]. Em relação às minhas aulas, o que posso dizer é que elas se tornaram mais técnicas e mais aprofundadas. [...]. A diminuição da carga horária de trabalho me proporcionou mais tempo para estudo e para planejar melhor minhas aulas e atividades curriculares. [...] Por isso, creio que as aulas se aprimoraram ao longo do tempo. [...] Percebo que elas se tornaram mais detalhadas nos aspectos teóricos e mais dialogadas com educandos (Daniel/ roda de conversa/ maio/2024).

O colaborador Daniel atribui às experiências docentes e ao contexto dessas experiências as mudanças ocorridas em sua identidade profissional. Em suas análises, aprendeu a ser um professor mais técnico e mais rigoroso no cotidiano da prática docente, no contexto de seu trabalho. Ou seja, entende que o contexto institucional de sua atividade de ensino teve forte influência na constituição de sua identidade profissional.

As identidades não são constituídas isoladamente, pelo contrário, são moldadas por múltiplos fatores, incluindo os contextos experienciais, as interações, as experiências compartilhadas e as expectativas que os outros têm sobre nós. Silva (2014, p. 255) corrobora essa análise ao realçar que “[...] identidade é uma construção, não é estável, fixa, permanente; é instável, contraditória, inacabada”. Quando o colaborador Daniel menciona o processo de tornar-se professor, percebemos que compreende a identidade como movimento que escapa das tentativas de fixação e se reinventa nas fronteiras entre si e o outro, entre o que se foi e o que se é, entre o desejo e a memória.

O colaborador destaca a diminuição da carga horária como um fator decisivo para o aprimoramento de suas práticas pedagógicas, permitindo-lhe investir mais tempo em estudo e planejamento. O que isso tem a ver com a constituição de sua identidade? Encontramos resposta para essa questão no relato do colaborador, que registra como resultado da diminuição da carga

horária de trabalho a transformação de suas formas de agir nas aulas que, segundo afirma, se tornaram mais densas teoricamente e mais dialógicas.

O colaborador percebe que os percursos de vida profissional oportunizaram a reconfiguração de sua identidade como professor, deixando-o mais preparado para a atividade de ensino e possibilitando revisitação de seu pensamento sobre a educação e o processo de ensino-aprendizagem, que entende não como simples transmissão de conhecimentos. O conteúdo da narrativa do colaborador pode ser confirmado na afirmação de Dubar (2005, p. 25) a respeito da processualidade da constituição identitária, por meio de movimento dinâmico e que, por esse motivo, “[...] deve ser reconstruída no decorrer da vida”.

As vivências do colaborador Daniel nos levam, também, ao pensamento de Charlot (2000, p. 54), ao refletir sobre o estudante que, vivenciando um ambiente propício à construção de si mesmo, apropria-se dele naturalmente, em resposta à educação que lhe é ofertada, e que necessita “[...] construir-se e só pode construir-se apropriando-se de uma humanidade que lhe é ‘exterior’; essa produção exige a mediação do outro”.

Seguindo com a análise, acerca das metamorfoses identitárias dos colaboradores, apresentamos a narrativa do colaborador Luiz:

Muitas dessas mudanças foram influenciadas através do meu convívio com alunos e professores de música do IFPI. [...]. Saliento também que uma parte considerável dessas mudanças enquanto professor de música fazem parte de minha mudança enquanto pessoa: idade, experiências de vida, reflexão sobre os anos anteriores trabalhando com diversos alunos em diversos níveis. [...]. Todo esse panorama se reflete hoje na minha maneira de lecionar e abordar a música. [...]. Sempre procurei conciliar a diplomacia e as boas relações com meu alunado. [...]. De minha parte, sempre procurei ser cabeça aberta e não concordo que uma postura autoritária seja uma boa conduta para o ensino/aprendizagem (Luiz/carta pedagógica/março/2024). [...]. esse panorama se reflete hoje na minha maneira de lecionar e abordar a música (Luiz, carta pedagógica/março de 2024).

O colaborador Luiz admite as mudanças ocorridas em sua identidade docente ao longo de sua trajetória profissional, destacando que essas mudanças derivaram de fatores pessoais (da maturidade que vem com a idade), das experiências de vida, da reflexão sobre suas experiências profissionais nos diferentes níveis de educação, que têm reflexos em sua maneira de lecionar, de abordar a música e em seu jeito de ser professor.

A narrativa do colaborador é consoante à seguinte ideia de Garcia (2009, p. 112) sobre a temática: “[...] é preciso entender o conceito de identidade docente como uma realidade que evolui e se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente. A identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve durante a vida”. A metamorfose identitária, como

movimento dinâmico e móvel, nos leva a sermos diferentes, vivenciar mudanças e transformações, seja na dimensão individual, seja no coletivo das identidades profissionais.

As narrativas mostram que os colaboradores se percebem, não mais pela ótica de uma visão inicial de si mesmos, têm consciência das mudanças operadas na constituição de suas identidades, entendendo que as identidades atuais correspondem às exigências de uma educação pública de qualidade, especialmente no contexto do IFPI. Destacam que as experiências, as interações com estudantes e com os pares influenciaram diretamente na forma como se percebem e se posicionam no exercício da profissão, com impacto em suas práticas e em seus valores. No próximo item, procuramos ampliar as reflexões sobre a metamorfose das identidades profissionais docentes.

4.1.3 Aspectos que concorrem para mudanças identitárias

Diversos fatores atuam sobre as identidades pessoais e profissionais, movimentando-as. As experiências são muitas, os aprendizados são constantes, significando que, de repente, não somos mais os mesmos. Os relatos dos colaboradores sobre suas trajetórias iniciais no IFPI, bem como sobre as mudanças experimentadas nas identidades, ao longo da profissão, confirmam que constataram, de repente, que todos poderemos nos perceber mudados. Na seção anterior, os colaboradores do estudo confirmaram essa realidade, e as narrativas a seguir elucidam os aspectos que concorreram para as mudanças identitárias. A esse respeito, a colaboradora Ediane registra:

Refletir sobre a construção da minha identidade profissional me faz pensar nos vários espaços sociais por onde transitei no decorrer de minha trajetória de vida, como, por exemplo, o ambiente familiar, a base da socialização, a escola, a universidade e demais ambientes de formação. [...]. Todos esses espaços nortearam meus valores, ações e minhas práticas docentes. [...] Outros ambientes, como a escola, a universidade e demais ambientes de formação, foram espaços que nortearam meus valores, ações, e minhas práticas docentes. [...]. A construção de minha identidade foi sendo desenvolvida à medida que o conhecimento prático ia acontecendo e eu ia aprendendo a ensinar, ensinando (Ediane/ roda de conversa/ maio/2024).

Segundo a colaboradora, no contexto de trabalho, ao longo de onze anos, nas interações com os pares, é que sua identidade profissional docente tem sido consolidada, tem sido objeto de mudanças. Essa afirmação encontra respaldo em Nóvoa (1992, p. 16) que concebe identidade como “[...] um espaço de construção de maneiras de ser e de estar na profissão”. Para o autor, as maneiras de ser e de estar na profissão evoluem no transcurso da trajetória profissional, impactada pelas experiências pessoais, profissionais, pela formação acadêmica e pelo contexto profissional em que o professor atua.

A colaboradora Ediane refere que as mudanças em sua identidade foram oriundas de diferentes aspectos, tais como: espaços sociais por onde transitou, interações com a família, a escola e a universidade, isto é, reconhece que a constituição de sua identidade profissional não se deu de forma isolada, mas foi moldada por interações, experiências e aprendizados vividos em variados contextos. Ciampa (2005) confirma que constituímos nossas identidades historicamente, por meio de interações dialéticas com o mundo e com as pessoas, resultando em uma recopilação de diferentes sujeitos que atravessam nossas experiências.

Entre os diferentes aspectos mencionados, enfatiza a prática docente como eixo formador de sua identidade, afirmando que ela “[...] foi sendo desenvolvida à medida que o conhecimento prático ia acontecendo e eu ia aprendendo a ensinar, ensinando”. Neste recorte da narrativa, percebemos a supervalorização da prática docente e do saber fazer em seus percursos de se tornar professora. A prática docente é multifacetada, ocorre em espaço de tempo que leva os professores a viverem de forma acelerada o cotidiano de ensino. Dialogamos com Bauman (2005) para refletir sobre as diferentes realidades aceleradas, fontes de constituição de identidades instáveis, diversas em diferentes situações e contextos histórico-sociais.

Os registros do colaborador José enfatizam aspectos que considera decisivos nas mudanças da identidade profissional:

Atualmente, percebo que desenvolvi uma maior capacidade de ser paciente e resiliente em comparação com o passado. [...]. Sinto-me mais confiante para compartilhar meu conhecimento e, [...] ao mesmo tempo, reconhecer quando não possuo uma resposta, o que me impulsiona a sair da minha zona de conforto e buscar constantemente uma mentalidade de aprendizado contínuo. [...]. De maneira alguma estou dizendo isso para me glorificar. [...]. No entanto, estou apenas destacando a identidade de um músico que, atualmente, se vê também como professor (José/carta pedagógica/ março 2024).

Com o passar do tempo, percebi que não tenho todas as respostas e, na verdade, não é necessário tê-las. Aprendi que meu papel é o de facilitador, guiando os alunos na jornada para alcançar o conhecimento desejado. [...]. Não estou convencido de que alcancei ou alcançarei o ápice em um determinado campo de conhecimento. [...]. No entanto, acredito firmemente que, por meio do meu esforço contínuo, posso sempre aprender mais e transmitir esse conhecimento aos alunos, como fiz para encontrar minhas próprias respostas (José/roda de conversa, maio/ 2024).

O colaborador José reconhece que sua identidade docente mudou que não é mais o mesmo professor de início de carreira. Refletindo sobre os aspectos que concorreram para essa mudança, o colaborador ressalta que, com o passar do tempo, na movimentação característica das experiências profissionais, foi constituindo mudanças em sua identidade. O colaborador faz referências a mudanças na identidade pessoal e profissional, sentindo-se mais confiante no desenvolvimento de sua prática docente e consciente que não tem respostas prontas para todas

as situações decorrentes dessa prática. De modo específico, destaca a superação de postura rigorosa no processo ensino-aprendizagem, para assumir a posição de facilitador da aprendizagem, como mediador da cultura de formação, visto que destaca a importância da socialização de conhecimentos.

O relato do colaborador mostra uma mudança na percepção sobre sua identidade docente, revela autoconhecimento e abertura ao aprendizado contínuo. Garcia (2009) confirma que é por meio de nossa identidade que nos apercebemos, vemos e queremos que nos vejam. A identidade profissional, que se desenvolve de forma intersubjetiva pode ser compreendida “[...] como sendo um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo enquanto indivíduo enquadrado em determinado contexto” (Garcia, 2009, p. 11).

Ao se identificar como músico e professor, depreendemos que o colaborador José expressa uma dupla identidade profissional, em constante construção, que mostra sua relação afetiva com a música e com a docência. As narrativas do colaborador evidenciam que as mudanças em suas identidades são resultantes da reflexão, da disposição para aprender, das interações com os estudantes e das vivências da prática docente. Para Antunes e Plaszewski (2018, p. 33): “Ser Professor é também ser sujeito ímpar, que está em desenvolvimento e torna-se singular na ação educativa, com ela e a partir dela. Durante a vida toda, a cada etapa, as pessoas são aprendizes”. Esse pensamento remete à necessidade de os professores se envolverem no aprendizado contínuo da profissão, aspecto essencial nas mudanças identitárias. O colaborador Pedro se refere à mudança em sua identidade, relacionando alguns aspectos que concorreram para essa mudança:

Ao comparar minha maneira de atuar hoje com o início das minhas vivências, percebo que a experiência como pesquisador da área de música me permite atuar de forma engajada e reflexiva, a partir dos conteúdos programáticos e diferente da maneira passiva com a qual fui educado musicalmente. [...]. O ensino ativo, o qual defendo hoje, vem a ser um trabalho de mediação reflexiva sobre posturas rígidas acerca da maneira como se ensinava música anteriormente, aos moldes conservadores, [...] para estratégias mais abertas com o tempo presente, com as tecnologias, com as constantes transformações as quais o campo das Ciências e das Artes encontram-se em constante movimento (Pedro /carta pedagógica/março/2024).

Músicos/educadores em formação a partir das mudanças que percebemos em nós e de como podemos continuar o autoaprimoramento através da busca constante pela ação ativa-criativa artística, [...] seja no fazer, no educar, no ensinar, no performar ou no refletir (Pedro/ roda de conversa/ maio de 2024).

Ao refletir sobre a trajetória docente, o colaborador Pedro afirma que a experiência como pesquisador lhe proporcionou ferramentas para atuar com mais engajamento e de forma ativa e reflexiva, superando a passividade que marcou sua própria formação musical. Identifica-se como um professor mais aberto aos desafios da sociedade em que vive, especialmente para

usos das tecnologias e para acompanhar as constantes transformações das Ciências e das Artes. Acompanhar essas transformações sugere que elas têm afetado sua identidade, fazendo-o mudar o saber ser e o saber fazer. Analisando a narrativa do colaborador, a partir dos estudos de Hall (2006), podemos entender que, se há transformações no mundo e nas sociedades, essas transformações exigem que as pessoas e os profissionais também mudem, porque as identidades podem ser afetadas por determinações histórico-sociais.

De acordo com o colaborador, sua relação com o saber e com sujeitos envolvidos em sua prática docente constitui instrumento potente de ampliação da consciência e de ressignificação dos próprios modos de ser e de ensinar, reinterpretando sua concepção de ensino, de modo que transcendeu a visão de educação tecnicista, para uma concepção de que o conhecimento pode ser construído de forma ativa. O colaborador Pedro, desse modo, reconhece que houve mudanças em sua identidade, o que entende ser fruto, entre outros aspectos, da reflexão sobre o seu modo de ser e estar professor. O colaborador Daniel aborda os aspectos que provocaram mudanças em sua identidade docente, relatando:

O IFPI proporcionou essa mudança de paradigma. Em resumo, o meu trabalho no IFPI contribuiu sobremaneira para tornar minhas aulas mais criativas e reflexivas. [...]. Hoje penso que o meu papel, enquanto educador, não é apenas transmitir conhecimentos, pois a educação está para além disso. [...]. Por sinal, critico bastante esse modelo educacional, que Paulo Freire denominou acertadamente de educação bancária. [...]. Minhas aulas, atualmente, são pensadas como um processo dialógico, no qual os educandos são parte essencial na construção do conhecimento [...] (Daniel/carta pedagógica/ março de 2024).

[...] Hoje me sinto um professor mais preparado e um educador mais completo, porque eu penso a educação como um processo mais amplo, [...] não apenas como transmissão de conhecimentos. [...] Isso porque educar, como dizia Paulo Freire, é um ato de amor. [...] Sinto-me responsável hoje não apenas pelo processo de aprendizagem dos educandos, mas também pela qualidade de vida e a saúde mental de todos (Daniel/ roda de conversa / maio/2024).

Para analisar a narrativa do colaborador Daniel, destacamos o reconhecimento que sua experiência docente, a reflexão, a relação com o saber e com os estudantes foram as bases para as mudanças em sua identidade profissional, portanto, para superar a visão de ensino como mera transmissão de conhecimentos, alude que, no contexto de suas experiências, revisou seu papel como professor e passou a compreender o ensino como um processo dialógico, no qual os estudantes têm participação ativa na construção do conhecimento.

Ao se afastar da postura de transmissor de conhecimento mecanizado, passou a se aproximar da ideia de educação como possibilidade de formação humana, preocupando-se não só com a dimensão cognitiva da aprendizagem, mas com a dimensão da amorosidade em sua

prática. Nessa perspectiva, podemos associar a narrativa do colaborador Daniel ao pensamento de Freire (2002, p. 45), que recomenda que a prática educativa seja pautada “[...] no amor, na humildade, na fé nos homens; o diálogo se faz uma relação horizontal, em que a confiança de um polo no outro é consequência óbvia”. O colaborador Daniel apropria-se de uma educação dialógica, em que o conhecimento é construído de forma colaborativa entre ele e o aluno.

Sobre os aspectos que concorreram para mudanças em sua identidade, mencionados anteriormente, ao narrar que o movimento de sua identidade teve como base as experiências profissionais, podemos associar seu pensamento às ponderações de Antunes e Plaszewski (2018) ao afirmarem que a identidade docente é tecida no exercício profissional, movimentando-se por meio das interações sociais, produzidas no exercício da profissão docente. A seguir, apresentamos a narrativa do colaborador Luiz, que trata sobre os aspectos que concorreram para mudanças em sua identidade docente.

Listando as experiências que provocaram mudanças na identidade docente: [...] minhas experiências de pós-graduação, que me fizeram repensar bastante minha condição de professor de música e meu compromisso com os alunos. [...]. Durante o mestrado tive bastante o choque com a dicotomia clássico/popular, e aos poucos fui me encaminhando (retornando, na verdade) para o repertório popular. [...] Isso me permite, hoje, trabalhar com meus alunos com uma compreensão bem mais ampla, [...] conciliando diversas informações a áreas de repertório (Luiz/ carta pedagógica/março de 2024).

Todo esse panorama se reflete hoje na minha maneira de lecionar e abordar a música. [...] O contato com alunos de níveis mais avançados no IFPI. [...] Em escolas anteriores trabalhei mais com alunos iniciantes. [...] Apesar de ter a oportunidade de trabalhar com alunos mais adiantados anteriormente, foi no IFPI que a prática musical em nível adiantado/profissionalizante se tornou mais evidente. [...]. A formação técnica profissional no IFPI, que visa um novo perfil de aluno de música a ser trabalhado. [...] A experiência de vida, externa ao IFPI, que vai aos poucos modificando nossa maneira de pensar o ensino, [...] a música e a relação com os alunos (Luiz/ roda de conversa/ maio/ 2024).

Sobre os aspectos que concorreram para as mudanças identitárias, o colaborador Luiz destaca as experiências na pós-graduação que o fizeram repensar bastante sua condição de professor de Música e o compromisso com os alunos, o que lhe permite, hoje, trabalhar com os alunos com uma compreensão mais ampla e autônoma. Para Nóvoa (1992, p. 25), “[...] A formação deve estimular uma perspectiva crítico-reflexiva, que forneça aos professores os meios de um pensamento autónomo e que facilite as dinâmicas de autoformação participada”; uma formação que empodere os professores como sujeitos ativos, críticos e autónomos no seu desenvolvimento profissional e na construção de práticas educativas transformadoras.

A trajetória profissional narrada pelo colaborador Luiz ilustra bem o conceito de identidade docente como construção contínua, influenciada por diferentes fatores. Relativo a essa temática, o colaborador destaca, como aspectos que provocaram mudanças em sua identidade profissional, a formação por fazê-lo compreender o significado de ser professor de Música, bem como por despertá-lo para refletir sobre suas responsabilidades na formação dos estudantes.

Outro aspecto destacado pelo colaborador Luiz foi o fato de, por transitar na prática docente interagindo com estudantes com diferentes níveis de aprendizagens e desenvolvimento musical, ter tido condições de atender as demandas e singularidades desses estudantes. Além disso, destaca que as experiências de vida (como pessoa, como aspectos) também contribuíram para que sua identidade transitasse de uma visão mais tradicional de ensino, para uma prática mais crítica.

Conforme Ewald e Soares (2007), a identidade pessoal é resultado das interações do indivíduo na realidade social e histórica, e essa identidade tem conexões com a identidade profissional, porque a pessoal e a profissional estão conectadas uma à outra. Diante da multiplicidade de narrativas relatadas pelos colaboradores abrangendo as experiências iniciais e mudanças ocorridas na profissão, percebemos que as identidades dos colaboradores se encontram em movimento e são caracterizadas pela forma como se expressam e se percebem dentro da profissão. Na seção a seguir, a análise focaliza a experiência e a socialização profissional na constituição das identidades docentes.

4.2 Experiência e socialização profissional na constituição identitária de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI

A concepção de identidade, como enfatizada neste estudo, evidencia quem somos e o que poderemos vir a ser, considerando as transformações constantes que podem afetá-la, provocadas pelo fluxo de movimentação a que está sujeita. Sob a ótica desse pressuposto, buscamos compreendê-la como constituída na alteridade (possibilidade de ser outro e respeitar o outro), assim como constituída nas interações sociais, nas experiências decorrentes dos diferentes espaços de vivência e de convivência e na socialização profissional.

A socialização profissional, segundo Fortes (2011, p. 182), é a “[...] introdução de um indivíduo no mundo objetivo de uma sociedade ou de setor dela. Sem estabelecer um limite temporal e rígido, esse processo se dá em duas fases: a socialização primária e secundária”. A socialização primária ocorre na infância, geralmente dentro da família. A secundária acontece ao longo da vida, em contextos sociais mais amplos, como escola, trabalho, grupos religiosos.

Por meio da socialização, internalizamos normas, valores, comportamentos e conhecimentos necessários para a vida em sociedade.

Os padrões culturais e sociais do grupo ao qual pertencemos são internalizados por intermédio da socialização, uma vez que estamos sempre aprendendo e nos adaptando a novos contextos sociais. Foi nessa perspectiva que buscamos compreender como a experiência de socialização profissional repercutiu na constituição das identidades dos colaboradores (Fortes, 2011). Para a análise sobre a experiência e a socialização profissional na constituição da identidade docente, contemplamos, nesta seção, duas unidades de registros, assim denominadas: socialização profissional e a repercussão na configuração identitária e socialização experiencial e a revisitação da identidade profissional docente.

4.2.1 Socialização profissional e a repercussão na configuração identitária

Conhecer sobre socialização profissional é conhecer as bases da identidade, sua origem e sustentação, considerando que a identidade não surge do nada, mas que sempre há o envolvimento de outros nas constituições identitárias, no movimento que nos molda a uma nova forma ou maneira de ser. As interações sociais nos edificam, pois o viver em coletividade nos desafia a crescer com as diferenças, aprendendo que o coletivo é o espelho onde enxergamos nossa humanidade.

De modo particular, a socialização profissional, viver em constante interação com o outro, facilita nosso transitar nos espaços que ocupamos e propicia o compartilhamento de experiências e conhecimentos que podem afetar nossas identidades, tanto no âmbito pessoal, quanto no profissional. As experiências compartilhadas, os desafios enfrentados e as aprendizagens produzidas no ambiente de trabalho contribuem para a socialização profissional, tornando-nos não apenas profissionais mais competentes, mas conscientes de nossa incompletude e da necessidade de ser mais. A narrativa da colaboradora Ediane, relatando sobre a socialização profissional e a experiência na constituição de sua identidade, registra:

Eu, professora Ediane, digo que a formação de minha identidade profissional coincide no início de minha atuação como professora de música. [...]. As experiências profissionais adquiridas ao longo de minha trajetória docente fortaleceram minha identidade para que eu chegasse ao IFPI para atuar no curso técnico em instrumento musical. [...]. Destaco que o ato de ensinar é via de mão dupla, há sempre uma troca. À medida que ensino eu aprendo também, aprendo sobretudo a ser uma professora mais humana, aprendo a lidar com as diferenças e a me comunicar de maneira assertiva. [...]. A cada turma nova somos moldados e fortalecidos em nossa identidade profissional. [...]. Lidar com esse público específico era uma novidade para mim, o que tornava as coisas mais tensas para mim, [...] dando um frio na barriga. [...], mas com o auxílio dos colegas que me acolheram muito

bem, as coisas foram ficando mais claras e, assim, pude aquietar o coração (Ediane/carta pedagógica/março/2024).

As reflexões da colaboradora Ediane sobre sua jornada docente enfatizam a importância das experiências docentes na constituição de seus modos de ser professora e de ensinar. A colaboradora destaca que as experiências ao longo da carreira docente consolidaram sua identidade profissional como professora no Curso Técnico em Instrumento Musical. Em conformidade com os estudos de Mead (2021, p. 139), o processo da experiência tem implicações na identidade dos indivíduos. Concordamos com essa ideia por entendermos que a experiência, vivida de modo reflexivo, pode favorecer aprendizados e, conseqüentemente, o que somos e o que fazemos.

A colaboradora destacou que, ao ensinar, também aprendia, especialmente a tornar-se uma professora mais humana, a lidar com as diferenças e a aprimorar a comunicação didática, aspectos que sinalizam o potencial da experiência na constituição identitária. Destacou, também, a importância da socialização profissional em sua identidade docente, ao realçar as interações com os pares para compartilhar experiências e conhecimentos. A narrativa da colaboradora Ediane indica tanto o potencial das experiências no processo de constituição da identidade docente quanto a aptidão da socialização profissional nesse processo, tendo em conta que “[...], em conformidade com Abrantes (2011, p. 122), “[...] todas as experiências do indivíduo, ao longo da vida, contribuem para o processo de socialização, ou seja, para a construção de disposições internas que permitem (e orientam) a participação na vida social”. Equivale dizer que há interconexão entre experiências e o processo de socialização, no que se refere à constituição identitária.

Considerando o realce que a colaboradora Ediane imprimiu à socialização profissional, destacando sua caminhada docente no IFPI e as contribuições dos pares em relação à constituição de sua identidade, destacamos os seguintes relatos:

Certamente esse ato de troca nos torna mais fortes e mais próximos uns dos outros. [...]. Os alunos também têm parcela significativa nesse processo identitário, eles são o termômetro para percebermos se estamos no caminho certo, sempre serão a peça fundamental no ensino. “[...] Quando termino uma aula e percebo que eles aprenderam, digo para mim mesma: estou no caminho certo” (Ediane, carta pedagógica/abril/ 2024).

[...]. Essa troca de experiências entre os colegas me motivou e fortaleceu, estar ao lado de grandes nomes na área musical com larga experiência na atuação docente em música, era sobretudo uma honra. “[...] Sempre me vejo como a menor de todos porque considero meus colegas como pessoas de alto valor, mas ao mesmo tempo comecei a perceber o meu próprio valor enquanto docente, quais são os meus pontos fortes e pontos fracos (Ediane/roda de conversa//maio de 2024).

A narrativa da colaboradora mostra as diferentes esferas de socialização (a didática e a com os pares) se reportando às contribuições oriundas delas. Seu relato enfatiza que, em nossas trajetórias pessoais e profissionais, somos afetados pelas experiências que vivemos e pelas interações com os outros, por sermos seres sociáveis, inseridos na convivência coletiva que nos permite crescer em nossa dimensão humana. Considerando os escritos de Dubar (2005, p. 25), podemos ratificar essa análise, uma vez que compreende que o homem “[...] depende tanto dos juízos dos outros quanto de suas próprias orientações e autodefinições. A identidade é produto de sucessivas socializações”. A socialização, de modo geral, é necessária para o desenvolvimento humano, da sociedade e, de modo específico, é fundamental para a constituição da identidade docente, tanto no âmbito individual, quanto coletivo. Continuando com a análise das narrativas, trazemos o relato do colaborador José:

Eu, professor José, digo que um dos principais influenciadores que moldam minha identidade docente é a relação que desenvolvo com o corpo discente. [...]. A interação que estabelecemos com os alunos desempenha um papel crucial no desenvolvimento da nossa abordagem, tanto individualmente quanto em grupo. “[...] Ao longo do tempo, aprendi a cultivar uma sensibilidade particular ao lidar com os estudantes e tenho me esforçado diariamente para ser resiliente e adotar uma postura de empatia. [...]. Assim, praticar a capacidade de me colocar no lugar do outro, neste caso, do aluno, é um exercício contínuo que me permite imaginar como eu gostaria de ser tratado em sua situação” (José/ carta pedagógica, maio 2024).

Acho que socialização profissional significa compreender o que cada um pode ajudar um ao outro. [...]. Aqui no IFPI temos feito uma socialização das disciplinas, que é uma coisa muito válida, por exemplo, convidei o Pedro para ter uma participação nas minhas aulas de História da Música, que foi muito legal. [...]. O Daniel também está dando suas contribuições. [...]. Isso é importante, mas não é só isso, ao mesmo tempo que os colegas estão se disponibilizando para doar um pouco do seu tempo pessoal, isso gera uma troca entre nós (José/ carta pedagógica/ junho/ 2024).

O colaborador José faz referências às experiências profissionais na constituição do ser professor e de sua identidade ao declarar que a interação estabelecida com seus estudantes desempenha um papel crucial no desenvolvimento de seu jeito de ser professor. A propósito, as interações entre estudantes e professores, no contexto de sala de aula, são fundamentais para o desenvolvimento de aprendizagens sobre a profissão e para possibilitar a percepção dos profissionais de que “[...] O vínculo com o professor interfere na relação [...] entre o aluno e o objeto de conhecimento, bem como as práticas pedagógicas que aumentam a probabilidade de sucesso do aluno têm uma influência importante na construção desta relação” (Tassoni; Leite (2013, p. 267). O processo educativo é relacional e o ensino é sempre um ato marcado por diferentes interações (entre pessoas, com diferentes culturas e com o conhecimento).

O colaborador José, ao refletir sobre sua experiência, registra que a partir dela pode ressignificar a importância de uma postura empática e humana na relação pedagógica, característica que se agregou a sua identidade no decorrer da profissão. O registro analisado remete ao ideário freireano, por afirmar, considerando que a prática educativa possui uma dimensão humanizadora: “[...] jamais pude entender a educação como uma experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, desejos, os sonhos devessem ser reprimidos” (Freire, 2002, p. 53).

O colaborador José relata a respeito da socialização profissional e os movimentos identitários, destacando a importância das interações e trocas com os pares. Em seu relato, destaca a colaboração, a parceria como ingredientes essenciais para, segundo a narrativa que apresentou, moldar sua identidade. Reconhecemos que professores têm histórico de atuar de forma isolada, individual e solitária, o que constitui barreira à socialização profissional (García, 2010). Sobre o mesmo tema narrado pelo colaborador José, o colaborador Daniel descreveu como a experiência e a socialização profissionais repercutem na constituição da identidade docente.

Eu, professor Daniel, falando sobre esse processo da socialização que se funde com a colaboração, posso dizer que sou um afortunado. [...] Nesses doze anos que eu tive aqui no campus Central, assim, estive ao lado de grandes profissionais, de pessoas que me ajudaram muito em diversos momentos. [...] A gente nunca sabe tudo, sou um cara que gosta de brincar, eu digo assim: a única coisa grande que existe em mim, é ignorância (Daniel/carta pedagógica/maio 2024).

[...], mas assim, sobre socialização profissional, vou falar de um colega de trabalho de longa data e, mais recentemente, percebi uma sintonia muito boa com ele. [...] Uma pessoa compreensiva, inteligente e muito intelectual na sua área. E muito me ajudou, ajudou bastante, de maneira mais eficiente, inclusive me auxiliando. [...] Talvez ele não saiba de uma maneira muito direta, mas sobre meus projetos profissionais recentes, em relação a música, ele acabou me estimulando, me convidando a estudar e aprimorar aquilo os meus pontos fracos, que ainda são muitos (Daniel/roda de conversa/maio 2024).

O registro do colaborador Daniel destaca suas experiências profissionais, aliadas à prática de socialização e interação com seus pares. Em seu relato, transparece que, no ambiente educativo, nos diversos momentos de sua trajetória, a socialização profissional, por meio das interações com os pares, deixou marcas em sua identidade, despertando-o na busca de aprender mais sobre a profissão.

A socialização profissional, por meio das interações e do compartilhamento de saberes e experiências, possibilitou ao colaborador viver o sentimento de inclusão ao coletivo docente do IFPI, o que torna os professores capazes de se reinventarem e de reinventarem suas

identidades. A respeito do processo de socialização profissional, na constituição da identidade docente, precisamos ressaltar que todos os professores envolvidos neste processo, bem como suas identidades são afetados por ele, pois como afirma Nóvoa (2019, p. 6) “[...] não é possível aprender a profissão docente sem a presença, o apoio e a colaboração dos outros professores”. Nessa perspectiva, é preciso reconhecer que o aprendizado da profissão, tanto na formação profissional quanto na experiência, tem impacto na constituição da identidade dos professores. O colaborador Luiz, refletindo sobre suas experiências e a respeito da socialização profissional, relata:

Eu, professor Luiz, falando sobre aspectos que colaboraram com minha formação identitária no IFPI, ressalto que o contato com os colegas professores foi primordial. [...] Ao longo de catorze anos como professor de música no IFPI, tive a oportunidade de interagir profissionalmente com colegas de diferentes experiências e habilidades (instrumentos de sopro, teclas, cordas, canto), alguns colegas com maior ou menor experiência, por exemplo, em harmonia, com maior ou menor desenvoltura técnica ao seu instrumento musical. [...] sempre houve um colega a quem eu podia repassar algum conhecimento, assim como sempre houve colegas que compartilharam sua experiência comigo, repassando diferentes conhecimentos em diferentes áreas da música.

[...] Tenho a convicção de ter muito mais aprendido com meus colegas de trabalho, do que pude ensinar a eles. [...] Essa troca é muito positiva e obviamente só seria possível em um ambiente de respeito. [...] ressalto que o respeito mútuo entre os colegas professores de música do IFPI é crucial para a troca de experiências e conhecimentos. [...] Com os estudantes, tive a oportunidade também de conhecer diferentes níveis de prática e interesse musical, o que, acredito, tenha me auxiliado a compreender minhas limitações e dificuldades enquanto professor. [...] Alguns alunos me levaram, por exemplo, a pensar o violão de maneira diferente, em repensar meus conhecimentos de harmonia, em revisitar diferentes gêneros e estilos musicais, sem preconceitos ou barreiras (Luiz/carta pedagógica/maio de 2024).

O colaborador Luiz ressalta a importância da socialização profissional no processo de constituição de sua identidade docente no IFPI, indicando que a interação com os colegas professores, socializando experiências e conhecimentos, foi primordial nesse processo. Ao se referir à socialização profissional, destaca que o ambiente de trabalho favorece a colaboração entre os pares, uma vivência que tem afetado a identidade de todos, por, de forma coletiva, terem oportunidade de aprender mais sobre os conhecimentos profissionais e sobre ser professor. Neste âmbito, Damiani (2008, p. 215) argumenta que “[...] as atividades realizadas em grupo, de forma conjunta, oferecem enormes vantagens, que não estão disponíveis em ambientes de aprendizagem individualizada”.

Compreendemos que, em situação de isolamento profissional, as aprendizagens e as identidades docentes poderiam ter restrições, dado que a socialização docente cria condições para que os professores desenvolvam vínculos, manifestem a confiança e compartilhem

experiências, saberes e práticas. Em relação a esses aspectos, Santos, Antunes e Bernardi (2008, p. 48) ratificam que “[...] é na troca com os outros e na intrapessoalidade, que internalizamos informações, papéis e funções sociais. Trata-se de um processo do nível social, via relações interpessoais a nível individual, e das relações intrapessoais”. A constituição da identidade, como já destacado, não é um processo meramente individual, decorre de processos relacionais, das experiências, da formação e da abertura para refletir o que se está sendo e o que se pretende ser.

O colaborador salienta as contribuições das experiências compartilhadas com os estudantes na constituição de sua identidade profissional, afirmando que, na interação com eles, teve a oportunidade também de conhecer diferentes níveis de prática e de interesse musical, que, segundo entende, contribuíram para que compreendesse suas limitações e suas potencialidades como professor. Salienta, ainda, que alguns estudantes o levaram a repensar seus conhecimentos, gêneros e estilos musicais, livre de preconceitos ou barreiras.

Diante das análises realizadas, no tocante à narrativa do colaborador Luiz, consideramos pertinente o que afirma Dubar (2005). O autor destaca a identidade como proveniente da socialização, da construção social, vinculada ao contexto social, cultural e às trajetórias objetivas e subjetivas do indivíduo. Para Dubar (2005), a identidade é decorrente das interações e das inter-relações dos grupos em que se está inserido.

O colaborador Pedro também contribui com as narrativas a respeito das experiências e da socialização profissional nas interfaces com a identidade docente:

Eu, professor Pedro, digo que, no campo da performance, voltado à criação musical, aliado ao aspecto pedagógico – uma vivência contínua da minha práxis docente – auxilia-me a transitar por diferentes segmentos do ensino da música: [...] a experiência com os mais diferentes tipos de estudantes de música (ou não), todas estas construções encontram-se amalgamadas em meu ser [...]. Sem a oportunidade de contato com o outro (estudante, corpo docente, servidores e comunidade), [...] daí a importância de participar de grupos, projetos de pesquisa, atividades de extensão e de atividades culturais as quais perceberemos o que o outro tem a nos oferecer que nos gerem estímulos positivos (ou negativos) que nos empurram à novas expectativas de ser (Pedro/ carta pedagógica/maio de 2024).

O registro do colaborador Pedro evidencia uma práxis pedagógica no campo da performance musical que, segundo diz, lhe permite transitar por diferentes segmentos do ensino da música, tendo experiência com os mais diferentes tipos de estudantes de Música (ou não). Uma performance não voltada para si, visando a seu próprio eixo, mas, conforme relata, é no fluxo da atividade musical que vai emergindo o que é exigido desenvolver, aprimorar, educar na identidade e na prática docente. O colaborador Pedro, ao destacar a aptidão pela *performance* musical, informa que procura articular essa *performance* ao fazer pedagógico, vivendo

oportunidades de trocas, socializações e interações com os outros, seja com os estudantes, seja com os pares.

A esse respeito, podemos ressaltar que as interações com estudantes e com os pares contribuem para a constituição identitária, tanto pessoal quanto profissional, segundo o entendimento de Damiani (2008, p. 215), que afirma: “[...] a constituição dos sujeitos, assim como seu aprendizado e seus processos de pensamento (intrapsicológicos), ocorrem mediados pela relação com outras pessoas (processos interpsicológicos)”.

O colaborador Pedro entende que a oportunidade de interação com os outros (estudantes, corpo docente, servidores e comunidade) provavelmente seja um dos fatores que contribuam para que tenham interesse em construir/ampliar os conhecimentos que os identificam singularmente no universo da profissão. Em síntese, o colaborador compreende que o ato de interagir e de compartilhar experiências profissionais repercute na constituição de suas identidades docentes, edificando e solidificando conhecimentos e experiências favoráveis ao desenvolvimento pessoal e profissional.

A narrativa do colaborador é enfática ao destacar a necessidade de experiências profissionais socializadas e seus benefícios para a identidade docente. Ao se referir à importância de participar de grupos, projetos de pesquisa, atividades de extensão e de atividades culturais, deixa transparecer como as interações com os outros pode afetar as identidades pessoais e profissionais. Em resumo, as interações, o compartilhamento de experiências e de aprendizagens podem produzir, como afirma Damiani (2008, p. 215), “[...] modelos referenciais que servem de base para nossos comportamentos e raciocínios, assim como para os significados que damos às coisas e pessoas”. A identidade docente, nessa perspectiva, é resultante de processos coletivos, de políticas educacionais, das condições de trabalho, das expectativas sociais sobre a identidade do professor.

Ao analisarmos as narrativas compartilhadas pelos colaboradores da pesquisa, confirmamos a importância da socialização profissional, por meio das interações, das trocas entre professores e estudantes, entre os pares, aspectos que propiciam o estabelecimento da confiança mútua, liderança, interdependência, entre outros, na consolidação das identidades de professores na profissão.

4.2.2 Experiência e revisitação da identidade profissional docente

A experiência humana, as histórias e os percursos de vida são marcados por fatos, acontecimentos que trazem sentido e significação à existência. A experiência deixa marcas que podem afetar o que somos e o que desejamos ser. A identidade docente tem como uma de suas

bases constituintes a experiência, por meio da qual os professores podem revisitar suas trajetórias, reconhecer as metamorfoses identitárias e ressignificar tanto a identidade pessoal, quanto a profissional. A experiência é mais que um simples acontecimento, é marca viva na constituição do ser. Em relação à revisitação da identidade docente, por meio da experiência profissional, a colaboradora Ediane narra:

[...] as experiências vivenciadas nesse novo contexto com público específico me levaram a repensar e organizar minha prática [...], com muitos questionamentos o primeiro dilema foi: [...] como será atuar com um público tão específico? [...] quais métodos usar? [...] Como fazer com que as aulas sejam produtivas? [...] Como atrair o aluno? [...] Como será lidar com as comparações com os demais pares? (Ediane/roda de conversas/maio/2024).

Lembro de uma experiência que tive no início do trabalho no IFPI [...]. Eu tinha uma dificuldade e um colega foi maravilhoso comigo, [...] estava sempre disposto a me ajudar, [...] esse colega era incansável, [...] às vezes eu dizia para ele: [...] eu não acredito que tenho que te chamar mais uma vez, porque na semana passada tu me explicaste como era, [...] e agora já não sei mais, [...] e a pessoa me ensinava novamente na boa vontade [...]. Então, é algo assim admirável, era uma paciência ilimitada esse meu colega tinha, [...] uma pessoa que me ajudou muito na época do período remoto e essa pessoa continua me auxiliando, [...] eu sou muito grata a Deus pela existência dela, meu trabalho ficava muito mais leve com a ajuda dela (Ediane/roda de conversa/junho/ 2024).

A colaboradora Ediane comenta sobre o papel de sua experiência na revisitação de sua identidade, evidenciando o contexto de atuação e o perfil dos estudantes se referindo a dois aspectos. O primeiro referente às interações com os estudantes, momento em que se percebeu diante de diferentes questionamentos, a respeito da identidade a ser assumida no contexto da prática docente no Curso de Técnico em Instrumento Musical no IFPI. No tocante ao segundo aspecto, a colaboradora revisita uma experiência de interação com os pares, destacando o desafio no início da profissão, ao vivenciar dificuldades no trabalho.

Sobre esse caso, relembra uma experiência de colaboração entre pares de profissão. Em suas reflexões, percebemos que a referida experiência, por transformar não apenas o ambiente escolar em espaço de trabalho coletivo, mas a forma como os professores se percebe e atua, constituiu ferramenta de revisitação de sua identidade. As situações relatadas mostram que, na revisitação das experiências, podem ser tecidas reflexões significativas capazes de transformar o fazer e a identidade docente. As experiências que marcam os professores e suas práticas se entrelaçam no tempo, moldando e constituindo a identidade profissional. Para corroborar essa análise, destacamos os estudos de Tardif (2014), ao dizer que a experiência representa um conhecimento essencial, já que é por meio dela que os docentes elaboram e reelaboram sua identidade profissional, integrando saberes, princípios e práticas no contexto da

escola. O colaborador José também relata sobre suas experiências e a revisitação de sua identidade docente, registrando:

Minha vida sempre foi, e ainda é, marcada por muitas atividades e desafios. [...] Posso destacar minha participação em projetos, como a “Banda Estação Pop”, o “Grupo Canora” e o “Coral do IFPI”. [...] No projeto de prática em conjunto chamado “Banda Estação Pop”, no qual participaram alunos de sopro, contrabaixo e teclado, cujo objetivo foi o de proporcionar uma experiência profissional de estudo e execução musical, [...] os alunos foram desafiados a realizar um repertório adequado para apresentações em locais como casas de shows e eventos diversos. [...] Minha intenção foi a de que os alunos aplicassem conhecimentos adquiridos em sala de aula em situações práticas de suas carreiras. [...] Dessa forma, eles puderam transformar o capital cultural obtido durante as aulas em capital econômico [...] Ciente de que os alunos buscam um ambiente de música marcado pela paz, harmonia e tranquilidade, estou empenhado em construir minha identidade como professor paciente e respeitoso, sem perder de vista a necessidade de esforço para a prática musical (José/ carta pedagógica/ maio/ 2024).

O relato do colaborador José é constantemente permeado pela busca do equilíbrio entre a docência e a performance como músico. Destaca a importância dos conhecimentos adquiridos em sala de aula no intuito de aplicá-los como experiência prática na formação profissional dos alunos/músicos. As vivências em sala de aula, nas relações com os alunos, colegas e comunidade escolar, permitem ao professor transformar os conhecimentos teóricos em práticas significativas a fim de possibilitar aos alunos o enfrentamento dos desafios da carreira, transformando o saber construído em sala de aula em potencial de inserção e retorno financeiro.

Segundo Tardif (2014), a experiência constitui um saber fundamental, pois é através dela que os professores constroem e reconstróem sua identidade profissional, articulando conhecimentos, valores e práticas do cotidiano escolar, o que evidencia que a identidade docente não é um dado automático, mas se forma no exercício da profissão, na reflexão sobre os acertos e erros. Nesse caminhar, o professor vai consolidando sua identidade profissional, confirmando, assim, que a experiência não apenas complementa a formação inicial, mas se torna o eixo central da constituição do ser docente, pois dá sentido e autenticidade ao papel de professor/educador.

O relato do colaborador Luiz também tensiona a relação docência-música e ressalta um elemento fundamental em relação à experiência na constituição da identidade docente: o redimensionamento da prática e das concepções e de si próprio como músico e como professor a partir da observação e da reflexão acerca da percepção da mudança do alunado e do contexto.

[...] com os estudantes, tive a oportunidade também de conhecer diferentes níveis de prática e interesse musical, o que, acredito, tenha me auxiliado a compreender minhas limitações e dificuldades enquanto professor. [...] Alguns alunos me levaram,

por exemplo, a pensar o violão de maneira diferente, [...] em repensar meus conhecimentos de harmonia, em visitar diferentes gêneros e estilos musicais, sem preconceitos ou barreiras (Luiz/carta pedagógica/maio/2024).

Esse diálogo e interação com os alunos sempre me fez preservar minhas raízes artísticas, ao tempo que me mostrou novas possibilidades de repertório, arranjos, e abordagens metodológicas para ensinar música (Luiz/roda de conversa/ junho/2024).

O colaborador relata sobre como a experiência profissional pode afetar a identidade docente, pois percebeu que, na interação com os estudantes, tem tido a oportunidade de compreensão a respeito de suas limitações, dificuldades e potencialidades como professor. Essa é a compreensão do colaborador, ao ratificar que as relações com os estudantes o levaram a pensar de maneira diferente determinadas práticas e saberes e a repensar seus conhecimentos profissionais na área de sua atuação profissional.

Sacristán (2008) reconhece que a mudança é inerente ao contexto em que a educação e a escola estão inseridas e que os alunos e alunas espelham e refletem essas transformações. Como ele afirma, um certo estado de crise é constitutivo da educação e provoca desestabilização da identidade profissional docente, exigindo processos contínuos de reconstrução. A observação e a reflexão sobre as referências musicais dos estudantes levaram o colaborador Luiz a revisar suas concepções e práticas, sofrendo uma desestabilização em sua identidade profissional e reconstruindo-a a partir das necessidades do contexto e dos alunos. Esse movimento dialoga com Hall (2006) e Dubar (2005), que compreendem a identidade como processo dinâmico e relacional, constantemente tensionado pelas mudanças sociais. As experiências, portanto, constituem uma fonte de conhecimento que permitem ao professor olhar para si, reconhecer-se como protagonista e assumir corresponsabilidade na construção e reconstrução de si como pessoa e profissional.

Por sua vez, o colaborador Daniel revisita experiências e momentos marcantes que afetaram sua identidade profissional. Em sua narrativa, o colaborador comenta:

[...] creio que devemos pensar na identidade como algo que está sempre em trânsito, em constante movimento. [...] Ela não é uma essência fossilizada no tempo, não é algo acabado. [...] Por isso mesmo que, a cada aula e a cada evento que participo no Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, sinto-me transformado. [...] A própria disciplina que ministro com frequência, História e Apreciação Musical, nunca é abordada da mesma maneira. [...] A cada semestre que ministro, descubro coisas novas, reformulo o plano de curso, tento inserir um olhar mais decolonial, fugindo das armadilhas da dominação cultural e do eurocentrismo (Daniel/carta pedagógica/maio/ 2024).

É claro que tem muitas coisas que precisam ser melhoradas em nosso curso técnico. [...], mas, de todo o modo, é uma experiência transformadora trabalhar com os

educandos desse curso, pois minha identidade profissional sofre constantes abalos e tenho que ir me adaptando a cada realidade nova (Daniel/roda de conversa/junho/2024).

O conceito de identidade presente no relato do colaborador Daniel também dialoga com as concepções de Dubar (2005) e Hall (2006) que a entendem como um processo em contínua construção. Sua narrativa evidencia a materialidade, a transitoriedade da constituição identitária, tendo em vista reconhecer que, a partir da experiência, ressignifica continuamente as aulas, os eventos dos quais participa no Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, o que repercute na percepção sobre as transformações na constituição da sua identidade docente.

A esse respeito, Carvalho (2006, p. 251) reitera que “[...] compreender a identidade como um processo de construção do eu implica ter a ideia clara a respeito do movimento dialético que a constitui como algo dinâmico, mutável, que está em permanente transformação”. As experiências profissionais repercutem na identidade docente, fato perceptível no movimento de mudança pessoal e profissional, semelhante ao que acontece no eu subjetivo em constante transformação, crescendo no entendimento de si e do outro.

No relato analisado, a experiência é explicitada como *locus* de aprendizagem profissional que revela aos professores a necessidade de buscar novos modos de ensinar e de estar na profissão. Isso anima o colaborador a reformular plano de curso, a buscar a renovação constante, no sentido de abertura para novas formas de ensinar e de aprender, compatível com a ideia de que ser professor envolve a atitude de não engessar a prática, de reinventar-se a cada aula, a cada contexto.

O colaborador Daniel reconhece que a experiência é transformadora; que, ao trabalhar com os estudantes, sua identidade profissional sofre constantes movimentos e precisa estar sintonizada a cada realidade de atuação. A narrativa do colaborador confirma que a identidade docente passa por mudanças, tem marcas da experiência do exercício docente. Significa que a imprevisibilidade e a dinamicidade de uma profissão complexa, inventada e reinventada no movimento do hoje e do porvir é constantemente marcada por desafios que exigem abertura, resiliência e capacidade de transformação. A narrativa do colaborador confirma que as experiências adquiridas na e pela prática profissional são formadoras (Nóvoa, 1992) e que o contexto (Marcelo, 2009) e a historicidade (Pimenta, 1996) são dimensões fundamentais e constitutivas da identidade docente que, neste sentido, se revela como processo em permanente reinvenção, marcado pela tensão entre crise e ressignificação.

O colaborador Pedro anuncia, em seus registros, que as experiências profissionais podem ser acionadas para a revisitação da identidade profissional.

A identidade profissional é o compilado das particularidades imutáveis do ser dentro destes ciclos mórficos. [...] Acredito também que a identidade profissional não se distingue da identidade do indivíduo, [...] especialmente conosco, profissionais da educação, que temos nossa história única, [...] uma singularidade que é somada a outras tantas individualidades que, no passado ou no presente, nos atingem, tocam, emocionam, educam, [...] bem como as nossas, hoje, resultam das trocas que nos permitimos fazer, [...] auxiliaram-nos a conhecer melhor sobre a nossa identidade e trabalhá-la para aprimorá-la, sempre (Pedro/carta pedagógica/maio/2024).

A narrativa do colaborador Pedro, sobre a identidade profissional como um “[...] compilado das particularidades imutáveis do ser dentro destes ciclos mórficos”, nos impele a ressaltar que a constituição identitária não é estática, imutável. A identidade, segundo Ciampa (2005), Dubar (2005) e Hall (2006), entre outros, é mutável, fluida, instável, movimentando-se e reinventando-se nas múltiplas e diversificadas situações vivenciadas ao longo da caminhada existencial. A identidade, na concepção deste estudo, não é estática, nem permanente e, tampouco, pronta e acabada; é resultado de um processo de constituição que se movimenta sociocultural e historicamente (Ciampa, 2005).

O colaborador, ao mencionar que a identidade profissional não se distingue da identidade do indivíduo, compreende que as identidades profissionais possuem marcas da pessoa do professor (Nóvoa, 1992). Afirmar que a identidade se refere à singularidade do ser, que é somada a outras tantas individualidades. Em sua narrativa, há marcas da historicidade, há o reconhecimento de que a identidade é construída continuamente ao longo da trajetória pessoal e profissional do professor e que essa construção é gradual e alimentada pelas vivências individuais e pelas relações com outros docentes e com a comunidade escolar (Pimenta, 1996).

Nesse sentido, a revisitação das experiências permite identificar o movimento histórico da constituição da identidade docente, afirmando que não é estática, mas que se reinventa na prática cotidiana, ressignificando o ser e o fazer educativo em diálogo com o tempo e com o contexto social. Não são apenas registros de atividades realizadas; elas funcionam como marcos de construção e reconstrução da identidade. Cada vivência no trabalho, seja um sucesso, um desafio ou até um fracasso, pode provocar revisitações sobre quem somos e como nos percebemos como profissionais.

Com essa percepção, podemos inferir que tanto as experiências pessoais quanto as profissionais nos atingem, nos tocam e nos educam e têm implicações na revisitação de nossas identidades. Analisando o fragmento narrativo, percebemos que, como fenômeno relacional, a identidade é sempre intermediada pelos outros, seja em contextos familiares, profissionais, culturais ou semelhantes. Identidade só existe em relação a outras identidades; é constituída por

meio de diferenças, contrastes e pertencimentos: somos quem somos porque não somos o outro (Hall, 2006).

O colaborador destaca que as identidades resultam das trocas que são feitas; isso auxilia a conhecer melhor nossas identidades e como aprimorá-las sempre. O relato traduz a ação do passado e do presente, unidas no paralelo de decifrar o fenômeno social que nos atinge, tocando, emocionando, educando, nos permitindo viver experiências identitárias hoje e revisitá-las amanhã, no intuito de aprimorá-las sempre. O trabalho docente é dinâmico, complexo e multifacetado; é concretizado por meio de atividades que oportunizam experiências, que podem ser revisitadas de modo que o professor pode atribuir novos sentidos ao que foi experienciado, ressignificando-o e à própria identidade docente, que está sempre em processo de reconstituição.

4.3 Projeção identitária de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI

A identidade é um fenômeno dinâmico, moldado por diversidade de fatores que possibilitam um processo contínuo de interpretação e reinterpretação do que somos, do que almejamos ser dado e que, ao longo da vida, as identidades vão se transformando, conforme mudam a realidade sócio-histórica, a sociedade e o mundo. Ou seja, se há transformações nos diferentes contextos, abrem-se espaços para transformações identitárias que podem refletir a essência dos indivíduos, tanto em nível pessoal quanto profissional. O tempo presente que vivemos se torna ponte entre o que somos e o que desejamos ser.

Identidades, neste sentido, não se limitam a um ponto fixo e estático; cada momento vivido é terreno fértil para constituição de novas identidades. Haverá sempre uma nova identidade a ser constituída, a partir de uma configuração subjetiva almejada para se consolidar nesse universo fluido e maleável de mudanças. Na realidade, como poetizou Raul Seixas (1973), somos metamorfoses ambulantes que, no movimento da vida, muitas vezes, deixamos de ter as velhas concepções formadas sobre todas as coisas.

Essa lógica de constante reinvenção do ser se aplica às dimensões de vida pessoal e profissional, especialmente no que concerne ao trabalho docente, que exige reconhecer a identidade docente como processo social em permanente construção, marcado pela “[...] (re)interpretação individual de valores e experiências pessoais, [...] como fenômeno relacional e emocional que é” (Rodrigues; Mogarro, 2020, p. 4). Essa perspectiva contribui para que os professores sejam estimulados a pensar suas identidades como um devir, a estabelecer objetivos e metas que possam contribuir para que se tornem os profissionais que projetam para si.

Essa projeção, esse devir identitário emerge da tessitura do tempo presente, nos entrelaçamentos da experiência profissional, ancorada nas reflexões que brotam das múltiplas experiências cotidianas, revelando-se como expressão dos sentidos que habitam no fazer docente. Com esse entendimento, nesta parte do estudo, a análise terá como foco as seguintes unidades de registro: identidade profissional a ser consolidada no exercício da docência e caminhos a trilhar na consolidação identitária.

4.3.1 Identidade profissional a ser consolidada no exercício da docência

A identidade, como sabemos, é fenômeno de mudança, de fluidez, de inconstância e de efemeridade, resultante de processos dialéticos entre o indivíduo e a sociedade (Bauman, 2005). A identidade está em constante processo de invenção e reinvenção, resultado de uma construção social permeada por múltiplas influências e marcada pela instabilidade das mudanças que ocorrem entre o indivíduo e seu contexto histórico-cultural. Identidade é uma dimensão que, segundo Silva (2014, p. 96), “[...] escapa das definições rígidas e se molda nas interações, nas experiências vividas, nas narrativas que construímos sobre nós mesmos e sobre o mundo”.

Compreender a identidade como algo que se molda e se transforma significa reconhecer a potência da reinvenção e da pluralidade. O que se configura em uma visão não essencialista, rompendo com a ideia de identidade fixa, imutável, pois é determinada por mudanças que repercutem nos entornos sociais, culturais e políticos em que o indivíduo está inserido. Uma vez constituída como processo, a identidade pode ser expressa em uma representação futura, uma projeção almejada, um ideal a ser consolidado ao longo da profissão. Em relação a essa temática, a narrativa da colaboradora Ediane revela:

Eu quero ser uma referência de professora de canto na instituição. Estou trabalhando nesse processo. Eu quero que as pessoas olhem para mim e digam: aquela professora sabe dar aula de canto. E para isso eu invisto em mim, faço cursos, estou trilhando de novo o canto erudito, para poder ajeitar a minha voz [...] Ediane, roda de conversa /outubro/2024).

[...] desejo ser uma referência na área de educação musical e como professora de canto. [...] Uma identidade que contempla conhecimentos, habilidades e experiência na minha área de formação. Além disso, pretendo ser uma pessoa que saiba se relacionar com meus pares, destacando o potencial de cada um, aprendendo com eles. Com respeito, admiração e empatia. Para que essa construção aconteça, se torna imprescindível o investimento pessoal com realização de cursos de qualificação na área e uma boa rede de contatos. Além de colaborar em programas de desenvolvimento profissional dos meus pares (Ediane, carta pedagógica/ setembro/2024).

O pensamento da colaboradora, explicitado em sua narrativa, manifesta o desejo de assumir identidade que se projete como referência de educação musical e como musicista. Com esse propósito, compreende que precisa investir no desenvolvimento da profissão, por intermédio da ampliação de seus conhecimentos na área e do desenvolvimento das habilidades necessárias à profissão. A identidade almejada pela colaboradora, abarca, também, o seu jeito de ser e de estar com seus pares, por isso percebemos que faz menção à identidade que deseja lhe seja atribuída por eles: deseja ser uma professora empática e colaborativa. Analisar as identidades que a colaboradora projeta nos reporta aos estudos de Dubar (2005), que entende a identidade como negociação entre o que o sujeito deseja e o que os outros reconhecem; a Hall (2006), que a concebe como processo fluido e inacabado; e a Sacristán (2008), que lembra que a crise e a mudança constantes desestabilizam e exigem reinvenção.

Nesse sentido, a identidade docente se revela como construção que articula passado e futuro, experiências vividas e expectativas projetadas, em diálogo com as transformações culturais e sociais e a realidade que se anuncia. Uma rede de sentidos que articula lembranças, aprendizagens, expectativas e compromissos, sempre em movimento que integra o que já foi vivido e o que ainda está por vir, em permanente negociação com as mudanças do mundo e com os sentidos que o professor atribui à sua prática.

Partindo do relato da colaboradora, deduzimos sua consciência a respeito de que ser referência na área de atuação envolve investimentos na profissão, pois isso não acontece de uma hora para outra, de um dia para noite, trata-se de um projeto profissional que requer o desenvolvimento de um conjunto de atitudes, conhecimentos, competências e compromissos construídos ao longo da caminhada profissional. A projeção que a colaboradora apresenta para o devir de sua identidade, tomando Ciampa (2005) como fundamento, representa a superação de uma identidade cristalizada, o rompimento com papéis pré-estabelecidos e afirmação do sujeito como autor de si mesmo. O colaborador José relata a esse respeito, compartilhando sobre a identidade que deseja consolidar:

[...] na minha compreensão, acredito que, para desenvolver e consolidar minha identidade enquanto professor do Curso Técnico de Instrumento Musical no IFPI, [...] é necessário considerar alguns aspectos fundamentais: [...] é essencial manter-me sempre atualizado e em aperfeiçoamento, tanto no violão, quanto na prática vocal, explorando diferentes estilos e repertórios. [...] Buscar sempre pesquisar novas abordagens e metodologias de ensino para as disciplinas que leciono. [...] É essencial manter-se sempre atualizado e em aperfeiçoamento, tanto no violão quanto na prática vocal, explorando diferentes estilos e repertórios (José/carta pedagógica/setembro/2024).

A identidade que desejo construir é a de alguém que está sempre em movimento, aprendendo e se aperfeiçoando continuamente, em busca da excelência no que faz. [...] além disso, quero ser reconhecido como alguém que, vindo de origens humildes,

alcançou, com esforço e dedicação, o reconhecimento como um bom profissional da música, seja como cantor, instrumentista ou professor (José/roda de conversa, outubro/2024).

Nas considerações sobre a identidade que almeja consolidar, o colaborador José enfatiza o que acha essencial para firmar uma identidade como profissional que continuamente investe na formação, rumo à excelência profissional. Para alcançar o patamar desejado, compreende que é necessário participar de cursos de aperfeiçoamento e de pesquisas a fim de efetivar melhorias em sua prática para favorecer as aprendizagens dos estudantes.

Antunes e Plaszewski (2018, p. 31) analisam a formação de professores, reforçando que é essencial ir “[...] além da atualização profissional, é urgente promover, epistemologicamente, uma nova perspectiva sobre a importância da formação contínua de educadores [...] uma educação contínua ao longo da vida, uma vida em docência”. Ratificamos o pensamento das autoras, uma vez que a formação contínua necessita superar a dimensão tecnicista, para possibilitar aos professores viver em constante construção, revisão e ampliação de conhecimentos, articulando conhecimentos teóricos e práticos.

Percebemos, no relato do colaborador José, sua determinação no sentido de construir uma identidade docente pautada no compromisso com a profissão e no movimento constante de busca de novas aprendizagens rumo à excelência. A identidade almejada pelo colaborador parece ser decorrente não somente das demandas da profissão, mas também da necessidade de mostrar a superação de adversidades por ser proveniente de família da classe econômica desfavorecida. Considerando as narrativas do colaborador, é válido lembrar o que defendem Antunes e Plaszewski (2018, p. 32) ao comentar que “[...] desde as primeiras experiências educativas, na educação formal, o indivíduo escolhe o modelo de educador que deseja ser: essa escolha nem sempre é consciente”. A identidade docente é constituída a partir de diferentes experiências do indivíduo, das interações e socialização profissional. A narrativa do colaborador Luiz sobre a constituição identitária que almeja consolidar na profissão docente, enfatiza:

[...] creio que a principal identidade que procuro consolidar como professor é a minha identidade artística. [...] Como um professor de música, sempre observei que minha conduta profissional esteve e está atrelada aos meus interesses artísticos. [...] Em momentos anteriores, por exemplo, eu era mais interessado por um tipo de repertório, e que esse repertório me conduzia a uma maneira bem específica de lecionar, com uma abordagem por vezes mais técnica, e em diversos momentos relacionada com a performance instrumental em nível mais elevado (Luiz/carta pedagógica/setembro/2024).

Hoje vejo meus interesses artísticos com ligeiras alterações e, [...] principalmente, baseados nas minhas raízes (aquilo que, de fato, eu sempre gostei de ouvir desde a infância e adolescência). [...] Esses interesses artísticos estão agora influenciando

diretamente minha maneira de lecionar. [...] O tipo de repertório, abordagem sobre técnica, interpretação, metodologias sobre prática. [...] Enfim, percebo que essa minha busca pela identidade artística é também minha base como professor, [...] portanto, minha identidade a ser consolidada enquanto professor é de estimular, incentivar, de fornecer ferramentas e elementos para que cada aluno possa também encontrar e fortalecer sua própria identidade musical e artística. [...] ao longo desses anos, das décadas, eu me encontrei, sim, enquanto professor. [...] Eu gosto de ensinar, de compartilhar conhecimentos, eu gosto disso (Luiz/roda de conversa /outubro de 2024).

O colaborador Luiz deixa claro que objetiva consolidar sua identidade docente entrelaçada à identidade artística, pois se reconhece com dupla identidade, de músico e professor. Segundo informa, transita com desenvoltura nesses dois universos, uma vez que as duas habilidades, a de músico e a de professor, se harmonizam para compor sua identidade. Nas palavras do colaborador, a identidade a ser consolidada precisa ser marcada por ações de um professor que estimula, incentiva os estudantes.

As narrativas revelam que a identidade do colaborador é marcada pelas histórias vividas como músico (cantor e instrumentista) e pelas experiências docentes. A esse respeito, confessa que encontrou identificação com a profissão docente. Essa identificação profissional revela que a docência surgiu como uma descoberta de sentido, que se consolidou ao longo do tempo. A narrativa denota que a identidade docente é constituída ao longo do exercício docente de forma não linear e que a identificação com o ensino pode emergir mesmo após anos de atuação em outras frentes. Ao projetar sua identidade, o colaborador conecta passado, presente e futuro ao afirmar que não deseja renunciar a suas raízes, mas pretende ser um professor que estimula o desenvolvimento dos estudantes.

Sua narrativa evidencia a dimensão temporal da identidade docente. O passado, representado pelas raízes, traduz a historicidade da profissão (Pimenta, 1996), marcada pelas experiências acumuladas e pelos valores que constituem o ser docente. O presente, vivido na prática cotidiana, é espaço de formação e de desestabilização (Nóvoa, 1992; Sacristán, 2008), pois nele se revisitam concepções e se enfrentam as mudanças que tensionam a identidade. O futuro, por sua vez, manifesta-se na projeção de ser estimulador e incentivador dos alunos, reinventando-se nesse diálogo com as expectativas e com a realidade que se anuncia (Dubar, 2005; Hall, 2006). Nesse movimento, a identidade docente se revela como processo dialético que articula memória e projeto, tradição e inovação, reafirmando o professor como protagonista de sua formação e prática, agente de transformação social e cultural, capaz de dar novos sentidos à educação em cada contexto histórico.

O colaborador Pedro também narra sobre a identidade docente que deseja consolidar:

Eu posso falar outra coisa completamente diferente, mas esse sou eu mesmo. [...] A minha pessoa é assim mesma. [...] Eu penso uma coisa hoje, amanhã é outra, e isso é bom. [...] Porque a gente está refletindo. [...] A minha perspectiva de consolidação profissional perpassa pela geração de conhecimento que possibilite, através da associação ensino-pesquisa-extensão, gerar soluções práticas às demandas e problemas reais do cotidiano do estudante de música, em relação ao contexto sociocultural atual e suas interfaces (como a tecnologia e a integração do conhecimento com áreas afins) (Pedro/carta pedagógica/ setembro/2024).

Então, a primeira coisa que eu quero aprender a desenvolver mais ainda é o respeito à figura humana, como educador. [...]. Porque, a partir do momento em que eu recebo uma pessoa que eu não conheço, eu trato essa pessoa muito bem, [...] isso de alguma forma, já transforma a visita desse aluno a instituição e faz com que esse aluno volte para a sociedade diferente (Pedro/roda de conversa/ outubro/ 2024).

O colaborador Pedro refere a si como pessoa e profissional em constante mudança. Sobre isso, estudiosos que abordam a identidade, como Ciampa (2005), Bauman (2005), Hall (2006), entre outros, confirmam que a identidade é, de fato, objeto de mudança constante. Essa mudança é necessária, uma vez que vivemos em contextos mutáveis, vivemos relações sociais dinâmicas e experiências que se transformam. Vivemos, também, processos psicológicos, sociais e culturais que provocam em nós anseios pela diferença e pela mudança.

A identidade profissional almejada pelo colaborador, como expressa em sua narrativa, revela a intenção de ser um professor com aptidão para articular ensino, pesquisa e extensão, no sentido de produzir conhecimentos, de que sua relação com os conhecimentos não se limite à transmissão e de, por meio da extensão, encontrar soluções para os desafios enfrentados junto aos estudantes do Curso Técnico em Instrumento Musical. A prática docente, pautada na articulação ensino-pesquisa-extensão, favorece um tripé de ações que podem contribuir para o aprofundamento dos conhecimentos da formação profissional.

A partir da narrativa do colaborador, percebemos que a identidade docente, ao articular ensino, pesquisa e extensão, podemos, como entende Pimenta (2005, p. 44), “[...] considerar o professor como alguém que pensa seu trabalho e sobre seu trabalho, como alguém que constrói um saber, [...]”. Considerando o que afirma a autora, isso desconstrói a imagem tradicional do professor como mero transmissor de conhecimentos, configurando-o como sujeito ativo no processo educativo, como alguém que aprende com a experiência, que produz conhecimentos.

Nesse processo de narrativa, o colaborador demonstra que almeja consolidar sua identidade docente baseada na formação humana que, de acordo com Freire (2002), leva em conta o respeito ao estudante e defende que a formação tenha compromisso com o despertar dos envolvidos para a vivência da reflexão crítica. Ciampa (2001) entende a constituição identitária como parte inseparável do processo de formação do sujeito. Nessa perspectiva,

identidade e formação humana são processos históricos, sociais e relacionais. Isso significa que a identidade docente não se limita ao exercício técnico da profissão, mas envolve a constituição integral do ser humano, abrangendo desde sua inserção social ao exercício profissional à ação na transformação social. Assim, ao projetar sua identidade docente, o colaborador revela que compreende a docência como prática que ultrapassa o ensino de conteúdos, assumindo compromisso ético e político com a formação humana e com a emancipação dos sujeitos, evidenciando que a educação é um ato político e ético voltado para a libertação integral do ser humano e para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. No prosseguimento da análise, apresentamos a narrativa do colaborador Daniel a respeito da identidade que almeja consolidar em seu percurso profissional:

[...] não é fácil definir qual identidade desejo consolidar enquanto professor de Música do IFPI. [...] Vale dizer que, em relação à primeira pergunta, penso que o educador deve ter muito mais do que competência técnica e conhecimento teórico. [...] Em minha visão, é necessário se pensar a educação como um processo contínuo de transformação social, [...] como sempre defendeu Paulo Freire. [...] Desse modo, a identidade que desejo alcançar é a de um professor comprometido, antes de qualquer coisa, com a transformação social dos educandos (Daniel/carta pedagógica/setembro/2024).

A educação, em minha percepção, é um instrumento de luta e transformação social. [...] ela pode ser, enfim, uma poderosa forma de conscientização e uma possibilidade de diminuição das injustiças sociais e da discriminação racial presente em nosso país. [...] É por isso que eu acho que é necessário pensarmos em um modelo de pesquisa e ensino de música que consiga fundir teoria, prática e ação política. [...] (Daniel/roda de conversa /outubro 2024).

De acordo com Rodrigues e Mogarro (2020), a constituição da identidade docente envolve uma postura reflexiva, o autoconhecimento e a significação das experiências anteriores, os modelos profissionais que inspiram e a experiência prévia no ensino, aspectos importantes na formação do eu como docente. Por conseguinte, para pensarmos a identidade que desejamos constituir no percurso profissional, será necessário revisitar os aspectos destacados pelos autores acima referidos.

O colaborador Daniel postula uma identidade profissional que ultrapasse a mera competência técnica e conhecimento teórico. Segundo afirma, é necessário se pensar a educação como um processo contínuo de transformação social. Podemos inferir, entre outras coisas, que deseja consolidar uma identidade em harmonia com o pensamento freiriano (Freire, 2002), cujas proposições são de que a educação se efetive como prática de liberdade, comprometida com a transformação social.

Isso significa compreender a educação como ferramenta de conscientização crítica e de enfrentamento às desigualdades. Para o colaborador, a educação representa uma via concreta para

a superação das injustiças sociais e da discriminação racial historicamente enraizadas no país. Acredita que é por meio do acesso ao conhecimento, da valorização das identidades e da promoção do pensamento reflexivo que se constroem caminhos para uma sociedade mais justa, equitativa e inclusiva. Destaca a necessidade de valorização da unidade teoria-prática e ação política no ensino da música, bem como considera necessário pensar em um modelo de pesquisa e ensino de música que consiga fundir esses elementos, propondo uma educação musical que transforme o ensino de Música em uma experiência completa, formando músicos conscientes, criativos e engajados.

As identidades almejadas pelos colaboradores, ilustradas nos relatos, refletem a compreensão de que a identidade passa por processos contínuos de mudanças, a partir da realidade vivida, sendo a identidade almejada um ideal profissional a firmar-se. Consolidar uma identidade é mais que um alvo a alcançar, um desejo a realizar, depende do cultivo diário de um modo de ser e estar no mundo, seja no contexto de vida pessoal, seja no âmbito profissional. Refletir a respeito do que projetamos para nossas identidades significa fortalecer quem somos, o que valorizamos e como nos posicionamos na caminhada de nossas histórias de vida, em suas diferentes facetas.

4.3.2 Caminhos a trilhar na consolidação identitária

A constituição da identidade docente se configura de forma processual, decorre dos caminhos trilhados, das experiências diárias de cada professor. Depende, também, das escolhas feitas, dos valores, entre outros fatores. A identidade docente é tecida por meio de ações, reações, de valores e conhecimentos que norteiam a atividade dos professores. Sua tessitura não acontece de forma linear, pelo contrário, segue por diferentes trilhas, permeada pelos sentidos e significados diversos que cruzam o horizonte e o caminhar docente.

Essa identidade se fortalece, se firma e se reafirma nas trilhas da profissão, nos caminhos percorridos, interliga experiências de diferentes tempos (de hoje, do amanhã e do futuro). Prossegue em direção a um propósito que se renova a cada passo, mantendo viva a essência de quem se é e de quem se deseja ser. A identidade é constituída entre o que foi, o que se está sendo e o devir, que tem compromisso com a transformação. Destarte, na presente seção, apresentamos as unidades de registros, extraídas das cartas pedagógicas e das rodas de conversa, a respeito dos caminhos que os colaboradores da pesquisa pretendem trilhar rumo à consolidação de suas identidades profissionais. Em relação a isso, a colaboradora Ediane relata:

[...] eu tô trabalhando nesse processo. [...] Eu quero que as pessoas olhem pra mim e digam, ah, aquela professora sabe dar aula de canto. [...] E pra isso eu invisto em mim, né? [...] Faço cursos, tô trilhando de novo, o canto erudito, pra poder ajeitar a

minha voz e assim contribuir, né? [...] Pra você ter uma ideia, o pessoal quer cantar. [...] Abri um curso de extensão, 47 inscritos. [...] E aí eu tive que abrir duas turmas, né? [...] Falei até pro Pedro [...] E aí eu quero ser essa referência. [...] A gente tem trabalhado, né? (Ediane/roda de conversa/ outubro/2024).

Tem que estudar, tem que investir. É isso que a gente está fazendo. Investir, estudar. [...] Não pode ficar parado, porque senão não vai desenvolver. Se a gente quer ser uma referência na nossa área, a gente tem que buscar os caminhos, as referências. Se dedicar, de fato, a estudar, ralar mais um pouquinho. Eu não quero ficar parada, eu quero ser melhor, não só na área profissional. Na área da vida também. É isso, desenvolvimento (Ediane, roda de conversa /outubro/2024).

Na rota de alcançar a identidade docente almejada, a colaboradora Ediane evidencia que, se você tem uma meta ou um objetivo a alcançar, é preciso realizar investimentos, envidar esforços. No decorrer da análise, identificamos que a colaboradora deseja ter reconhecimento profissional para ser identificada como uma referência como professora de canto, mas tem consciência de que isso não acontecerá por acaso. Compreende, de acordo com o que narra, que é essencial fazer investimentos no percurso profissional, que é preciso investir na formação permanente para se desenvolver como pessoa e profissional.

Garcia (2009) contribui para analisarmos a narrativa da colaboradora, pois se dedica ao estudo do desenvolvimento profissional docente. O autor afirma que, ultimamente, esse desenvolvimento tem sido pensado de forma diferente, como um processo a longo prazo, envolvendo diversas vivências e experiências que promovem o crescimento e o progresso dos professores, “[...] entendendo que o professor é um sujeito que aprende de forma activa ao estar implicado em tarefas concretas de ensino, avaliação, observação e reflexão” (Garcia, 2009, p. 10). O colaborador Luiz também narra sobre os caminhos que pretende trilhar para a consolidação identitária:

[...] desejo estudar bastante: praticar, repetir, ensaiar, conhecer e ouvir coisas novas, fortalecer o conhecimento sobre aquilo que faço, aprender a tocar e cantar aquela música que sempre gostei, aprimorar minha habilidade com outros instrumentos. [...] Com esses itens, eu estou continuamente fortalecendo minha identidade artística, pois isso me leva a ser um professor mais autêntico e ao mesmo tempo com embasamento teórico e prático sobre o que ensino (Luiz/carta pedagógica/setembro/2024).

O relato do colaborador evidencia, de forma similar ao entendimento da colaboradora Ediane, que, para alcançar um propósito, é necessário realizar investimentos, é necessário buscar ampliar os conhecimentos profissionais, por meio da formação continuada. Sua narrativa reforça a ênfase no fortalecimento da identidade artística, pois acredita que isso o leva a ser um professor mais autêntico, ao tempo em que favorece o embasamento teórico e prático sobre o que ensina.

Estudar, praticar, fortalecer os conhecimentos que se harmonizam com a formação inicial, ampliando-os, tem como consequência um processo permanente de desenvolvimento profissional, realizado no cotidiano da escola e nas atividades de estudo e reflexão sobre a prática docente e os conhecimentos que a embasam, como reitera Gatti (1996). Os investimentos na formação, as experiências, entre outros aspectos, são significativos para alcançar a identidade profissional que se deseja. Dubar (2005) afirma que a identidade é algo bastante precioso, que perdê-la significa um desatino, uma atribulação. A identidade é importante, tanto no âmbito psicológico, emocional como pessoal e profissional.

A seguir, temos a narrativa do colaborador José a respeito dos caminhos que seguirá para a consolidação identitária que deseja:

[...] olha, eu me lembro das palavras de um amigo. [...] ele diz que quando a gente quer ficar no mesmo nível, a gente vive como se a gente estivesse na escada rolante ao contrário. [...] Se a gente quiser elevar o nosso nível, tem que andar. [...] E andar mais rápido do que a rotação dessa escada rolante ao contrário. [...] E se a gente quiser voltar pro nível zero, é só ficar parado também. [...] Lá no degrau que a gente está, vai descer para o nível zero de novo. [...] então é continuar, cara. [...] Sempre, sempre, sempre, estar nesse aprendizado constante. [...] Não há fórmula do sucesso, mas, sempre quando você traça um objetivo, ele te dá pistas para que você consiga chegar nele. [...] A primeira coisa é traçar o objetivo e andar escolhendo os caminhos para você chegar a seu objetivo (José, / roda de conversa/ outubro/ 2024).

A narrativa do colaborador José lembra o que afirma Ciampa (2001) a respeito da identidade como movimento, pois entende que a profissão exige que o professor se movimente em prol dos objetivos que deseja alcançar. Se o professor deseja alcançar o desenvolvimento profissional e de sua identidade, precisa se mobilizar para esse objetivo. Um professor em movimento é um professor ativo, curioso, que busca aprofundar seus conhecimentos e suas aprendizagens, condição necessária para o fortalecimento da identidade profissional. Elevar o nível da aprendizagem, conforme a visão de Tardif (2014), não ocorre apenas por meio dos cursos de formação, mas principalmente na vivência cotidiana da sala de aula, na reflexão sobre sua prática e na interação com seus pares.

Prosseguir nos caminhos para consolidar a identidade profissional almejada exige a mobilização do professor para investir na profissão, mas é preciso que tenha condições efetivas para desenvolver seu trabalho, exige que seja valorizado socialmente. Segundo Charlot (2000, p. 55), “[...] A mobilização coloca ênfase na dinâmica de movimento. Mobilizar-se é pôr-se em movimento, é acionar recursos; é tanto preliminar à ação, quanto seu primeiro momento”.

A mobilização significa ação de quem tem consciência do que deseja. O colaborador demonstra entender que necessita se mobilizar, por meio de investimentos na profissão, para

alcançar a identidade profissional que projeta para si. Neste entorno, o colaborador Pedro relata sobre os caminhos a serem trilhados para o alcance da consolidação identitária que deseja na profissão:

[...] pretendo buscar articulações com profissionais dentro e fora do *campus* que atuem nesta perspectiva contemporânea de ensino de música, bem como profissionais de áreas afins cujo conhecimento e área de atuação atravessam o campo da música. [...] Aproximação e cooperação com outras instituições de ensino de música que possibilitem intercâmbio de experiências e de profissionais (Pedro/carta pedagógica/setembro/2024).

[...] Atuação engajada no campo da pesquisa em música, trabalhando as estratégias de atuação e seus resultados no formato de produção acadêmica e, consequentemente, partilhá-la através da participação e criação de eventos científicos, simpósios, congressos, GTs, encontros na área de música. [...] Somado a tudo isso, uma disciplina constante pelo estudo, experimentação pedagógica, firmando, assim, o nosso compromisso com a educação pública, gratuita e de qualidade (Pedro/roda de conversa /outubro/ 2024).

Os caminhos do colaborador Pedro rumo à consolidação identitária incluem a participação de outros profissionais na concretização dos objetivos a alcançar, pois entende que não poderia alcançá-los no isolamento profissional, mas em articulações com outros profissionais dentro e fora do contexto de sua atuação. Rausch e Schlindwein (2001, p. 109) comentam que “[...] o desenvolvimento humano constitui-se a partir de uma atividade conjunta e recíproca; [...] o processo pedagógico, que antes era um ato solitário, transformou-se em ato solidário”. Essa perspectiva destaca a natureza essencialmente relacional do processo educativo, aspecto central também da constituição da identidade docente. O conhecimento não se constrói de forma isolada, mas por meio da interação entre sujeitos, em um ambiente de troca, escuta e colaboração.

A narrativa do colaborador Pedro expressa a construção de uma prática docente dialógica, exige diálogo constante entre diferentes sujeitos dessa prática e com diferentes saberes e experiências. Essa abertura para a cooperação entre colegas, envolvendo áreas afins que atravessam o campo da música, é um indicativo de reconhecimento da complexidade e da riqueza do fazer musical na atualidade.

A busca por aproximação e cooperação com outros profissionais, caminho para consolidar a identidade docente que deseja, conforme indica em sua narrativa, mostra a opção pela colaboração e que “O trabalho colaborativo possibilita, além disso, o resgate de valores como o compartilhamento e a solidariedade, que se foram perdendo ao longo do caminho trilhado por nossa sociedade, extremamente competitiva e individualista” (Damiani, 2008, p.

225). Isso reflete princípios fundamentais do trabalho colaborativo no contexto educacional, envolvendo liderança compartilhada, onde todos têm voz e responsabilidade, o que é fundamental para fortalecer a prática e a identidade docentes.

Para além de todas as experiências de vínculos colaborativos com profissionais dentro e fora da instituição, o colaborador Pedro percebe que a atuação engajada no campo da pesquisa em música pode ser ferramenta importante para se tornar o professor que deseja ser no campo da educação musical. Seus projetos incluem desenvolver-se na área da pesquisa em Música, em que os trabalhos acadêmicos produzidos sejam partilhados por meio da criação e participação em eventos científicos e encontros na área de música.

Essa intencionalidade para a consolidação identitária pretendida pode ser compreendida a partir de Dubar (2005) que destaca o outro como parte importante na consolidação da identidade social, mescla da identidade individual e da identidade coletiva. O autor, a esse respeito, continua seu pensamento destacando que a identidade social resulta da combinação de aspectos internos ao indivíduo e de fatores externos a ele, no contexto em que se inserem. A seguir, o colaborador Daniel descreve os caminhos para consolidar suas pretensões quanto à identidade profissional:

Em relação à segunda questão - O que você acha que é preciso fazer para se tornar o professor que pretende ser? [...] Penso que para me tornar um professor comprometido com uma educação crítica e transformadora é preciso que eu esteja reavaliando minhas práticas docentes, pesquisando e me atualizando. [...] Além disso, é necessário romper com toda a forma de preconceito, seja ele de ordem racial, social, religiosa, de identidade de gênero, dentre outros. [...] Um educador comprometido com seu ofício deve ter responsabilidade social e sempre respeitar as diferenças, promovendo um contínuo processo de conscientização (Daniel, carta pedagógica/outubro/2024).

[...] A escola não pode ser um lugar de reprodução da ideologia dominante e de práticas discriminatórias, ela tem que ser um espaço de reflexão e desconstrução de pensamentos cristalizados. [...] Entendo que o ensino de música tem um papel fundamental nesse processo de politização, de transformação e de compreensão do mundo. [...] Pensar na educação dessa forma termina por afetar minha prática musical e minha forma de ensinar, avaliar e planejar as aulas (Daniel, carta pedagógica/outubro/ 2024).

O colaborador Daniel informa que, ao longo da trajetória docente, tem direcionado sua prática para o compromisso com uma educação crítica e transformadora. Segundo suas reflexões, a docência caracteriza-se como profissão viva e dinâmica, em sintonia com uma prática em constante movimentação, sensível às transformações do mundo e às necessidades dos sujeitos envolvidos no processo educativo. Por isso, entende que não se coaduna com um perfil docente desvinculado dessa realidade descrita, representada por uma prática estagnada,

desconectada do contexto e resistente à transformação. Sobre isso, Day (2004) sustenta que o ensino requer que os professores tratem, entre outros aspectos, de questões relativas à identidade, à inteligência emocional, ao comprometimento e à realização profissional. O bom ensino envolve o ser total do professor, nada menos que isso.

Nessa sequência, o colaborador Daniel destaca que, para ser o professor que deseja, precisa estar aberto à diversidade e à diferença, pois se refere ao rompimento com toda a forma de preconceito, seja ele de ordem racial, social, religiosa, de identidade de gênero, entre outros. Comenta sobre estar comprometido com seu ofício, ter responsabilidade social e sempre respeitar as diferenças, promovendo um contínuo processo de conscientização na atuação docente, comprometido com a construção de uma sociedade mais justa, plural e inclusiva, atitude que o inscreve em uma perspectiva crítica e reflexiva, que busca formar sujeitos capazes de pensar, questionar e agir com responsabilidade social.

Isso sinaliza que o relato do colaborador converge para as reflexões de Rodrigues e Mogarro (2020, p. 6) quando acentuam que “[...] a identidade profissional é assim construída a partir da interligação de diversas perspectivas, sendo influenciada pela multiplicidade de experiências vividas pelos indivíduos e expressando-se em seus discursos”. Os autores reconhecem que ser profissional, especialmente no campo da educação, não é resultado de uma trajetória linear ou homogênea, mas de um entrelaçamento de vivências, saberes, contextos e relações.

O colaborador Daniel ressalta, ainda, que, para ser o professor que deseja, sua prática docente necessita ser desenvolvida em um ambiente escolar que desconstrua a ideologia dominante e as práticas discriminatórias, ou seja, precisa ser desenvolvida em um espaço de reflexão e de desconstrução de pensamentos cristalizados. Para esse fim, entende ser necessária a formação permanente e a ampliação de seus conhecimentos. Segundo Libâneo (2018, p. 17), “[...] os educadores comprometidos com a transformação precisam dispor de conhecimentos para repensar formas de funcionamento das escolas, de desenvolvimento da profissionalização, de participação nas relações cotidianas da comunidade escolar”, que é composta por pessoas que podem fazer dela um espaço mais justo, democrático e significativo ou não. Professores transformadores não atuam apenas com boa vontade, precisam de boas condições de trabalho e de conhecimentos sólidos (teóricos e práticos) para intervir criticamente na realidade escolar.

As narrativas asseveram que os colaboradores percebem as mudanças ocorridas em seus modos de ser, pensar, fazer e estar na profissão docente e que palmilham a trajetória formativa conscientes de que não estão prontos, mas inconclusos, inacabados, com alvos a alcançar, metas a cumprir, lugares a chegar. Reconhecem que a consolidação identitária obedece a um processo

contínuo de construção, reconstrução e ressignificação de si mesmos como docentes, envolvendo o compromisso ético com a educação, com os sujeitos que dela participam e com a sociedade que os circunda. Reconhecem que a jornada como professor de Música é atravessada por desafios que exigem conhecimentos e formação permanente. Compreendem que não se trata apenas de assumir o papel de professor, mas de constituir um modo de ser no mundo coerente com os valores e a identidade que assumem. Nesse percurso, as relações com os outros, a formação continuada, a reflexão e as experiências vividas e ressignificadas, aparecem como fontes que inspiram a consolidação das identidades almejadas.

5 CONCLUSÃO: SINTETIZANDO A CONSTITUIÇÃO IDENTITÁRIA DE PROFESSORES

A alma é uma borboleta... há um instante em que uma voz diz que chegou o momento de uma grande metamorfose..."
(Alves, 2024, p. 4).

No desenvolvimento deste estudo, ratificamos a identidade como fenômeno social que, conforme a epígrafe nos faz viver metamorfoses. Metamorfoses que não ocorrem de forma isolada, mas como resultado das interações, dos vínculos afetivos, dos conhecimentos e das experiências compartilhadas em contextos históricos e culturais específicos. A identidade, portanto, é constituída social e continuamente, por meio de um processo dinâmico no qual a pessoa e o profissional se autoconhecem e se constituem à medida que vivenciam os percursos de vida pessoal e profissional.

Na escrita deste texto conclusivo, que tem como objeto a constituição da identidade profissional de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, rememoramos as razões que nos levaram a essa temática. Conforme indicamos na introdução deste trabalho, nossa atuação como docente no referido curso foi o ponto de partida para a escolha do objeto de investigação, que consideramos de suma importância nos estudos sobre os professores e sua profissão.

Para a apresentação das conclusões do estudo, a estrutura do trabalho está alinhada ao objetivo geral da pesquisa e partiu do seguinte propósito: Analisar a constituição da identidade profissional de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, respondendo às questões que orientaram o desenvolvimento conclusivo: Como identificar as identidades que professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI atribuem a si mesmos, a partir das trajetórias na profissão docente? Como compreender de que forma a experiência e a socialização profissionais repercutem na constituição das identidades de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI? Como descrever as identidades profissionais que professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI projetam para si?

Em resposta à questão central do estudo, que focaliza a constituição da identidade profissional de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, concluímos, a partir das narrativas dos colaboradores, que suas identidades profissionais resultam de processo social contínuo de construção e reconstrução de modos de ser professores, a partir das experiências vivenciadas, das interações estabelecidas com os pares, alunos, familiares e escola,

da leitura e compreensão dos contextos socioculturais, da formação profissional e dos saberes construídos na e pela prática.

Sobre as identidades profissionais que atribuem a si mesmos no início da carreira docente, a partir das trajetórias vivenciadas na profissão, informaram, que, no processo de iniciação profissional, se identificavam como professores que não estavam preparados para atenderem às complexas demandas inerentes à prática docente no âmbito do ensino técnico e tecnológico ofertado pelo IFPI. Ressaltaram, que sentiam insegurança, característica de começo da profissão, aliada aos medos e às tensões próprias da falta de experiência de ensino em sala de aula. Nesta perspectiva, alguns dos colaboradores se autodenominavam professores marcados pelo medo e pela insegurança.

A insegurança e a falta de confiança em seus potenciais para ensinar no IFPI, contribuíram para que assumissem posturas rígidas, autoritárias e rigorosas nas atividades docentes, nas interações com os estudantes, posturas que procuram mascarar um início da profissão afetado pela apreensão e insegurança, características resultantes de inexperiência, desconhecimento das dinâmicas da prática e sobrecarga de atividades.

A análise das narrativas enfatizou que, para a maioria dos colaboradores, a identidade profissional no início da carreira representou o processo de tornar-se educador a partir das vivências, dos desafios e das aprendizagens próprias do começo da profissão. A propósito, o início da profissão é uma etapa profissional complexa e desafiadora, às vezes, marcada pela tensão entre o ideal e a realidade que cada colaborador projeta sobre o ensinar e aprender, articulado às experiências pessoais.

No que tange às metamorfoses de suas identidades profissionais, os colaboradores assumem que ocorreram mudanças identitárias, ao vivenciarem seus percursos profissionais como docentes. As narrativas dos colaboradores ressaltam que diferentes fatores oportunizaram experiências individuais e coletivas que provocaram mudanças em suas identidades. Essas mudanças, segundo afirmam, foram resultantes da formação profissional, das experiências e da socialização profissional. As mudanças em suas identidades os situam como profissionais mais abertos, reflexivos e cientes do inacabamento. Assim, é perceptível, na constituição da identidade docente dos colaboradores, o movimento contínuo e inacabado do tornar-se professor.

Essa construção tornou-se visível nos relatos sobre superação de desafios e na constante resignificação do ato de ensinar, à medida que aprendiam com a própria prática. Os relatos evidenciaram que os colaboradores, ao longo da carreira docente, passaram a perceber que os percursos de vida profissional oportunizaram a reconfiguração de suas identidades como

professores, deixando-os mais preparados para a atividade de ensino e possibilitando revisitação de seu pensamento sobre a educação e o processo de ensino-aprendizagem.

Os registros deixaram claro que os colaboradores já não se reconhecem apenas a partir da perspectiva inicial de si mesmos, mas demonstram consciência das transformações ocorridas na constituição de suas identidades profissionais. Compreendem que suas identidades atuais se alinham às demandas de uma educação pública de qualidade, especialmente no âmbito do IFPI. Ressaltaram, ainda, que as experiências vividas, as interações estabelecidas com os estudantes e o diálogo constante com os pares exerceram influência direta sobre a forma como se percebem e se posicionam no exercício da docência, repercutindo tanto em suas práticas pedagógicas quanto em seus valores.

Sobre os aspectos que concorreram para as mudanças identitárias, os colaboradores destacaram as experiências influenciadas por diferentes fatores, como de trabalharem mais comprometidos com os alunos, favorecendo uma compreensão mais ampla e autônoma na relação com eles, bem como a formação recebida na escola, fazendo-os compreenderem com mais profundidade o significado de serem professores de música, levando-os a refletirem sobre suas responsabilidades na preparação dos estudantes. Registraram sobre a importância de transitarem na prática docente em diferentes níveis de aprendizagens e desenvolvimento musical, atendendo às demandas e singularidades de cada estudantes. Além disso, destacaram que as experiências de vida (como pessoa) foram aspectos que contribuíram para que suas identidades passassem de uma visão mais tradicional de ensino, para uma prática mais crítica.

Considerando a diversidade de narrativas apresentadas pelos colaboradores, envolvendo tanto as vivências iniciais quanto as transformações ocorridas ao longo da trajetória profissional, observamos que suas identidades estão em constante processo de construção, definidas pela maneira como se manifestam e se reconhecem no exercício da docência. As narrativas também permitiram compreender como a experiência e a socialização profissionais repercutiram na constituição das identidades dos colaboradores, ao destacarem a importância das interações com os pares no compartilhar das experiências e conhecimentos. Os relatos salientaram o potencial das vivências no processo de constituição da identidade docente e a aptidão da socialização profissional neste processo.

A socialização profissional, por meio das interações e do compartilhamento de saberes e experiências, possibilitou aos colaboradores viverem o sentimento de inclusão ao coletivo docente do IFPI, o que os tornou capazes de se reinventarem e de reinventarem suas identidades. O ambiente de trabalho favoreceu a colaboração entre os pares, vivência que tem afetado as

identidades de todos, por, de forma coletiva, terem oportunidade de aprenderem mais sobre os conhecimentos profissionais e sobre ser professor.

A análise das narrativas evidenciou a relevância das interações entre professores e estudantes, bem como entre os pares. Essas interações favoreceram o desenvolvimento de confiança mútua, liderança, interdependência e contribuíram para a consolidação das identidades docentes ao longo da trajetória profissional. Os colaboradores entenderam que a socialização profissional, compartilhando experiências e conhecimentos (com os estudantes, corpo docente, servidores e comunidade) provavelmente repercutiu como um dos fatores que contribuiu para que tivessem interesse em ampliar os conhecimentos que os identifica singularmente no universo da profissão. Em síntese, os colaboradores compreenderam que o ato de interagir e de compartilhar experiências profissionais repercutiu na constituição de suas identidades docentes, edificando e solidificando conhecimentos e experiências favoráveis ao desenvolvimento pessoal e profissional.

É oportuno destacar o quanto a socialização profissional repercute na configuração identitária, impactando na autoimagem e na constituição da identidade docente. A ressignificação desses elementos, quando e se trabalhada nos programas de formação inicial de professores, pode não apenas minimizar a insegurança do professor iniciante, mas também contribuir para potencializar o processo de identificação com a profissão.

Com essa percepção, podemos inferir que tanto as experiências pessoais quanto a socialização profissionais têm implicações na revisitação das identidades pessoais e profissionais. Como fenômeno relacional, a identidade é sempre constituída nas interações com os outros, seja em contextos familiares, profissionais, culturais ou semelhantes, e nas interações com a realidade social. É significativo lembrar que as identidades existem em relação a outras identidades, constituídas por meio de diferenças, contrastes e pertencimentos.

Os relatos evidenciaram a articulação entre passado e presente, na tentativa de compreender o fenômeno social que nos atravessa, sensibiliza, educa e possibilita experiências identitárias que podem ser vividas hoje e revisitadas no futuro, sempre com o propósito de aperfeiçoamento. O trabalho docente, por sua vez, caracteriza-se como dinâmico, complexo e multifacetado, concretizando-se em práticas que geram experiências passíveis de serem revisitadas, de modo que o professor atribua novos significados ao vivido, ressignificando continuamente sua identidade profissional, em permanente processo de reconstrução.

Essa dinâmica de contínua reinvenção da pessoa estende-se tanto à esfera pessoal quanto à profissional, sobretudo no exercício da docência, que demanda compreender a identidade docente como um processo social em constante construção. Essa perspectiva favorece que os

professores sejam instigados a compreender suas identidades como um processo em constante devir, levando-os a definir objetivos e metas que possibilitem a construção do profissional que almejam projetarem para si.

Os registros evidenciam que projetar a identidade constitui um aspecto essencial na formação da identidade profissional, pois traduz a maneira como cada colaborador se imagina, idealiza e busca ser reconhecido em seu campo de atuação. Esse movimento de projeção orienta escolhas, influencia comportamentos e direciona aspirações, funcionando como um guia que conecta a experiência vivida à identidade desejada. Ao projetar aquilo que pretende ser e alcançar, o profissional não apenas se afirma no presente, mas também constrói caminhos para o futuro, articulando sentido, pertencimento e propósito em sua trajetória.

Na descrição sobre as identidades que projetam para si, identificamos entre os colaboradores o desejo de reconhecimento profissional pelos pares e pela sociedade, como referência na área da educação musical e do canto. Identificamos, também, a aspiração em constituir uma identidade profissional comprometida com a pesquisa em música, integrando investigação acadêmica, prática pedagógica e responsabilidade social, na perspectiva de atuação como agentes de mudanças na educação musical.

Outra aspiração identificada diz respeito à assunção de uma postura docente articulada ao processo de politização, transformação e de compreensão do mundo, reconhecendo que pensar a educação dessa forma terminaria por afetar a prática musical e a forma de ensinar, avaliar e planejar as aulas. As identidades almejadas pelos colaboradores, evidenciadas nos relatos, revelaram a compreensão de que a identidade se constitui em processos contínuos de transformação, moldados pela realidade vivida, sendo o ideal profissional uma referência a ser construída.

Consolidar uma identidade não se resume a um objetivo a ser atingido ou a um desejo a realizar, mas requer o cultivo cotidiano de um modo de ser e estar no mundo, tanto na esfera pessoal quanto na profissional. Refletir sobre aquilo que projetamos para nossas identidades significa fortalecer quem somos, o que valorizamos e a forma como nos posicionamos ao longo de nossas trajetórias de vida, em suas múltiplas dimensões.

Em resposta sobre os caminhos a trilhar na consolidação identitária, o estudo concluiu que a identidade docente se constitui de maneira processual, resultante dos caminhos percorridos e das experiências cotidianas vividas por cada professor. A identidade, também, se apoia nas escolhas realizadas, nos valores assumidos e em outros fatores que influenciam a prática educativa. Ou seja, a identidade é construída a partir de ações, reações, conhecimentos e princípios que orientam o trabalho docente. Sua constituição não ocorre de forma linear, ao

contrário, desenvolve-se por múltiplas trajetórias, permeadas por sentidos e significados diversos que se entrelaçam no horizonte e no percurso da docência.

As narrativas trouxeram à luz os caminhos a trilhar na consolidação identitária profissional, evidenciando que essa consolidação decorre do exercício cotidiano da docência e das vivências iniciais na profissão, pois a trajetória profissional constitui um terreno fértil para a constituição identitária. A esse respeito, subsidiados nas constatações da pesquisa, afirmamos que a interação com os pares e com os estudantes, bem como as condições concretas de trabalho, constituem dimensões fundamentais para a constituição identitária dos professores.

Os relatos analisados evidenciam o constante diálogo entre a identidade musical e a identidade docente dos colaboradores, indicando que essa articulação demanda mediações conscientes ao longo da trajetória profissional. Nesse sentido, é essencial que ambas as dimensões sejam continuamente valorizadas, pois tanto os conhecimentos que sustentam a prática do músico quanto a atividade pedagógica, que caracteriza a docência, aliados às experiências adquiridas, constituem pilares fundamentais da profissão docente, no caso específico dos colaboradores deste estudo. A valorização dessa dupla dimensão, conforme identificamos na leitura e análise das narrativas, contribui para uma atuação mais integrada, criativa e significativa, capaz de responder às demandas contemporâneas da educação.

Em conclusão, confirmamos que os colaboradores percebem as mudanças ocorridas em seus modos de ser, pensar, fazer e estar na profissão docente e que palmilham a trajetória formativa conscientes de que não estão prontos, mas que são inconclusos, inacabados, com alvos a alcançar, metas a cumprir, lugares a chegar. Reconhecem que a consolidação identitária obedece a um processo contínuo de construção, reconstrução e ressignificação de si mesmos como docentes, envolvendo o compromisso ético com a educação, com os sujeitos que dela participam e com a sociedade que os circundam.

Em relação à tese que orienta este estudo, os resultados da pesquisa confirmam que a constituição da identidade profissional docente se configura processualmente, em movimentos fluidos, dinâmicos e contínuos de construção e de (re)construção do ser professor e de modos de estar na profissão. Essa constituição identitária é marcada por múltiplas determinações histórico-sociais, que emanam de espaços sociais, culturais, institucionais e históricos da atividade docente. A identidade, portanto, constitui um movimento que se alimenta das relações, das reflexões e das vivências ressignificadas, tornando-se fonte de inspiração para a consolidação de ideais profissionais.

Compreender, portanto, a identidade docente implica reconhecer sua natureza processual, relacional e histórica, na qual o professor se reinventa diante das demandas da

prática e das transformações sociais. Essa perspectiva reforça que a consolidação identitária não se dá de forma linear ou definitiva, mas como um percurso de ressignificação constante, sustentado pelas interações, pela formação continuada e pela experiência vivida no cotidiano escolar.

Dada a relevância das interações na constituição da identidade profissional docente dos professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, sugerimos que o Departamento/Diretoria de Ensino sistematize espaços para encontros e diálogos, em formato de seminários, rodas de conversa ou grupos de estudo, que favoreçam a socialização de saberes, experiências e práticas pedagógicas. Esses espaços podem funcionar como instâncias de formação coletiva, fortalecendo o sentimento de pertencimento institucional e ampliando a consciência sobre o papel social e a identidade da docência.

Recomendamos, ainda, que esses encontros sejam registrados e avaliados periodicamente, de modo a gerar insumos para futuras pesquisas e para o aprimoramento das políticas de formação docente da instituição. Essa sistematização permitirá não apenas a valorização das experiências individuais e coletivas, mas a construção de um acervo institucional que reflita a diversidade de trajetórias e contribua para a consolidação da identidade profissional docente no âmbito do curso.

REFERÊNCIAS

- ABRANTES, P. **Sociologia da Educação**. São Paulo: Cortez, 2011.
- ALVES, R. **A Alegria de Ensinar**. Campinas: Papirus, 2004.
- ANTUNES, D. D; PLASZEWSKI, H. O ser professor em contínua construção. **Educação**, Porto Alegre, v. 41, n. 01, p. 30-40, jan./abr. 2018.
- ARONSON, E; ARONSON, J. **O animal social**. Tradução Marcello Borges. São Paulo: Editora Goya, 2023.
- BARREIRO, E.; ANTONIO, M. C. de A. **Antropologia social e cultural**. Londrina: Editora e Distribuidora Educacional S.A., 2016.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- BERGER, P. L; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade**. 26. ed. Petrópolis: Vozes, 2004.
- BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BRANDÃO, A. M. **Uma abordagem sociológica das identidades**. Braga, PT: Edições Húmus; Universidade do Minho, 2015.
- BRASIL. **Decreto n. 7.566, de 23 de setembro de 1909**. Cria nas capitais dos Estados da República Escolas de Aprendizes Artífices, para o ensino profissional primário e gratuito. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1909-1919/D7566.htm. Acesso em: 12 dez. 2025.
- BRASIL. **Lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, 2008a. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm. Acesso em: 13 dez. 2025.
- BRASIL. **Lei 11.769 de 18 de agosto de 2008**. Altera a Lei n. 9.394, de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, para dispor sobre a obrigatoriedade do ensino da música na educação básica. Brasília, 2008b. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2007-2010/2008/Lei/L11769.htm. Acesso em: 13 dez. 2025.
- BRITO, A. E.; SANTANA, M. C. de. A roda de conversa na pesquisa em educação: quais possibilidades. In: CABRAL, C. L. O.; NASCIMENTO, E. F. N.; MELO, P. S. L. (org.). **As trajetórias de pesquisa em educação: perspectivas formativas do professor**. Teresina: EDUFPI, 2014. p.118.
- BUENO, B. O. O método autobiográfico e os estudos com histórias de vida de professores: a questão da subjetividade. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 28, n. 1, p. 11–30, 2002. DOI: 10.1590/S1517-97022002000100002. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/ep/a/fZLqw3P4fcfZNKzjNHnF3mJ/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 dez. 2025.

CAMARGO, E. B. de. **O pensamento musical e a prática docente**: as demandas da contemporaneidade no ensino da música. 127f. 2007. Dissertação de Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CAMINI, I. **Cartas pedagógicas**: aprendizados que se entrecruzam e se comunicam. Porto Alegre: ESTF, 2012.

CARVALHO, M. V. de. A categoria identidade desvelando o processo de construção do Eu. In: CARVALHO, M. V. C. de. (org.). **Temas em Psicologia e Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 17-29.

CARVALHO, M. V. de. O sintagma identidade-metamorfose-emancipação: uma leitura da concepção psicossocial de identidade proposta por Ciampa. In: CARVALHO, M. V. C. de. (org.). **Identidade**: questões contextuais e teórico-metodológicas. 1. ed. Curitiba: CRV, 2011, p. 59-70.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Tradução Roneide Venâncio Majer. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999. (A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura, v. 1).

CASTELLS, M. **O poder da identidade**: a era da informação. Tradução de Klauss Brandini Gerhardt. 9. ed. São Paulo; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2018. v. 2.

CHARLOT, B. **A relação com o saber**: elementos para uma teoria. Porto Alegre: Artmed, 2000.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa**: experiências e história na pesquisa qualitativa. Uberlândia, MG: Ed. UFU, 2011.

CIAMPA, A. C. **Identidade**. In: T. M. LANE, W. (coord.) **Psicologia Social**: o homem em movimento. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2001. p. 58-75.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a História da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2005.

CUNHA, M. A. de A.; BRETON, H. Apresentação – Narrativas biográficas, temporalidades e hermenêutica do sujeito. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 37, n. 81, p. 1–6, 2021.

DAMIANI, M. F. Entendendo o trabalho colaborativo em educação e revelando seus benefícios. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 31, p. 213-230, 2008. DOI: 10.1590/S0104-40602008000100013.

DANTAS, S. S. **De refém a protagonista**: o desenvolvimento de identidades políticas e projetos de vida tornando o consumo um viabilizador de identidades emancipadas. 2013f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

DAY, C. **A paixão pelo ensino**. Tradução de Assunção Flores; Elodie Martins. Porto, PT: Porto Editora, 2004.

- DOMINICÉ, P. A história de vida como espaço de formação. In: NÓVOA, A; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal, RN: São Paulo: Paulus, 2010. p. 40.
- DUBAR, C. Formação, trabalho e identidade profissionais. In: CANARIO, R (org.). **Formação e situações de trabalho**. Porto, PT: Porto Editora, 1997. p. 43-52.
- DUBAR, C. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Tradução de Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- EWALD, A. P.; SOARES, J. C. Identidade e subjetividade numa era de incerteza. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 12, n. 1, p. 23-30, jan./abr. 2007.
- FELDENS, D. G; FUSARO, L. G; CARVALHO, L. O. Antropologia, cultura e indivíduo: reflexões sobre identidade. **Poiésis – Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, v. 12, n. 21, p. 282–292, 2018.
- FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A; FINGER, M. (org.). **O método (auto)biográfico e a formação**. 2. ed. Natal, RN; São Paulo: Paulus, 2010. p.23; 40-43,
- FERREIRA, M. S. Identidade: um enigma indecifrável. In: CARVALHO, M. V. de. (org.). **Identidade**: questões contextuais e teórico-metodológicas. 1. ed. Curitiba: CRV, 2011. p.47.
- FLORES, M. A. Formação docente e identidade profissional: tensões e (des)continuidades. **Educação**, Porto Alegre, v. 38, n. 1, p. 138–146, jan./abr. 2015. DOI: 10.15448/1981-2582.2015.1.15973.
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- FORTES, V. M. A constituição da identidade do professor caboverdiano nas relações sociais e de trabalho. In: CARVALHO, M. V. de. (org.). **Identidade**: questões contextuais e teórico-metodológicas. 1. ed. Curitiba: CRV, 2011. p. 180-193.
- FORMOSINHO, J. (org.). **Formação de professores**: aprendizagem profissional e ação docente. Porto, PT: Porto Editora, 2009.
- GARCIA, M. M. A.; HYPOLITO, A. M.; VIEIRA, J. S. As identidades docentes: entre o real e o imaginado. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 91, p. 1355–1378, 2005. DOI: 10.1590/S0101-73302005000400016.
- GARCIA, M. M. A. Identidade docente. In: OLIVEIRA, D. A.; DUARTE, A. M. C.; VIEIRA, L. M. F. **Dicionário**: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010.
- GARCIA, M. M. A. A identidade docente: constantes e desafios. **Revista Brasileira de Pesquisa sobre Formação Docente**, v. 1, n. 1, p. 109–131, 2009.
- GATTI, B. A. Os professores e suas identidades: o desvelamento da heterogeneidade. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 98, p. 85–90, 1996.

GATTI, B. A.; BARRETTO, E. S. de S. (coord.). **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília: UNESCO, 2009.

GIDENNS, A. **Modernidade e identidade**. Tradução Plínio Dentizien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GONÇALVES, A. F. Sobre o conceito de cultura na antropologia. **Cadernos de Estudos Sociais**, Recife, v. 25, n. 1, p. 61–74, jan./jun. 2010.

GOMES, A. Conceito de identidades e a identidade profissional docente. **Colloquium Humanarum**, Presidente Prudente, v. 15, n. 3, p. 42-53, jul./set. 2018.

GOFFMAN, E. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1985.

GONÇALVES NETO, J. U. **As identidades da identidade**: sobre os diferentes usos e significados do conceito “identidade” na Psicologia Social. 2015. Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

GUIMARÃES, V. S. **Formação de professores**: saberes, identidade e profissão. Campinas, SP: Papirus, 2004.

GULLAR, F. Traduzir-se. In: GULLAR, F. **Na vertigem do dia**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1980. p.87.

GUSMÃO, N. M. de. Antropologia, estudos culturais e educação: desafios da modernidade. **Proposições**, Campinas, v. 19, n. 3, p. 25–38, set./dez. 2008. DOI: 10.1590/S0103-73072008000300004. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/gf5Sxt3S7FqFpDt8RTfZKTM/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 10 set. 2025.

HALL, S. Quem precisa de identidade? In: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e diferença**: a perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 104.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

HUBERMAN, M. O ciclo de vida profissional dos professores. In: NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Porto, PT: Porto Editora, 1992.

KAUFMANN, J. C. **A invenção de si**: uma teoria da identidade. Tradução de Joana Chaves. Lisboa, PT: Instituto Piaget, 2005.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ – IFPI. PPC do Curso Técnico em Instrumento Musical. Teresina, 2023.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO PIAUÍ – IFPI. Plano de Desenvolvimento Institucional, Teresina, 2020.

LANE, S. T. M. **O que é Psicologia Social**. São Paulo: Brasiliense, 2006.

LIMA, J. A. de; FIALHO, A. Colaboração entre professores e percepções da eficácia da escola e da dificuldade do trabalho docente. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v. 49, n. 2, p. 23-45, 2015.

LAKATOS, E. M; MARCONI, M. de A. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo: Atlas, 1991.

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. 6. ed. São Paulo: Herccus, 2018.

MARX, K; ENGELS, F. Teses sobre Feuerbach. In: MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MEAD, G.H. **Mente, Self e Sociedade**. Editado por Charles W. Morris; edição com notas de Daniel R. Huebner e Hans Joa; tradução de Maria Sílvia Mourão. Petrópolis, RJ: Vozes, 2021.

MELUCCI, A. **O jogo do eu**. A mudança de si em uma sociedade global. São Leopoldo/RS: Editora Unisinos, 2004.

MINTZ, Sidney W. **Cultura: uma visão antropológica**. Tempo, v. 14, n. 28, p. 223–237, 2009.

MOITA, M. da C. Percursos de formação e de transformação. In: NÓVOA, António (org.). **Vidas de professores**. Porto, PT: Porto Editora, 2007. p. 111-138.

MOURA, A. F.; LIMA, M. G. A reinvenção da roda: roda de conversa: um instrumento metodológico possível. **Revista Temas em Educação**, João Pessoa, v. 23, n. 1, p. 98-106, jan./jun. 2014.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal: prelúdio a uma filosofia do futuro**. Tradução Renato Zwick. L&PM Pocket, 2021. Ebook.

NÓVOA, A. **Formação de professores e profissão docente**. Aveiro, PT: Universidade de Aveiro, 1992.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. In: NÓVOA, A. (org.). **Profissão professor**. Porto, PT: Porto Editora, 1999.

NÓVOA, A. (org.). **Vidas de professores**. Porto, PT: Porto Editora, 2007.

NÓVOA, A.; FINGER, M. O método (auto)biográfico e a formação. In: NÓVOA, A; FINGER, M. **O método (auto)biográfico e a formação**. RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010.

NÓVOA, António. Entre a formação e a profissão: ensaio sobre o modo como nos tornamos professores. **Currículo sem Fronteiras**, v. 19, n. 1, p. 198-208, jan. 2019. Disponível em: Research Portal da Universidade de Lisboa. Acesso em: 19 out. 2025

OLIVEIRA, A. M. de. **Língua(gem), sociedade e cultura: um estudo enunciativo-antropológico sobre a pessoa falante e a linguagem neutra**. 132 f. 2023. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023.

OLIVEIRA, R. C. **Identidade, etnia e estrutura Social**. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

OLIVEIRA, S. L. de. **Tratado de metodologia científica: projeto de pesquisas**. TGI, TCC, monografia, dissertações e teses. 3. ed. São Paulo: Pioneira, 2000.

PASQUALLI, R.; VIELLA; M. dos A. L.; VIEIRA, J. de A. Desafio da docência na Educação Profissional e Tecnológica nos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia do Brasil. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 39, p. 1-20, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/73172>. Acesso em: 15 dez. 2025.

PASSEGGI, M. *et al.* As narrativas autobiográficas como fonte e método de pesquisa qualitativa em educação. **Revista Lusófona de Educação**, n. 33, 111-125, 2016.

PAULO, F. S. Cartas Pedagógicas como instrumento metodológico de pesquisa participativa. **Rev. Inter. Educ. Sup.**, Campinas, SP, v. 9, p. 1-15, 2023.

PEREIRA, E. S. B. **Prática docente e afetividade no curso de música/IFPI: no compasso de narrativas de professores**. 124f. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGED da Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2020.

PIMENTA, S. G. Formação de professores - saberes da docência e identidade do professor. **Revista Faculdade**, São Paulo, v. 22, n. 2, p. 72-89, jul./dez. 1996.

PIMENTA, S. G. (org.). **Saberes pedagógicos e atividade docente**. 4. ed. São Paulo. Cortez, 2005.

POIRIER, J; VALLADON, G.; RAYBAUT, A. **Histórias de vida: teoria e prática**. Natal: EDUFRRN, 1995.

QUINTANA, M. **Da preguiça à poesia**. Porto Alegre: Editora Globo, 2015.

RAUSCH, R. B.; SCHLINDWEIN, L. M. As ressignificações do pensar/fazer de um grupo de professoras das séries iniciais. **Revista Contrapontos**, v. 2, p. 109-123, 2001.

RICHT, A.; PONTE, J. P. da; TOMKELSKI, M. L. Desenvolvimento da prática colaborativa com professoras dos anos iniciais em um estudo de aula. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 36, e69346, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.69346>. Acesso em: 15 fev. 2025.

RODRIGUES, F. A.; MOGARRO, M. J. Imagens de identidade profissional de futuros professores. **Revista Brasileira de Educação**, v. 25, 2020.

ROLDÃO, M. do C. Profissionalidade docente em análise: especificidades do professor, entre saberes, funções e identidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 10, n. 30, p. 5-23, set./dez. 2005.

ROMÃO, J. E. Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. **Eccos – Revista Científica**, São Paulo, v. 2, n. 1, p. 108–116, 2000. Disponível em: <https://uninove.emnuvens.com.br/eccos/article/view/213>. Acesso em: 12 dez. 2025.

SACRISTÁN, J. G. **¿De dónde viene la crisis de la profesión docente?** *Cadernos de Educação*, Pelotas jan./jun., 2008. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/caduc/article/view/1759/1637>. Acesso em: 05 jan. 2026. P. 78-88,

SANTOS, C. Da identidade pessoal à identidade social. **Interações**, n. 8, p. 123-144, 2005. Disponível em: <https://www.interacoesismt.com/index.php/revista/article/download/145/149/0>. Acesso em: 11 dez. 2025.

SANTOS, L. L. de C. P.; ANTUNES, H.; BERNARDI, M. de L. O docente e sua subjetividade nos processos motivacionais. **Educar em Revista**, Curitiba, n. 32, p. 213-232, 2008.

SEIXAS, R. **Metamorfose ambulante**. Letra da canção. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/raul-seixas/45039/> (letras.mus.br in Bing). Acesso em: 01 fev. 2025.

SILVA, T. G. A dialética da subjetividade *versus* objetividade: desvelando o movimento de se tornar professor. In: CARVALHO, M. V. C. de. (org.). **Temas em psicologia e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. da. (org.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2014. p.12-14; 91-93.

SOUSA, E. C. de (org.). **Autobiografias, histórias de vida e formação: pesquisa e ensino**. Salvador, BA: Ed. UNEB; Porto Alegre: Ed. IPUCRS, 2006.

SOUZA FILHO, A. J.; SANTOS, O. B. O sintagma identidade-metamorfose-emancipação e sua relação com o construto mundo da vida. **Psicologia & Sociedade**, v. 29, e170491, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2017v29170491>. Acesso em: 11 dez. 2025.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. 7. ed. Tradução João Batist Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2012.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 17. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TASSONI, E. C. M.; LEITE, S. A. S. Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: as contribuições de teoria walloniana. **Educação**, v. 36, n. 2, p. 267, maio/ago. 2013.

VALPASSOS, C. A. M.; CUNHA, C. N. V. da. **História e Antropologia**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2011.

WARSCHAUER, C. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela**. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

WARSCHAUER, C. **A roda e o registro: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A - ROTEIRO DO DISPOSITIVO DE CONSTRUÇÃO DE DADOS

I RODA DE CONVERSA

FOLDER DE APRESENTAÇÃO

I RODA DE CONVERSA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
EDUCAÇÃO/PPGEd

TRAMAS E HARMONIAS NA
CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE
PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE
MÚSICA DO IFPI

PESQUISADORA:
ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA

Teresina-PI
2024

OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL:

Analisar a constituição da identidade profissional de professores do curso técnico em Instrumento Musical do IFPI

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Identificar as identidades profissionais dos professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI atribuem a si mesmos, a partir de suas trajetórias na profissão docente.
- Compreender como a experiência e a socialização profissionais repercutem na constituição das identidades de o do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI;
- Descrever as identidades profissionais que professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI projetam para si, projetam para si.

Método Autobiográfico - Pesquisa narrativa -

Dispositivo de Produção de Narrativas:

- *Carta Pedagógica*
- *Roda de Conversa*
-

A vida é o dever que nós
trouxemos para fazer em casa.
Quando se vê, já são seis horas!
Quando se vê, já é sexta-feira!
Quando se vê, já é natal... Quando
se vê, já terminou o ano...
Quando se vê perdemos o amor da
nossa vida.
Quando se vê passaram 50 anos!
Agora é tarde demais para ser
reprovado...
(Mario Quintana)

AGENDA: I RODA DE CONVERSA

PESQUISA: TRAMAS E HARMONIAS NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE MÚSICA DO IFPI

OBJETIVO	PROCEDIMENTOS	MEDIAÇÃO E DURAÇÃO
♦ Apresentação da proposta de pesquisa;	Primeiro momento: Abertura - Solicitar permissão para gravar a roda de conversa; - Agradecer a participação do grupo; - Entregar folder e agenda primeira roda; - Declamação de poesia (Retrato, de Cecília Meireles), Profa. Laura Andrade - Apresentação da proposta da pesquisa, por meio de folder, contendo: Título; Objeto de estudo; Objetivos Metodologia (Pesquisa narrativa)	Mediação da pesquisadora: Elineide Pereira 30 minutos
♦ Identificar as identidades que professores de música do Curso Técnico em Instrumento Musical atribuem a si mesmo a partir de suas trajetórias na profissão docente.	Segundo momento - Conversa informal sobre o que é identidade, a partir do referencial da pesquisa; Reflexões coletivas, a partir dos seguintes questionamentos: ★ Quem sou eu como professor(a), hoje? ★ Como me tornei o(a) professor(a) que sou hoje? Terceiro momento: - Síntese realçando a contribuição das narrativas para a pesquisa; - A roda continua... (agendamento da próxima roda); - Apresentação Musical: Metamorfose Ambulante – (Raul Seixas) – Profa Inara	Mediação da pesquisadora: Elineide Pereira 60 minutos

AGENDA: II RODA DE CONVERSA – 26/06/2024

PESQUISA: TRAMAS E HARMONIAS NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE MUSICA DO IFPI

OBJETIVO	PROCEDIMENTOS	DURAÇÃO
♦ Compreender como a experiência e a socialização profissionais repercutem na constituição das identidades de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI.	Primeiro momento: ➤ Abertura - Solicitar permissão para gravar a roda de conversa; - Agradecer a participação do grupo; - Entregar folder e agenda da segunda roda; ➤ Atividade mobilizadora: • Dinâmica interativa – dinâmica da Teia - A pesquisadora inicia descrevendo uma característica/qualidade de um dos colaboradores; solicita que os demais identifiquem o colega descrito e, após, joga o novelo para ele; esse, também descreve características de outro colega e procede do mesmo modo da pesquisadora até todos serem citados. - Formada a teia, a pesquisadora reflete sobre o significado da socialização no processo de construção da identidade docente.	30 minutos
	➤ Roda de conversa: Processos de socialização na construção da identidade docente: elementos destacados nas cartas – interação e formação	1h

FOLDER DE APRESENTAÇÃO

III RODA DE CONVERSA

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO
PIAUÍ
PRÓ-REITORIA DE ENSINO DE PÓS-
GRADUAÇÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DA
EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM EDUCAÇÃO
DOUTORADO EM EDUCAÇÃO

AGENDA DA III RODA DE CONVERSA

PESQUISA: MULTIPLAS
IDENTIDADES DO PROFESSOR DO
CURSO TÉCNICO EM INSTRUMENTO
MUSICAL DO IFPI

Elineide Soares Braga Pereira

OBJETIVO

Descrever as identidades profissionais que professores do Curso Técnico em Instrumento Musical projetam para si

PROCEDIMENTOS

Primeiro momento (10 min)

- Boas-vindas aos colaboradores (Solicitar permissão para gravar a roda de conversa);
- Acolhimento dos colaboradores da pesquisa: Música: Traduzir-se (Adriana Calcanhoto)
- Entregar folder com a agenda da terceira roda;

Segundo momento (20 min)

- Leitura do poema: Traduzir-se (Ferreira Gullar)
- Análise do poema relacionando-o com a constituição identitária (escuta dos colaboradores do estudo);

Segundo momento (Cont.)

- Atividade mobilizadora: Dinâmica interativa: produção de uma linha do tempo. Iniciar a dinâmica, apresentando o que os colaboradores revelaram, em suas narrativas, sobre suas identidades no início da profissão, e sobre como se veem hoje. Solicitar que narrem sobre as identidades profissionais que almejam produzir no percurso da profissão.

Terceiro momento (1h)

Discussão

Questão mobilizadora: O que você acha que é preciso fazer para se tornar o professor que pretende ser?

Encerramento da roda de conversa

AGENDA: III RODA DE CONVERSA

PESQUISA: TRAMAS E HARMONIAS NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE PROFESSORES DE MUSICA DO IFPI

OBJETIVO	PROCEDIMENTOS	DURAÇÃO
♦ Descrever as identidades profissionais que professores do Curso Técnico em Instrumento Musical projetam para si	Primeiro momento: • Boas-vindas aos colaboradores (Solicitar permissão para gravar a roda de conversa); • Acolhimento dos colaboradores da pesquisa: Música: Traduzir-se (Adriana Calcanhoto) - Entregar folder com a agenda da terceira roda; Segundo momento - Leitura do poema: Traduzir-se (Ferreira Gullar) - Análise do poema relacionando-o com a constituição identitária (escuta dos colaboradores do estudo); - Atividade mobilizadora: Dinâmica interativa: produção de uma linha do tempo. Iniciar a dinâmica, apresentando o que os colaboradores revelaram, em suas narrativas, sobre suas identidades no início da profissão, e sobre como se veem hoje. Solicitar que narrem sobre as identidades profissionais que almejam produzir no percurso da profissão.	30 minutos
	Questão mobilizadora: O que você acha que é preciso fazer para se tornar o professor que pretende ser? Encerramento da roda de conversa: agradecimentos aos participantes	1h

APÊNDICE B – ROTEIRO DO DISPOSITIVO DE CONSTRUÇÃO DE DADOS: CARTA PEDAGÓGICA

PRIMEIRA CARTA PEDAGÓGICA

Teresina-Pi, janeiro de 2024

Caro professor:

Estou cursando doutorado, na Universidade Federal do Piauí, Programa de Pós-Graduação em Educação, sob a orientação da Profa. Dra. Antonia Edna Brito. Desenvolvo uma pesquisa sobre Identidade Profissional Docente. Compreendemos que identidade é metamorfose, constitui um processo “[...] permanente de formação e transformação do indivíduo, que ocorre com base em condições históricas, sociais e materiais, as quais podem levar ou não à emancipação humana”. Essa concepção de identidade permite entender sobre o ser humano, seu psiquismo e da sua maior forma de expressão: a subjetividade (Carvalho, 2011). Com isso, estudar sobre identidade reveste-se de singular importância pelas contribuições ao conhecimento de que identidade profissional é um processo móvel em construção contínua e inacabada, cujo movimento se dá pelo reconhecimento dos outros em nossas relações interpessoais, validando-nos e conscientizando-nos do que somos em nossa constituição pessoal e singular.

A pesquisa intitula-se: **“Tramas e Harmonias na Constituição da Identidade Profissional de Professores de Música do IFPI”**. Tem como objetivo analisar a constituição da identidade profissional de professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, o que me motiva a entrar em contato com você, por reconhecer que suas experiências e vivências como professor fornecerão subsídios importantes para minha pesquisa, contribuindo para evidenciar os processos constitutivos das identidades profissionais docentes. Por esse motivo, quero convidá-la a participar de minha pesquisa para compartilhar sobre sua constituição identitária como professor no ensino da música. A pesquisa será desenvolvida por meio de cartas pedagógicas e rodas de conversas. Em outra carta darei mais informações a respeito da investigação. Gostaria de saber se posso contar com sua colaboração. Fico aguardando sua resposta.

Atenciosamente,
Elineide Pereira

SEGUNDA CARTA PEDAGÓGICA

Teresina, Pi, março de 2024

Caro professor,

Considerando sua disponibilidade para participar da pesquisa de doutoramento, que desenvolvo, escrevo esta carta com o objetivo de compreender como está sendo construída a identidade pessoal e profissional de professores de música do IFPI. Para conhecer seu perfil profissional, ao responder essa carta, escreva sobre sua formação profissional (inicial, continuada), tempo de atuação no IFPI e tempo de serviço anterior ao ingresso no IFPI, bem como informe sobre os componentes curriculares que ministra no Curso Técnico em Instrumento Musical.

Gostaria que você rememorasse o processo de constituição de sua identidade profissional. Para tanto, narre sobre que professor era quando de sua iniciação como professor de música do IFPI (quem era você como professor? O que mudou no seu jeito de ser professor? Que aspectos colaboraram para essa mudança?). É importante, para a pesquisa, conhecer que professor você é hoje (o que mudou em sua prática e em seu modo de ver a profissão e o ensino de música, que mostra o desejo de conhecer os “muitos eus” constituintes de sua identidade profissional. Espero que os aspectos mencionados sejam motivadores para sua escrita em resposta a essa carta e para estreitar o diálogo a respeito da identidade de professores de música. Agradeço por sua disponibilidade em participar dessa investigação, pela confiança em partilhar sua história de vida, formação e identidade profissional.

Atenciosamente,

Elineide Pereira

TERCEIRA CARTA PEDAGÓGICA

Teresina, abril de 2024

Caro professor,

Espero que esteja tudo bem com você. Na carta anterior, solicitei informações sobre seu perfil profissional, pedindo-lhe que escrevesse sobre sua formação profissional (inicial, continuada), tempo de atuação no IFPI e tempo de serviço anterior ao ingresso no IFPI, bem como informasse sobre os componentes curriculares que ministra no Curso Técnico em Instrumento Musical. Solicitei, também, que narrasse a respeito do professor que foi quando de sua iniciação na docência no curso técnico de instrumento musical do IFPI (quem era você como professor? O que mudou no seu jeito de ser professor? Que aspectos colaboraram para essa mudança?). Recebi sua carta em respostas às questões levantadas, ressalto que as informações repassadas são muito importantes para a pesquisa que desenvolvo, acerca de sua identidade como professor de música do IFPI, objeto desta pesquisa. Nesta segunda carta preciso que comente a respeito de aspectos que colaboraram com a constituição de sua identidade como professor do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI. A esse respeito explique como suas experiências profissionais contribuem com a revisitação de sua identidade profissional e, ainda, relate a respeito de como a socialização profissionais (interação com os pares, com os estudantes e com outros atores sociais, a participação em eventos formativos, entre outros), repercute na constituição de sua identidade como professor de música do IFPI. Mais uma vez, agradeço sua colaboração.

Atenciosamente,

Elineide

QUARTA CARTA PEDAGÓGICA

Teresina, setembro de 2024

Prezado colaborador:

Cá estou eu novamente para conversarmos! Tudo bem com você? Espero que sim! Retornando as nossas conversas, esta é a quarta carta que trocamos falando sobre identidade profissional docente. Quantas experiências enriquecedoras as cartas me têm possibilitado conhecer. Tem sido muito importante para a pesquisa conhecer suas experiências e socializações profissionais e como tem constituído sua identidade profissional em sua trajetória no Curso Técnico em Instrumento Musical, no IFPI. Para continuidade de nosso diálogo, entendendo identidade como movimento e mudança, gostaria que falasse a respeito da identidade que almeja ter em seu percurso profissional. Que identidade deseja consolidar como professor no Curso Técnico em Instrumento Musical, no IFPI? O que você acha que é preciso fazer para se tornar o professor que pretende ser? Oportuno destacar a importância de sua resposta para a produção de minha tese. Mais uma vez, agradeço sua colaboração na pesquisa.

Abraços fraternos,
Elineide Pereira

ANEXOS



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA HUMANA
TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.



ANEXO A - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado(a) Senhor (a)

Você está sendo convidado(a) a participar como voluntário(a) de uma pesquisa denominada Tramas e harmonias na constituição da identidade profissional de professores do curso de instrumento musical do IFPI. Esta pesquisa está sob a responsabilidade do pesquisador Elineide Soares Braga Pereira e da Profa. Dra. Antonia Edna Brito, do Programa de Pós-Graduação em Educação/UFPI e tem como objetivos: Analisar a constituição da identidade profissional de professores do curso de música do IFPI; Identificar as identidades que professores do curso de música do IFPI, atribuem a si mesmos, a partir de suas trajetórias na profissão docente; Compreender como a experiência e a socialização profissionais repercutem na constituição das identidades de professores do curso de música do IFPI; descrever as identidades profissionais que professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI projetam para si. Esta pesquisa tem por finalidade trazer maior conhecimento sobre o tema abordado sem benefício direto para você. Os benefícios são de ordem pessoal e coletiva. O primeiro porque busca identificar a contribuição da reflexão e do autoconhecimento para a prática docente. O segundo, porque através da reflexão e do autoconhecimento, favorecerá o resgate da autoestima dos alunos além de contribuir para a ressignificação de propostas de intervenções pedagógicas no contexto da sala de aula. Assim, os benefícios por serem de ordem pessoal e coletiva superam os prováveis riscos que poderão ocorrer no desenvolvimento da pesquisa. Neste sentido, solicitamos sua colaboração mediante a assinatura desse termo. Este documento, chamado Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), visa assegurar seus direitos como participante. Após seu consentimento, assine todas as páginas e ao final desse documento que está em duas vias. O mesmo, também será assinado pelo pesquisador em todas as páginas, ficando uma via com você participante da pesquisa e outra com o pesquisador. Por favor, leia com atenção e calma, aproveite para esclarecer todas as suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de indicar sua concordância, você poderá esclarecê-las com o pesquisador responsável pela pesquisa através dos seguintes telefones Elineide Soares Braga Pereira – (86) 99971-3676. Se mesmo assim, as dúvidas ainda persistirem você pode entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da UFPI, que acompanha e analisa as pesquisas científicas que envolvem seres humanos, no Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, Bairro Ininga, Teresina –PI, telefone (86) 3237-2332, e-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br; no horário de atendimento ao público, segunda a sexta, manhã: 08h00 às 12h00 e a tarde: 14h00 às 18h00. Se preferir, pode levar este Termo para casa e consultar seus familiares ou outras pessoas antes de decidir participar. Esclarecemos mais uma vez que sua participação é voluntária, caso decida não participar ou retirar seu consentimento a qualquer momento da pesquisa, não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo e o (os) pesquisador estará a sua disposição para qualquer esclarecimento.

A pesquisa tem como justificativa, desenvolver os conhecimentos vivenciados ao longo da carreira docente do pesquisador sobre identidade profissional docente de professores de música do IFPI e para sua realização serão utilizados os seguintes procedimentos para a coleta de dados, Cartas pedagógicas e Rodas de conversas.

Esclareço que esta pesquisa acarreta os seguintes riscos mínimos: você pode experimentar algum tipo de constrangimento durante os diálogos nas rodas de conversas ou por ocasião da escrita das cartas pedagógicas. Se isso acontecer, lembre-se que você tem autonomia para decidir sobre o que deseja falar nas rodas de conversas e sobre o que achar pertinente escrever nas narrativas das cartas, tendo em vista que adotamos os procedimentos éticos, conforme a Resolução 466/2012. Ratificamos que nenhum dos procedimentos utilizados representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você, porém os mesmos serão contornados.

Os resultados obtidos nesta pesquisa serão utilizados para fins acadêmico-científicos (divulgação em revistas e em eventos científicos) e os pesquisadores se comprometem a manter o sigilo e identidade anônima, como estabelecem as Resoluções do Conselho Nacional de Saúde nº. 466/2012 e 510/2016 e a Norma Operacional 01 de 2013 do Conselho Nacional de Saúde, que tratam de normas regulamentadoras de pesquisas que envolvem seres humanos. E você terá livre acesso as todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo, bem como lhe é garantido acesso a seus resultados.

Esclareço ainda que você não terá nenhum custo com a pesquisa, e caso haja por qualquer motivo, asseguramos que você será devidamente ressarcido. Não haverá nenhum tipo de pagamento por sua participação, ela é voluntária. Caso ocorra algum dano comprovadamente decorrente de sua participação neste estudo você poderá ser indenizado conforme determina a Resolução 466/12 do Conselho Nacional de Saúde, bem como lhe será garantido a assistência integral.

Após os devidos esclarecimentos e estando ciente de acordo com os que me foi exposto, Eu, Elineide Soares Braga Pereira, declaro que aceito participar desta pesquisa, dando pleno consentimento para uso das informações por mim prestadas. Para tanto, assino este consentimento em duas vias, rubrico todas as páginas e fico com a posse de uma delas.

Preencher quando necessário

- () Autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação, filmagem e/ou fotos;
- () Não autorizo a captação de imagem e voz por meio de gravação e/ou filmagem.
- () Autorizo apenas a captação de voz por meio da gravação;

Local e data: _____

Assinatura do Participante

Assinatura do Pesquisador Responsável



ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: TRAMAS E HARMONIAS NA CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DE PROFESSORES DO CURSO DE INSTRUMENTO MUSICAL DO IFPI

Pesquisador: ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 74236523.6.0000.5214

Instituição Proponente: Universidade Federal do Piauí - UFPI

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 6.555.506

Apresentação do Projeto:

As informações elencadas nos campos "Apresentação do projeto", "Objetivo da pesquisa" e "Avaliação dos riscos e benefícios" foram retiradas do arquivo Informações básicas da Pesquisa (PB_INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO_2202965.pdf 08/11/2023) e do Projeto Detalhado (PROJETO.pdf 04/09/2023).

Pesquisadoras/ es: ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA e ANTONIA EDNA BRITO.

Desenho:

Por tratar-se de tipo de pesquisa que favorece o desenvolvimento da reflexão, a revisitação das experiências vividas e a autoformação optamos pela pesquisa autobiográfica. Teremos como dispositivos de investigação a carta pedagógica e as rodas de conversas por propiciarem acesso a uma profusão de dados, permitindo a expressão da subjetividade dos envolvidos. Teremos como contexto empírico o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia/IFPI, campus Teresina/Central e contaremos com a participação de sete professores de música do referido curso.

Resumo:

O presente estudo objetiva analisar a constituição da identidade profissional de professores do curso de música do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia/IFPI. Tem como objetivos específicos: Identificar as identidades que professores do Curso de Música do IFPI, atribuem a si mesmos, a partir de suas trajetórias na profissão docente; compreender como experiência e a socialização profissionais repercutem na constituição das identidades de professores do Curso de Música do IFPI; descrever as identidades profissionais que professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI projetam para si. Vincula-se à linha de pesquisa: Ensino, Formação de Professores e Práticas Pedagógicas, do Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal do Piauí. Caracteriza-se como pesquisa autobiográfica. A opção pela pesquisa autobiográfica justifica-se por ser um tipo de pesquisa que favorece o desenvolvimento da reflexão, a revisitação das experiências vividas e a autoformação. Tem como dispositivos de investigação a carta pedagógica e as rodas de conversas por propiciarem acesso a uma profusão de dados, permitindo a expressão da subjetividade dos envolvidos. Tem como contexto empírico

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI (Bloco da Pró-Reitoria de Administração -

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia/IFPI, campus Teresina/Central e conta com a participação de sete professores de música do referido curso. A identidade de uma pessoa é um fenômeno social e não natural; esse sentido é aceitável pela grande maioria dos cientistas sociais. No contexto do estudo a Identidade é um fenômeno social. Como fenômeno social, envolve movimento, mudança. Essa movimentação é reposta para cada experiência vivida, sendo um processo de transformação contínua. Sobre identidade, tomamos como referência para análise desse tema, as contribuições de Bauman (2005), Ciampa (2005), Dubar (2005), Hall (2006), Nóvoa (1991), Pimenta (2005), Tardif (2014), entre outros. Em Ciampa (2005) a identidade humana é vista como relação dialética entre indivíduo e sociedade. Em sua teoria, o autor argumenta que identidade é um processo em construção, influenciada pelo meio, que se metamorfoseia ao longo da trajetória de vida do sujeito, permitindo na vida deste, a existência de diferentes personagens que vivenciará como expressão de sua identidade nos mais variados contextos.

Introdução:

Os dias atuais mostram que vivemos tempos de mudanças. O avanço das tecnologias e das ciências, a globalização, as demandas da sociedade no campo cultural, social e tecnológico são visíveis e inquestionáveis, trazendo para nós um senso de urgência e preocupação em acompanhar o ritmo acelerado das coisas. Vivemos o tempo do instantâneo e do solúvel e resistir a isso significa viver à margem das mudanças e acontecimentos, coisa que se traduz por desinformação, desconhecimento, nos deixando fora de contextos, alheios ao que se passa ao nosso redor. Este cenário tem contribuído para que nada seja permanente, duradouro e estável, atingindo também nossa identidade, quem somos e o que somos. Nesse estudo estaremos discutindo sobre identidade, relacionando -a ao campo da profissão docente. Os estudos sobre identidade trazem a convicção de que estamos tratando um assunto complexo, impreciso, instável, flutuante, frágil e provisório. É neste cenário de constante movimentação que nossa identidade é construída, podendo manifestar-se em múltiplas representações de caráter temporal e provisório. Hoje tenho uma identidade, amanhã já não terei a mesma, numa oscilação interminável ao sabor do tempo, vivendo cada momento no ciclo de representações do que sou. Identidade sempre temporária, nunca conclusa, sempre inacabada. Bauman (2005) diz que o mundo se movimenta em alta velocidade e em constante aceleração, o que equivale dizer que não se pode confiar em estruturas estáticas, com referências duráveis e atemporais, cujas bases estáveis nunca incluem novos conteúdos. Segundo ele, “[...] no admirável mundo novo das oportunidades fugazes e das seguranças frágeis, as identidades ao estilo antigo, rígidas e inegociáveis, simplesmente não funcionam” (Bauman, 2005, p. 33). Sim, existir como pessoa nessas circunstâncias implica em ter uma identidade pessoal em desenvolvimento, movimentando-se constantemente sem criar raízes nem se fixar à nada, sendo apenas um retrato social daquilo que se é naquele determinado momento. Segundo Ciampa (2005), é nesse movimentar-se constante que a identidade se concretiza, por ser ela, movimento e metamorfose. Nesse movimento, a identidade vai construindo seu contexto histórico e social, de onde vão poder surgir as possibilidades ou impossibilidades de novas identidades, todas com seus diversos modos e alternativas de existência, refletindo a estrutura social, ao mesmo tempo agindo sobre ela para preservá-la ou mudá-la. Cresci no meio de “professoras.” Minha mãe e tias haviam se formado na antiga Escola Normal, favorecendo para mim um ambiente onde as palavras, professora, escola, aluno, ensino, aprendizagens eram corriqueiros. Assim, logo me vi ingressando também na Escola Normal, onde fiz o curso pedagógico, já delineando, assim, meus primeiros passos rumo à docência. Ainda não tinha noção do que era ser professora, mas gostava de gente, de estar com elas, ajudá-las, ser sensível às suas necessidades, enfim, fazer o bem a elas. Freire (1996, p. 74) falando sobre ensinar, diz: “[...] lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, [...] recusar a minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna”. Freire (1996) se referindo ao âmago da tarefa de ensinar: o interesse amoroso pelo



aluno (a). Esse

(a) aluno (a) também passou a ser do meu interesse. Após conclusão do curso pedagógico, fui à Recife estudar Música Sacra no Seminário de Educadoras Cristãs – SEC, Escola Batista de Educação Religiosa que primeiro me abriu as portas para o ensino da música. Trabalhei em igrejas com pessoas de diferentes idades e níveis sociais, organizando corais e ensinando a tocar instrumentos musicais.

Essa escola, o SEC, exerceu forte influência no meu interesse pela docência, despertando em mim o gosto por compartilhar meus conhecimentos musicais, instruindo outros na aprendizagem de um instrumento musical, na aprendizagem do canto coral. Garcia (2009, p. 11) enfatiza que “[...] a identidade profissional é a forma como os professores se definem a si mesmos e aos outros. É uma construção do seu eu profissional, que evolui ao longo da sua carreira docente e que pode ser influenciada pela escola, [...] a disponibilidade para aprender a ensinar”. Nesta disponibilidade para aprender a ensinar, conheci muita gente, ministrei aulas de música nas igrejas batistas por onde passei, construindo aos poucos minha identidade profissional, numa confirmação de que a identidade não se constroi sozinho, mas acontece sempre como resultado de contínuas relações fortalecidas pelos vínculos sociais estabelecidos no exercício da prática, que levam à reflexão e ressignificação dos saberes adquiridos. Prosseguindo nessa trajetória, em 2013 tornei-me professora do Curso de Música do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí/IFPI, ampliando minhas experiências, sempre ressignificada pelos valores e saberes construídos no exercício da profissão. Vivenciar esse exercício tem provocado em mim uma postura reflexiva, repercutindo no meu agir, no meu fazer, no meu pensar, no meu sentir como professora, corroborando o que diz Ciampa (2001, p. 64), “[...] é pelo agir, pelo fazer, que alguém se torna algo: ao pecar, pecador; ao desobedecer, desobediente; ao trabalhar, trabalhador. Nós somos nossas ações, nós nos fazemos pela prática.” Com essas considerações e esclarecimentos, justifico meu interesse pelo desenvolvimento do presente estudo, que versa, em sua centralidade, sobre a construção da identidade profissional de professores de música do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Piauí/IFPI. Essa perspectiva de estudo corrobora também com o resgate de parte de minha história de vida, envolvendo a construção de minha identidade como professora de música do IFPI. A relevância desse estudo se dá pelo conhecimento de que nossa identidade profissional é um processo móvel em construção, cujo movimento se dá pelo reconhecimento dos outros em nossas relações sociais, nos validando e nos conscientizando do que somos. Essa investigação torna-se muito importante dentro do Curso de Música do IFPI, uma vez que o fazer docente é um fazer relacional, que impacta a construção das identidades, tanto dos professores quanto dos alunos, na vivência dessas de trocas mútuas, validadas entre si. Um estudo cujos apontamentos irá permitir aos professores uma compreensão de sua relação pedagógica, do ser e estar na profissão e das diversas posturas que poderá assumir em sala de aula, reconhecendo que, como professor, sua identidade nunca é estática e fixa, mas movimenta-se em respostas a cada momento vivido, assumindo a configuração de um processo em constante construção. Nesse intuito, como docente do curso de música do IFPI, nosso interesse foi despertado para investigar sobre identidade profissional na prática docente de professores de música do IFPI. A subjetividade do professor instiga nossa curiosidade, chamando nossa atenção para analisarmos o que se passa em seu interior, como pensa, como sente e o que isso representa em suas manifestações identitárias na sua prática docente. Nossa identidade pessoal, segundo Dubar (2005, p.25), é o que temos de mais valioso e não nos é dada de uma vez por toda, é construída na infância e, a partir de então, deve ser reconstruída no decorrer da vida”. Com isso, questionamos: Como analisar a constituição da identidade profissional de professores do Curso de Música do IFPI? Para tanto, elencamos como objetivo geral: Analisar a constituição da identidade profissional de professores do Curso de Música do IFPI, seguida dos seguintes objetivos específicos: Identificar as identidades que professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI, atribuem a si mesmos, a partir de suas trajetórias na profissão docente; Compreender como a experiência e a socialização profissionais



repercutem na constituição das identidades de professores desse curso; Descrever as identidades profissionais que professores do Curso Técnico em Instrumento Musical do IFPI projetam para si. O texto deste projeto está estruturado em: Introdução, Seção 1-(Referencial teórico) Seção II – (metodologia -cronograma de atividades; Referências. Desejamos que esse estudo provoque possíveis questionamentos, conduzindo a investigação a discussões e reflexões, com repercussões na construção das identidades pessoais e profissionais de professores que almejam mudanças em sua forma de ser e agir em suas práticas.

Hipótese:

O processo de construção da identidade pessoal e profissional de professores de música do IFPI ocorre a partir das relações pessoais e profissionais e envolve um conjunto de saberes e experiências adquiridas ao longo da suas trajetórias de vida e de trabalho e socialização com seus pares logo os aspectos sociais, a formação inicial, e o desenvolvimento profissional afetam a identidade profissional desses professores.

Metodologia Proposta:

A pesquisa narrativa, como procedimento metodológico, é um procedimento tem sido amplamente utilizado no contexto das pesquisas em educação, projetando-se como um tipo de pesquisa-formação, favorecendo o autoconhecimento e a apreciação das experiências vividas, o que permite ao narrador reflexão sobre sua história ao rememorar suas experiências narradas. Como fonte de pesquisa, as narrativas autobiográficas firmam-se como método de investigação ao darem visibilidade às historicidades das pessoas, sejam elas criança, adolescentes ou adultos, reconhecendo que, enquanto sujeitos de direitos, possuem capacidades de narrarem suas histórias e refletirem sobre elas enquanto narram. Assim, pode-se dizer que a sensibilidade em escutar o outro baseia-se no reconhecimento da veracidade de suas histórias, fato que evidencia a fonte de conhecimento trazido por elas (Passeggi, 2016). As histórias e relatos de vida vem ser a base da pesquisa narrativa, o que se configura numa forma de eternizar esses relatos. Seus narradores são pessoas comuns que tem histórias, experiências individuais e coletivas a serem contadas e as transformadas em conhecimentos a serem partilhados, favorecendo a construção de saberes e a formação de quem as escutam. As narrativas vividas pelas pessoas são ricas de significados subjetivos, o que vai permitir à pesquisa narrativa explorar esses aspectos, trazendo entendimento de realidades para a qual buscamos compreensão e resposta. O reconhecimento desse aspecto ratifica nossa escolha por esse método de investigação, uma vez que “[...] é um processo dinâmico de viver e contar histórias; reviver e contá-las novamente, não somente aquelas cujos participantes contam, mas aquelas também dos pesquisadores” (Clandinin; Connelly, 2011, p. 18). Para esse estudo optamos como dispositivo de produção de informações, a carta pedagógica e as rodas de conversas. A carta pedagógica é um tipo de dispositivo que possibilita um aprofundamento de aspectos específicos de fatos narrados, favorecendo o emergir de histórias. enviaremos aos colaboradores da pesquisa, uma carta convite para participação do estudo, sendo esta carta, primeiramente entregue em mãos de cada colaborador. Nela, informaremos sobre o significado de uma carta pedagógica, bem como sua intencionalidade no estudo, o objetivo da pesquisa, como também o prazo para recebimento da carta resposta. Após recebimento de respostas afirmativas ao convite, iniciaremos uma troca de cartas com os colaboradores do estudo, sendo essas trocas de cartas com conteúdos direcionados ao total esclarecimento e elucidação da questão investigadora, para que seja possível a análise do objetivo proposto. Na pesquisa narrativa, rodas de conversas são utilizadas como espaços de interativos de formação, instrumento de partilha e escuta, a fim de promover a compreensão do objeto estudado. Planejamos quatro encontros quinzenais com os participantes, sendo cada um destes dirigidos por uma questão temática que norteará cada encontro. Para o primeiro encontro, conversaremos sobre identidade profissional docente, com objetivo de compreender como a experiência e a socialização profissionais repercutem na constituição das identidades desses professores do IFPI. No segundo



encontro, continuaremos a discussão do tema anterior, com o propósito de discussão e elucidação de concepções de identidade e de processos de socialização. No terceiro encontro, continuaremos na temática de identidade profissional docente, para ser averiguado como professores de música têm (re)constituído suas identidades profissionais nas trajetórias vivenciadas no Curso de Música do IFPI. No quarto encontro teremos o encerramento das rodas de conversas, numa abordagem final dos assuntos discutidos anteriormente, no propósito de que as reflexões provocadas durante as rodas de conversas despertem memórias e reflexões, para uma compreensão em profundidade dos dados da pesquisa.

Desfecho Primário:

Espera-se que essa pesquisa contribua para a compreensão de que as relações pessoais e profissionais, o conjunto de saberes e experiências adquiridas ao longo da trajetória de vida e de trabalho, bem como a socialização do professor com seus pares, implicam na construção da sua identidade pessoal e profissional e afeta sua capacidade de desenvolver ações transformadoras de cidadania e emancipação social dos alunos no exercício de sua prática docente.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Analisar a constituição da identidade profissional de professores do Curso de Música do IFPI.

Objetivo Secundário:

- Compreender como experiência e a socialização profissionais repercutem na constituição das identidades de professores do Curso de Música do IFPI; Identificar as identidades que professores do Curso de Música do IFPI, atribuem a si mesmos, a partir de suas trajetórias na profissão docente.- Averiguar como professores de música têm (re)constituído suas identidades profissionais nas trajetórias vivenciadas no Curso de Música do IFPI.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

você pode experimentar algum tipo de constrangimento durante os diálogos nas rodas de conversa ou por ocasião da escrita das cartas pedagógicas. Se isso acontecer, lembre-se que você tem autonomia para decidir sobre o que deseja falar nas rodas de conversas e sobre o que achar pertinente escrever nas narrativas das cartas, tendo em vista que adotamos os procedimentos éticos, conforme a Resolução 466/2012. Ratificamos que nenhum dos procedimentos utilizados representará qualquer risco de ordem física ou psicológica para você, porém os mesmos serão contornados.

Benefícios:

Os benefícios são de ordem pessoal e coletiva. O primeiro porque busca identificar a contribuição da reflexão e do auto-conhecimento para a prática docente. O segundo, porque através da reflexão e do auto-conhecimento, favorecerá o resgate da autoestima dos alunos além de contribuir para a ressignificação de propostas de intervenções pedagógicas no contexto da sala de aula. Assim, os benefícios por serem de ordem pessoal e coletiva superam os prováveis riscos que poderão ocorrer no desenvolvimento da pesquisa.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Pesquisa exequível, de caráter acadêmico, que tem como objetivo analisar a constituição da identidade profissional de professores do Curso de Música do IFPI.



Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Recomendações:

Vide campo "Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações".

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Trata-se de análise de resposta ao parecer pendente nº 6.444.638:

1. Incluir no TCLE o e-mail dos pesquisadores (PENDÊNCIA SANADA).
2. Reescrever as formas de contornar os riscos, deixando mais claros em todos os documentos como isso será feito (PENDÊNCIA SANADA);

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_2202965.pdf	08/11/2023 11:58:19		Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	08/11/2023 11:57:43	ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_dos_Pesquisadores_assinado2.pdf	14/09/2023 14:55:11	ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA	Aceito
Folha de Rosto	folha_rosto.pdf	04/09/2023 17:11:52	ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA	Aceito
Outros	Carta_encaminhamento.pdf	04/09/2023 16:55:39	ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA.pdf	04/09/2023 16:53:23	ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO.pdf	04/09/2023 16:51:48	ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA	Aceito
Outros	Curriculo_Elineide_Soares.pdf	28/08/2023 11:16:09	ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA	Aceito
Outros	curriculo_antonia_edna.pdf	28/08/2023 10:52:13	ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA	Aceito
Outros	APENDICE_02_RODAS_DE_CONVERSAS.pdf	28/08/2023 10:50:31	ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA	Aceito
Outros	APENDICE_01_CARTA_PEDAGOGICA.pdf	28/08/2023 10:48:44	ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	28/08/2023 10:30:55	ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA	Aceito
Outros	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.pdf	28/08/2023 10:29:23	ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA	Aceito

Endereço: Campus Universitário Ministro Petrônio Portella, sala do CEP UFPI (Bloco da Pró-Reitoria de Administração -

Bairro: Ininga

CEP: 64.049-550

Município: TERESINA

Telefone: (86)3237-2332

Fax: (86)3237-2332

E-mail: cep.ufpi@ufpi.edu.br



Outros	AUTORIZACAO_INSTITUCI ONAL.pdf	28/08/2023 10:28:33	ELINEIDE SOARES BRAGA PEREIRA	Aceito
--------	-----------------------------------	------------------------	----------------------------------	--------

3. Rever as contradições na descrição dos riscos em todos os documentos, considerando todas as pesquisas envolvendo seres humanos envolvem riscos, ainda que em gradações diferentes (PENDÊNCIA SANADA).

Considerações Finais a critério do CEP:

1* Em atendimento as Resoluções CNS nº 466/2012 e 510/2016, cabe ao pesquisador responsável pelo presente estudo elaborar e apresentar ao CEP RELATÓRIOS PARCIAIS (semestrais) e FINAL. Os relatórios compreendem meio de acompanhamento pelos CEP, assim como outras estratégias de monitoramento, de acordo com o risco inerente à pesquisa. O relatório deve ser enviado pela Plataforma Brasil em forma de "notificação". Os modelos de relatórios que devem ser utilizados encontram-se disponíveis na homepage do CEP/UFPI (<https://www.ufpi.br/orientacoes-cep>).

2* Qualquer necessidade de modificação no curso do projeto deverá ser submetida à apreciação do CEP, como EMENDA. Deve-se aguardar parecer favorável do CEP antes de efetuar a/s modificação/ões.

3* Justificar fundamentadamente, caso haja necessidade de interrupção do projeto ou a não publicação dos resultados.

4* O Comitê de Ética em Pesquisa não analisa aspectos referentes a direitos de propriedade intelectual e ao uso de criações protegidas por esses direitos. Recomenda-se que qualquer consulta que envolva matéria de propriedade intelectual seja encaminhada diretamente pelo pesquisador ao Núcleo de Inovação Tecnológica da Unidade.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

TERESINA, 05 de Dezembro de 2023

Assinado por:

Emidio Marques de Matos Neto (Coordenador(a))